

A Nóra Rotativa

Após a execução do rei Carlos na tarde de 1 de fevereiro, quando os *Conselheiros de Estado* se acharam reunidos para orientar o novo Rei no caminho a seguir em face dos estranhos acontecimentos que tam inesperadamente e tragicamente o tinham levado ao trono, todos foram concordes em que o primeiro ministerio do novo reinado tinha de ser extra-partidario, já porque era absolutamente indispensavel a união de todos em volta da Corõa, já porque a politica dos ultimos mezes collocára cada um dos chefes de partido na impossibilidade de governar com a opinião.

Com effeito o ditador João Franco, embora com o proposito exclusivo de formar partido, conseguiu — e esse foi o unico serviço que o paiz lhe ficou devendo — mostrar ao povo portuguez quanto tinha sido pernicioso para a sua vida e para o seu futuro a existencia dos partidos rotativos, assim chamados porque alternadamente se banqueteavam com os dinheiros publicos e alternadamente se absolviam dos crimes praticados.

Essa demonstração fizera a o ditador, completa e clara, no dia em que precipitada e epileticamente confessara ao paiz a existencia de *adeantamentos ilegales* á Casa Real.

Esses partidos portanto estavam completamente exaurados perante a nação no dia em que a nação pela carabina do Buiça expulsava do poder os *tirannos* que á custa de tudo e de todos pretendiam ser culplices de *adeantadores* e de *adeantados*, fazendo uma liquidação criminosa de tam criminosos factos.

Nenhum dos chefes se atreveu, por isso, a oferecer-se nessa historica reunião do Conselho d'Estado para isoladamente arcar com as responsabilidades do poder, apresentando um programa ou um plano que desse ao novo rei a impressão que á sua volta estavam homens de inteligencia e dedicados ás instituições que elle, inesperadamente, agora representava.

Era cheio de interrogação o dia seguinte e nenhum delles queria isoladamente sacrificar as suas ambições e bem estar futuros ao problematico triumpho das instituições monarchicas — que acabavam de perder um dos seus maiores inimigos na pessoa do seu mais alto representante.

Foi por isso que todos concordaram em que o chefe do novo governo fosse *alguem* que não desse ao paiz a ideia de que estavam no poder os antigos devoristas, os antigos criminosos.

Esse homem que, com mil protestos de admiração e confiança, os *conselheiros* foram arrancar ás suas socegadas digestões de gastro-nomo, foi o sr. Ferreira do Amaral. Tinha s. ex.ª fama de bom garfo e de possuir ideias liberaes.

Era o que bastava. Cançado por constantes e variadas emoções,

atadigado pela serie continua de sobresaltos em que a ditadura o fez viver durante longos mezes, o povo portuguez accitou de mão beijada esse governo que miraculosamente lhe apparecia a oferecer-lhe a *liberdade* tam desejada.

Tendo respirado desafogadamente após as descargas do Terreiro do Paço, como se com ellas se tivesse purificado o ar, o povo portuguez essencialmente bom e sentimental, deu-se por satisfeito com abraçar de novo os que tinham defendido os seus direitos ameaçados e que a ditadura havia atirado para o fundo das prisões, com o proposito deliberado de os mandar para o degredo e para a morte.

Alguns mezes passaram, e de novo esse povo acorda para a luta e se convence definitivamente que é impossivel a sua liberdade e o seu progresso com a existencia das instituições monarchicas. A monarchia reincidente e incorrigivel dá as provas do seu odio ao povo e da sua immoralidade em governar, ordenando os fusilamentos de 5 de abril e a condenação do capitão Thomaz Cabreira, e votando o artigo 5.º do projecto de lista civil do Rei que entregou a uma comissão extra-parlamentar e de homens suspeitos a resolução da melindrosa *questão dos adeantamentos*.

A opinião levanta-se novamente, e é embalde que se procura erguer o prestigio das instituições, fazendo a amostra do rei por terras de provincia.

Ao mesmo tempo em cada um dos partidos monarchicos, cujas clientellas não podem consentir que o bolo seja repartido com a dos outros, de ha muito que se vinha notando enorme, imenso desejo de *ser poder* e novamente recommear a antiga e regalada vida de, emquanto governo, ir acumulando bem estar e conforto para os tempos duros, *embora necessarios para haver moralidade*, da revolucionaria opposição.

Como sair, porem, do actual estado de coisas e bruscamente entrar no regimen antigo da nóra rotativa?

Era difficil. O sr. Ferreira do Amaral, talvez com o proposito de se segurar mais tempo na cadeira ministerial, fizera jurar ao Rei repetidas vezes o proposito em que estava de, houvesse o que houvesse, não dissolver as cortes, como era costume e vicio de seu pae, quando nellas via um obstaculo aos seus planos de rei absoluto.

Por outro lado nenhum dos partidos tinha isoladamente um numero de deputados sufficiente para poder governar.

Esperar ainda dois annos era muito e por isso nós assistimos a essa intriga sem igual que tirou o governo das mãos do unico homem que era capaz de fazer viver algum tempo mais a já gasta e irremediavel monarchia portuguesa.

E para que o rotatismo voltasse de novo a desperdiçar o nosso dinheiro e a pôr no prego o pouco que nos resta, e para que não continuasse a forçada concentração dos partidos é que alguns dos elemen-

tos mais ambiciosos e irriquiotos, do partido regenerador resolveram *passar-se* para o partido progressista levando com elles, o numero sufficiente de deputados para que o *glorioso* partido dos Passos possa governar, sem ter de obrigar o Rei a faltar ao seu juramento, logo no primeiro anno do seu reinado.

Tiveram sorte os progressistas em ser o partido regenerador aquele em que havia mais irredutabilidade entre os chefes.

Foram infelizes os regeneradores porque têm de esperar uns tempos para serem governo.

E' só o bastante para o *alcruz* progressista encher.

Até lá, paciencia... e promessas de vir a governar com liberdade.

Carneiro Franco

COISAS & COISOS

Musa Alemtejana

Um livrito de rimas pandegas feito pelo processo do *enchido*.

O auctor, com uma regionalidade caracteristica, metteu em tripa rimas sobre rimas, e depois d'um lumeiro aturado pôl'as á venda.

Há lá de tudo. Desde o paio gordo á morcellinha doce.

Para corações burguezes, pouco tratados, é uma leitura amena.

Não dá impressões, não arrepia, não massa. E' uma especie de narcotico fulminante, muito para desejar á cabeceira d'um doente de insomnias. Tem versos que levantam o bom humor até ao riso, como por exemplo: *Os bebedos* em que o auctor esmagado por uma rima, se vê forçado a descrevel-os *com as bocas em o*.

E assim, diz:

*Que sahem das tavernas
Etc, etc, e fazem do
Incertos nas pernas
Com as bocas em o.*

Mas tambem podia dizer:

*Que sahem das tavernas
Cheios de agua-pé
Incertos nas pernas
Com as bocas em é.*

Ou ainda:

*Que sahem das tavernas
E voltam para lá
Incertos nas pernas
Com as bocas em H.*

E' claro, que isto só pode fazer-o quem pela sua consagração já tem fóros d'artista, e o auctor da *Musa Alemtejana* tem-n'os.

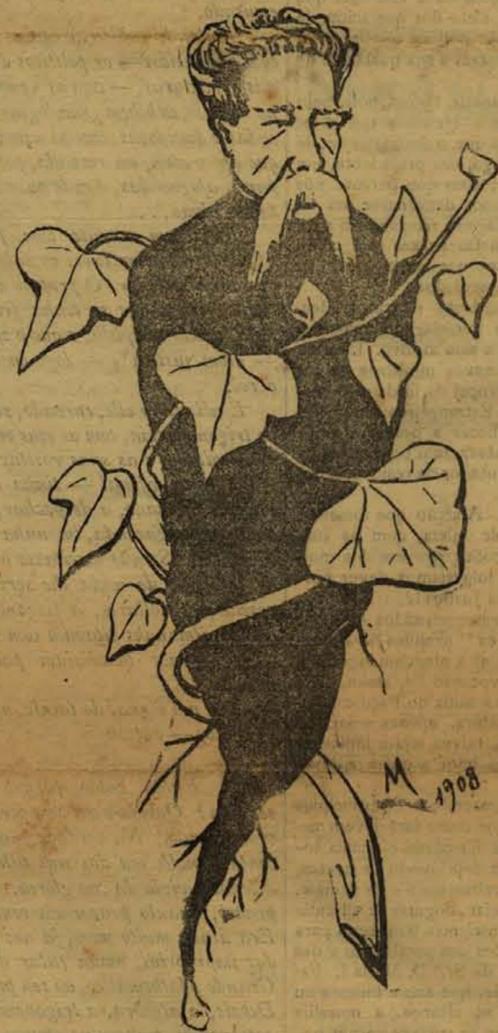
Ainda não ha muito, que a Direcção Geral d'Instrucção Publica, lhe incumbia a factura d'uns versos para o *Hymno Escholár*, e em pleno Agosto, os estudantes primarios portuguezes cantavam ao ar livre esta perola litteraria

*Nós somos a carne
Os nervos, o sangue
O bóje e o intestino grosso
De Portugal*

Eu bem sei que este hymno era mais adequado a uma *associação de cortadores*, mas arte está n'isso precisamente. O talento tambem pôde ser negativo, e nem por isso deixa de ser uma manifestação intensa, original e typica, capaz de merecer tambem uma consagração. Consagração negativa, mas consagração.

Na *Musa Alemtejana* ha prosas rimadas, com aquellas descrições batidas das

CELEBRES... DE BORLA



CONTRASTES...

Entre flores vivendo, angelisado
No seu ar recolhido em que esvoaça
O perfume das flores e a graça
Do seu farto bigode recurvado...

Como as flores subtil, divinizado
Entre thalos e troncos, quando elle passa
Nem sombra de maldade ou de desgraça
Baila no seu olhar extasiado...

Contam as chronicas, porem, que um dia,
Dia de sustos móres e má sorte,
Todo o seu ar do ceu se desfazia...

E no claustro silente, entre os mais len tes,
Julio Casto das Flores — deu á morte
As cabeças de sete impenitentes.

Dr. Brotero

charnecas do Alemtejo — cortiça, montados, bolota e guizeiras.

E' uma especie de *roteiro* em verso, muito util aos viajantes que pretendam conhecer a região.

Mas agora a serio: o auctor gastou muito dinheiro na impressão do livro — papel, composição, brochura e editor. Pois bem, não seria mais util ter dado esse dinheiro aos pobres? Não seria isto *alguma coisa*, em relação a um livro que não é nada?

Teria agora uma dezena de bocas a abençoá-l'o, e assim tem uma dezena de espiritos a destruí-lo.

Acredite Senhor Conde — para a outra vez dê antes o dinheiro aos pobres,

e conseguirá ser *util* como nunca o foi em toda a sua vida litteraria.

E custa 800 réis a *Musa Alemtejana*!!! Valha-me Deus.

O Borda d'Agua a 10 réis e V. Ex.ª com ingenuidades d'esta ordem!

X.

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes pedimos desculpa de qualquer falta cometida pela administração do nosso jornal durante as ferias, como pedimos tambem que nós sejam participadas as mudanças de residencia.

A questão religiosa

Noticiaram os jornaes a visita do governo ao nuncio logo apoz a volta do Paço. Tem razão a Palavra para estar satisfeita. O representante da curia romana não tem de nós apenas a falta de simpatia, que merece um poder que não reconhecemos e que afronta a nossa dignidade de homens, condenando a liberdade e os mais seguros principios até hoje descobertos e demonstrados pela sciencia.

Não. Pessoalmente se tem envolvido nas nossas contendas, sendo o maior sustentaculo da reacção agora victoriosa. Com os jesuitas, executores fieis das suas ordens, tem ele estado á frente da campanha d'odios, movida contra uma parte dos portuguezes por quem do estrangeiro parece receber indicações, e por educação e por tradições nada tem com que se recomende ao afeto dos que acima de qualquer convicção politica sempre collocam e sempre prezam a sua qualidade de liberaes.

Nenhuma simpatia temos, pois, pelo visitado, mas nada teriamos que dizer das atenções com que o distinguiram, se um costume antigo, um precedente, um um só, existisse, com que perante nós mesmos podessemos desvanecer um tal preito de vassalagem, relegando-o para a categoria daquellas praxes sem cor e sem sentido com que nesta terra de velharis somos assediados.

Mas o precedente nunca se deu. Abriu-o o novo ministerio á má-cara, sem subterfugios e sem motivo. Tiveram talvez medo os novos ministros de que por detraz do ouropel da farda e de dentro da pasta dos Estrangeiros não conseguissemos reconhecer a pessoa e sentir o cheiro de santidade dum beato do Porto, grande frequentador da residencia dos jesuitas.

Temeu o sr. Alarcão que fossemos tomar o livro de missa, com as suas orações devotas, por um dos muitos codigos que julgaríamos dever possuir o ministro da Justiça?

Demasiado sam conhecidos e apazar de não serem s. ex.^{as} nenhuns fura-paredes sabiam bem que a ninguém logriariam enganar. A provocação foi, assim, clara e premeditada, e a saída do Paço e a entrada na Nunciatura, apenas separadas por uma corrida, talvez sejam indicador bastante do anjo bom a quem a devemos devolveler.

Isto não é um embate de principios da nossa época, que como taes devem merecer-nos aquella liberdade e aquela tolerancia, que não deprimindo os nossos, ao contrario os robustecem e os firmam. Acatar, reverenciar dogmas e discutir escrupulos de consciencia bom seria para os beatificos serões dos peralvilhos e das sécias do tempo da Sr.^a D. Maria I. Fazer do predomínio, que sobre imbecis ou ignorantes facil se alcança, a muralha resistente em que se enclausura um povo, bom era no tempo da Sanna Inquisição e do senhor rei D. João III.

Transportar essas preciosidades e essas santas intenções, seculos em fóra, e querer hoje resuscitar um corpo, que empalideceu ás gargalhadas de Voltaire e se desleu e se volatizou ante a energia e o calor de novos ideaes — pode ser que alguém se tenha imposto essa tarefa, mas deve contar com a guerra, sem discussão e sem transigencias, uma e outra injustificaveis ante um espectro que num mundo áparte vive, e do tipo normal da nossa especie tam distanciado está, que mal nele podemos reconhecer um nosso antepassado. Foi intenção do ministerio definir a sua posição, lançando-se abertamente nos braços dos inimigos da Liberdade.

Não podia ter sido mais feliz a escolha do sinal, com que se apresentar a publico. A argucia feminil, que parece ter afeição o cerebro dos novos ministros, predominando como qualidade principal e diretriz, nada melhor poderia ter produzido que num momento a todos inteirasse da situação.

Com ela nos defrontamos desde hoje, seguros de que nem a Onipotencia do alto, nem as artimanhas de velhos politicos conseguirão já agora evitar o embate que com arrojo, mas talvez levianamente, aestupidez d'alguns homens provocou.

P. J.

Mario Machado

Chamamos a atenção dos nossos assignantes para o annuncio que este nosso amigo faz hoje inserir na respectiva secção.

MIUDEZAS...

Era chegado o momento. O sabio, (cujo douto nome susurravam com respeito e devoção as mais famosas Academias Scientificas do mundo) ia finalmente passar á sala de recepção. Um ultimo laçao, escanhado e teso, em breve repuxaria o heraldico reposteiro carmezim, e logo por detrás, risonho e affavel, lhe ia apparecer aquelle moço gentil cuja illustração extranha em idade tam curta, saíra já das ante-camaras e andava de boca em boca, como um milagre.

Fôra um convite directo, pessoal, para a apresentação em palacio; e embora pouco lhe lisongeasse a vaidade scientifica não se poderia jamais ter recusado.

Tinha de enfileirar com os outros: com os politicos — os politicos das eternas curvaturas, — com os «snobs» que no Chiado exhibem geneologias ramificadas e duvidosas, com as «snobnettes» que apparecem, em rovoada, por toda a parte, afogueadas, dando palmas, cantando vivas...

Fôra um convite tam formal! «Queria conhecer todos os sabios e todos os artistas.» O proprio cortezão confidenciára que se tinha feito uma lista, muito completa, e que o seu nome — «com justiça!» — logo encabeçára o rol.

E ali vinha elle, curvado, saturado de trigonometria, com os seus oculos, os seus collares e as suas rosetas...

Porque, afinal — linha de ser! Aquelle afilhado, a despachar, na secretaria da Fazenda, impunha-lhe este sacrificio. Se não aceitasse o convite do cortezão, de nada lhe serviriam as rosetas, os collares, a trigonometria, que os almanaks citavam com orgulho e os jornaes bendiziam patrioticamente.

E a um signal do laçao, agalado e rigidó. — entrou

... Então, então, porque se não sentava? Queria-o ali bem perto delle, conversando. Na verdade, «a patria contava nelle um dos seus filhos mais dilectos», vivia da sua gloria. Quanto prazer, quanto prazer em conhecê-lo! Era ainda muito novo, já nos quebrados impróprios, ouvia falar delle, do Grande Mathematico, ao seu professor. Depois, a algebra, a trigonometria, a astronomia, tinham-no sempre interessado muito. Tanto! Bem sabia, lá fóra diziam que «elle» era um artista, desdenhava a sciencia preferindo a phantasia. Assim lera, já, em revistas. Mas se muito gostava duma sonata de Beethoven ou duma tela de Watheau, gostava mais, incomparavelmente mais das mathematicas. Tanto assim que lera já, («confessava: só nos ultimos annos») as volumosas obras do Sabio e aquellas memorias que os Congressos e as Academias tinham escutado, com assombro e em silencio...

... Lentamente foi-as enumerando todas, uma por uma, citando datas, prefacios, particularidades, o exito das edições vulgarizadoras, que a fama ia espalhando pelo Mundo. «Ah! a ultima! A ultima fóra, com effeito, um triumpho!» Que tremendo desastre para o Schwartz, o doutissimo allemão, que vira assim num minuto repudiada a sua engenhosa exposição acerca dos triangulos esphericos! Na verdade, fóra extraordinario!

E durante meia hora, enleado como um leccionista modesto, o sabio escutou sorrindo aquella voz moça, timbrada e lenta, que desfiava victorias superiores.

Uma ultima reverencia, um aperto-de-mão vigoroso, bem expressivo. «Que viésse! Que voltasse, sempre que quizesse!»

Ah! Positivamente, a sua descon-

fiança fóra vencida pelo prestigio daquelle mocidade sabedora. Ali dentro, illuminado pela luz macia da tarde, estava alguém com um pequeno cerebro ja bem mobilado.

Quem poderia duvidar! Mas um cortezão, de sobrecasaca, abeira-se do sabio, toma-lhe o passo incerto; e abrindo na face gordalhufada uma ruga rosada, adoçando a voz: — Que tal? que tal? — Immenso sympathico, pois não?... Immenso, esplendido conversador?...

O sabio concerta os oculos, procura uma «phraze» na espessura da alcatefu. Mas o outro detem-no com um gesto.

E chegando-se mais, quasi ao ouvido, como se ardesse de admiração: — E o que elle trabalha? Imagine: hontem, levou todo o dia a ler catalogos de livraria, a «Biographia dos Homens Notaveis», os jornaes que apreciam a sua obra... sei lá! Tudo para se preparar para a sua visita! E' muito estudioso, hein?

G. Lussac.

Factos e Commentarios

Dr. Antonio José d'Almeida

Esteve entre nós este nosso muito illustre correligionario embora a sua vinda a esta cidade não fosse do agrado dos seus amigos, pois a isso foi lorçado por um acidente de automovel que ia pondo em perigo a sua vida.

Felizmente, o sr. Dr. Antonio José d'Almeida ficou apenas ferido num braço nada soffrendo os seus companheiros de viagem.

A conferencia que ia realizar em Gouveia a pedido do nosso correligionario Pedro Botto Machado, ficou adiada para quando o illustre deputado republicano se encontrar curado.

Muito desejamos que seja breve.

O Indispensavel

Em todos os ministerios tentados depois da saída do sr. Amaral do poder, Espregueira foi sempre indispensavel na pasta da fazenda.

Está claro que tambem ficou neste misterio W. C.

— Monarquia sem Espregueira, é monarquia limpa de adiantamentos, poderia alguém pensar. E ela não quer passar por morrer lavada.

A póca!...

Palavra de rei...

O sr. D. Manuel jurou, por varias vezes, jamais prescindir do parlamento para a solução de crises nacionaes e politicas.

Inconstitucional, nunca! Deu ha oito dias um golpe-d'estado ajudado pelo sr. Julio de Vilhena.

— Ditadura, Deus te livre! Vai adiar o parlamento por seis mezes e o intermezo será regido pela tolerancia e principios liberaes do sr. Campos Henriques... Prá frente é que é o caminho!

Palavra de rei... não volta atrás.

Diz a «Palavra»

«Por um decreto da sagrada congregação do Concilio, datado de 14 de dezembro corrente, Sua Santidade dispensa aos fieis do mundo inteiro do preceito da obstinencia no proximo dia do anno novo que como se sabe cae numa sexta-feira.

Quanto á abstinencia, fica pois, o proximo dia primeiro de janeiro inteiramente livre, sendo permittido tambem o uso de carne e peixe á mesma refeição.

Ainda bem. S. Santidade foi previdente. E então aquella deliciosa mistura de carne e peixe deve ter agradado imenso ao senhor Ferreira do Amaral que agora pretende desforrar-se do muito que perdeu, emquanto fazia discursos e brindes nos regios jantares.

Uma abstinencia de entrada era forte, tendo demais a mais guardada para esse dia uma esplendida perúa.

Um equivooco

Dizem As Novidades a proposito da ida do senhor Vilhena ao paço que o rei se recusou a exonerar aquele senhor do cargo de Conselheiro de Estado

que ha muito desempenha e que estava agora disposto a abandonar, em virtude de ver uma desconsideração pessoal no facto de o Rei o não ter chamado para formar gabinete. Mais diz o jornal do senhor Teixeira de Sousa que tudo ficou bem, pois que se tratava dum equivooco.

Um equivooco achamos forte, se bem que quando foi da greve academica um quintanista de medicina houve que declarou ter entrado nas aulas — e portanto atraído a sua palavra e os seus companheiros — por equivooco!

Este equivooco Julio de Vilhena!

H debandada

Noticiam os jornaes que os regeneradores do Porto reunidos em assembleia geral aprovaram por unanimidade uma moção de respeito, admiração e confiança aos senhores Campos Henriques e Wenceslau de Lima.

E' natural. O mesmo vai succeder com outros regeneradores da provincia que não estão dispostos a largar a pòsta, só para serem companheiros de desgraça do senhor Vilhena, embora as suas simpatias não sejam muitas pelos actuaes ministros.

E o senhor Vilhena que vá dizendo que é o chefe do partido regenerador. Já que não tem o proveito que tenha as honras. Sempre é ter alguma coisa.

Hinda da beatifica «Palavra»

«Coração de Jesus

Valle de Ladrões, 29 — E' esperada no dia 15 de janeiro proximo a imagem do SS. Coração de Jesus.

Esta associação começou no dia 8 de dezembro de 1907 e tem brevemente a imagem que é suspirada por esta freguezia.

O presidente que é o rev. parochio desta freguezia, Padre Abel Maria de Souza, tem-se empenhado pela devoção ao SS. Coração.

Os Zeladores e Zeladoras tem desempenhado o papel que lhes foi confiado.

No meio desta salgahada em que o SS. Coração de Jesus nos aparece transformado em associação cuja imagem é suspirada e por causa da qual o padre da freguezia se tem empenhado (pobre homem) não obstante as zeladoras terem desempenhado o seu papel (não se sabe bem em que comedia) concluímos apenas que o SS. Coração de Jesus é esperado por estes dias em Valle de Ladrões.

Pobre senhor! agora é que elle fica sem tunica, se é que ainda a tem.

Julgamento

Realizou-se em Lisboa na passada 3.^a feira o julgamento do tenente da guarda Municipal Teixeira Lopes accusado de contra a lei e as ordens dos chefes ter ordenado os fuzilamentos de 5 de abril na igreja de S. Domingos.

Não obstante os depoimentos serem esmagadores para o acusado, este foi absolvido.

Pudera. Elle não fez mais do que lhe tinham mandado.

E agora vão ve-los, aos senhores officiaes da municipal. Ao mais insignificante tumulto fogo ao centro do alvo para não gastar muitas munições ao Estado.

Ai! esta nova monarchia!

Almanach d'O «Mundo»

Recebemos este magnifico Almanach, esplendidamente colaborado e que constitue uma bella resenha dos acontecimentos do agitado anno politico passado. Alem da sua variada colaboração literaria traz tambem nitidas fotografuras d'alguns dos homens mais eminentes do partido republicano. Agradecemos o exemplar oferecido.

O Xuão

Recebemos o ultimo ultimo deste semanario de caricaturas que como os anteriores vem cheios de muito espirito. Agradecemos.

Coisas da Universidade

A compra dos livros

Passando em revista as coisas extravagantes da Universidade logo nos acode esta de que hoje vamos tratar e que é uma das mais curiosas.

Referimo-nos ao facto, que não se dá em qualquer outra escola, de os estudantes serem obrigados a comprar certos livros, sem o que não lhes é permittida a matricula.

E' este um dos privilegios desta escola. O estudante que quer matricular-se é obrigado a apresentar um documento comprovativo de ter pago na imprensa da Universidade, os livros respectivos, isto em obediencia a um edital de 1807 e a outros diplomas de 1824 e de 1863.

Esses livros são pagos por preços elevados porque a Universidade como editor que tem a certeza de vender as suas edições, carrega nas cifras. E' assim que ella nos impinge por 850 réis o codigo civil e por 1\$200 réis o codigo de processo civil (estes preços são os actuaes porque nós ainda pagámos esses livros respectivamente por 1\$000 e 2\$000 réis) quando é certo que ha outras edições cá fóra muito mais baratas, até mesmo a 240 rs.

E nos outros livros mantêm-se, pouco mais ou menos, esta exorbitancia de preços.

De maneira que o estudante que podia obter os livros necessarios por preços razoaveis, ou comprando edições baratas ou exemplares em segunda mão, é obrigado pelos regulamentos universitarios a pagar os livros de que realmente precisa e alguns de que nunca chega a precisar, pelos preços que muito bem lhe quizerem exigir.

E assim a casa editora Universidade & Comp.^a, obrigando os alumnos a fornecerem-se de livros na sua loja, arranca a cada um dos que se tornam em Direito a bonita somma de 24\$710 (segundo a Relação dos livros do anno lectivo corrente).

Nas outras faculdades dá-se o mesmo que na de Direito, embora a quantia extorquida seja menor.

Isto como se não bastassem as propinas, certidões, assignaturas de termo e não sabemos que mais maneiras de atacar a bolsa, por vezes bem magra, dos que tem a desdita de frequentar a Universidade.

Ora nenhuma outra escola do paiz faz este negocio. Em todas ellas o alumno compra os seus livros onde muito bem lhe parece, ou, se não quer compra-los, pede-os emprestados.

Ninguém lhe impinge livros. Qual a razão por que a Universidade o faz?

Altos mysterios que não nos é dado desvendar.

E' assim ha muito tempo e por isso ha-de continuar a ser.

Na Universidade o estudante só tem obrigações e quando quer ter direitos acontece-lhe o que ainda ha pouco lhe aconteceu.

Ou traha os seus camaradas ou é trahido por elles.

E como só tem obrigações não tem remedio senão pagar e... não bugar.

Paguemos, pois, porque de contrario não nos deixam matricular.

Mas, como a lagrima é livre ainda nesta pobre terra, choremos o nosso querido dinheiro que tanto nos custa a conseguir para a formatura, a nós que honestamente procuramos ganhar a vida.

Paguemos, pois.

E vá, que estamos com sorte em não nos obrigarem tambem a comprar os livros do sr. Gayer.

Antes os fasciculos do Dr. Laranjo, embora incompletos...

AVISO

Prevenimos os nossos assignantes da provincia de que por todo o mez corrente faremos pelo correio a cobrança do primeiro trimestre.

TRIBUNA DOCTRINARIA

Tomando posições

Na lucta ingente que tenho travado com o velho Padre Eterno, ou o Preconceito, como tambem se lhe vae chamando, eu não tenho encontrado militando nas fileiras inimigas espiritos tacanhos. Não. Por infelicidade da Humanidade, eu tenho-me visto a braços com uma hoste temerosa de homens perspicazes que, numa serie ininterrupta de batalhadores audaciosos e incansaveis, tem em todos os campos oppositos resistencia tenaz ao embate da minha luz, entrincheirados por detraz da espessa muralha da ignorancia das multidões e abroquelados pela tyrania dos detentores do poder civil.

Esses batalhadores a cada pedra do seu edificio nefasto que eu desmorono com o ariete da razão libertada, tem substituido uma couraça formidavel de subterfugios sagazes com que vem ludibriando a confiança facil dos homens nescios.

Mas não é de balde que a experiencia humana orientada e disciplinada se transmite hereditariamente nas suas conclusões através de seculos innumeraveis, gerando essa faculdade excolta que distingue o homem dos seus convivas sobre a terra.

A sublimada deusa das gerações futuras, — a Razão, ha de, apesar dos esforços dos legionários do Dogma, derivar até ao pó do aniquilamento o já vacillante castro onde, pelas brechas consideraveis que nelle abriu a catapulta da sciencia, penetra a luz purificadora cujo terrôr compellirá o Preconceito a recuar para as regiões do mytho donde proveiu.

Eu poderia assestar as minhas baterias contra todos os systhemas religiosos que nenhum delles arrogaria com o seu temeroso embate, impávido e irrisistivel.

Não careço de tanto esforço. É bastante implantar o estandarte da Verdade na orgulhosa torre do Vaticano. Conquistando esse reducto de desanove seculos, vencido ficará para sempre o Erro.

Nenhuma das outras religiões tem o arcaiboço tão bem travado como a Egreja Romana. E' ella propria que o demonstra e, confessemol-o, demonstra-o bem.

Desde o alicerce que tenta firmar-se a — Historia — até á vulpina accomodação que faz de algumas conquistas da experiencia humana, a Egreja Catholica tem ao seu dispor um labyrintho de conceitos tão aparentemente congruentes com a Verdade que, não é dado a todos os homens, senão a uma minoria sómente, encontrar o fio de Ariadne que nos possa reconduzir para fóra desse labyrintho quando, nelle tentarmos penetrar em busca do minotauro do erro.

As columnas que lhe firmam o edificio podem synthetizar-se em tres principios: — a philosophia racional, a tradição biblica e patristica e a dogmatica fundamental.

Nos jogos malabares de palavras com que avulnam a sua philosophia, agglutinada com uma metaphisica tenebrosamente enredadora, está o meio com que affeioam as intelligencias á receptividade dos absurdos que depois lhes hão de inculcar.

No tradição aparentemente historica buscam, com bastante exito, a cinza com que entenebrecem os olhos dos mais rebeldes á metaphisica.

Com a dogmatica, partindo da philosophia, como subsidio informador, e escudados na pseudo-historia, elaboram o fecho ao edificio que pachorenta e acuradamente vieram preparando num envenenamento gradual e systematico das intelligencias que podêram colher nas malhas apertadas da sua rede nefanda.

Apanhados alguns homens argutos e disciplinados, todas as difficuldades estão minorados: A massa, a multidão, essa, será arrastada pelo argumento com que se demovem os ignorantes e os preguiçosos: — a auctoridade dos grandes homens!

E aquelles tres esteios da Egreja Catholica estão tão bem enfiçados, tão solidarios, que constituem um corpo de doutrina na apparencia harmonico e toleravel.

Desde a philosophia tentando demonstrar a possibilidade e existencia do Nada (!) até á Dogmatica demonstrando que a Egreja Romana é a depositaria duma religião verdadeira, necessaria, indefectivel, universal, divina, tendo passado pela tradição biblica e patristica cujas ingenuidades é grosserias pas-

sam, num circo vicioso, por sobre toda a critica, cavalgando a Fé accomodaticia e bisonha, eu encontrarei bellos trechos de estúpida desfaçatés com que desopilar a curiosidade d'aquelles que não tem ocios bastantes para reflectir sobre estes assuntos.

Lucifer

POLITICA

Eu odeio toda a especie de banditismo; desde a *naifada* fadista vibrada ao voltar duma esquina até á intriga canalha dos paços reaes. Se amanhã alguém matar o meu mais terrivel inimigo, ainda que em virtude de essa morte, venha a herdar uma grande riqueza, eu, que nada possuo, odiarei o assassino. E' por isso que enquanto a minha alma de democrata rejubila com a degradação em que escabuja a politica do regime, sinceramente lamento o rei, que é uma creança, sympathica ou antipathica, mas uma creança indiscutivelmente. Como tal elle me merece toda a deferencia, como homem, como meu semelhante; como rei é pessimo porque todos os reis o sam.

Mas que creaturas o cercam, que estendal de vergonhas o rodeia!

Nesta hora tremenda em que o paiz e as instituições atravessam a mais dura phase de que na nossa historia ha memoria, quiçá na de todos os povos, esgotam-se as energias e o tempo numa lucta mesquinha de interesses e ambições; sensuravel em qualquer outra occasião, abominavelmente criminosa no momento actual.

Que confiança podem inspirar ao paiz essas creaturas educadas na mais baixa politica de regedoria, ignorantes e corruptas? Que confiança podem inspirar ao rei essas creaturas que abandonaram seu pai naquella tragica noite de 1 de fevereiro, e que depois de lho levarem á morte o querem precepitar mais depressa dum throno mal seguro que uma politica honesta aguentaria alguns annos? Que podem esperar as nossas colonias, miseravelmente abandonadas, em ruinas quasi, dum ministro da marinha que tem como unica qualidade notavel uns bigodes compridos e que de mar só conhece a bahia de Cascaes? Que ministerio é esse que se inventou para ai, sete zeros, conhecidos uns pela sua estupidez, outros pela sua acção preponderante nas mais vergonhosas transaccões do reinado transacto, e todos pela sua ignorancia? Que escarço é este cuspidio do alto do throno sobre a face livida da nação indifferente?

Sempre assim foi a *vida nova*. Hoje já, instruido pela experiencia, quando o paiz ouve gritar, aos homens do governo — vida nova! vida nova! sente calafrios pelo receio do que irá passar-se, que elle sabe se machina alguma nova infamia ou que os homens da governança querem mais oiro.

Eu nunca guardo a minhas algibeiras com mais cuidado do que quando um ladrão me diz que quer tornár-se um homem honrado.

A fera é mais perigosa quando recua; parece que vae afastar-se mas o seu fim é unicamente que o ataque seja mais rude. Velha manha safada já, essa de adormecer o povo com promessas mentirosas, o que é pessimo, feitas em mau português, o que é horrivel. O povo já não é aquella creança docil que rezava pelo senhor D. Miguel, que se sentia feliz com os desperdícios dos reis; elle já se não deixa embalar, beatificamente, pelo canto das sereias ministeriais — quer ser livre, quer ser feliz.

O povo quer! Eis aqui o que deve terrorisar muito boa alminha do seculo XII, que as ha em barda por esse Portugal fóra. Pois quer, em que lhes peze, e o que elle quer ha de fazer-se.

F. C.

A RALÉ

Raros são os que dentro do partido monarchico, mórmente no meio academico, não appellidam de — *ralé* — e portanto como refugio da sociedade, todos os que não militam no seu partido e se permittem defender a causa republicana ou outro ideal mais avançado, onde a palavra — liberdade — encontre significação mais ampla e mais consentanea com a razão humana.

Para aquelles, só dentro do arraial monarchico, se observa a nata da sociedade, isto é, os que primam pela sensatez, os que revelam coherencia com os seus principios, os que fulguram pelo talento, os que brilham pelo raciocinio, os que pensam com a verdade, constituindo todos os outros, a arraia miuda, a turba miseravel, a multidão ignara sempre inconsistente, irreflectida, irreverente, systematicamente hostil, acintosamente advese, indigna da mais ligeira consideração e merecedora apenas do mais rigoroso castigo, e do cruel desprezo, sendo pois licito, em tal caso, recorrer ás mais vis calumnias, ás mais servis infamias, ás mais degradantes dilações, contanto que taes meios realsem o objectivo desejado, isto é, que inutilisem moralmente o individuo que teve a suprema audacia de se tornar adversario da idéa que elles patrocinam por convicção ou por interesses meramente pessoais, na maioria dos casos.

Resumindo: a intolerancia é o seu principio irreductivel, a intriga o seu meio de combate, o absurdo, o fim ou objectivo que defendem.

Entretanto uma ligeira e desapaixonada analyse é mais do que sufficiente para levar ao espirito de toda a gente a convicção inabalavel de que o partido republicano em Portugal, é precisamente constituído, na sua quasi totalidade, por elementos que se impõem aos homens sensatos, criteriosos e honestos, pelas scintillações do seu intellecto, pelos esplendores do seu espirito, pela nobreza do seu caracter, pela justiça da sua causa, e pela sinceridade da sua convicção.

Haverá por acaso alguém que, honestamente e com consciencia das suas affirmações, negue a existencia de taes predicados na pessoa de Theophilo Braga, o grande pensador, esse vulto sublime que enche a historia litteraria d'um paiz, que domina o espirito d'uma epocha, que atráe e se impõe á admiração do mundo illustrado?

E o que dizer de Guerra Junqueiro, que pela sua cerebração privilegiada, magnifica, estupendamente phenomenal, não pertence hoje ao nosso paiz, mas a toda a humanidade?

Estes dois nomes, quando mais não fosse, bastavam, por si só, para affirmarem a existencia d'um partido, cujo ideal devia ser respeitado.

Alem d'estes porém, quem ha tambem que, conscienciosamente, ponha em duvida o valor, merito e honradez de Manuel d'Arriaga, Bernardino Machado, Antonio José d'Almeida, Brito Camacho, João de Menezes, Alfonso Costa e tantissimos outros, que seria agora ocioso enumerar e que igualmente enfiletram no partido republicano portuguez?

E os outros, os anonymos? perguntarão decerto os nossos adversarios.

Responderemos que esses, os desprotegidos, em geral, da fortuna, os falhos de instrução, os que lentamente se extinguem no fundo das officinas, os que mourejam na crudelissima lucta pela vida, os que mal ganham para a acquisição do negro pão que comem, os que, em face da crise de trabalho, não encontram applicação para as suas aptidões e vagueiam por isso esfomeados, quasi nus, todos esses, representantes de todas as classes, e que constituem o forte do partido republicano, são os que, no seu conjunto, pensando, sentindo e querendo, verdadeiramente synthetizam a vida, a alma e a riqueza incalculavel da nação, por que tudo produzem, porque são as alavancas e as energias do progresso, porque são n'uma palavra, os que formam aquella grande parte da opinião publica que traduz verdadeiramente o estado do paiz e as suas aspirações.

Com todos estes elementos, admiravelmente disciplinados, dispostos a todos os sacrificios, orientados e dirigidos por

incontestaveis mentalidades, paladinos d'uma causa justa e racional, assim vemos organizado um partido que revêla o seu valor pelos effectos da propaganda, que accentua o seu caracter pelas provas do seu civismo, que traduz o seu vigor pelo numero dos seus adeptos, que assegura a sua robustez pelo receio crescente dos seus adversarios, que, finalmente, affirma a sua força conquistando pelo seu voto cadeiras no parlamento, açambarcando a magistratura municipal tendo nas suas mãos quasi todas as juntas parochias da capital do paiz e invadindo legalmente a esphera de taes poderes n'outros pontos do territorio nacional, de sorte a poder, dentro em breve, por mais que lhe cerceiem todos os seus direitos, a vencer as culminancias do poder, derrubando instituições anarchonicas e absurdas, e implantando um regimen de liberdade e de democracia.

E' contudo este conjunto harmonico que os monarchicos insensatos, na suaancia de maldizerem, no seu habito de calumniarem, na sua intolerancia de fanaticismos, no seu rancor de obeccados e na sua raiva de quasi-vencidos, chamam desdenhosamente — *a ralé!*

O que se deverá então chamar a um partido que, salvo rarissimas excepções, é constituído por individuos, acorrentados uns, á mesa do orçamento e pouco dispostos a largar as poucas migalhas que ainda lá existem, presos outros, a falsos preconceitos, e orientados por aquelles que, ha longos annos, veem assaltando o poder, defraudando o thesouro publico, roubando o nosso credito, descurando os interesses do paiz, levando-o ao estado miseravel em que se encontra, e ainda não satisfeitos de todas as mesquinhas ambições, procuram suffocar com uma violencia feroz e estúpida, o clamor do povo, justamente revoltado contra tanta indignidade e sandice?

Varias são as denominações que cabem a tal partido. Ao sabôr porem de cada um, deixo o encargo de o definir como entender, na certeza de que, por maior que seja o numero de termos applicados, a idéa fundamental que elles exprimam, ha de sempre ser a mesma. Está na consciencia de toda a gente honesta!

A. S.

Monumento a Joaquim Antonio d'Aguiar

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes entries like Bento João Favas (Algós) 200, Lino José Duarte (Algós) 300, Antonio Joaquim Ferro (Algós) 360, Manuel Victoriano Lopo (Algós) 200, Antonio M. Victoriano (Algós) 100, Domingos Abraços (Algós) 200, J. V. M. (Algós) 300, José Estevam, Gremio Lusitano (Lisboa) 5000, C. N. de Carvalho Silva (Lourenço Marques) 500, J. A. Carvalho (Lourenço Marques) 10500, Antonio A. Novo (Lourenço Marques) 10000, Luiz Botelho (L. Marques) 10000, A. Vidal (Lourenço Marques) 10000, Beatriz & Virginia (L. Marques) 20000, Mata Frades (Lourenço Marques) 10000, Miguel A. Magalhães (Lourenço Marques) 10000, João Tudella (L. Marques) 45000, M. Gomes dos Santos (Lourenço Marques) 10000, Bernardino de Carvalho (L. M.) 20000, João da S. Alcobia (L. Marques) 10000, J. B. R. S. Afra (L. Marques) 10000, A. C. Fábão (L. Marques) 10000, Manuel J. Ferreira (L. Marques) 500, Antonio Nogueira (L. Marques) 500, Corrêa (Lourenço Marques) 10000, J. J. Moraes (L. Marques) 10000, Annibal Guerreiro (L. Marques) 20500, J. M. Oliveira (L. Marques) 10000, P. V. (Lourenço Marques) 500, J. Silva (Lourenço Marques) 500, Francisco Capelo (L. Marques) 500, Miguel (Lourenço Marques) 500, Luiz G. da Cruz (L. Marques) 500.

Transporta 3:039470 O thesoureiro, M. A. Rodrigues da Silva

A REVOLTA ASSIGNATURAS

Table with 2 columns: Location and Amount. Includes entries like Continente, ilhas e ultramar, trimestre 300, Estrangeiro 600.

Pagamento adiantado

Table with 2 columns: Amount and Description. Includes entries like Numero avulso, 20 réis; ANNUNCIOS — cada linha 30 réis; Repetições 20.

A REVOLTA Encontra-se á venda em Lisboa na TABACARIA MONACO, Rocio. Em Coimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

ANNUNCIOS

CLINICA CIRURGICA

o Tratamento das doenças dos órgãos genito urinarios do homem e da mulher e a

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicção electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Consultorio Dentario

DE

MÁRIO MACHADO

Cirurgião Dentista pela Universidade e com pratica da especialidade em Paris

Praça 8 de Maio, 8 — COIMBRA

Tabella de preços

Table with 2 columns: Service and Price. Includes entries like Consulta 500, Extracção de cada dente ou raiz 500, Extracção com anesthesia 10000, Obturação 10500, Aurificação 40000, Limpeza de dentes 15000, Dentes artificiaes 20500 e 40500, Dentes de pivôt. 80000, Corças de ouro 120000, Tratamento de doenças da bocca e gengivas, por sessão 10000.

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

Consultorio Medico-Cirurgico

Doenças dos ouvidos, fossas nasaes e garganta

CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos.

ANALIZES: succo gastrico, lézes e urinas

MANUEL DIAS

MEDICOS ESPECIALISTAS

Com pratica nos hospitais de Paris

Consultas, todos os dias uteis,

das 10 horas da manhã ás 4 da tarde

Rua Ferreira Borges, 5 — COIMBRA



AGUA DAS LOMBADAS

AGUA DAS PEDRAS SALGADAS

AGUA DE VIDAGO (Fonte Campilho)

AGUA DE VERRIN (Fonte Espido)

DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.^a

ROZARIA DA MODA

Rua Ferreira Borges, 61, 63, 65, 67

COIMBRA

Telephone n.º 210

Neste bem montado estabelecimento encontram-se as mais recentes novidades em chapéus confeccionados para senhora e creanças, veludos de seda e algodão, luvas, cintos d'elastico, espartilhos, bordados, rendas e todos os artigos de retrozeiro;

Preços excepcionalmente baratos

Dão-se ac senhas do «Bonus Coimbricense»

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.

Fabricam se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Aochar. Paté de Liever e Foie.

Sauisses Pudngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo systema de Margaride.

Especialidade em vinhos generosos e liciores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria. Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobílias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto a Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que afirmamos.



Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanellas d'algodão, metro	65
Ditas, côr lisa, muito largas, metro	120
Côrtes de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	50
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2\$500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.

Brindes! — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciarmos artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4\$00

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commerelo, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

TABACARIA CENTRAL

DE

Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29 — Coimbra

Telephone n.º 276

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados, bilhetes de visita.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157

COIMBRA

Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabelleiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas allemãs e francezas.

Pós e pasta dentrificas.

Fscovys para dentes, cabelo e fato.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guarda-sós e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

N'este estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante colleção de relógios de todos os systemas e auctores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; telogios proprios para mesa, parede e morés. Ha espetadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e ouro. Concertam-se relógios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

ARMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. Tintas, oleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o país, tem sempre calçado feito da melhor pelo laria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Forneca impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

PRO ITALIA

Ante a desgraça que acaba de assolar a Italia, mal nos iria se não suspendessemos toda a refrega.

Ante os cadaveres de milhares de victimas, em face da desolação e do infortunio d'outros tantos infelizes, a ninguém fica tal suste um pouco o embate de principios, por mais santos e por mais justos que elles sejam, e, sem quebra de dignidade, sem aviltamentos que a todos deshonrariam, olhar apenas ao mal que todos devemos remediar. Bem sabemos que a sisão que hoje lavra na sociedade portugueza, tomou já aquella fase de acinte, aggressiva e feroz, em que os homens começam de topar-se corpo a corpo.

Está proximo o grande e inadiavel duello.

Mas se ainda neste momento existe uma parcela de generosidade, se a nossa mocidade de todo se não perdeu com os seus encantos e os seus grandes impulsos, porque não havemos nós de pôr de parte altiva e resolutamente todos os agravos, que sam muitos, e todas as distancias, que sam imensas, para, como homens, minorarmos o sofrimento d'outros homens?

Qualquer especulação politica, qualquer mesquinha intriga, que acaso podesse vir entrar este movimento de solidariedade humana deveriam imediatamente ser condemnadas por todos quanto do coração sentiriam o enorme desastre sofrido pela Italia.

Assim postas de parte antipatias pessoas e porventura velhos rancores, que tanto nos trazem desunidos, deve a mocidade portugueza, olhos apenas na alheia desgraça, estender carinhosamente a mão ao infortunio que longe chora, levando-lhe a palavra amiga, que consola, e todos os nossos obulos que em face da catastrophe pequenos seram decerto, mas que juntos aos que de toda a parte ali afluem poderam conseguir minorar um pouco de tanto sofrimento.

Cheios de agradecimento nos encontraram todos, que de boa vontade e sinceramente queiram colaborar na humanitaria obra.

Este nosso parecer interpretará decerto os sentimentos dos nossos amigos que não pudemos consultar.

A quem, como os estudantes revolucionarios, numa luta sem treguas, contra tanta deshumanidade vem lutando, será sem duvida grato ajoelhar compassivamente ante o luto da Italia irredenta.

A todos gratissimo é dar um pouco de amor e um nada de conforto e bem estar para mais altivamente voltarmos aos combates em que andamos empenhados, tranquilos com o bem praticado, satisfeitos com o dever cumprido.

Oxalá não seja vão o nosso apelo e brevemente sintamos que apesar de tudo... ainda somos hcmens.

Subscrição

Abrimos nas columnas deste jornal uma subscrição cujo producto será enviado ao sr. Embaixador da Italia. Para a generosidade de todos apelamos. Gostosamente interviremos em quaesquer atos que porventura possam vir a realisar-se no intuito nobre de aliviar tamanho infortunio.

Comnosco, com o esforço minimo de que possamos dispor contem todas as almas generosas.

A redacção d'A Revolta... 5\$000

MIUDEZAS...

Era em frente da matriz, mesmo ao pé do sacristão que elle tinha a tabernicla...

Ali nascera, ia para oitenta annos, ali lhe tinham corrido os dias da mocidade, todas as alegrias do lar, o casamento, os filhos e d'ali não ardeira pé senão lá de longe em longe. Chamavam-lhe o «Borrachão» por alcunha que herdara do pae, juntamente com uma divida de tres moedas e uma quartola de arcos arreventados.

Mas a divida pagou-se e a quartola foi um auxiliar valioso da sua vida, quando começou naquella faina de vender vinho a copo, para juntar algum vintem.

Levantava-se cedissimo para aproveitar a freguezia dos jornaleros, que iam para o trabalho e até a noite não descansava, sempre na labuta ingrata, escrupulosamente, honestamente, verdadeiro typo de honradez-humilde.

Vieram depois os filhos, mas, nellos de alcoolico, a anemia atacava-os e quando a morte vinha achava-os tuberculosos. Assim lhe iam morrendo todos lentamente...

E a sua vida era mais triste, como a de um pinheiro esguio a quem fossem seccando todos os ramos.

Mas um nasceu, o ultimo, que por um capricho da sorte veio mais robusto e esse vingou. Era o seu enlevo, amava-o, tratava-o carinhosamente, como um fidalgo e quando chegou aos oito annos mandou-o á escola.

O pequeno cresceu, não era pcco, agarrava-se aos livros e aproveitava. Fez o primeiro exame; depois o coadjutor que viera havia pouco do seminario offereceu-se para o ensinar e lá fez os preparatorios. Mas elle tinha uma pena em não continuar; podia vir a ser abbade, ou cirurgião, ou doutor de leis.

O coadjutor acariciou-lhe a esperança. Era pena realmente, perder uma posição por tão pouco.

Mas o pae podia lá com aquella despesa: a vida ia cada vez mais cara e o vinho andava pela hora da morte. Enfim, dando explicações, trabalhando muito, lá conseguiu formar-se. E foi ao fim do quinto anno, depois de ter passado incolume pelas mãos dos ultimos tres lentes, tres carrascos, que elle uma manhã muito cedo entrou pela porta dentro, espalhando pela casa toda uma alegria enorme, como a dum noivado.

Mas aquillo não era vida, tinha de trabalhar, precisava impôr-se e elle que vinha acostumado áquella agitação pretenciosa da velha Coimbra, começou a lançar uns olhos cheios de

curbiça para a capital, que nunca vira e que lhe povoava os sonhos de adolescente, envolta sempre na névoa penumbrosa das coisas ignoradas, que tanto mais se amam quanto menos se conhecem.

Nesse mesmo anno precisamente o padre que o ensinava e que andava na politica sahira deputado. E elle que o recommendara aos lentes e o protegera sempre, chamou-o a Lisboa e lá lhe arranjou um nicho.

Era um logarito menos mau: um conto de reis por anno sem nenhum trabalho.

Emfim, era para começo, depois lhe arranjaría coisa melhor. E arranjou. Quatro annos depois frequentava elle o soalheiro da Arcada, cheio de consideração, de dinheiro e de commendas... em perspectiva.

Foi então que um acontecimento inesperado veio alterar a sua vida. Foi em casa do director geral que elle a conheceu. Ella era uma senhora muito sympathica que tocava no piano uma coisa de Schumann.

Era á turdinha antes do jantar. Pela porta entreaberta ouvia-se o chilrear dum canario muito amarello, que salpicava de notas agudas as conversas graves duns conselheiros edosos. Atras do piano, elles, muito despropriadamente, iam segredando umas coisas sentimentaes, que ella com a sua mão direita de dedos muito brancos sobre o teclado, ia entrecortando com uns harpejos desconexos, enquanto a esquerda segurava o loque num ar adoravel de ingenuidade casta.

Aquillo continuou depois por algum tempo, mas veio a acabar por onde todas as comédias acabam e por onde muitos dramas começam: casaram.

Ella era alta, magra, fóra educada num collegio de freiras, tinha um galgo de estimação e gostava muito duns bolos secos especialidade da Padaria Inglesa. Pertencia a uma familia distincta, tinha tres irmãs e era orphã de pae, o general Silveira, que morrera havia um anno, de um ataque de diabetes. E afóra isso apenas lhe restaria alem de uns pergaminhos incertos o suficiente para morrer de fome.

Mas tinha um culto, ma decadição immensa pelas suas tradições de familia, gloriosas e empergaminhadas que lhe davam direito áquelle «tu cá, tu lá» com todas as mulheres da alta.

E tudo em casa respirava um ar chic, um ar «haute gomme».

Havia, é claro, aquelle ponto negro do ascendente do marido, mas a necessidade não lhe permitia escolher e ella cautelosamente fingia ignorar, esquecer...

E o velho lá ia continuando no obscuro recanto da sua Beira, a pesada vida de trabalhador ignorado que não quizera abandonar, vivendo tambem daquella alegria immensa de ver o filho grande.

Quando aquelle filho nasceu, o seu Alvaro, ella não pensava senão em vê-lo creado. Havia de ser militar.

E fazia-o já um lindo rapaz, endoidecendo com o scintillar dos botões amarellos, as cabeças ideaes de condessitas loiras que a atmospherá galante de S. Carlos tornava ébrias de harmonia. Oh!... o seu Alvaro...

CELEBRES... DE BORLA



O novo Adamastor

Maior do que o colosso, que em Rhodes Assombrou todo o mundo antigamente, Mais terrivel do que a mão do rei Herodes, E' o seu indicador omnipotente!

Rei dos pellos no reino dos bigodes, O seu bigode esqualido e fremente Diz ao mundo: «Commigo tu não podes, «Oh misero e mesquinho, alumno ou lente!

«Que eu sou p'ra esta escola de Direito
«O que o Edisson foi p'ra luz electrica,
«O professor maior e de mais geito!

«Que eu sou a propria torre, cujo mastro
«E' o meu indicador de sombra tetrica,
«E o relógio... os dois dentes de alabastro!»

Dr. Loria.

Mas elle tivera sempre uma negação pronunciada para tudo o que exigisse algum esforço de intelligencia.

E por isso feitos os preparatorios a muito custo, resignou-se a ir para direito como o unico curso para que, como preparação, bastava a sua estupidéz nativa.

E fóra devido a toda esta serie de fatalidades que elle batera com os ossos em Coimbra e que nessa noite de dezembro, escura e fria, elle grave na

sobria elegancia da sua casaca emprestada, entrou em casa do Lamas com o bando da «jeunesse fashionable» que, como elle, sacrificava este exitio de cinco annos de extravagancia dum curso.

O Lamas dava nesse dia o seu primeiro baile.

Era numa festa rija; iam lá os lentes e ser convidado pelo Lamas era um pouco como receber a alternativa elegante, no meio alambicado do snobismo indigena.

Houve uma suspensão quando entraram, em grupo, cumprimentando toda a gente à direita e à esquerda. Depois foram elles que deram todo o calor á festa, fazendo vibrar aquelles corpos de mulheres decoladas, immoveis como esphynxes, lançando-as na embriaguez suprema dum revoltar sem fim. Quando já tarde tudo voltou a socegar e começaram correndo os primeiros serviços da ceia, elles vieram para as salas de jogo, serenamente, provar os vinhos.

Estava-se ali bem... Conversava-se... Um delles, o José de Lemos queixava-se de falta de dinheiro.

— E o diabo é que temos as ferias á porta e não sei como ir para casa. — Vae a pé! Respondeu um.

— Não, mas se me não chegar o dinheiro para ir em 1.ª vou em 2.ª ou 3.ª.

Um grande ah! de pasmo saiu de todas as boccas.

— Em terceira? ...

— Sim, em terceira, porque não?

— O filho, mas isso é uma porcaria... em 3.ª exclamou o Alvaro Silveira, unctuosamente.

— Uma porcaria? E's idiota...

E bem idiota era na verdade pois até o nome do pai despezava. Usava o da mãe por ser mais distincto.

Elle tornou que não, que não era ser idiota era ser verdadeiro. Elle até já tinha tido náuseas ao passar por uma carruagem de 3.ª. Uma polilha! E a gentalha que lá ia!

— A gentalha? Olha tu, antes me quero com essa gentalha que tu dizes, que com certos fidalgos que...

E suspendeu-se muito afogueado o José Lemos, que não tinha pápas na lingua e era um homem.

E o outro estupidamente, sem perceber, respondeu-lhe num grande ar de lastima.

— Olhem o democrata!

Começavam a tocar na sala proxima e elles correram apressados.

Rompia a manhã.

O Silveira fôra dos ultimos a sair e aos zig-zags pelas ruas cobertas de neve, bebido de champagne entrou em casa com o cerebro povoado de grandezas e de mulheres muito brancas deixando adivinhar as curvas do corpo através dos fatos Imperio.

E á mesma hora o velho, o avô sob o peso dos seus 80 annos, no obscuro recanto da sua aldeia remota,

FOLHETIM

Eça de Queiroz

As catastrophes e as leis da emoção

Desde que não conversamos, meus amigos, este nosso Velho Mundo e os outros mais velhos que se estendem para o Oriente têm sido visitados por males innumeraveis, uns trazidos pelas violencias da Natureza, outros pela violencia dos homens, porque o consciente e o inconsciente (se é que este realmente existe) rivalisaram, como sempre, na produção da dor.

No Japão foi um d'esses pavorosos «macareus», que tanto assustavam os nossos navegadores do seculo XVI, invadindo em desmedido vagalhão leguas de costa e lambendo aldeias, cidades, centenas de milhares de creaturas, como se fossem apenas conchas e arcia leve. Na China a costumada transbordação de rios, afogando nessa noite quinhentos mil chinezes, um milhão de chinezes, todo um immenso e escuro formigueiro chinês, com a simplicidade com que entre nós um riacho, depois das chuvas, alaga um feijão em uma horta ribeirinha. Na India a peste junta com a fome, á velha maneira oriental, com esse horrendo feitiço das expiações biblicas em que os esfaimados findam por comer os cadáveres e os pestileros, aos centos, agonisam á beira dos caminhos, em breve todos brancos de ossadas. Na Armenia uma prodigiosa matança de trezentos mil christãos, methodicamente dirigida pelas autoridades musulmanas, com muita ordem, muito vagar, horas regulamentares para assassinar e para descansar e uma escrupulosa escripturação. Na Turquia e na Grecia uma guerra, que não resuscitou a lucta classica do orientalismo e do hellenismo (porque já não ha orientaes e ainda menos hellenos), mas renovou uma briga entre a Cruz e o Crescente, briga toda concebida no espirito do seculo XIX, racionalista e positiva, em que os principes christãos (até o papa) se collocaram n'um utilitario enthusiasmo do lado do Crescente, de sorte que a Cruz teve de fugir com um dos braços partidos por esses caminhos thessalicos por onde outr'ora o Grego costumava acosar o Persa numeroso. Na ilha de Creta, tão querida a Jupiter, horrores inenarraveis, sob a vigilancia pensativa e paternal de seis esquadras da Europa. Em Hespanha bombas e supplicios. E emfim n'este Paris o dia doloroso em que a Sciencia, sob a fórma de um cinematographo, queimou por seu turno, n'um vasto auto-de-fé, a Religião, representada por piedosas senhoras que celebravam uma festa de devoção e caridade catholica...

Mas eu não sei, meus amigos, se estas desgraças realmente vos interessam, vos commovem — porque a distancia actúa sobre a emoção exactamente como actúa sobre o som. A mesma dura lei physica rege desgraçadamente a acustica e a sensibilidade. E sempre em ambas o identico e tão racional principio das ondulações, que vão decrescendo á ma-

abria a tabernicla dum porta só, aos jornalheiros que iam para o trabalho. Do avô ao neto ia uma differença enorme: o primeiro era do povo...

L. G.

Coisas da Universidade

O limite das cadeiras

Ha coisa de tres annos appareceu nos Geraes da Universidade um aviso dizendo que de futuro não seria permittida a matricula em mais de quatro cadeiras em cada anno.

Até então cada um frequentava as cadeiras que queria, chegando a haver estudantes na faculdade de Direito que frequentaram seis.

Mas naquelle anno foi marcado o limite de quatro.

Esta disposição foi depois modificada permittindo-se a matricula em cinco, em determinadas circumstancias. Assim os estudantes que ficassem reprovados numa cadeira poderiam frequentar essa e as quatro do anno seguinte. Também poderiam frequentar cinco cadeiras aquelles a quem só essas cinco faltassem para concluir o curso. E' este o regimen que está em vigor.

Ora este regimen é de enorme prejuizo para muitos estudantes, dando logar a verdadeiros absurdos como no exemplo que vamos apresentar e que varias vezes se tem dado.

Vamos ao exemplo.

O estudante A matricula-se na faculdade de Direito e durante o seu curso fica reprovado em cada anno numa cadeira, até ao 4.º. Como está ao abrigo d'aquella disposição vae frequentando 5 cadeiras a partir do 2.º anno. D'esta maneira conclue o seu curso em cinco annos que é o tempo normal da formatura. O estudante B fica reprovado em duas cadeiras em qualquer dos annos. Já não pode frequentar cinco porque lhe faltam duas do mesmo anno. E por isso já não pode formar-se em cinco annos, mas em seis, ficando no ultimo apenas com duas cadeiras. Assim o estudante A que durante o seu curso teve 4 reprovações nada perde; o estudante B que teve apenas 2 reprovações perde um anno.

E' isto justo? Não nos parece. E o caso tem-se dado mais de uma vez.

Por outro lado ha estudantes que frequentam duas faculdades, chegando a ter em cada anno sete e oito cadeiras.

Se a esses é permittida essa frequencia, qual o motivo por que os que frequentam a faculdade de Direito não podem ir alem de quatro cadeiras?

Não podemos comprehender as razões que determinaram tal medida.

Parecia-nos mais simples o systema que se seguiu até ao quarto anno em que vigorou a reforma da Universidade. Por esse systema o estudante matricula-se no numero de cadeiras que lhe convinha desde que, é claro, se respeitassem as dependencias e não houvesse incompatibilidade de horario.

Se se matriculasse em numero superior ás suas forças, lá estava o acto no fim da anno para o julgar. Mas admittindo mesmo que houvesse razões de peso para tal medida, parecia-nos então mais justo que ella fosse tomada para os alumnos que depois da sua data viessem frequentar a Universidade.

Não se fez assim, pois a disposição abrangeu os que tinham entrada no tempo em que não havia limite e que contavam continuar nesse regimen.

Por mais de uma vez tem sido pedida a modificação d'esse systema, elevando, pelo menos, o limite a cinco cadeiras, como de resto já ha para os que estão nos casos especiaes a que nos referimos.

Nada se tem conseguido e já agora nada se conseguirá, cremos bem.

E assim continua em vigor essa disposição que dá logar a absurdos e injustiças como no exemplo que apresentámos.

Absurdos e injustiças.

Mas para que pedir logica e justiça neste paiz e em especial na Universidade?

C.

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes pedimos desculpa de qualquer falta committida pela administração do nosso jornal durante as ferias, como pedimos tambem que nos sejam participadas as mudanças de residencia.

neira que se afastam do seu centro, até que docemente se immobilisam e morrem: se ellas traziam um som que vinha vibrando — o som cala quando ellas param: se traziam um terror que vinha tremendo — o terror finda quando ellas findam.

Bruscas, grossas, frementes, rapidas em torno ao choque que as produz, essas ondulações não são mais, nos horizontes remotos, do que um vago, quasi liso arfar, que mal se differença da inercia. Senão vêde! Em Pekin, subitamente, uma tarde, ribomba um pavoroso trovão; — e ao mesmo tempo pega fogo na vistosa cabia d'um mandarim muito illustre, que morre queimado. Por todo Pekin a impressão é tremenda. Até o imperador, filho do Sol, nos seus grandes jardins, estremeceu, aterrado com aquelle imprevisito troar de um céu puro: e nas villas mais sordidas os coolies mais piohentos interromperam um momento o seu negro trabalho para lamentar com exclamações o mandarim muito illustre. Mas, ahí está! a vinte ou trinta leguas de Pekin o terrifico trovão foi apenas um rumor que se confundiu com o rolar das carroças nas lages: — e, quando se contou nas lojas loquazes dos barbeiros o desastre do mandarim em chamas, só algum medio funcionario, com sabão na bochecha, murmurou officialmente algum ah! desinteressado e molle...

E' que o som do trovão e a emoção do desastre vieram trazidos por ondulações, que, a trinta leguas de Pekin, seu centro vivo, já se alisavam, immobilisavam, morriam. E quando aqui na Euro-

Factos e Commentarios

Eharada a premio

Um nobre e sabio cavalheiro (quem ha de ser?), espectorando ha dias determinada theoria, entendeu, apoz os sons inarticulados do costume, dever chamar classes baixas, classes inferiores aos operarios e pequenos proprietarios em opposição aos brazileiros de torna viagem etc.

Nesta redacção se dá um puxão de orelhas bem puxado a quem fór capaz de adivinhar a que classe zoologica pertence o illustre preopinante.

De luto

A' ultima hora consta-nos que a politica, sempre a politica, com as suas diabruras revoltantes, afastou ou fez alastar do nosso meio, o tão querido Scherlock, de saudosa memoria.

Partiu já, e levou-nos tambem a nós, de alma, e de coração.

Cobrimo nos de luto, num adeusinho ultimo. Adeus. Adeus!

Jamais apitará o 22! As bombas criarão bolor! Adeus! Tudo perdido! Malditos treze vintens! Adeus!

Eça de Queiroz

Publicamos hoje como folhetim a inestimavel carta do primoroso artista e grande psicologo, que tantas paginas imordeiras deixou na nossa literatura.

Ela é bem a espessura duma amarga verdade! Atualizada pela enorme catástrofe da Italia a sua publicação reveste o duplo significado de fervoroso preito ao grande morto e porventura de triste lição a alguns vivos...

Más companhias

Vácondeus, sacercote da capital, queixa-se de que foi desacatado no meio da rua.

Mas para que anda S. Rev. com más companhias?

Experimente andar com o Diabo que talvez lhe acuda nos momentos criticos. Que elle não é tão feio como o pintam...

Um alvitre

Diz-se que o novo ministro da marinha e ultramar anda um bocado atrapalhado por não saber bem ao certo onde ficam as colonias.

Ousamos lembrar um alvitre que alguem da familia pode pôr em pratica, porque não ha como os remedios caseiros. E' mandarem-lhe para lá o Dr. Ulrich com a sua vistosa colleção de mapas movidos por cordelinhos e com as suas mil e tal paginas.

A sobenta fica um bocadinho cara mas tambem o ministro fica sabendo administração colonial como burro.

Até fica sabendo quantos pares de

ceroulas levava Vasco da Gama quando foi para a India.

Quanto ás que trazia á volta pode informa-lo o sr. Gayo que sobre a volta da India já fez, se não estamos em erro, um drama historico.

São dois elementos valiosos que o mano do mano lhe pode mandar com manifesta vantagem para S. Ex.ª e sem grande prejuizo cá para o estabelecimento.

IMPRESSÕES

Desconhecemos se acaso é só da nossa raça, ou principalmente d'ella, a preocupação constante do depreciamento de outrem, a proposito de tudo, em geral sem motivo admissivel, numa attitude grotesca de critico imbecil. Talvez não.

Sem duvida alguma o que sabemos e vemos claramente, é que essa preocupação entre nós, e sobretudo no meio tacanho de Coimbra, e ainda aqui no academico, é mercadoria de largo consumo, que anda no bolso como se traz um lenço, prompta a cada momento, e a cada passo manejada por paladares azedos, que variam muito com a imponencia dos collarinhos altos, bem brunidos.

Temos notado que sem ella não se é ninguém, e jámais estudante, não ha importancia, falha o talento, o espirito, desaparece a critica requintadamente fina. Tem fóros de costume velho, é um prazer, aliás vulgar, em que se não repara já.

A verdade porém é que, numa observação mais cuidada, chegámos tambem a concluir, que tal preocupação de amesquinhamento, como norma, está sempre ou quasi sempre na ordem directa da inferioridade, em geral irreverente, da pessoa que se preocupa. E' um symptoma de fraqueza, de degradação moral até; e a mocidade coimbrã prima por ella.

Um caso bem recente nos veio confirmar mais uma vez estas convicções bem antigas.

Varios academicos de Coimbra, com o seu alto criterio, pensaram formar, e crearam um pequenino grupo, no intuito louvavel de levantar por uma forma e por si a geração actual, que roça os bancos Universitarios. A academia achava-se morta, e desprezada. Urgia transformar em louros, devidamente conquistados, os incommodos insultos com que de ha tempo a vinham recebendo, em qualquer parte, em acolhimento, que diziam muito condescendente ainda. Vida nova, edificante.

Isso bastou para que esta massa estudiosa e intellectual indicasse logo, soberanamente uma hostilidade irritante, de troça e ridiculo, que antes deveria ser de reconhecimento e admiração.

Foi sempre assim. E' notorio, mas é certo!

Queremo-nos referir á fundação do grupo dos akademikos exotherikos.

São doze, se não lavramos em erro, e que assim se appellidaram. Todos litteratos, de valor incontestavel, difficilmente supprível, e de nome consumado.

quilhação d'esses vastos milhares de ptagonios.

E esta estreiteza da emoção deriva de leis tao fataes que não se dá somente nas almas de caridade estreita, — mas ainda nas mais ternas e nas mais largas, naquellas que parecem abrigar na sua amplidão toda a amplidão do padecer humano... O bom senhor S. Vicente de Paulo, a quem o encontro de uma creancinha tremendo de frio ao canto de uma rua arrancava prantos desolados, que corriam emquanto elle corria com a creancinha soffregamente apertada nos seus santos braços, só teria um pallido e resignado suspiro quando ouvisse que tambem na Tartaria, em outras villas regeladas, outras creancinhas tiritavam e choravam — se é que a homem tão occupado com as miserias de França restava tempo para suspirar com as miserias da Trataria. E até talvez o muito divino S. Francisco, o adoravel pobresinho d'Assis, irmão de todos os seres e para quem os proprios passarinhos das veigas d'Italia eram irmãos muito queridos, não sentisse a sua costumada ternura, tão alvorçada e activa, pelos pobres da Noruega, e não se reconhecesse inteiramente irmão dos pardalesinhos da Filandia!

A superior sapiencia das nações já formulou esta lei n'aquelle seu fino adagio — «O coração não sente o que os olhos não vêem». Para chorar é necessario vêr. A mais pequenina dor que diante de nós se produza e diante de nós gema, põe na nossa alma uma commiseración e na nossa carne um arrepio, que lhe dariam as mais

Felizmente e apesar de tudo esse grupo está de pé, e sem exageros dizemos que lhe advinhámos já um futuro grandioso.

Basta de mediocridades. E' tempo. A Universidade está velha, mas conserva ainda discipulos de talento deslumbrante! Cria-os e educa-os na sua velhice, cheia de experiencia e boa conselheira. Avante pois!

Temos ainda poucos dados sobre as bases desse grupo redemptor.

Sabemos no entanto que formará uma escola que resoará no mundo inteiro. Ficará sendo a escola classica dos *akademikos exotherikos*!

Versos seus, só seus, sem plagiados, com sublimidades de ideia, orientação, e cadencia. Os versos da escola classica exotherika!

Uma linguagem propria, especial, muito difficil mesmo, cheia de palavras antigas, gregas, e pre-historicas, orthographia rara, e prosa arredondada. A prosa classica dos exotherikos!

Reuniões em attitude grave, com nomes guerreiros notabilissimos, varias vezes, muitas vezes, para troca de impressões de obras valiosas, suas, num cantinho que ficará celebre, historico. O cantinho dos exotherikos!

Aggregarão com a sua auctoridade, um conde para dirigir, um moço fidalgo para intervir, um secretario galante para dizer, escrever tambem, obras notaveis, a sua melhor obra, que ha-de apparecer. A melhor obra do secretario!

Terão um calendario muito original, com Cyclos, meias luas, luas inteiras, novas e cheias, e luas vazias. Serão as luas da escola classica dos exotherikos!

Escreverão umas actas desconhecidas, e ao fim de cada lua, cremos bem, virá á luz, para o *grande burro*, os seus immorredouros *Palimpsestos*, uns *Palimpsestos* tãmente muito immorredouros...!

Farão, farão, meu Deus, cousas imponentes... muitas cousas... varias cousas, todas, todas ellas realment muito imponentes...!

E tanta ingratidão! Logar aos exotherikos, pois! Curvamo-nos respectuosos, submissos, beijemo-lhes as mãos, e adoremos a exotherikrika.

Se é chegado o momento, salve! avante!

N.

TRIBUNA DOCTRINARIA

Os primeiros golpes

Descoberto o inimigo, dispostos os materiais, é tempo de tomar o camarello e encetar a demolição da *masmorra* onde a Verdade estiola agrihoadada durante seculos.

Poderia começar pela parte mais recondita, derruindo os pilares que sustentam todo o edificio da mentira; agrada-me muito mais, pelo respeito que merece a philosophia, não fazer obra por

pavorosas catastrophes passadas longe, n'outro tempo ou sobre outros céos. Um homem cahido a um poço na minha rua mais anciadamente me sobressalta que cem mineiros sepultados n'uma mina de Siberia: — e um carro esmagado a pata de um cão, em frente á nossa janella, é um caso infinitamente mais afflicto do que a heroica e adorável Joanna d'Arc queimada na praça de Rouen!

A distancia e o tempo fazem das mais grossas tragedias ligeiras noticias — onde nenhum espirito são, bem equilibrado, encontra motivo d'angustia ou pranto. Hoje certamente ninguém, a não ser algum velho e alto dignitario da Igreja ou do Estado, assistira, com os olhos secos e o coração quieto, ao supplicio de Joanna d'Arc: — mas nenhum physiologista garantiria a sanidade intellectual d'um sujeito que, na solidão da sua alcova, com as janellas cerradas, se desfizesse em lagrimas por os ingleses terem outr'ora suppliciado Joanna d'Arc.

No entanto, vós observareis, amigos, que já repetidamente chorastes (porque sois bons) com dôres humanas, não somente succedidas longe do vosso bairro, mas lóra do vosso seculo; e algum mesmo me mostrará, como emblema irrecusave-da confraternidade humana, o lenço seal tidamente humedecido na vespera ao escutar os aduses de Luiz XVI aos filhos na prisão do Templo, ou mesmo a antiga Ignez de Castro balbuciando as suas supplicas aos pés do antigo Affonso IV!

De certo! e mesmo já muitas vezes tereis suffocado generosos soluços com miserias e tormentos de creaturas que

onde se depreenda que condemno esta *in limine*, mas tirar a cupula para depois patentear nitidamente toda a subtil argucia que faz considerar como fundamentos inabalaveis aquillo que o não é senão pelo atordoamento que o complicado dos processos da sua textura produz sôbre a razão aleijada por uma educação adrede incultada.

Assim, em vez de resultar do meu esforço uma desconfiança exagerada, nômmente suscitarei no animo dos incautos a preocupação mais razoavel que deve agitar o espirito antes de aceitar os principios philosophicos.

A philosophia, como exercicio de razão que é, tem toda a legitimidade. O que importa indiscutivelmente é sondar cuidadosamente o terreno onde ella prepara os cavoucos para os proprios alcerces.

A Igreja Romana, num trabalho disciplinado de seculos, pelo cerebro de seus doutores, que os tem tido sabedores e argutissimos, estabeleceu a doutrina, tão logicamente deduzida, que, uma vez acceitos alguns principios manhosamente estabelecidos na prévia philosophia onde ella orienta a seu modo os espiritos sedentos de saber, logo se tem irresistivelmente de perflhar, quando não todos, pelo menos os mais importantes dos seus embustes.

Que os homens lhe deixem passar em julgado a sua decantada afirmação da contingencia do mundo que nos cêrcra, ella por sua vez se incumbirá de os levar a concluir a existencia duma causa que deu a origem a tudo o que existe: — ella demonstrará sem cancelas apreciaveis a existencia de Deus.

Apanhada a razão humana nesta rede, ficará perdida para sempre se um raio de luz não penetrar no cerebro para o compellar a elaborar os seus conceitos, refundindo tudo o que parece, pela força do habito, ser justamente verificavel.

Então facilissimo lhe é demonstrar os dotes ou predicados de Deus. Deus parecerá aos homens uma noção intuitiva, se os homens não tiverem enséu de voltar ao principio, analizando-o no seu absolutismo, no catheterico do seu enunciado.

Deus será desde então a origem unica de tudo, a fonte inexaurível de todas as leis.

E tudo isto deduzido em boa logica. Para outra vez isto será espelizado até á pulverização das suas conclusões.

A dogmatica é um corpo de doutrina sufficientemente harmónico: é um complexo de afirmações, bem aglutinadas, e tão bem que se nós poderemos destruir-lhe uma que fosse, abalada até ao âmago ficaria a Igreja.

Se existe a tal causa, Deus, e, como facilmente se demonstra, omnipotente e omnisciente o que constitue o escôpo da philosophia; e se certos homens testemuharam que desse Deus tiveram mandato especial para doutrinar o que elle, como infalível, quiz e corroboraram com factas miraculosas a sua missão entre os

só viveram no mundo aereo da Imaginação e do Sonho. Mas quando, onde foi que assim vos commoveste, tão humanamente? Quando? Onde? — No theatro, ou nas paginas d'um romance, ou mesmo através dos sinceros versos d'um poema, quando a arte, encarnando os seres dolorosos que concebeu, ou resuscitando com flagrante e magnifica realidade as figuras mortas da historia, torna durante um momento essas creaturas, não somente vossas contemporaneas, mas vossas vizinhas, moradoras no bairro em que moraes, respiradoras do ar que respiraes, e pertencentes portanto áquella porção de humanidade proxima e tangivel, cujas dôres se partilham porque confinam com as nossas... E depois, tal sujeito que choramigou, no fundo do seu camarote, assistindo á morte da *Dama das Camélias*, morta pela millessima vez, na sua alcova de lona e papelão — recolherá á casa e lerá no jornal, com absoluta indiferença, mastigando a torrada, que duzentas mulheres, com os filhinhos nos braços, morreram afogadas n'um naufragio, longe, nos mares da Indo Chinal — Sim, amigos, essas duzentas mães afogadas nas vagas indo-chinezas certamente vos serão estranhas, e como não-existentes! Se ellas tivessem naufragado nos mares dos Açôres, já sem duvida tão pathetica nova vos arrancaria algum vago murmúrio de sympathy. Mas se ellas houvessem pericido, ellas e os pobres filhinhos, na bahia do Rio de Janeiro, que incomparavel catastrophie — e como vós correriel pelas ruas pallidos e cheios de espanto!

Que digo eu? Para vos commover

demais homens, do que facilmente nos convence a *tradição* elaborando sôbre a nossa mente ateiçada por aquella philosophia, não repugna que entre as muitas cousas reveladas haja muitas incongruentes com o ambito finito de nossa intelligencia, finita, cousa que constitue o escôpo da dogmatica.

Depois esta ultima, e encostando-se *pari-passu* áquella philosophia e tradição, dispõe os seus materiaes, concatenando-os sistematicamente até que, de conclusão em conclusão, chega a demonstrar que Christo é na verdade Deus, que a sua religião é divina e que a Religião e Igreja Catholica é a unica verdadeiramente christã e por isso a unica verdadeiramente divina. — «Religio et Ecclesia catholica est unicavere christiana, atque ipso, unica vere divina».

Eis a razão porque eu disse que para atacar o preconceito é bastante derribar o Vaticano.

Eu, firmado nos principios da philosophia pela Igreja, e até expendido pelos seus santos, vou tomar ao acaso qualquer dos seus dogmas mais importantes e, sem entrar no âmago do misterio, que é o nexo existente entre os termos, que é o modo como se realiza a parte do dogma, eu vou pulverizar sem difficuldade, nem alardes, qualquer dogma sôbre que faça incidir a minha critica.

Se eu conseguir demonstrar por este processo, assás legitimo, a inconsistencia de qualquer dos seus dogmas, tal é a conexão destes, e tal a sua imprecdibilidade desde que foram definidos pelo magisterio authentico e infalível da Igreja, que todo o arcaiboço da Fé vacila e se esboroará irremediavelmente.

Consideremos por exemplo, a Eucharistia.

A Igreja definiva do seguinte modo: — «o sacramento de corpo e sangue de Christo sob as especies do pão e do vinho, para reiteição espiritual das almas».

Não se julgue que a Igreja o suppõe como um simbolo tão sómente. Não.

Para ella no Sacramento da Eucharistia está realmente presente Christo em corpo, alma e divindade.

Lá se lê no canon 1 da sess. XIII do Conc. Trid. — «Si quis negaverit...»

«Se algum negar que no Sacramento da Eucharistia se contém verdadeira, real e substancialmente corpo, sangue, alma e divindade de N. S. Jesus Christo, e por isso Christo todo, mas disser estar lá como signal, ou figura ou virtualmente — a maldicoado seja».

De forma que numa Hostia, sob as apparencias de pão, está na verdade a substancia de Christo completa em ambas as suas naturezas. Feita a consagração, *transubstancia-se* o pão em Christo! (Trid. sess. XIII-can. 2).

Ora em doutrina perflhada pela mesma Igreja, *substancia* é o ente que existe em si, sem carecer dum sujeito a que adhira. E o sustentaculo dos occidentes, das propriedades, é o principio de toda mudança, é o elemento dominante e predominantemente, ponte de toda a actividade.

As apparencias (*species*) são as manifestações da mesma substancia.

Eu poderia desde já discutir como seria que transubstanciando-se o pão no Christo permanciam as apparencias do pão: á nova substancia viriam corresponder novas manifestações, tanto mais que toda a difficuldade pode haver para Deus, seria operar a transubstanciação; mas as qualidades concomitantes da substancia!...

Mas premetti não me intrometer na essencia do dogma, e mantenho o que disse.

E' a natureza, fonte de toda verdade, incançavel em amestrar os homens, que se encarrega de desmascarar os farçantes.

Quando as Hostias são retidas tempo sufficiente toda a sua *substancia* entra em verdadeiras fermentações, cobrindo-se de bolores, e acabando por apodrecer!...

Então a substancia de Christo fermenta?!...

Este phenomeno não é invenção, minha, pois que o proprio Ritual Romano o prevê quando diz: — *Ne species consecratae corrumpantur, cibarium renovandum est frequenter*, «para que as especies consagradas se não corrompam deve-se renovar frequentemente a paxides».

Logo, onde fica a verdade da transubstanciação?!...

Mas para onde se precipita a infalibilidade da Igreja se ella nos apresenta uma cousa como verdadeira, se, na verdade, o não é?!...

E se a Igreja não é infalível como se pode ella inculcar como depositaria da verdade eterna?!...

Então não é ella a depositaria!

Quem é? Logo Christo não era Deus porque carecendo de deixar um magisterio authentico para ministrar a sua religião não conseguiu deixar uma Igreja que, sendo a verdadeira, tenha signaes sufficientes para a reconhecermos!...

Logo... a *débaçle* temerosa d'aquella aggrégiação que se jacta de que as portas do Inferno não prevalecerão contra ella!...

Lucifer

Consultorio Dentario

DE

MARIO MACHADO

Cirurgião Dentista pela Universidade e com pratica da especialidade em Paris

Praça 8 de Maio, 8 — COIMBRA

Tabella de preços

Consulta	500
Extracção de cada dente ou raiz	500
Extracção com anesthesia	15000
Obturação	15000
Aurificação	45000
Limpeza de dentes	15000
Dentes artificiaes	25000 e 45000
Dentes de pivôt.	85000
Corôas de ouro	125000
Tratamento de doenças da bocca e gengivas, por sessão	15000

Immensa desventura de Java. Java é tão remota, tão vaga no Mappa! Depois, mais perto, na Hungria, «um rio transbordara, destruindo villas, cearas, os homens e os gados...» Alguem murmurou, através de um languido bocejo: — «Que desgraça!» A delicada senhora continuava, sem curiosidade, muito calma, aureolada de ouro pela luz. Na [Belgica], numa greve desesperada de operarios que as tropas tinham atacado, houvera entre os mortos, quatro mulheres, duas creancinhas... Então, aqui e além, na aconchegada sala, vozes já mais interessadas exclamaram brandamente: — «Que horror!... Estas graves!... Pobre gentel...» De novo o bafo suave, vindo d'entre as rosas, nos envolveu, emquanto a nossa loura amiga percorria o jornal atulhado de males. E ella mesma então teve um *oh* de dorida surpresa. No sul da França, «junto á fronteira, um trem descarrilando causára tres mortes, onze ferimentos...» Uma curta emoção, já sentida, já sincera, passou através de nós com aquella desgraça quasi proxima, na fronteira da nossa penisula, n'um comboio que desce a Portugal, onde viajam portuguezes... Todos lamentamos, com expressões já vivas, estendidos nas poltronas, gozando a nossa segurança.

A leitora, tão cheia de graça, virou a pagina do jornal doloroso e procurava n'outra columna, com um sorriso que lhe voltara, claro e sereno... E, de repente, solta um grito, leva as mãos á cabeça: — Santo Deus!... Todos nos erguemos num sobresalto.

Immensa desventura de Java. Java é tão remota, tão vaga no Mappa! Depois, mais perto, na Hungria, «um rio transbordara, destruindo villas, cearas, os homens e os gados...» Alguem murmurou, através de um languido bocejo: — «Que desgraça!» A delicada senhora continuava, sem curiosidade, muito calma, aureolada de ouro pela luz. Na [Belgica], numa greve desesperada de operarios que as tropas tinham atacado, houvera entre os mortos, quatro mulheres, duas creancinhas... Então, aqui e além, na aconchegada sala, vozes já mais interessadas exclamaram brandamente: — «Que horror!... Estas graves!... Pobre gentel...» De novo o bafo suave, vindo d'entre as rosas, nos envolveu, emquanto a nossa loura amiga percorria o jornal atulhado de males. E ella mesma então teve um *oh* de dorida surpresa. No sul da França, «junto á fronteira, um trem descarrilando causára tres mortes, onze ferimentos...» Uma curta emoção, já sentida, já sincera, passou através de nós com aquella desgraça quasi proxima, na fronteira da nossa penisula, n'um comboio que desce a Portugal, onde viajam portuguezes... Todos lamentamos, com expressões já vivas, estendidos nas poltronas, gozando a nossa segurança.

A leitora, tão cheia de graça, virou a pagina do jornal doloroso e procurava n'outra columna, com um sorriso que lhe voltara, claro e sereno... E, de repente, solta um grito, leva as mãos á cabeça: — Santo Deus!... Todos nos erguemos num sobresalto.

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos orgãos genito urinarios do homem e da mulher e a

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justiça

Electrotherapia

Medieação electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 264

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

Consultorio Medico-Cirurgico

Doenças dos ouvidos, fossas nasaes e garganta

CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos.

ANALIZES: succo gastrico, lézes e urinas

MANUEL DIAS

MEDICOS ESPECIALISTAS

Com pratica nos hospitaes de Paris

Consultas, todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde

Rua Ferreira Borges, 5 — COIMBRA

Transporta 3:050\$470

O thesoureiro,

M. A. Rodrigues da Silca

E ella, no seu espanto e terror, balbuciando:

— Foi a Luiza Carneiro, da Bella-Vista... Esta manhã! Desmanchou um pé!

Então a sala inteira se alvorotou n'um tumulto de surpresa e desgosto.

As senhoras arremessaram á costura; os homens esqueceram charutos e poltronas; e todos se debruçavam, reliam a noticia no jornal amargo, se repastavam da dôr que ella exhalava!... A Luizinha Carneiro! Desmanchou um pé! Já um criado correa, furiosamente, para a Bella-Vista, buscar noticias, porque anciavamos. Sobre a mesa, aberto, batido da larga luz, o jornal parecia todo negro, com aquella noticia que o enchia todo, o ennegrecia.

Dous mil javanezes sepultados no terremoto, a Hungria inundada, soldados matando creanças, um comboio esmigalhado numa ponte, fomes, pestes e guerreas, tudo desaparecera — era sombra ligeira e remota. Mas o pé desmanchado da Luiza Carneiro esmagava os nossos corações... Puderá! Todos nós conheciamos a Luizinha — e ella morava adiante, no começo da Bella-Vista, n'aquella casa onde a grande mimosa se debruçava do muro dando á rua sombra e perfume.

(Das Cartas Familiares e Bilhetes de Paris).



AGUA DAS LOMBADAS

AGUA DAS PEDRAS SALGADAS

AGUA DE VIDAGO (Fonte Campilho)

AGUA DE VERRIN (Fonte Espido)

DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.^a

RÉTROZARIA DA MODA

Rua Ferreira Borges, 61, 63, 65, 67

COIMBRA

Telephone n.º 210

Neste bem montado estabelecimento encontram-se as mais recentes novidades em chapéus confeccionados para senhora e creanças, veludos de seda e algodão, luvas, cintos d'elastico, espartilhos, bordados, rendas e todos os artigos de retrozeiro;

Preços excepcionalmente baratos

Dão-se as senhas do «Bonus Coimbricense»

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.
Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalisados.
Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de folhado.
Galantines diversas. Tête d'Achar. Paté de Lievier e Foie.
Saneisses Pad'ngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
Pão de ló, pelo systema de Margaride.
Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.
Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empresa Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria. Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobílias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — COIMBRA

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de verem a veracidade do que afirmamos.



Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanellas d'algodão, metro	65
Ditas, côr lisa, muito largas, metro	120
Côrtes de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	50
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armaes d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor a 500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 1\$500 réis, a	550

Em um sem numero de artigos que não á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc. Brindes! — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciar artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

TABACARIA CENTRAL

DE Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29 — Coimbra

Telephone n.º 276

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados, bilhetes de visita.

Barbearia Universal

157 — RUA FERREIRA BORGES — 157

COIMBRA

Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabeleireiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba
Perfumarias — das mais acreditadas fabricas allemãs e francezas.

Pós e pasta dentrificas.

Fscovas para dentes, cabelo e fato.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasões e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

N'este estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante colleção de relógios de todos os systemas e auctores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relógios proprios para mesa, parede e morés. Ha espartadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e ouro. Concertam-se relógios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

ARMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedades de luxo.

Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — RUA FERREIRA BORGES — 148

COIMBRA

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. Tintas, oleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o pais, tem sempre calçado feito da melhor polia laria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODO

Telephone n.º 114

Processo novo . . .

Os acontecimentos de Alijó tem uma alta significação. Elles constituem um profundo ensinamento para o povo e, para todos aquelles que, por ingenuidade ou commo-dismo, preconizam, como meio de transformar a sociedade portugueza, a lenta e longa acção educativa e doutrinar, exercida a dentro do regimen, em ordem a conseguir, após uma lentissima evolução, o apparecimento necessario, sem perturbações, nem crises, do regimen democratico.

Senão vejamos.
Uma região inteira, vastissima, outrora uma das mais ricas do paiz, vem atravessando, de ha annos, uma pavorosa crise economica — derivada da falta de collocação dos seus vinhos generosos, a quasi exclusiva produção dos seus terrenos. E' a miseria, a fome, com todo o seu cortejo d'horrores. Tão tremenda é a crise, que o Estado sempre ganancioso e rapace, não exige, porque não pode, contribuições d' especie alguma a esses povos, ha já para mais de quatro annos. Mas nem por isso a situação se soluciona. Mal antigo, derivado de mil causas, não são remedios d' occasião que o attenuam, sem que perigues gravemente a justiça e o senso-commum com pretensas soluções adrede forçadas para remediar o mal duma região á custa dos direitos, não menos respeitaveis das outras. Porque, se hoje o mal é apremiante no Norte e lá mais se faz sentir, por virtude da natureza especialissima dos seus terrenos, amanhã, — não tenham duvida! — a miseria do fazendeiro, do trabalhador, do pequeno rendeiro e do pequeno proprietario do Sul, já hoje accentuando-se medonhamente, levará esses povos, por igual, a crises de desespero não menos temerosas e de modo algum, menos justificadas.

A obra sabia, maduramente pensada, honestamente levada a effeito, na previsão destas e doutras calamidades, a legislação agricola geral, baseada no profundo estudo e no profundo interesse que, aos governos dum paiz como o nosso, a agricultura deveria ter merecido, não tem sido — e já agora não será! — apanagio e honra dos successivos governos da monarchia. Qual o governo, por exemplo, que seria capaz, de reformar o cadastro da propriedade territorial e a correlativa legislação tributaria, sobre as bases, da natureza agronomica da productividade e da cultura dos terrenos, transformando o regimen latifundiario do Alentejo e da Extremadura, augmentando em milhares de contos a riqueza publica, apresentando a economia nacional pelo parcelamento da propriedade e o desenvolvimento da cultura intensiva, dando origem ao apparecimento de novos ramos, fertilissimos e inexplorados, da industria agricola?

Nenhum governo, nenhum governo do regimen, que todos elles

vivem á sombra dos interesses inconfessaveis que protegem, e com os quaes não poderão romper com perigo de lhes faltar mais uma escôra das Instituições periclitantes! A Companhia das Lezírias, o snr. José Maria dos Santos e tantos outros potentados, impedem toda a obra que lhes bula nos seus interesses e têm, por isso, estes e outros, um medo temeroso, um formidavel medo da Republica!

E é isto, esta miseria, — a estupidéz suina, o egoismo infamissimo e sordido duma minoria, — o que sustenta e ampara o regimen!

Mas não era esta a ideia inicial d'estas considerações e por isso vamos arripiar caminho e voltar aos acontecimentos d'Alijó.

E' o caso que, os povos da região duriense, anciavam desde mezes, pelo regulamento do decreto dos vinhos, sem a publicação do qual os beneficios resultantes de tal decreto absolutamente nulos se tornavam. Reclamaram, pediram, instaram, supplicaram e . . . o regulamento não apparecia. Ao ministro X que, supponhamos, tinha *baga de sabugueiro* para tratar o seu vinho, convinha primeiro fazer essa operação, meter na algibera uns contos de reis e só então publicar o regulamento.

O conselheiro V, protector desvelado da região, ia feito no jogo, ou tinha quaesquer outros motivos para se não mexer e o regulamento não apparecia. Ora a fome apertava . . .

Muito serenamente, uma noite, as repartições do concelho ardiam, em Alijó! . . . Era um aviso, e que aviso!

Depois iriam outras, era certo . . . As pontes dos caminhos de ferro pelos ares, as comunicações cortadas, a guerra de guerrilha, entre penhascos, a dynamite e a bala . . .

Tropas, era perigoso tira-l'as das cidades e, uma vez o rastilho acceso, em pouco tempo, estamos nós e estam elles certos d'isso, o paiz era fogueira . . . Diabo! O conselheiro, protector da região, ameaçou solemnemente os seus servos de lhes retirar o paternal amparo . . . Qual! Bem se importavam elles com o conselheiro que lhe censurava «os actos de vandalismo!» . . .

O decreto já foi publicado, tres dias depois. Não entra em vigor, por enquanto, mas se os povos *apertarem* mais, um pouco, o X não perderá a sua *baga* e . . . põem-n'o em vigor mais cedo.

Que me dizem ao novo processo de espertar os ouvidos aos poderes publicos?
Ou vamos antes á obra democratica dentro do regimen, ó salsa?

EXPEDIENTE

Avisamos os nossos assignantes da provincia de que vamos enviar para o correio os recibos do primeiro trimestre.

PRO ITALIA

Subscrição

A redacção d'A Revolta	5\$000
Anonimo	1\$500
N	500
Z. G.	500
T.	600

Dr. José Falcão

Passou no dia 14 o anniversario de José Falcão.

Republicano intransigente, alma pura, caracter de tão rija tempera que soube resistir ao peso das insignias doutoraes, a sua figura ha-de sempre ser lembrada com saudade por todos os que trabalharam pelo resurgimento da patria que elle tanto amou.

Curvemo-nos perante a sua grandeza e procuremos seguir-lhe os grandes exemplos, prestando assim a melhor homenagem á sua memoria.

COISAS & COISOS

Exoterikos

Vem esta palavra do grego, e significa: exote — *associação*, rikos — *de zeros*.

Vemos portanto que Exoterikos significa etymologicamente *associação de zeros*.

Achei extravagante o titulo, e por isso dei-me ao trabalho de reflectir na significação social d'uma agremiação tão suggestivamente intitulada. Sim, porque uma *associação de zeros*, á luz do seculo XX era um phenomeno de retrocesso tão intenso que obrigava a um novo encontro com o pae Adão. Comecei então as minhas reflexões. Os *exoterikos* são homens (dize-se) — sendo homens temem o valor social de zero — qual será o valor social d'um *homem zero*? Aqui, confesso, tive de suar as estopinas porque se avolumou a gravidade do caso. Era indispensavel, fazer primeiro a sua classificação zoologica. A zoologia, porem, não dava fé de semelhante coisa. Existia uma especie de vertebrado — o *gorilla* — com uma anatomia proxima do homem e uma rudimentar intelligencia. A rudimentar intelligencia era o bastante para expulsar d'aquella especie o *homem zero*.

Primeira conclusão: zoologicamente era desconhecido o *homem-zero*. Recorri á observação e fui-me ao seu encontro. Encontrei-o á porta do França Amado!! Oh panico dos panicos! — o *homem-zero* vestia capa e batina! era estudante da Universidade! fazia versos!

Já o não larguei. Vi-o subir a alta e entrar n'uma casa apalçada.

Era alli a *associação* por força, ora, porque d'ahi a pouco entravam outros *zeros* que eu já conhecia como taes.

Attrevi-me a subir.

Ninguem se oppoz á minha entrada, e consegni assistir a uma *sessão exoterika* escondido detraz d'um reposteiro de damasco. Era interessante, *agulllo*. Sempre que chegava um *zero*, todos á uma, de pé, curvavam-se na espinha. Havia-os de capa e á futrica, de batina e sobrecasaca, moços e velhos. De repente, um *zero* pequenino e *sybillante*, assomou á porta annunciando o presidente. Era o *zero-mór*. Tudo se levantou, e no mais tetrico silencio, surgiu á porta principal, amavel e cortex, o *grand'homme* do gémio. Era um esplendido *zero*, o presidente!

Um *zero* gordo, bem tratado, com maneiras distinctas e ares de abundancia, que até parecia o *zero* d'um numero da *sorte grande*. Ao vel-o, o *secretario* lançou-se de joelhos a beijar-lhe a mão coalhada de brilhantes, sendo imitado pelos outros *zeros* n'esta *tocante* cerimonia. Mestre! — exclamaram todos, de mãos postas e olhos no estuque — Mestre! e o presidente com o polegar entre os labios rosados dizia n'uma meiguice encantadora — filhos!

CELEBRES . . . DE BORLA



SOLAU

Até que emfim vou *ser gente*,
Vou ver mundos, viajar! . . .
Já me sinto mais crescido!
Aqui não passo dum lente!
Agora vou namorar,
Ser um *pandego* e voltar
Com um casaco comprido! . . .

Ai! grisettes e cocottes,
Como eu irei reclinar
A minha fronte cansada
Nas rendas desses decotes!
Isto é que vai ser gosar!
Hei-de rir, hei-de dansar,
E apanhar uma *taxada*.

Não fui ministro, nem par,
Nem sequer fui deputado!
Estou zangado, resentido!
Estou farto de os aturar,
Hei-de, de vez, acabar
De ser *thalassa* encravado,
E ser *pinoca* encardido.

Isto por cá não dá nada.
Estou cansado! Nada quero
Nem das Gomes, nem das Soizas!
Já levo a minha figada
De perguntar á Otero,
Quando ella danse o *bolero*:
«Olhe lá, diga-me coizas!»

Dr. Watson.

Sentaram-se. Eu ardia de curiosidade detraz do reposteiro.

Um *zero*, ergue-se para fallar. Tinha uma cara de caixairo de pastellaria a offerecer barriquinhas de ovos moles, e umas maneiras de quem já tinha feito *crochet*.

Começou assim o seu discurso — ás 7 pontuadas da lua mórbida dava o *peitor* de Neptuno oito horas e picos.

Neste meridiano, vinte *exoterikos* cla-

mo para a expositura do meu texto. Ar-rancae.

Quería ser como a sardinha,
Viver no fundo do mar.
Ai! que grande pena a minha!
Hei-de aprender a nadar.

— Sentou-se. O Presidente inquiriu: — qual o *exoteriko* que se audacia ao retortimento? — *Eu-teriko*, balbuciou o secretario.

Levantou-se e disse — remembro ao exoteriko terminada, que os versiculos verta nas publicas kamadas. Franca Amado paga.

Consultados os zeros todos bramaram á uma — kim aklamamos. — O presidente delirava com o successo do grupo, e ia a retomar a palavra, quando a zero pequeno e sybillante, levantando um braço e apontando para o tecto gritou com força — Zenhor Inzoteriko dá licença que eu vá lá dentgo? — A assemblêa consultada respondeu unisona — kim, aklamamos — e o zerosito debandou. Eu não podia mais com tudo aquillo. Já tinha achado a significação social dos Exoterikos. Deixei-os.

Entrei na cocheira do Ventura para alugar um carro, e enquanto engatavam, pensava n'esses interessantes homens-zeros, e notava, com tristeza, duas piléas mágras desengonçadas que tendo trabalhado todo o dia não tinham sequer duas favas na mangedoura.

Indignei-me. O contraste era brutal. E quando ao fechar a portinhola da carruagem o cocheiro perguntava — para onde vamos? — eu respondia afflictivamente — para bem longe dos Exoterikos!!!

x.

Um noviço...

«Entrou para a Companhia de Jesus o seu gundanista de Direito Manuel Peres...»

Para quem o conheceu, o facto estava previsto.

O Peres deixára-se, por tal modo influenciar pelas tetricas descrições do Inferno nos exercícios espirituaes de Campolide, que só o estado perfeito de pobreza, de obediencia e castidade poderia dar consolo ao seu espirito e refrigerio ás queimaduras, com que as sulfurosas chamas poderiam um dia mimosear-lo.

O Peres devia ser jesuita!

Pessoalmente não o lamento, satisfiz um instinto: fugiu ao brazeiro. Creança, quantas vezes o não vi disposto a desabastar tiradas metafísicas de Boiava para me provar a existencia... de Deus.

Foi mesmo durante um tempo a sua preocupação constante: convertêr-me. É elle que ao principio fugia de me encontrar, receioso de me apertar a mão que devia ter nervosismos d'ateu, começou então a topar-me nos Geraes, pelas ruas, num intervalo de catequese (o Peres catequisava!), tendo sempre uma palavra d'unção, seguida duma jaculatoria em surdina, pedindo, rogando, implorando a salvação da minha alma.

Era bem d'ele o reino dos ceus! Nunca o deplorei. Devia sêr um bemaventurado.

O Peres...

Ultimamente disciplinava-se, dizem-me. Dormia com cardos entre os lençoes. Nunca tocou de leve uma mulher — o demonio da carne — resava o terço, distribuia benti-nhos pelas creanças, que doutrina-va... e dormia o sono dos justos! Foi para o Barro, o Peres!

O pai tem alguma fortuna e a Companhia, a Ordem, tem o voto de pobreza.

Realizou o jesuita um principio de metafísica: do nada tudo tirá, com o nada tudo tem...

A esta hora, no Barro, o Peres esforça-se por comprar-me um lugar, batendo ao guichel de S. Pedro.

Tem escrúpulos, arrepende-se do pouco que comigo conviveu, ideias contraditorias o agitam e o seu director espiritual aproveita e aturmenta todas as ideias e todos os escrúpulos para ir, pouco a pouco, lançando o grande alicerce sobre que ha de assentar a rocha firme da Obediencia Céga.

E o Peres, que está no Barro, é já barro macio, facilmente moldavel.

Se elle me lesse, teria medo, resaria muito. Eu seria o demonio do mundo, entrando na sua céla, não com a lanterna-mágica de todas as vaidades terrenas, para seduzi-lo, mas com o falso dó duma amizade perigosa, triste e perturbadora.

E o Peres á noite, tiritando entre as palhas da enxerga, teria pezadêlos.

Mas eu descanso, tranquilo, não me lerá o Peres e irá pedindo a S. Pedro um bilhete de claque para eu ir ao espectáculo das Onze mil Virgens, com que ele sonha, e em que desempenhará um papel modesto, de comparsa.

O que ha de vir a ser o Peres?!...

O seu futuro? D'ele não cuida, que as avezinhas do ceu nunca enceliraram e os seus irmãos, avestias da terra, por elle iram cuidando com solicitude e com carinho.

Do nada tudo se tira, com o nada tudo se tem!

O Peres... Depois um anjo virá estender as azas brancas, num aconchegar d'arminhos, e em cheiro de santidade se finirá o Peres

Com as suas azas brancas, Azas que um anjo the deu...

Depois... Bemaventurados os Peres por que d'elles é o reino dos ceus!...

Pestana Junior

Factos e Commentarios

Ainda cá está...

Ora quem ha-de ser? E' claro que se trata do nosso Sherlock.

Está e opéra. Desta vez o seu olho terrível tobri-gou um cão brincando com um garoto e zás...

Toca a operar e a multar o dono do bicho.

Como a operação era de pequena cirurgia não chegou a ser preciso o apito do 22.

Alegremo-nos, pois, e façamos votos para que Sherlock fique.

Que ha-de ser de nós sem estes pratinhos?

Decididamente morreremos de tedio.

Zumulos

O Rev. Padre José Lourenço sobre a Igreja:

«Consideram-a um cadaver semi-apodrecido, no meio da indiferença universal, e cada dia ella evidencia mais e melhor os prodigios da sua universalidade, alastrando a sua influencia prestigiosa até aos campos secularmente inimigos.»

Prodigios!? Ah, sim.

Agora mesmo nos lembra d'aquelles bons monges que em Jerusalem, ahí pela Edad Media, expunham um dia á adoração dos fieis, um dedo... do Espirito Santo!

O Espirito Santo, conhecem-no? O maganão que pegou aquella partida ao pobre S. José...

Exoterikismo

Dizem-nos que um dos prophetas, ou coisa que o valha, dos exoterikos é o sr. Eugenio de Castro.

Não acreditamos. A não ser que por uma fatalidade o grande poeta tenha perdido as suas bellas qualidades de talento que muito admiramos.

Ou então anda a desfructa los. D'outra forma não se comprehende a sua ligação ao grupo.

Fozemos-lhe essa justiça.

Zondecoração

Um alto funcionario d'este districto foi agraciado com qualquer coisa do Dragão annamita.

Não haverá qualquer ordem do Pavão?

Para S. Ex.ª parecia-nos melhor.

P'as profundas

Diz o P.º José Lourenço:

«Que admira que os endinheirados queiram garantia para o seu dinheiro, se a maldita politica republicana tem lançado o paiz na agitação, não sabendo ninguém o que nos espera amanhã.»

Como elle torce o bico ao prego. o maroto!

Isso não se faz, Padre!

Ha lá pela Igreja um Inferno, ou não sei que, para os meninos maus e para os... reverendissimos marotos, pois não ha?

Sabes, Padre, vaees direitinho para o Inferno.

Salva a tua alma sacerdote!

Mais um

Alem do segundalista de Direito Manuel Peres entrou para o noviciado jesuitico do Barro o dr. Mendes Lages.

Com 60 annos aproximados o Dr. Lages viu que a vida profana já não poderia ter para si encantos nem gozos.

Vai á procura das uris da mansão celestial, que as da corte com aquella idade já não o suportariam.

Sessenta!

Ainda se fossem mais alguns...

Elogio fúnebre

O Sr. Padre Senna Freitas psychol. elogiando João Franco:

«A bronzea tenacidade do ex-presidente do conselho em sustentar as redeas do poder, apesar de tanta opposição que se desencadeava contra elle do seio de todos os partidos e da fauce de todos os préllos politicos...»

Bronzea, bronzea...? O bronze, monsenhor, ainda é caro e nós somos um paiz pobre.

Ponha-lhe estanho, estanho.

— A estanhada tenacidade do ex-presidente do conselho...

Vê, agora assim, sim!

A melhor obra

O sr. Gayo vae, diz-se, publicar a sua melhor obra.

Não sabemos a qual dos ramos da sua actividade pertencerá a dita obra.

Será do poeta?

Será do mestre de ceremonias?

Deve ser deste ultimo, talvez a codificação do ceremonial academico a que se refere o artigo 73.º da Reforma da Universidade.

O ceremonial é o seu forte.

Boato

Correu e com insistencia. Commentou-se por vezes com agrado, e boa fé.

O Janeiro o disse. Era elle.

Mas... O Janeiro gracioso!

Elle, republicano, elle, que fóra sempre o fiel marechal, o marechal pequenito do saudoso chefe, que voltará um dia.

A Republica!... Ah, sim, invejou-a em tempos, mas... suppunha ser uma mulher... e as mulheres, para elle...!

Eram o seu forte.

Pelo Instituto

Na ultima reunião do Instituto de Coimbra o seu illustre presidente, lembrou o quanto de prestigio e auctoridade adviria para aquella coetividade em honrar a memoria de Rosalino Candido de Sampaio e Brito nomeando-o socio postumo e seu correspondente no Pais da luz.

Ainda bem que se faz justiça aos mortos.

A «Euz»

Iniciou a sua publicação nesta cidade este collega que se propõe defender e pugnar pela educação e desenvolvimento intellectual da mocidade portugueza. Sinceramente o felicitamos pelo seu louvavel empreendimento, desejando-lhe muitas prosperidades e longa vida.

De passagem

— Que lhe parece, conde, então teremos tambem por cá o nosso terremoto?

— Eu sei! Mas a termos, Deus o traga de madrugada. Ao menos acordamos já mortos.

A Escola e o Futuro

De volta do estrangeiro onde foi pelo governo enviado em missão de estudo, acaba João de Barros de publicar um livro de todos os titulos interessante, cheio de ideias renovadas, sãs e fortes, coisa bem rara em livros portuguezes.

Na crise afflictiva de improproductividade em que abafamos, de vacuidade e banalidade sórna, é sempre consolador um livro como o de João de Barros.

Teve a felicidade de ver de perto esse formidavel movimento de renovação porque está passando a escola moderna. Só, porém, um temperamento observador e predisposto como o de João de Barros poderia aguentar o choque tremendo do contraste entre o que por lá lóra viu e o que por cá temos, e vir em seguida transmitir-nos, bem vividas, maravilhosamente observadas, as suas impressões edificantes, tão nitidas e verdadeiras.

Numa delicadeza de artista, junta a uma observação minuciosa de critico, expõe-nos João de Barros o seu assumpto numa prosa viciosa de vivesa e tressura, a cada passo com um commentario leve e gracioso como uma pincelada de arte...

Oxalá João de Barros, que á instrução consagra toda a sua dedicada boa vontade, consiga no indifferntismo desolador que nos cerca, toda a attenção que o seu livro merece, e oxalá o portuguezinho valente, dorminhoco e patusco, nesta molleza em que se subverte, veja neste livro um emprehendimento valioso e o medite, porque reacções saltares de rejuvenescimento benefico e fecundo pelo problema fundamental da educação, só com livros como este se podem suscitar.

E, sem formalismos, um abraço a João de Barros pela sua offerta.

TRIBUNA DOCTRINARIA

Mais uma brecha

Com pesar meu, no ultimo numero, me foi forçoso demonstrar a corruptibilidade da substancia divina quando disfarçada sob as especies eucharisticas, porque, se é verdade eu por esse facto não ter incorrido nos odios do Velho Padre Eterno, porquanto antes de mim os seus sacerdotes o haviam previsto — «ne corruptantur especies consecratae...», todavia eu estimaria, para cheque tremendo na vaidade humana, poder mostrar aos homens algumas toneladas de substancia divina.

Sim; algumas toneladas de substancia divina em perfeito estado de conservação! — Para o conseguir não mais se exigia do que um padre se lembrasse de consagrar o pão fabricado com algumas toneladas de farinha e agua.

Era, na verdade, uma bella invenção. Os fieis commungavam, não uma pequena rodela, mas em porção bastante para prover ás necessidades physiologicas do seu organismo, ao mesmo tempo, claro está, que satisfiziam ás suas necessidades espirituaes.

Supponham um mortal alimentado exclusivamente a substancia dividida!... No fim de pouco tempo toda a sua substancia mortal estaria, pela assimilação da substancia divina, transubstanciada nesta!...

E' de tal ordem o disparate, tão evidente a ratice dos farçantes ou dos nesicos que não merece mais considerações.

Outro dogma, pois, para o laboratorio da analyse. Conta a Biblia, perfilha-o e defende-o a Igreja que Deus, depois de ter creado a terra, os ceus, as plantas e os animaes, depois de ter creado e congregado tudo o que era indispensavel para fazer uma vivenda adoravel, creára o homem, parece que para me arrelhar e compensar-se da falta de subditos que a minha rebelião havia produzido.

Lá se diz que Deus creára o homem no estado de innocencia e de graça; que nesse estado o homem não era sujeito ás dores nem á morte: era-lhe reservada tambem uma eternidade, pelo menos enquanto a um dos extremos da duração, se os philosophos me permittem a phrase. Como, porem, dera ao Homem o livre-arbitrio e collocára no Paraizo a arvore da sciencia, aquelle, aconselhado por mim, trocára a fastidiosa vida de facilidades do Eden pelas conquistas que o seu espirito brillantissimo poderia vir a conseguir num esforço ingente através das edades.

Por essa desobediencia Adão e Eva, e por elles todos os descendentes, ficaram privados do estado de graça e dos

beneficios que pela Carta Constitucional do Velho Padre fluíam desse estado.

Assim, o trabalho, a miseria, a dôr e a morte ficaram sendo o triste apanágio do genero humano.

Não lhes tivesse sido retirado o excelso dom e os homens não padeceriam, não morreriam!...

Pois muito bem; passados 400 annos o Filho de Deus, tão deus como seu pae, amerceia-se dos miseros mortaes e vem, humildemente, disfarçadamente ensinar aos homens a Verdade Eterna e deixa trucidar-se para, por intercessão dos seus meritos infinitos solver a culpa finita dos prevaricadores do Paraizo, deixando um sacramento, o Baptismo, que ministrado aos homens reporia estes, lavando-os da macula original, no pristino estado de graça — «Baptisma est sacramentum regenerationis per aquam in verbo» (Catech. Rom.) — «Baptismo é o sacramento de regeneração por meio da agua e invocação de palavras». Estas palavras são: em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo....

Os efeitos de tal sacramento são evidentes da definição: para que não fique porém duvidas do espirito dos profanos eu cito as palavras da Igreja O Conc. Trid. na sua sess. V., tratando do peccado original, diz que um dos efectos do Baptismo é a remissão do peccado original e dos peccados actuaes, se alguns houver, pela infusão da graça santificante».

Mas, então, srs. catholicos, desapparecendo a causa, não cessam os efectos?!...

Se o baptisado fica isento do peccado original, e se foi a inoculação deste virus que occasionou as dôres, a necessidade do trabalho e a morte, aos homens, porque não ficam actualmente os baptisados, pela infusão de tal graça, tambem nas condições de felicidade anterior á grave falta dos protoparentes?!...

Eu não acho explicação alguma, senão uma destas: ou Christo não era verdadeiramente Deus, ou sendo-o nos lúdiu ou a graça do sacramento do Baptismo se tem desvanecido como os culturas vacinogenicas... Demais seria bastante bastizar os paes para os lavar do peccado original, interceptando assim a cadeia de hereditariedade na culpa.

Pois não lhes parece que lavado num casal o tal peccado, transmissivel como a siphilis, e lavado eficazmente pela tal graça santificante, não mais ha que cuidar na descendencia desse casal sobre tal assunto?!... Ou o Velho Padre é tão pertinaz na maldade, que junto de cada recém-baptisada planta logo a sua nelasta arvore do bem e do mal para o tentar, acabando todos por cair attrahidos pela golozeima dos optimos e saborosos frutos?! Só aos cegos d'esprito não é evidente tão desastrosa doutrina cheia de infantis trapalhices!...

O Brazil moderno

Como o titulo acima indica, é nosso intuito formular uma serie de artigos cujo objectivo seja encantar a florescente Republica Brasileira nas suas diversas manifestações, analysando para isso a sua situação economica, observando o seu movimento commercial, industrial e agricola, estudando o problema da instrução professional, scientifica e civica, de forma a podermos evidenciar tanto quanto seja possivel, sempre dentro dos limites da verdade, o desenvolvimento crescente e o progresso constante d'esse grandioso paiz, depois que foi alli implantada a Republica.

Não falta por ahí quem, não tendo a mais ligeira noção das condições em que o Brazil se encontra, leve a sua audacia a ponto de contestar dum modo categorico e absoluto a existencia de tal desenvolvimento, procurando alem d'isso ridicularisar os seus costumes e amesquinhar os seus emprehendimentos, dando assim a prova mais concludente duma supina ignorancia, que só o nós portuguezes rebaixa e avilta.

Entretanto como teremos occasião de demonstrar, tarefa que aliás não nos será difficil, o Brazil, devido a successivas administrações sérias, honestas e patrioticas, orientadas por sãos criterios, tem evoluído n'estes ultimos dezenove annos, por uma forma verdadeiramente assombrosa, transformando radicalmente a sua capital, de sorte a tornar-a uma das mais bellas e salubres cidades do mundo, diffundindo e espalhando por toda a parte a instrução, inoculando profundamente no espirito das novas ge-

rações a noção d'um civismo, que torna cada cidade um verdadeiro patriota, applicando as suas receitas em riquissimas fontes de produção, desenvolvendo em fim sob todos os pontos de vista e sob todos os aspectos uma admirável actividade que, n'um futuro proximo levará esse paiz a collocar-se a par das nações que se impõem pelo grau adiantado de civilização.

E' preciso acabar de vez com essa lenda estúpida que ainda por ahí corre na boca de creaturas ridiculas e cretinas, de que o brasileiro é indolente e fútil, de que o seu paiz nada seria se não fóra o elemento portuguez e quejandas asneiras que, alem de traduzirem bem a imbecilidade de quem as profere, representam um insulto grosseiro e uma clamorosa injustiça feita aos filhos d'esse paiz.

Indolentes incontestavelmente a maioria dos portuguezes, que tudo deixa para-amanhã—quer o problema que se lhe autolhe seja o futuro da patria, quer seja o mais comensinho dever.

Entrave sério ao maximo desenvolvimento d'esse paiz é, na maioria dos casos, ainda o elemento portuguez que lá reside.

Salvo honrosas excepções, que se oppõem ao espirito rotineiro, a colonia portuguez é ali constituída por individuos quasi todos analfabetos, reaccionarios dotados dum conservantismo perigoso, aferrados ás tradições, submettidos á vontade dirigente de meia duzia de commendadores e conselheiros de pechisbeque, chejos de medalhas e saturados de sebo, que nenhum trabalho intellectual produzem, sempre adversos á idea de liberdade e de progresso, tendo como preocupação unica — o negocio — em cujo exercicio os seus proprios sentimentos affectivos se embotam, e em cujo desempenho longe de seguirem os processos nacional, francez, inglez, allemão ou norte americano, continnam o antigo methodo usado ainda nas suas aldeas, em que o preço do genero varia conforme o aspecto do freguez.

Alem d'estes defeitos, que os collocam n'uma posição muito secundaria, têm ainda, na generalidade, a pessima qualidade de, lá mesmo ou quando regressam ao berço natal, maldizerem sempre o paiz hospitaleiro onde foram recebidos e tratados como irmãos, e onde, quasi sempre, encontraram generosa recompensa do seu trabalho material, permitindo-lhes um conforto que, em identicas circumstancias, jamais logriariam na sua patria, iulezmente madrasta para elles, na maioria dos casos.

O proprio patriotismo que elles lá apregoam, e com que procuram salientar a sua superioridade, torna-se simplesmente irrisorio quando tem de ser posto á prova. Exemplo frisante e característico d'esta affirmativa, concretisa-se na rées oferta do casco da canhoneira Patria (o armamento foi dado pelo governo portuguez) em virtude duma grande subs-

cripção aberta n'um momento em que Portugal reclamava um impulso generoso de seus filhos, e que apesar d'isso, produziu uma somma relativamente insignificante, embora em todo o Brazil haja dois milhões de portuguezes, e dentre elles muitas creaturas que possuem fortunas respeitaveis.

De resto, o seu patriotismo manifesta-se em obulos para instituções de beneficencia com o fim egoista e parvo de obterem immediatamente uma commenda, ou revela-se em mensagens thalassicas, que á força de produzirem o riso, chegam a causar nauseas.

Collocadas pois assim as coisas nos seus verdadeiros logares, trataremos no proximo numero da situação economico-financieira d'este uberrimo paiz, que está atrahindo a attenção de todo o mundo civilisado e determinando o estudo attento e palavras de admiração e encomio de vultos como Doumer e Ferri.

ENSAIOS DE CRITICA

A companhia lyrica Alemã

Corre em Lisboa com muita insistencia o boato de que a companhia allemã que havia de executar naquella cidade a Trilogia com prologo de Richard Wagner—Der Ring des Nibelungen— não virá.

A empresa do theatro de S. Carlos ia conseguir com um arrojio e trabalho admiraveis um verdadeiro triumpho apresentando o melhor espectaculo que seres humanos podem ver.

Melhor pelo poema que equivale as obras primas, melhor pela musica que a todas sobreleva.

A empresa, portanto, merecia todos os applausos por este arrojio; já em tempo o dissemos e de bom grado o repetimos.

Toda a gente d'isto se convenceu; todos applaudiram por reconhecerem o que acima dissemos da Trilogia; o entusiasmo foi grande e tudo falava neste espectaculo, verdadeiramente, um acontecimento musical.

Mas, parece, a companhia allemã não vem por falta de assignaturas o que impossibilita a empresa de occorrer ás grandes despesas que uma representação desta ordem acarretaria.

Aqui está afinal como á publico de S. Carlos correspondeu a iniciativa brilhante da empresa— retrahindo-se. E de duas uma—ou os assignantes acharam os preços muito muito elevados—ou não gostam da musica de Wagner.

Quanto aos preços que parecem na verdade avultados, não o são realmente porque se trata de pôr em scena uma obra como a Trilogia que é duma execução complicada, demandando sommas enormes e trabalhos consideraveis. Mas se os preços são o duplo ou mais do vul-

gar não será tambem verdade que Wagner vale immensamente mais que Puccini ou Mascagni e outros a cujas obras os habitues de S. Carlos concorrem sempre com um afan deamedido?

Mas deve ser esta a razão da abstenção do publico porque não podemos de modo algum convencer-nos de que não apreciem sobre todas e como merece a musica inegalavel de Wagner.

A arte de Wagner, resplandecente, sublime, apparece aos olhos da maioria cercada pela bruma de «difficuldades insuperaveis» de «complicações temives». Mas não; a musica do Mestre é clara e é grande; ainda ha pouco tempo nós procurámos desfazer a lenda que em volta della no nosso paiz, quasi de incultos, se formára.

Por que é drama musical a musica tem um entreccho que acompanha (e com que admiravel precisão!) o do poema.

Demais a expressão em musica faz-se por imagens que não é preciso serem completamente perfectas; basta que se sinta uma relação de semelhança entre a lingua em que o autor nos falla e o assumpto que se trata para que a nossa imaginação collaborando com a sua comeece docilmente a trabalhar e reconstrua, inteiro, o pensamento do musico.

Quem melhor que Wagner, em musica de theatro, soube ou sabe fazer imagens mais evidentes?

Mas não queremos insistir sobre a superioridade da obra de Wagner; afigura-se-nos que isso, feito por nós que muito lhe queremos mas não podemos elogia-la condignamente, seria um crime de lesa-arte.

Diremos apenas que esta superioridade deveria ser nitidamente comprehendida pelos frequentadores do S. Carlos que de ha muito se habituaram a ouvir e a sentir.

Se habituaram ou se deviam ter habituados.

Ou então, será verdade (esta abstenção é o que faz suspeitar) que a S. Carlos ninguém vae ouvir musica?

Será pelo simples luxo de se dizer que «tem um camarote ou uma cadeira no nosso theatro lirico? Para mostrar toilettes? Por snobismo ou para epater?»

A maioria decerto, porque pelo facto de elevação de preços põe de parte e obsta á representação duma das grandes obras de Wagner.

Esperará o publico que alguma empresa, ou mesmo esta, pense outra vez em dar a Trilogia, pelo menos para esta geração actual?

Que illusão... Que barbaros...

Triplux.

A «REVOLTA» Encontra-se á venda em Lisboa na «TABACARIA MONACO», Rocio. Em Coimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

FOLHETIM

O SANTO DA ERMIDA

CONTTO

Padre Santorra, sujeito dos seus cinquenta invernos bem puxados, alcoolico e magro, negro como um tição e torto como um arroxó de moleiro, foi, de uma vez, cochiebar sua missa d'alva a capella estranha á freguezia.

Santorra, que, apesar de desengonçado como uma cegonha, possuia, de leve, ao canto da alma, uma pincellada de artista, poz-se, antes de metter pé na ermida, a olhar com certa emoção o vasto panorama nevado que, sob um sol quasi branco ainda, aquella esplendida manhã d'inverno deliciosamente lhe offerecera ao mamar tranquillo do seu cachimbo de pau. E, pescoço abafado num cachimbo, era com o melhor do seu engenebrado sorriso que via subir para o céu, em brandas e mórnas espiraes, o fumo azulino das suas fumaças reverendas.

Emquanto na concha do cachimbo espesvitava a cinza com a unha em luto do seu grosso dèdo minimo, um raio de sol muito ténue esmordicava-lhe com um tanto de curiosidade e caspa espalhada pela corôa arredondada. Padre Santorra estava gosando que eu sei lá!

O rio, em baixo, barrento das ultimas chuvas; a serra, proxima, banhada em neve, era uma perfeita gaze toda brilhante; e, no alto, o sombreado frio do pinhal, — daquelle tam caminhado pinhal por cujos corrego o seu gerico tantas vezes o levava em bellos dias de ra-

paz... — isto, mórmente, entalhava-lhe no espirito uma saudade tam vivida que, ao canto do seu olho garço e cheio de malicia, chegara a rebentar uma lagrima limpa. A ponto que ouviu de um garoto que, caladamente, o estivera disfructando: — Olhem o maroto do Santorra a «infangir» que chora, olhem! Isso é aguadilha, não péga!

Enxuta entretanto, a palpebra com o tabaqueiro, Padre Santorra dirige-se á capella. Uma pedra de cantaria, empoada, branca, resto de mausoléu, fal-o trespassar. Ficou já mal humorado. «O raio do dia», pelo visto, não começava bem. E a seguir a uma valente praga em alto e bom som, resmungo com os seus botões, fitando de soslaio «aquelle diabo», já com musgo de uma bnda:

— Ainda um dia hei-de dar uma applicação a este estafermo.

E transpoz o guarda-vento, a roncar como uma bêsta.

Algum tempo andado, fazia uma noite de encantar. Por aquelle descampado arrelvado, onde a capella morava branca, com á sua porta velha e as suas cruzes icadas, desprotegida e erma, nada havia que desse signal de vida por alli.

Altas estrellas no azul, os cômodos adormecidos, a noite silenciosa... Ao largo, por sobre a casaria aldeã, de onde um ou outro ponto de luz centelhava em lar de lavrados, badalayam horas adeantadas, cuja triste cadencia arrastara para alli um vulto. Caminhava apressado olhando para trás. Immediatamente uma voz o deteve, crystallina e metalica. O vulto estacou, regelado. Um suor frio inundara-o. Mas á voz, cada vez mais

bella, cada vez mais cariciosa, prosegue num extranho ritmo, enternecido e macio:

— Ah! logo me palpitou que estava com a minha gente,— observa o encapotoado, já reanimado.

E, desembaraçando a longa capa esfarrada, apresenta ao seu interlocutor uma porca bigodada, com sycoses, rija de vassoura.

— Tu não me vês?

— Ora essa? — Magnificamente: és o Quim, o Pica Bólsas, meu caro collega...

— Mentas, meu gatuno. Eu sou San Pacovio e estou a lallar-te cá do meu nicho.

E logo um clarão, semelhando o do relampago, tragicamente esclarece a face avermelhada do santo. Imberbe, cara de gajo, e um sorrisinho magano á flor do labio pintado.

— Peço desculpa a Vossa Santeza... — sabuja o ladrão, tremelicante, varado já de pavor.

— O' covarde! repita-me! olha que sou liberal e gosto de gente que se entêze.

— Lá têsou sou eu. mas com santos...

— Basta, atalha Pacavio, não põnhas mais na carta.

— Mas... a proposito: Vossa Santeza quer, por ventura um paivante?

— Obrigado, rapaz. Sinto-me encattarhoado, e um cigarro, agora, era o diabo. Todavia, marca lá dois tentos.

— Quem me dera a vida de Vossa Santeza!

— Deus, meu capitão, te livre de, por mim, cumprires este fadario! Toda a

Monumento a Joaquim Antonio d'Aguiar

- Transporte. . . 3:100,830
Antonio José Machado (Lourenço Marques) . . . 500
Anonymo (Lourenço Marques) . . . 500
C. S. A. (Lourenço Marques) . . . 500
A. C. C. (Lourenço Marques) . . . 600
Roque Neves Noronha (Lourenço Marques) . . . 500
Abraão Warchou (L. Marques) . . . 500
Empresa do «Portuguez» (Lourenço Marques) . . . 35500
João Tudella (Lourenço Marques) 18040
Francisco Manuel Correia da Costa (Lourenço Marques) . . . 25000
Ernesto Augusto Garcia Marques (Lourenço Marques) . . . 25500
Thomaz Antonio d'Oliveira Malta Dias (Lourenço Marques) . . . 15500
A. Forjaz (Lourenço Marques) . . . 25000
Joaquim Pereira da Silva (Lourenço Marques) . . . 15000
Vianna Rodrigues (L. Marques) . . . 15000
Herminio C. Gomes (L. Marques) 25500
Jayme J. A. Redondo (L. Marques) 25500
Alexandre da C. Rolla (L. Marques) 25500
Ernesto G. Burguele (L. Marques) 25500
Arthur G. Madeira (L. Marques) . 25500
Abel Candido Gonçalves (Porto) . . . 500
Guedes, medico (Porto) . . . 15000
Silva Doria (Porto) . . . 15000
C. Mourão (Porto) . . . 500
Bacharel Germano Martins (Porto) 15000
José Joaquim Ferreira (Porto) . . . 500
José Moraes Coutinho (Porto) . . . 500
Alfredo Fernandes Pereira (Porto) 500
José F. Maria Cardoso (Porto) . . 15000
Miguel da Silva Mattos (Porto) . . 500
Ezequiel M. L. Coelho (Porto) . . 15000
Raul Doria (Porto) . . . 500
Sant s. Pera (Porto) . . . 500
J. M. Vieira Coelho (Porto) . . . 200

Transporta. . . 3:140,170
O thesoureiro, M. A. Rodrigues da Silva

Consultorio Dentario

DE MARIO MACHADO Cirurgião Dentista pela Universidade e com pratica da especialidade em Paris

Praça 8 de Maio, 8 — COIMBRA

Tabella de preços
Consulta . . . 500
Extracção de cada dente ou raiz 500
Extracção com anesthesia . . . 15000
Obturação . . . 15500
Aurificação . . . 45000
Limpeza de dentes . . . 15500
Dentes artificiaes . . . 25500 e 45500
Dentes de pivôl. . . . 85000
Corôas de ouro 125000
Tratamento de doenças da bocca e gengivas, por sessão . . 15000

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos orgãos genito urinaarios do homem e da mulher e a

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicção electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174 COIMBRA

Consultorio Medico-Cirurgico

Doenças dos ouvidos, fossas nasaes e garganta

CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos.

ANÆTIZES: succo gastrico, lézes e urinas

MANUEL DIAS

MEDICOS ESPECIALISTAS

Com pratica nos hospitaes de Paris

Consultas, todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde

Rua Ferreira Borges, 5 — COIMBRA

existencia maldirei quem a este logar me escondeu.

Eu era uma pobre pedra bruta, achada por um corvado ao portal desta ermida.

Jurou dar-me applicação... e teve a desolada ideia, o infame, de me tornar num santo! Ainda se ao menos fosse de pau carunchoso!...

Quando pedra, nem pensava, nem sentia. Sempre estúpida, inanimada e rija. Podia o inteiro mundo soffrer revolução: eu, eternamente, uma mortalha de defuncto.

Tudo mudou agora, tudo passou de vez. Ouvirei gritos, supplicas, desgraças, prantos, miseria, dôr. Sob este arcaiboço pétreo, coagido a, por causa de abusos, não alterar, um instante, este duro semblante imbecil, — sob este arcaiboço pétreo, vive raladissimo um coração magnanimo. Ainda bem que hoje já estam riscados os milagres! de contrario, filho, era uma espiga, que nem calculas...

Vossa Santeza dá-me licença de fallar á vontade? — interrompe o gatuno, como que a mêde.

Desembucha, rapaz, desembucha, — tanto mais que ainda não fui benzido.

Vossa Santeza, quando topa por al alguma penitente a mais... Vossa Santeza... afinal é o mesmo que nada?

Tu sabes lá? — suspira o santo, mordendo o beijo, — tu sabes lá o que por cá vai?

Depois, num infinito desconsólo: Aí, meu velho! Quantas vezes tu mesmo a dentro desta capella, estás lançando o lusio, entre o aroma das flores e a resonancia dos côros, para alguma esbelta môça cheia de graça — e eu, aqui, ao vento, á chuva, sem um queixume gemér, acoitando-me no rosto saravada

regeladas! No interior, todos os altares recamados de rosas, de luzes, ennevoadas de incenso, e os meus collegas... uns perfectos jinjaes, furiosamente beijados dos labios das raparigas! Só eu...

E toda a phrase lhe morreu num soluço de véra dôr. Pela primeira vez, de seus olhos vermelhos estoiraram lagrimas commovidas.

Mas o gatuno é que não esteve para philosophia tamanha:

Vossa Santeza, afinal, está muito chato e eu tenho mais que fazer. Estou com fome e vou ao meu caminho. Tenho, fatalmente, de palmar qualquer cousa.

Roubar?! Por ventura ignoraes que aquillo que tu roubas possa fazer a outros uma irremediavel falta? Nem só tu és desgraçado: como tu, milhares — milhares, que soffrem e que choram, e nem sequer sonhando-o o mundo, aqui veem, todavia, rosados, gritar pelo seu amparo.

Tenho a dizer a Vossa Santeza que põnhas ponto na ladainha. Por mim nunca palmei um colega. Meu trabalhinho é limpo. Ricaços; ricaços, sim. Esses que jámais provaram das amarguras da vida, de ninho fófo para repousar, a todo o instante gosando a feliz hora que passa... com esses, meu velho esses é que m'eu quero!

O santo:

Toca. E's um perfeito cavalheiro. E apertaram-se affectuosamente os ossos á luz risonha da lua, que, muda como uma Sphyngue, fluctuava como uma pérola na desbotada immensidão do céu...



AGUA DAS LOMBADAS

AGUA DAS PEDRAS SALGADAS

AGUA DE VIDAGÓ (Fonte Campilho)

AGUA DE VERRIN (Fonte Espido)

DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.^a

RETROZARIA DA MODA

Rua Ferreira Borges, 61, 63, 65, 67

COIMBRA

Telephone n.º 210

Neste bem montado estabelecimento encontram-se as mais recentes novidades em chapéus confeccionados para senhora e creanças, veludos de seda e algodão, luvas, cintos d'elastico, espartilhos, bordados, rendas e todos os artigos de retrozeiro;

Preços excepcionalmente baratos

Dão-se ac senhas do «Bonus Coimbraense»

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.
 Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.
 Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
 Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de folhado.
 Galantinas diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.
 Saneisses Pudngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo systema de Margaride.
 Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.
 Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria
 Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobílias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domlillos, dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que afirmamos.



Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quizer comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Talhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanelas d'algodão, metro	65
Ditas, côr lisa, muito largas, metro	120
Côrtes de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanelas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2.500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.
Brindes! — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciar artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empréstimo sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

TABACARIA CENTRAL

DE

Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29 — Coimbra

Telephone n.º 276

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados, bilhetes de visita.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157

COIMBRA

Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabelleireiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas allemãs e francezas.

Pós e pasta dentrificas.

Fscovas para dentes, cabelo e fato.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guarda-sões e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante collecção de relógios de todos os systemas e auctores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relógios proprios para mesa, parede e morés. Ha espetadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e ouro. Concertam-se relógios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

ARMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedades de luxo.

Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. Tintas, oleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o paiz, tem sempre calçado feito da melhor pelo laria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

Uma infamia

As noticias alarmantes que tem apparecido na imprensa estrangeira, acerca d'uma pretendida conspiração revolucionaria que o partido republicano trama, na sombra, contra a vida do rei e contra as instituições, são um expediente ignobilissimo e traiçoeiro de que a monarchia lança mão para justificar uma nova crise de furia repressiva em que pretende lançar-se e que — não tenhamos duvidas — irá, se nós não nos prevenirmos, até a uma nova *S. Barthelemy* de republicanos. Muito se tem fallado em *intentionas* por parte dos reaccionarios contra nós e quasi toda a gente, tem um sorriso de incredulidade para taes boatos, não lhes attribuindo fundamento. Até certo ponto essa tranquillidade era justificada, estando no poder um governo que merecesse a confiança de não o julgarmos capaz de collaborar em emboscadas assassinas e ao contrario, de energicamente as reprimir. Os reaccionarios, com as suas proprias forças, em qualquer parte do paiz, onde tentassem tal infamia, teriam uma tão formidavel resposta, que, de todo lhes fugiria a vontade de recommear, se ainda ficassem em situação de tentar novo golpe, o que não cremos. Mas agora a situação é outra.

A gente do poder auxiliaria indubitavelmente qualquer tentativa d'esse genero, e ninguem pôde prever, até que ponto de atrocidade se chegaria, sentindo a Reacção as costas quentes. A existencia hoje, em Portugal, de elementos capazes de ter contra a opinião avançada, que é a quasi unanimidade da opinião do paiz, um odio feroz, um anachronico odio de Torquemadas, que sonha com sangue e com fogueiras, é um facto indubitavel. O paiz está hoje scindido em duas partes, uma, restricta no numero, que não pertence ao seculo e recua na historia até aos tempos da meia-idade, — ininteligente, acephala, primitiva, verdadeiro fenomeno teratologico que nos espanta — e é representada por esse padre, hoje celebre, o padre Mattos; a outra é a minoria intellectual da nação que sob a bandeira republicana representa o sentir de quatro milhões de portuguezes que a monarchia tem constantemente roubado e escarnecido. O choque entre estas duas facções é ineluctavel. Uma tem por seu lado a força da Razão e do numero — é a republicana. A outra tem por seu lado estas outras coisas não menos formidaveis — o *facto da sua existencia*, o que nós chamaremos, a *inercia*, propriedade geral tanto dos corpos como das instituições e o impeto feroz de defeza de quem se sente irremediavelmente condemnado e perdido. E' — p'ra nos servirmos d'uma imagem — o Futuro acuando o Passado, obrigando-o aos ultimos arranques de furia selvagem, como um javali ferido que se defende e de quem é p'ra receiar a raiva. Se

a fera apanha o caçador desprevenido, ou o tomba por terra — ai d'elle! E' o caso... Em Portugal pensa-se, a serio, n'uma carnificina republicana; já tivemos a *amostra do panno* em 5 d'Abril, 14 mortos e perto de cem feridos, *facto absolutamente previsto*, pelos Reaccionarios de todos os matizes.

«Os republicanos não esperam pelo que lhes acontecerá nas eleições de Lisboa...» — esta phrase foi escripta em carta, por alguém a um amigo —. Adiante...

Ha quem diga, em conversas intimas, «tres a quatro mil *d'esses typos* liquidados em Lisboa e temos socego...» E são creaturas de pezo, de *colação*, — o que pensam?

Pois bem, — é p'ra preparar um estado de coisas propicio á realisação de taes factos que de Portugal saem, para o estrangeiro os boatos alarmantes, as noticias terroristas sobre conspirações e golpes d'audacia republicanos. Preparam-se para a matança e, ao mesmo tempo com estas infamias, vão semeando o terror na finança, no commercio, em todos os ramos da actividade nacional, com um eguismo tão criminoso e revoltante que se as pedras das calçadas tivessem ouvidos eram capazes de os lapidar!

Claramente, pois, que precisamos prevenirmo-nos para a defeza — dando-lhes a certeza, a elles, que não conseguirão, levar-nos a uma aventura.

A revolução que os espera, que é inevitavel e ha-de ser decisiva, não ha-de ser feita quando á Reacção convier, mas quando a Nação chegar a esse estado d'alma, bem proximo, que determina sempre os grandes movimentos collectivos da consciencia d'um povo.

E então não serão elles que nos trucidarão, n'uma emboscada assassina,

Será a alma nacional em colera, será a Revolução, que, como um temeroso cyclone, os ha-de varrer a todos, os ha-de punir a todos, justiceira, sangrenta e decisiva!

PRO ITALIA

Subscrição

A redacção d'A Revolta.....	5\$000
Anonimo.....	1\$500
N.....	500
Z. G.....	500
T.....	600

José Falcão

Os republicanos de Coimbra commemoraram no passado domingo o anniversario da morte de José Falcão, indo a Santo Antonio dos Olivaeas espalhar flores junto do tumulo d'esse grande vulto do partido republicano.

Fallaram, com sentidas palavras para a memoria de José Falcão, os nossos correligionarios Antonio Carneiro, Raphael Sampaio, José Gomes e Carneiro Franco.

Mais uma vez os republicanos d'esta cidade prestaram a sua simples e sincera homenagem a esse grande cidadão cuja saudade jamais se apagará no espirito de todos os republicanos portuguezes.

Celebres... sem borla



O *Côro de Freischutz* é outro numero precioso do programma.

Na sua execução destacam-se intelligentemente os coloridos, há firmeza n'aquelles traços descriptivos, e uma grande impressão de vida e movimento.

O *Côro de Freischutz* tem uma interpretação completa, e representa um grande esforço de trabalho e persistencia.

Porque aquellas boas gargantas que o Aranha e o Joyce foram arrancar ás ruas humidas da Alta, gastavam-se inutilmente a saborear um fadinho de má morte, muito tradicional talvez, mas sem essa grandeza artistica que educa superiormente uma pessoa e lhe abre caminhos no espirito.

O Orpheon tem no seu programma uma *rapso dia de canções populares*, escolhidas e caracteristicamente portuguezas.

Destaca-se principalmente a *Perola do Mar* — um original de Isidoro Aranha, que lhe imprimiu todo o seu amor ás coisas de arte.

A *Perola do Mar* é essa curiosa canção portugueza, que corre de norte a sul, sempre triste e sempre apaixonada, n'um grande sopro de lyrismo nacional todo cheio de amarguras e trabalhos.

Tem alma e tem orchestração. Pois este original portuguez — *Senhores Inuteis!* — surgiu estimulado pelo Orpheon, nasceu entre o Bach e o Weber, n'aquella saudavel atmosfera artistica que o grupo respirou em dois mezes de ensaios.

E não tem só um fim artistico, o Orpheon. Aquelle grupo de rapazes, *trabalhadores, uteis, intelligentes*, dispõe-se a organizar saraus de *beneficencia e instrucção* minorando assim dois grandes males portuguezes — a miseria e o analfabetismo.

D'aqui se conclue — *Senhores Inuteis!* — que o orpheon é a unica obra de verdadeiro merecimento, produzida pela geração de agora.

Pela geração de agora, não digo bem — por uma restricta minoria que se não perdeu em *banalidades e chochices* de pouca dura

HURRAH!

Dizem que o divino Orpheu Cantor da mythologia Commovia as feras brutas, As selvas e a penedia.

Pois estes dois fazem mais Do que o tal Orpheu fazia Não cantam, fazem cantar A *briosa* Academia!

Depois de ver tal milagre — Eu não me admiro d'isto — Se elles fizerem cantar O Conde mais o Calixto!

E não passam muitos dias Sem que eu veja, deleitado, — O Villela e o Padre Dias, Cantando e batendo o fado!

Um *bravo* pois aos heroes D'habilidade tamanha — Vivam! Hurrah pelos dois! O Joyce mais o Aranha!

Dr. Watson.

Sabado faz elle a sua representação, no sarau para as victimas da Scicilia.

O publico, há-de glorificar-os, há-de, porque as coisas de valor, impõem-se e attrahem irremediavelmente o nosso applauso. E o Orpheon tem o grande merecimento de surgir n'uma phásse em que a decadencia é accentuada e de nos trazer a esperança de que será elle o inicio d'uma regeneração espirital.

E agora, *um segredo*, aos Senhores Inuteis do meu conhecimento — não vão para o Sarau morder as unhas e os cabelos, *de invejinha*. Guardem em casa o desalento porque isso compromete-os, denuncia-os.

Eu bem sei que todo aquelle triumpho d'um grupo de rapazes, que produziu uma obra util, ha-de pôr na cara dos Senhores Inuteis, o desalento esmagador de quem sente o espirito vazio e tem a pretensão de triumphar na vida.

Mas os Senhores Inuteis não se raíem. Cheguem cá bem o ouvldo — sei que brevemente vagam duas ou tres *regegorias*. Percebem? Ah, seus maganões, isso é que é sorte!

X.

COISAS & COISOS

Orpheon Academico

Alega-se-me sempre sinceramente o espirito, ao vêr de pé alguma coisa que represente trabalho, utilidade e vida, n'este meio chocho e ronco de Coimbra.

Um orpheon é uma grande manifestação de trabalho e de talento, é alguma coisa que se mantem de pé e que brilha e que produz.

Assim, o Orpheon Academico de Coimbra, pôde considerar-se a unica obra de verdadeiro merecimento que surgiu na geração d'agora.

Conseguiu triumphar através de todas as obsessões e prejuizos, com a sua côr retintamente artistica e a sua politica exclusivamente Wagneriana.

O Orpheon, é alguma coisa que fazia falta no nosso meio, porque acima de tudo, é uma poderosissima escola de educação artistica onde se podem desenvolver aptidões e amaciar temperamentos.

Tem no seu programma envergaduras como Bach, Wagner, Chopin e Weber, e tem como regente um verdadeiro espirito de artista, porque o Antonio Joyce não é o musico banal que se enternece com um trecho facil, é o *virtuose* habituado ás impressões intensas e geniaes dos classicos da musica.

E o mesmo clarão com que elle illumina as arcadas do seu intelligente violino, serviu-lhe para illuminar um grupo de rapazes trabalhadores e uteis, no coral de Bach.

O coral de Bach tem uma execução perfeita.

Certo, a um tempo, n'aquellas rajadas soberbas de harmonia que a batuta de Antonio Joyce faz nascer, avolumar e morrer, com um gesto nervoso e firme de verdadeiro artista, o coral de Bach enche inteiramente o coração.

Uma Escola de Direito em Lisboa

Ha um mez approximadamente, que se iniciou esta campanha nos jornaes de Lisboa. Só agora nos é possível dizer na Revolta algumas palavras sobre o assumpto que interessa particularmente os estudantes de Direito da Universidade de Coimbra.

Todos os leitores da Revolta por certo sabem já de que se trata. Pretende-se uma Escola de Direito em Lisboa, assente em bases novas, seguindo processos novos, em harmonia com os progressos da pedagogia moderna.

Ao lado dessa idéa estão quasi todas as nossas primeiras intellectualidades. Assim, além de muitos outros, enviaram-nos já a sua adhesão incondicional homens da envergadura de Theophilo Braga, Guerra Junqueiro, João de Deus Ramos, João de Barros, Manuel d'Arriaga, Agostinho Fortes, Campos Lima, etc, bem como a eminente escriptora Anna de Castro Osorio. Estão igualmente a nosso lado grande numero de jornaes diários da capital e quasi todos os semanarios do sul do paiz. Nas ilhas, também directamente interessadas na questão, já alguns jornaes publicaram artigos varios apoiando a idéa com entusiasmo. A opinião geral em Lisboa é de approvação á campanha. As Academias interessam-se pela questão. E a Commissão Executiva do Centro Democratico Academico que se fundou ha pouco n'aquella cidade, vae também dar começo á sua propaganda.

Emfim, tem-se feito muito em pouco tempo. E o acolhimento tem sido o mais favoravel.

Fazem excepção a esta regra a imprensa e o commercio de Coimbra. Isso é aliás tudo quanto ha de mais logico. Não era de esperar outra coisa. Porque ao commercio de Coimbra nada importa o aperfeiçoamento do ensino superior, o bem estar intellectual dos estudantes, a sua morigeração e a sua cultura, os beneficios que d'ahi resultam para o paiz. Aos patriotas commerciantes de Coimbra só importa que não diminua a quantidade de mercaderia a explorar, que as suas gavetas não estejam menos recheadas, e que, portanto, a necessidade os não obrigue a trabalhar mais, desenvolvendo maior actividade para equilibrar o orçamento domestico. E' logico, era fatal. E' um vicio da educação, é um defeito de raça. Nada ha portanto que extranhar neste facto.

A imprensa de Coimbra vive é claro, do commercio da terra. E' este que a mantém e a sustenta. Os jornaes querem viver. E os commerciantes retirar-lhes-lham as suas assignaturas se os jornalistas tivessem a pouca vergonha de não defender calorosamente os seus interesses. Neste paiz um homem que seja verdadeiramente independente não pode, de forma alguma, manter um jornal. O publico está deseducado. Ninguém faz esforços para o educar. Os jornaes, para viverem, têm que lisonjearem as multidões, adular os seus defeitos e os seus vicios, e portanto abandonar completamente todo o espirito de independência. Os publicistas portuguezes são escravos da opinião publica que os considera como funcionarios a quem paga e que, por isso, considera obrigados a executar fielmente as suas ordens. Para lutar com este publico é preciso ser dotado de raras energias, duma grande coragem civica, dum espirito profundamente rebelde a todas as subserviências. Estas qualidades são muito pouco vulgares em Portugal e nenhum dos directores das gzetas locais as possui. Embora seja vergonhoso e lamentavel é pois igualmente logico que os jornaes de Coimbra combatessem com a intelligencia com que Deus os brindou, com o ardor que se pode ter quando se está falando sem sinceridade, a idéa da criação duma escola de direito em Lisboa.

Mas isso não é obstaculo de valia. Ninguém pode hesitar entre prejudicar um pouco Coimbra porque, no fim de contas, as vozes são mais do que as nozes, e sacrificar os interesses dum paiz inteiro contrariando uma idéa que, uma vez executada, contribuirá poderosamente para o rejuvenescimento de Portugal.

Não pode ser. Isso seria um grave erro cujos funestos resultados se sentiriam dentro em pouco. E nós não queremos convencer-nos de que este povo esteja tão embrutecido, de que as camadas dirigentes estejam tão corrompidas ou tão cegas, que não vejam que a Universidade não pode continuar por mais tempo a fazer monopolio do ensino do direito.

Não podemos, não devemos consenti-lo!

Uma Faculdade de Direito onde pontificam assizes e calixtos, incapazes e mediocres; uma Faculdade de Direito onde dicta leis a estupidez, donde saem inutilizados tantos cérebros, corrompidos tantos caracteres; uma Faculdade de Direito com rezas, com vénias, com latins; uma Faculdade de Direito onde é quasi impossivel manter uma certa altivez e uma certa independencia intellectual; uma Faculdade de Direito, emfim, com habitos e processos da idade média, é incompativel com os progressos da sciencia, é incompativel com o espirito livre do seculo XX.

E nós, estudantes da Universidade de Coimbra, não podemos nem devemos tolerá-la.

Não é facil fazer desaparecer este corpo gangrenado, este fóco de infecção que produz a medonha epidemia de bachareis imbecilizados que assola o paiz. Pois bem. Crie-se em Lisboa uma nova escola de direito compativel com o nosso tempo. Que se imponha pelo seu espirito livre e avançado, pela sabedoria dos seus mestres, pela excellencia dos seus methodos de ensino. Fundada essa escola, ou a Faculdade de Direito da Universidade trabalha, progride, e se resolve a acompanhar a evolução das idéas e dos costumes, ou essa Faculdade de Direito morre apodrecida, abandonada de todos, e sobre as suas ruínas onde para sempre ficarão também sepultados os seus mestres, de vergonhosa memoria, erguer-se-ha um novo estabelecimento scientifico que para as gerações modernas representará o triumpho da liberdade e da sciencia sobre a tyrannia e a estupidez dos seculos passados.

A Academia de Coimbra pôde ter nesta tarefa grandiosa um papel honroso e digno. E nós lembramos aos rapazes intelligentes e dignos que ainda ha nesta Universidade tão aviltada, tão envergonhada por mestres e discipulos, quem não deixe de acompanhar nos na nossa cruzada redemptora.

HOMEM CHRISTO, FILHO

Gostosamente publicámos este artigo que nos foi enviado pelo sr. Homem Christo, o estudante que, audazmente, com uma bella coragem e intrepidez, levantou, a velha e debatida questão, da criação d'uma Escola de Direito em Lisboa.

Elle representa, em absoluto, o modo de pensar dos que escrevem n'este semanario. E' uma questão de rudimentar justiça e de mais rudimentar intelligencia. Ora, é por isso mesmo, e porque em Portugal vivemos, e viveremos, que temos, d'antemão a certeza que essa campanha não produzirá resultado algum desta vez como não produziu das outras. Quem n'ella se metter vê-se abandonado, só com a sua razão, a justiça da sua causa e a breve trecho, com uma enorme vontade de mandar ao diabo os homens independentes do seu paiz, a opinião esclarecida e a imprensa do seu paiz e... muito mais coisas do seu, — do nosso, sr. Homem Christo! — divertidissimo paiz. O ensino do Direito continuará a ser monopolio exclusivo da Universidade. E' idiota — dirá — é criminoso até! Pois por isso mesmo! Que quer o nosso presado colaborador! As coisas são o que são e não o que deveriam ser, como nos dizia um professor de latim que tivemos. O sr. lembra-se da questão academica? Pois bem: a criação d'uma Escola de Direito em Lisboa era uma das reclamações... Ardeu Troya!

Tudo se movimentou, tudo pediu, supplicou para que tal se não fizesse e tal se não fez. O formidavel imbecil e criminoso que nos governava então, respondeu ás instancias dos que o assediavam, pouco mais ou menos isto: que nunca pensara em tal disparate.

O disparate éra o que nós pediamos: a criação da escola de Direito! E d'essa vez — o como é bella a homogeneidade d'opinões! tudo

concordou, fraternizou, com o grande homem! Politicos de todas as côres, conservadores, revolucionarios, tudo gritou: Muito bem! isto é que é fallar! Já vê...

E os argumentos? não se lembra dos argumentos?

«A incerteza e a confusão da vida juridica nos grandes centros» — isto, sr. Homem Christo, diz-se, escreve-se, o que é mais! com as duplas responsabilidades de lente, presumivel homem de sciencia, e de presidente d'uma Camara Municipal! Pode entender-se esta phrase assim: o Direito só se estuda bem na provincia, ou concluindo, se um dia se chegar a estudar Direito na Lourinhã ou Paio Pires, então, é que haverá em Portugal, progresso juridico!

Foi, por estas e por outras, que a falencia moral, a morte ignominiosa ás mãos dos bandidos franquistas da geração da greve se realizou, no meio da mais covarde e mais infame indifferença de todos, salvas as excepções de Brito Camacho, e poucas mais.

Ensinaram a este bello povo de Coimbra, estiolado pela Universidade e impossibilitado de progredir pela Universidade, — que essa mesma Universidade que lhe estanca e embota todas as energias serias e honestas, era o seu grande bem, o seu unico bem, sem o qual elle morria e ahi tem o sr. a solidariedade inconsciente d'uma nobilissima cidade em volta d'um disparate cuja conservação prejudica infinitamente o paiz e só a uma restricta minoria aproveita. Ora Coimbra tem votos, faz politica... Já vê?! E isto são todos, todos os partidos, desgraçadamente. E a Revolta, se assim falla é porque é um jornal de rapazes que, nada podendo sós, uma unica coisa podem e devem — dizer a Verdade sempre!

MIUDEZAS...

Esta teve graça. — Um d'elles era um rapaz alegre, sadio, caçador «frêcheiro» da boa femesinha de Deus, que veio ao mundo p'ra extasi da alma e consolo do corpo.

Que lá com a alma não se importava elle muito! O corpo sim! O corpo é que elle o queria sólido, perfeito, de uma elegancia elastica e forte, como os marmores helenicos. Que a Vida Deus a fez e a quer, harmonica e bella, a garantir-lhe os créditos d'artista e não ha nada mais lindo sob os astros, do que uma linda cara em corpo esvelto.

Alma? — se a carne a tem e pulsando e seivosa! E que poema vale uns olhos de pupilla accessa, nariz d'asa fremente e fina, bocca d'oiro que ri e canta quando falla, deixando ver as perolas em fiteira entre a purpura dos labios, — mais doces e de mais summo que a polpa tenra da cereja bicat! — Esta teve muitissima graça!

E teve-a porque o outro era um poeta, um sonhador de virgens impossiveis, um bardo sentimental que amava as donzellas chloroticas, os lagos de baldada, mansos e praleados ao luar entre cedros azues, e sonhava em ser trovador d'amor na meia-idade e sob a esguia fresta do castello ir cantar o solau da sua magua, á loira castellã que em cima o escuta.

Ora foi por isto que esta teve immensa graça...

Encontraram-se os dois a um fim da tarde. Que corado que o primeiro vinha, bolsa de caça a tiracollo, rechêida, espingarda ao hombro, a polaina a cingir-lhe o molete rijo, cheirando bem a matto, a sol, ao halito da terra!...

O outro estava triste, ah! muito triste! Dormira mal, succedera-lhe um

desastre de noite — queda da cama abaixo, nos arroubos do sonho mystico...

— O' coisa, rica caçada, menino! E estou com uma sede... Queres tu vir d'ahi beber um copo...

Somnolento, abstracto, o outro respondeu:

— Não... obrigado...

— Vem d'ahi... Olha que é bom...

E vae então que ha-de fazer o tal p'ra se livrar do convite que o chama-va á realidade?

Desencostou-se da parede onde preguiçava e, fitando do outro a face jubilosa:

— Vou p'ró meu balcão, ver as tonalidades róxas do poente sobre o Choupal...

Que caretá que fez o caçador! Não que aquella era mais dura de engulir que a uma perdiz o chumbo da sua caçadeira!...

— Dize lá isso outra vez?...

O poeta repetiu, como n'um sonho!

— P'ró meu balcão, etc...

O caçador poz-se serio, recuou um passo, mediu-o dos pés á cabeça espantado e, soltou esta:

— Ora vê...

O' manes de Cambronne!

Eu não lhes dizia que esta tinha graça!

D. Fuas.

Um conselheiro e uma região com fome

Todos sabem que, ha dias, quando no Douro, em Alijó, brilhou a primeira lavareda do grande incendio latente na região duriense, o conselheiro Teixeira de Sousa, o protator do Douro, como elle pomposamente se intitula, fulminou pena de excomunhão maior aos seus servos, por telegramas, em cartas e do alto das columnas do jornal que em Lisboa, serve a sua politica. «Se taes actos continuassem — amesçava o façanhado homem — nunca mais os povos d'alli poderiam contar com a sua protecção». Curioso e symptomatico facto este! O que estes homens da monarchia se julgam!...

Mas bordemos algumas considerações desenfatiadas sobre o episodio: — Ora aqui temos nós um conselheiro, um potentado, um influente, que falla em retirar a protecção a uma multidão faminta que farta de implorar, de esperar, de reclamar sem ser ouvida, resolve-se a acender em Alijó uma fogueira, especie de farol para chamar a attenção sobre a sua miseria dos governantes e dos seus protectores. O conselheiro conhece a agonia torturante, o já longo estertor de morte em que esse povo pavorosamente se debate, tendo como unicas valvulas de segurança para que, de á muito já, a sua dor não tenha feito explosão: a emigração e a morte.

O conselheiro não protegeu antes dos factos consummados para evitar a miseria, o conselheiro na occasião em que essa miseria attinge o ultimo grau de desespero, não protege ainda, não junta a sua voz á d'aquelles cuja razão conhece não aconselha, não chora com elles, não torce as mãos de desespero por não lhes poder valer; nada d'isso!

O conselheiro fulmina, o conselheiro ameaça, o conselheiro já não é um protector benevolo, mas um facinoroso agente de policia prestes a aconselhar a fúria represiva contra o seu povo, prestes a dizer que lhe caem na bocca clamorosa os uivos lancinantes da fome a balas d'espingarda!

E, no entanto quem fez esse homem? Quem o tem trazido ás costas pela vida bondosamente, passivamente desde o humilde presbyterio d'aldeia onde nasceu, até ás cadeiras de deputado, aos fauteuils de ministro, ás pompas do parlato, aos deslumbramentos do mando e do poder?

Quem lhe satisfez o orgulho do humilde que se vê grande, e lhe encheu a bolsa de dinheiro e a farda de condecorações?

Quem lhe deu tudo, tudo? O povo! o povo humilde, o povo miseravel, o pobre povo cheio de fome e de desgraça contra o qual elle agora tropeja!

grandeza de par e de ministro honorario, vende o seu vinho mais depressa que os outros — enche o seu cofre primeiro do que ninguém, só, unico, entre milhares de pessoas que não tem a certeza do dia d'amanhã.

Um seu subordinado, um seu triumpho enche as suas adegas de vinho do Sul. O povo sabe-o, protesta, quer castigar quem assim afronta a sua fome. As auctoridades para o acalmar, promettem ir no dia seguinte fazer a verificação do facto, o arrolamento legal do vinho que esse triumpho do conselheiro possuia, com desrespeito á lei e affronta á desgraça.

E logo o conselheiro e outra collega ordenam ás suas auctoridades por telegramma: não façam isso! perdem-se votos!

Ah povo, povo! Como ás vezes ficava bem na tua bocca trovejante a frase historica de Cambronne aos inglezes!

Factos e Commentarios

Celebres... de Borla

Em homenagem ao Orpheon Academico e aos seus directores interrompe-se esta secção, que recommençará no proximo numero.

Dr. Zaireiro da Matta

Lavra grande indignação contra este lente de Direito e na imprensa da cidade já ferve iracunda contra elle uma temerosa campanha por constar que sua ex.^a patrocina, como deputado, a criação d'uma Escola de Direito em Lisboa. Chega-se a aventar o disparate de que o professor Caeiro se propõe mudar a Universidade para Lisboa, o que seria injusto, em vez de se limitar a propor que se crie na capital uma outra escola de Direito, que com as outras que lá existem, poderia levar á criação logica e sem augmento de despeza da Universidade de Lisboa, — o que seria justissimo. No entanto achamos extemporaneas as iras contra o professor Caeiro.

Julgamos, approximadamente conhecer o feitio de s. ex.^a

Reputamo-lo um bem intencionado com a intelligencia sufficiente para distinguir o que é justo do que é injusto, mas sabemo-lo igualmente um timido, um hesitante, sem coragem para arrostar com ondas de nenhuma especie e por isso mesmo, condemnado a... morrer afogado.

Não se precipitem pois os paladinos da Universidade. Caeiro da Matta é lente, é deputado, tem um capello e um mandato do... Ministerio do Reino e não desmanchará prazeres, estamos convencidos d'isso.

Nem elle nem nenhun, note-se.

Quando muito, limitar-se-ha a pedir documentos.

Ainda é uma rica coisa a gente ser estudante, estar-se nas tintas p'ras faces populares, p'ra não ser como isto tudo.

Um distico...

... que reputamos digno d'aquelles que se propõem inaugurar um novo estado de coisas no paiz:

«Entre um interesse particular e um interesse geral, este deve prevalecer aquelle — por mais que isso nos custe».

De contrario, não merece a pena mecher n'isto...

Pelo Exercito

O que, em materia de perseguições, de vexames, de torpezas, se está passando no Exercito, é inacreditavel! Officias que não são republicanos, que não têm nenhuma politica e apenas são creaturas trataveis, sociaveis, amigas de conviver, são vexados nos seus brios de homens e de militares com avisos e reprehensões constantes da parte de alguns paspalhões agaloados, capazes de se borrarem de medo assim que a hora do perigo chegar.

As pesporrencias d'estes heroes, militares de secretaria, que nunca ouviram tiros senão nos exercicios, produzem um mal estar intoleravel e justificado na maior parte da officialidade que assim se vê reduzida a uma desprimorosa situação de victima de suspeições imbecis e desarrazoadas. E' para que os sr. officiaes saibam e sintam que, no seu proprio interesse, esta crise geral do paiz tem de acabar e depressa.

Exoterikos

Consta que um dos membros já abandonou o Cenaculo. Perguntámos qual a causa da sahida e disseram-dos que tinha sido uma desintelligencia.

Não seria antes intelligencia da parte do membro sahido?

A Escola de Direito em Lisboa

Em lugar proprio publicamos um artigo do sr. Homem Christo sobre este assumpto, seguido d'umas considerações da casa. D'essas considerações fundamentalmente se infere que nós estamos, em absoluto ao lado d'essa campanha que reputamos da mais elementar justiça.

Outros se quiserem, farão com mais auctoridade e com maior voz do que a nossa que é fraquinha e, por tal, não se ouve onde se deveria ouvir.

Uingados!

Metteu-se conosco a Palavra, quando a Revolta sahiu, e disse-nos coisas leais. Com licença o collega:

«Sonho puro

D. Bernardino, o Grande, trouxejava: —Sou a Revolução... de barba branca; Armado d'um cacete ou d'uma tranca, Que admira a minha cor de deterrabá?»

Escolas moveis

Padre Mattos ferrava ha dias a sua dentada na Associação de Escolas Moveis. E' claro. A Associação tem por fim a instrução do povo e por isso Padre Mattos se atira a ella.

Hecephalo

Esteve no domingo em exposição num estabelecimento da Baixa um manequim ostentando as insignias doutorais da faculdade de Direitos.

Revisão

Já não nos falta muito para sermos um jornal d'importancia! — até a desastrosa revisão. Assim no ultimo numero foi um estendal de gralhas e algumas d'ellas davam origem a interpretações equivocas como por exemplo no artigo «Coisas e Coisas» saiu o «pen de Neptuno» por «o pendulo de Neptuno».

E no editorial, quasi no fim da primeira columna, saiu «representando a economia nacional» por «fomentando a economia nacional».

Apezar d'isto tudo nós continuamos a garantir que os «exotherikos» não colaboram cá na gazeta.

Preparemos as malas do Portugal

Seguiu homem de manhã para o Norte, com demora de alguns dias, o nosso presado director, padre José Lourenço de Mattos.

Cá o encontramos. Segundo informação que temos, veio conferenciar com os da seita, para nomearem uma comissão que no mais curto espaço de tempo, sache o X do problema que o actual prior da Ajuda poz em equação: — destruir os republicanos e a maçonaria, o unico meio de salvar a Patria e as batatas. Sem fazermos parte da comissão e sem querermos fazer jogo ás indulgencias que nos podem advir, gostosamente apresentamos uma solução que deve ser infallivel.

O Santo da Ermida

O auctor do conto que publicamos no numero anterior não é nenhum dos nossos correligionarios Fernandes Costa ou Francisco da Cruz.

Ridendo...

—Então, conde, uma chavena de café... —Oh! muito obrigado. O café é um terrivel excitante, um veneno... —Não é tanto assim, conde. Meu pae toma immenso café e apesar d'isso já tem setenta annos.

IMPRESSOES

Foi na segunda-feira passada, que nos chegou aos ouvidos, que o tão fallado padre Mattos se encontrava em Coimbra.

—Vi-o agora mesmo, dizia alguém. —Era elle, não resta duvida, acrescentava este. —Mas o quê, o quê, quem? perguntavam outros. E o grupo engrossava, apinhava-se, curioso.

E, taço admiração, tanta supreza, tanto commentario á volta do pobre padre que, sejamos francos, maldissimos o dia em que renegámos de tal carreira.

—Hum... ouviamos de novo em tom desconfiado. Porque, a vinda do reverendo cá á terra, era já ponto assente, trazia agua no bico.

Na verdade falava-se muito na revolução, na guerra civil, no estado periclitante da corda e da monarchia, um amigo, thalassa por signal, tinha-nos até affirmado que ella, era sua convicção, seria a dentro de um mez, para um dia muito proximo, que elle gostava de conhecer, porque, em summa... talvez podésse fugir... por dever de officio, por coherencia...

O norte estava pouco tranquillizador, alguém que o viu nos ultimos acontecimentos vinha espantado, chamava-lhe imponente...

Por toda a parte se bradava — não não pôde continuar — não pôde ser — isto é uma desgraça — vamos a ella, e salve-se quem poder...

O governo tomava medidas energicas, de decisão, de terror... O governo e a monarchia armavam-se até aos dentes, accrescimos de tropa, de policia e munições; a reacção importava armas; os republicanos davam as ultimas demãos...

E, e era n'esta altura que o padre Mattos o reverendo d'O Portugal, entrava em Coimbra, inesperadamente, arrogantemente!

—Anda a tramal-a, anda a tramal-a. —O maroto também conspira. E era preciso cautella, contar com tudo, não lalhasse a cartada.

—Ná! interrompeu um mais optimista, aquillo é obra de congresso, inauguração de centros, ou cousa que o valha.

Fôra o caso, que o nobre director resolvera, sabbado passado, dar no conhecido gremio, o Club dos nossos mestres, um grande baile, ruidoso cotillon.

Havia pares, animação, e desta vez servi-o abundante, mas... uma falta grande, a novidade, a novidade da moda.

—E, acima de tudo, tanta intriga, tanta maldição! Veio, mas já tarde, e porque veio, e o viram, eil-o tramando, eil-o conspirando, eil-o revolucionario!

SARAU

Em beneficio das victimas dos terremotos, da Italia promove a commissão academica dos estudantes da Universidade um brilhante sarau, hoje, no Principe Real.

—Será este sem duvida um dos numeros mais interessantes da simpatica festa. Os bilhetes acham-se á venda nas livrarias Moura Marques e França Amado e mais logares do costume.

O Brazil moderno

D'accordo com o plano traçado no nosso primeiro artigo, subordinado á epigraphe acima, e publicado no ultimo numero, vamos hoje tratar ligeiramente da situação economica do Brazil actual, visto o espaço de que dispomos não nos permitir que nos demoremos em considerações e desenrolarmos o assumpto como merecia.

Procuraremos portanto pôr apenas em evidencia alguns dados estatisticos e em destaque alguns numeros, com os quaes possamos mostrar que aquelle paiz apezar da sua pequena população proxima a 20.000.000 de habitantes relativamente á sua enormissima extensão territorial — 8.550.000 k 2 o que revela uma desproporção flagrante, e tambem apezar de haver apenas desenoventy annos que ali se implantou um regimen democratico, o qual tem poderosamente concorrido, principalmente de 94 para cá, para o seu grande desenvolvimento, apresenta uma situação de veras favoravel, que mais se accentuará, não só por causa da riqueza natural que possui, como ainda pela continua corrente imigração, representativa de seiva tão necessaria ao seu vigor.

DESPEZAS

Table with 2 columns: Item, Amount. Total em ouro 68625000, Idem em papel 329470000

RECEITAS

Table with 2 columns: Item, Amount. Total em ouro 91493000, Idem em papel 274217000

DIVIDA PUBLICA

Table with 2 columns: Item, Amount. Divida exterior em 31 de Dezembro de 1907. Lbs. 72133457, Divida interior em 31 de Março de 1907 rs. 52476592, Divida fluctuante em 31 de Março de 1907 rs. 277037604, Papel moeda em 31 de Dezembro de 1907 rs. 643531727

—E' assim que nós vemos, seguindo ainda o mencionado orçamento, que só a verba destinada á industria, communi-

cações e obras publicas, se eleva, em milhares de mil reis, a 88223000! Ninguem ha que ignore, que um dos pontos de reparo para a apreciação de progresso d'esse paiz e incontestavelmente o predomínio da exportação sobre a importação.

IMPORTAÇÃO

Table with 2 columns: Year, Amount. Mercadorias em 1906 rs. 499281000000, Mercadorias em 1907 rs. 644938000000

EXPORTAÇÃO

Table with 2 columns: Year, Amount. Mercadorias em 1906 rs. 799670000000, Mercadorias em 1907 rs. 860891000000

A sua expansão commercial, como se vê, é invejavel, o que denota uma crescente actividade na sua produção e na correspondente collocação dos seus productos, em condições favoraveis, resultantes de tratados do commercio vantajosos, em diferentes mercados mundiaes, cuja gradação successiva, na ordem decrescente, relativamente ao Brazil, incide nos Estados Unidos, Alemanha, França, Holanda e Austria.

Como já se disse, a imigração que igualmente representa um riquissimo elemento de desenvolvimento e prosperidade, ou melhor um dos elementos fundamentais, vae tambem successivamente augmentando devido á facilidade com que ali se encontra a applicação do trabalho e á remuneração compensadora.

—Alem da salubridade outros factores poderosos para ali atrahem agora o europeu, como sejam: a rara fertilidade do sólo, a incomparavel hospitalidade dos nacionaes, o desenvolvimento economico do paiz, além de outras de valiosissima cooperação, como tratados, etc.

—Agora mesmo vae iniciar-se a corrente emigratoria asiatica (Japão) que ao Brazil deve milhares de braços tão uteis á agricultura, engrossando assim a corrente europea que valioso subsidio já tem prestado, mórmente a Italia que representa a primeira em tal movimento, seguindo-se lhe depois Portugal.

Se lançarmos as vistas para uma das verbas orçamentarias — segurança publica comprehendendo o exercito e a armada, veremos que ella attinge uma cifra respeitavel, o que não podia deixar de ser mormente em relação á armada, visto a vastissima extensão da costa cuja defeza não pode nem deve ser descurada.

—Não fallando da marinha mercante, que já offerece uma tonelage digna de consideração, a marinha de guerra conta já umas cincoenta unidades de combate. Entretanto pela lei de 14 de dezembro de 1904, foi o governo auctorisado a mandar construir 3 couraçados de primeira classe, 3 cruzadores, 6 contra-trepedeiros, 6 canhoneiras, 3 submarinos, 1 transporte, e 1 navio-escola.

Todas estas unidades estão já em construcção em diversos estaleiros europeus, assim como encomendado o respectivo armamento. Dentro de muito pouco portanto, ficará o Brazil aparelhado com uma esquadra magnifica, prompta a fazer valer a sua soberania e a impôr o respeito que lhe é devida.

—O armamento de que dispõe é de primeira ordem — Manser — modelo brasileiro. Ao seu serviço, contractados pelo governo, estão como instructores officiaes allemães, que representam uma garantia segurança para a boa disciplina, ordem e exercicio.

Eis resumidamente uma demonstração cabal do assumpto que no presente artigo nos propusemos fazer, devendo no proximo, encarar um outro não menos valioso e interessante — a instrução.

O Xuão

O ultimo numero deste semanario de Lisboa é mais uma affirmação da intelligencia e do xiste com que é feito. O sumario consta do seguinte: Primeira pagina — A pavorosa (a côres).

Pagina central — Uma preço sincera (a côres). Ultima pagina — Quem sustenta o... trólaró (a côres). Alem d'estas paginas de caricaturas inserir tambem diversos artigos, versos etc. dos melhores escriptores humoristicos.

Advertisement for 'A REVOLTA' ASSIGNATURAS. Includes rates for continents, islands, and foreign subscriptions, and a list of payment methods.

Advertisement for CLINICA CIRURGICA. Lists treatments for various ailments and names the doctor José Lebre.

Advertisement for Herculano de Carvalho, Medico pela Universidade de Coimbra. Lists consultation hours and address.

Advertisement for Consultorio Medico-Cirurgico. Lists treatments for various ailments and names the doctor CARLOS DIAS.

Advertisement for Consultorio Dentario. Lists treatments for dental issues and names the doctor MARIO MACHADO.

Advertisement for Consultorio Dentario. Includes a detailed price table for various dental services.



AGUA DAS LOMBADAS

AGUA DAS PEDRAS SALGADAS

AGUA DE VIDAGO (Fonte Campilho)

AGUA DE VERRIN (Fonte Espido)

DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.^a



Cachorros da Serra da Estrella

LEGITIMOS

A' venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a idade de 1 até 3 mezes, esta excelente raça de cães de guarda.

Todas as encomendas ou informações devem ser feitas a

Joaquim de Vasconcellos



Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

- Doces de ovos com os mais finos recheios.
- Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.
- Fabricam se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
- Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de folhado.
- Galantines diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.
- Sauisses Pud ngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
- Pão de ló, pelo systema de Margaride.
- Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.
- Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria. Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobílias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDOROS CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de verem a veracidade do que afirmamos.



Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanellas d'algodão, metro	65
Ditas, cor lisa, muito largas, metro	120
Córtés de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Meias para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2.500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confeções, perfumaria, brinquedos, etc., etc. **Brindes!** — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciarmos artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empréstimo sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

TABACARIA CENTRAL

DE

Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29 — Coimbra

Telephone n.º 276

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados, bilhetes de visita.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157

COIMBRA

Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabeleireiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas allemãs e francezas.

Pós e pasta dentrificas.

Fscovas para dentes, cabelo e fato.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasões e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante colleção de relógios de todos os sistemas e auctores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relógios proprios para mesa, parede e morés. Ha espartadores desde os preços mais baixos aos mais elevados. Vendem-se correntes de prata e ouro. Consertam-se relógios de todos os sistemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de cor e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. Tintas, oleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o pais, tem sempre calçado feito da melhor pelolaria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone 114n.º

EMENDANDO A MÃO...

Os boatos terroristas espalhados no estrangeiro pela gente da finança com a cumplicidade tacita do governo e o apoio dos elementos enfeudados ao monarchismo clerical que ora domina, tiveram, da parte do partido republicano a mais patriótica e digna das respostas.

Emquanto a Monarchia, mais uma vez, se apostava em nos difamar lá fora com a unica mira de servir os interesses do regimen em liquidação forçada e meia duzia de banqueiros e argentários gananciosos, o partido republicano reunia, a convite do seu Directorio, em Lisboa e, pela bocca dos seus representantes, contrapunha a essa infamissima propaganda de descredito a promessa, já em começo de realisação, de defeuder no estrangeiro o bom-nome e o credito nacional.

O que foi essa sessão do dia 22 são os proprios adversarios da Republica, sempre promptos a mentir e a calumniar que se vêm forçados a dizelo.

Imponente, como demonstração de força, de serenidade, de alto e levantado patriotismo ella provou, mais uma vez, que o partido republicano é o unico partido em que a nação pode confiar, em todas as suas crises — formidavel partido de ordem e de governo, norteado por principios e contando com o incomparavel valor moral e intelectual dos seus homens.

Na crise politica, incerta e tormentosa, que atravessamos, esse partido, que as condições actuaes da nossa vida social orientada pela monarchia em ininterruptos annos de fallencias de toda a ordem successivas e continuas, leva a ser, logica e ineluctavelmente, um partido revolucionario, tem ainda forças e energias proprias para se oppor á accção dissolvente e pernicioso do regimen e fazer o trabalho que incumbe aos partidos conservadores e dirigentes.

Parece que ha aqui um não-senso, uma troca de papeis e, não ha duvida que ha. Em Portugal, com a monarchia e emquanto ella existir está tudo trocado, tudo ao contrario. A revolução — na acepção commum de desordem, de transformação violenta — não está na praça publica, nem a representa o partido revolucionario, o partido republicano, mas está nas cadeiras do Poder.

Não existe uma sociedade monarchica em Portugal, — uma sociedade tradicionalmente monarchica, com uma mentalidade inspirada pela monarchia e aspirações de futuro identificadas com os interesses do regimen, e, á qual o partido republicano queira dar batalha e transformar violentamente, fazendo a revolução.

O que existe é uma sociedade republicana, um sentimento nacio-

nal republicano, um superior interesse colectivo identificado com o futuro da causa republicana e, ao qual, a minoria acephala e criminosa que nos governa pretende transformar *revolucionariamente* com a força unica que lhe provem de *estar de cima, de governar* e no intuito unico de, á custa da desgraça de todos, continuar a manter os privilegios da casta.

Emquanto, por isso mesmo, se não fizer a Revolução republicana, não existirá em Portugal a Ordem — factor essencial do progresso dos povos, porque o poder, esse, é que representa a Desordem, a Anarchia em todas as suas modalidades mais perigosas, mais mortaes, para o futuro e para a vida da Nação.

No mesmo momento em que o partido republicano, serenamente, ordeiramente, véla pelos superiores interesses do paiz, dois homens que em Portugal se classificam a si proprios, por um euphemismo de mau gosto, *d'estadistas*, dois homens que já governaram, governam hoje e pensam governar amanhã, — Julio de Vilhena e o actual presidente de conselho, Campos Henriques, — dão á plateia o espectáculo, vulgar nos arraiaes monarchicos, de se atirarem reciprocamente os ultimos insultos, reconhecendo-se um ao outro — elles, os amigos d'ontem! — como os mais incompetentes, os mais incapazes, quer moral quer intellectualmente, de gerir os destinos publicos!

Mão na cinta, bocca escumante, punho ameaçador, essas duas regateiras politicas esparrinham sobre os respectivos caracteres e as respectivas mentalidades toda a lama do charco em que vivem as suas alminhas tacanhas e os seus cerebros de politequestes de vista-baixa.

O paiz já está habituado a estas scenas e apenas os encara como novos fantoches que representam a velha tragi-comedia, de ha muito conhecida. E' a velha historia « — o paiz está sendo roubado por uma verdadeira quadrilha de ladrões », dizem uns; e outros respondem « não pode ser roubado um paiz que já foi posto a saque ». — Edificante!...

E é, por que mais resalta neste estendal de torpezas, a attitudo nobilissima do partido republicano, que os homens do governo, apavorados, rosnam coisas sombrias, aconselham moderação, inventam perigos — receiosos que nós os ponhamos em camisa perante a Europa, sujeitos á justa execração e risota do mundo culto e vão emendando a mão, no pavor de que a campanha de descredito que contra o paiz encetaram ou, criminosamente consentiram recaia inteira sobre elles.

Ah! como por vezes, com gente d'esta, se chega a comprehender a crueldade, — como satisfação ao sentimento moral offendido e por amor á justiça!

PRO ITALIA

Subscrição

A redacção d'A Revolta.....	5\$000
Anonimo.....	1\$500
N.....	500
Z. G.....	500
T.....	600
J.....	300
Somma....	8\$400

COISAS & COISOS

Escandaloso!

Podemos garantir que, apesar do que se diz em contrario, ainda continuam abertas algumas cadeiras na faculdade de Direito. E' phantastico este escandalo! Isto assim não pode continuar!

Ou fecha tudo, ou ha-de haver aqui moralidade!

Companhia Real dos Caminhos de ferro

Serviço especial para lentes de Direito
(Lições d'Ida e Volta)

Esta companhia, á semelhança do que se faz em Gerolstein, tem montado um optimo serviço de lições d'Ida e Volta, a preços reduzidos. As tarifas a aplicar são diversas conforme o numero dos ex.^{tes}. Lentes que deste serviço se aproveitem. Indo todos juntos num compartimento, sae o bilhete a 35 cada um. Serviço progressivo, rapido, moderno e aceado.

Ao fim de um anno de assignatura, a Companhia, em bonus, colloca os assignantes na commissão parlamentar de pescaria mandando-os substituir na regencia das suas cadeiras, por guarda-freios expressamente habilitados.

O Director do movimento.... Irra.

MIUDEZAS...

Faz agora um anno. Epocha tragica, incerta, em que não se podia contar com o dia d'amanhã. A oppressão moral era tão grande que, positivamente, se respirava mal, doia o peito, sentia-se o coração, por vezes, bater tão lento, tão a custo, que receiavam que elle fosse parar definitivamente. Um horror!... Prisões cheias, deportações, ameaças...

Um horror!...

A noticia estoirava como uma bomba. E ainda estamos a ver o José Mendes, sem folego da corrida desde casa até ao café onde estavam, mal recebera o telegramma p'ra nos dar a grande nova... Um raio não nos teria fulminado mais!... Era certo, não admitia duvidas! Na treva caliginosa rasgára-se, a subitas, uma larga clareira e a esperança... A esperança! — florinha humilde entre as neves de seculos que é eterna e divina!

Era certo! Viva a Patria!

E passado o sobresalto de todo o nosso ser ante a noticia — veiu uma reacção igual e allí nos quedámos, serenos na apparencia, á mesa do boteliquim, saboreando um café e conjecturando, pensando, devaneando...

Foi assim que elle, o representante da ordem, a auctoridade nos foi encontrar... Cá fóra a noticia circulava entre a multidão que se apinhára n'um instante e — coisa que ha muito não

CELEBRES... DE BORLA



O TERROR...

Não nasceu, foi promulgado,
Em fria noite d'inverno,
E fizeram-lhe umas fraldas
Com um « Diario do Governo »

Quando estava rabugento
Não dava gritos nem ais,
Dizia só para a ama:
« Diga! diga! diga mais... »

E a ama por não saber
Não respondia, coitada...
E elle gritava, damnado:
« A burra! não sabe nada!... »

Ha-de rugir quando lér
Estas quadras innocentes!
« Cá estão desconsiderações
Mânifestas e patentes ».

Dr. Watson

succedia — fallava alto, commentando, n'um pasmo e n'uma anciedade...

— Será verdade? — perguntei eu ao ponderado homem, suffocando uma gargalhada que me torcia todo ante a sua physionomia que uma grande decepção e um grande susto mal disfarçado ensombriavam.

Oh! como soffregamente, anciosamente, elle puxou uma cadeira, se sentou do outro lado da mesa, em frente a mim!...

— V. Ex.^a é uma creatura intelligente... — começou elle...

E eu, modesto...

— Muito obrigado...

— Mas não! não me agradeça!

Todos o dizem e eu não me canso...

— Muito obrigado...

— Mas excepcionalmente intelligente...

— Por quem é!...

— Cheio de bom senso...

— Então...

— Bem vê que a noticia é mentira...

— Sério, hein?

— Absolutamente mentira... Que

V. Ex.^a, intelligente como é, viu logo...

— Sim, eu...

— Pois está claro... Eu dou a

V. Ex.^a a minha palavra d'honra...

E imperligando-se, levantando a voz:

— A minha palavra d'honra, mais

sagrada... O comboio só chegou depois do rapido partir... Bem vê que

é uma «balela»... V. Ex.^a inteligente,

te como é, viu logo... E eu garanto a V. Ex.ª, dou-lhe a minha palavra d'honra... Recebemos um telegramma que dizia: o comboi teve um atraso de meia hora perto da Casa Branca... Toda a familia optima e delirantemente aclamada em Lisboa...

D. Fuas.

Pela faculdade de Direito

Providenciou finalmente o governo sobre a vergonhosissima situação em que se encontra a faculdade de Direito que no actual anno lectivo tem tido fechadas algumas das suas cadeiras mais importantes por falta de professores.

Acordou tarde o governo, mas mais valia ter continuado a dormir do que sancionar o tremendo disparate que para ahi apparece com o nome de decreto, e como sendo o remedio necessario para acudir ás necessidades do ensino juridico.

É claro que o governo procedeu assim porque a faculdade de Direito se lhe dirigiu nesse sentido pela boca do Reitor da Universidade.

O governo só por si era incapaz de ter iniciativa, boa ou má, em coisas de instrução porque nenhum dos seus membros jamais se preocupou com essas bagatelas e porque todos se mostram profundamente gratos para com a ignorancia dos outros e sem a qual nunca poderiam ter alcançado as posições elevadas que occupam.

Demais as necessidades de regedoria e as premeditações de pavorosas sam neste momento o unico objectivo dos nossos governantes.

E o documento, finalmente, não engana ninguém. Sente-se nelle a alma pequenina da faculdade de Direito, e em cada uma das suas disposições vê-se o espirito de casta dos seus auctores. Senão veja-se.

A faculdade de Direito tinha neste momento occasião de mostrar ao paiz quanto é grande o seu desejo de progredir e acompanhar o movimento scientifico dos nossos dias, e quanto nós estudantes somos injustos quando a acusamos de reacção e cathedratia.

E para isso bastava pedir ao governo em primeiro lugar, ou mesmo exclusivamente, aquillo que só lhe pede para quando não houver mais nada de que lançar mão — o poder de chamar a reger as suas cadeiras vagas os homens de sciencia, encapelados ou não, que fossem julgados aptos para tal.

Em lugar, porem, dessa resolução queja nobilitaria e rehabilitaria de muitos erros passados, a faculdade de Direito entendeu conveniente para o ensino e para os seus brios esgotar primeiro todas as tentativas para que os lentes jubilados, os capêlos e os licenciados venham preencher as faltas existentes.

Os lentes jubilados chamados novamente a reger cadeira, não lembra ao diabo!

Qual foi então o motivo da sua jubilação? A não se ter feito um grande escandalo decerto a verdadeira causa foi a sua incapacidade fisica ou intellectual e quasi sempre as duas. E cremos acreditar que o primeiro facto se não deu na quasi totalidade dos casos, porque ao lente não convem a aposentação que, em geral, o mesmo vem a ser do que a perda de toda a importancia e influencia que disfructa.

Mas se elles foram julgados incapazes como admitir que esses homens voltem a occupar os seus logares? Uma destas só das cabeças dos lentes de Direito!

do ser lentes, pedem aos mestres para lhes darem o grau de Doutor, tendo-se previamente comprometido a nunca ir a concurso.

Vem a seguir os licenciados. A respeito destes nada ha a dizer senão que estão em melhores condições de saber ensinar do que os lentes porque não tem de desaprender, como dizia um notavel advogado falecido, o que poderiam ter estudado para defender teses e fazer concurso!

Vem finalmente em ultimo logar o recurso aos homens de sciencia que a faculdade julgue capazes de saber ensinar.

Quer dizer que nunca será preciso recorrer a tal, e a faculdade de Direito fica absolutamente satisfeita com isso — porque ha por esse paiz muito pateta de borta, mortinho por se sentar na cathedra.

Nada tolôs estes mestres de Direito! E estão com certeza convencidos de que toda a gente louvou o seu belo e atrevido gesto de pensarem em convidar para a sua olimpica companhia os... homens de sciencia deste país!

Homens de sciencia na Universidade! Ora os atrevidos...

Francisco Corare

Factos e Commentarios

Festas academicas

Falla-se entre a briosas em fazer as festas do centenario da cabra.

Deve haver, segundo a praxe, cortejo com carros allegoricos.

Que não esqueça o carro funebre da greve que, coitadinha, ha dois annos que está insepulta, cheirando cada vez peor.

Homens illustres

Foi publicado um decreto auctorizando o estabelecimento a chamar, se tanto for necessario, homens illustres para a regencia das cadeiras vagas na faculdade de Direito.

Como em primeiro lugar devem estar os da casa, desde já recommendamos o sr. Gayo.

Exotherikos

Diz-se que os exotherikos reunidos em assembleia geral resolveram pedir aos poderes competentes a prohibição do conhecido pregão das peixeiras de Coimbra — sardinha co'a arêia.

Julgam que é piada ao poeta do mar alto...

Um diplomata

Numa porta d'escada em Lisboa foi encontrado fora d'horas um addido de legação que ficou algo atrapalhado com o caso.

O que elle fazia não sabemos. Também não sabemos de que legação é o diplomata mas deve ser da allemã.

Que diabo estaria o homem a fazer?

Um equivoco

Já vamos tarde, é certo, mas antes tarde do que nunca, lá diz o rifão antigo!

Pois é verdade. O ministerio Ferreir do Amaral não resistiu ao beaterio.

Lá foi abaixo, com elle, por causa d'elle.

São as proprias irmãsinhas que o dizem.

O orgulho da força!

E não ha duvida. El-rei fallou.

O Conselho de Estado reuniu, mas para ouvir da bocca regia, que... o ministerio estava demissionario.

O conselho de Estado ouviu... e nada mais.

O caso estava resolvido já de ante-mão.

As irmãsinhas! Os irmãosinhos!

Foram elles que o resolveram, e com todo o direito, porque não?

Demais, dizia-se á bocca cheia, que o Makavenko era pécco.

Nada de brincadeiras.

E foi para a rua. O unico caminho. Victoria!

Liberal?! Uff!

E a intentona, os republicanos? A intentona, a intentona?

Era realmente comprometter tudo, por completo. Nada...

As beatinhas tem razão. E ellas o dizem.

Foram ellas e é que foram. As saias, as saias!

... di femina!

Celebres... de boriá

Já era nosso intento. Mas ultimamente, amáveis assignantes, pediram tambem — os celebres colleccionados. Um albumzinho.

Assim é que, no numero de hoje, tentámos um formato adequado, e processo de gravura differente.

Os nossos leitores dirão. Agradará assim.

O celebre de hoje presta-se pouco a innovações, mas... e até vermos.

E' troça

Disse-nos um amigo no café que era verdade. Mas qual historia!

O movimento era desusado, sim, era; muita policia, caras novas na terra, algumas de gravata vermelha, puxando á democracia, mas... as botas tão altas, o bengalão!

E d'ahi, talvez fosse.

E' boa, mas chegaria até cá?

— Você verá. E é para breve.

— Então, Coimbra ameaça, Coimbra arrazada?

Alguma cousa lucraremos, concluímos nós em surdina.

Aulas fechadas!

Uns feriãditos! E não eram maus. O anno já vai tão grande e promete...

tantas complicações...

Ah! Boa greve!

Obrigado, amigo, assim seja.

De Coimbra para «O Seculo»

«Conta já 200 assignaturas a mensagem de congratulação que vae ser enviada ao snr. Conselheiro Vasconcellos Porto pela sua eleição para chefe do partido regenerador-liberal.»

A grande maioria d'estas assignaturas é dos meninos cá da briosas que a troço da promessa d'um empregosinho juraram a greve.

E ha inda quem tenha esperanças, que, com estes francoseiros isto se endireite.

De passagem

No baile do Gremio: — Sim, snr. Conde, é realmente um pintor notavel.

— Veja você. Tenho em casa, feita por elle, uma ampliação a oleo d'um retrato meu. E' uma perfeição. Está parecidissimo, dizem-n'o todos, até as proprias pessoas que me não conhecem.

Carta a um comerciante

Hoje, ao assentar-me aqui á mesa de trabalho, deparei com o numero de A Revolta, que o meu amigo devolveu.

Perdoe este modo familiar. Mas o traço que cortava o artigo incriminado, origem da devolução, faz-me crer que o senhor é uma daquellas creaturas de que os seus pacatos collegas ham de fugir, tam nervoso e tam febril, que mal o posso imaginar a fazer lançamentos nos livros da sua, por certo, complicada escripturação. Porque eles fogem é que eu a si me dirijo. Ao meu amigo deve faltar a conversa. Um pouco de cavaco, pois.

O artigo do Homem Christo teve o condão de excitar-lhe os nervos: julgou ver all um melindre, uma offensa pessoal ou á sua classe, o que o meu amigo não suporta e com razão, o que ele não quiz fazer e com delicadeza.

Mas discutamos com serenidade. Homem de negocios, com imensos e inculcaveis pequeninos nadas a ter sempre em vista e em conta, a especialização das suas faculdades — não pense que isto vae melindre — lá-lo arreado do pr-biemo que se debate, e não foi decerto na intenção de imitar o gesto e ter a fortuna do velho gaulez que o meu amigo atirou a sua caneta sobre a columna e meia do pobre artigo. Não foi para que do nosso lado pezasse mais, confesse.

Não quiz entrar na discussão a ella trazendo um pouco da sua filosofia, um solido e subtil argumento que desfizesse o pezado daquellas affirmações. Não quiz. Não se preocupou. Não ponde. A especialização das suas faculdades!

— Sim é verdade! Eu sinto que me diz que foi apenas sua intenção desforrar-se. O sr. tem os seus brios.

Nesta altura noto-lhe já que o brio não é nenhuma faculdade critica. E assim não entrou da unica maneira porque deveria entrar.

O que prova a sua devolução contra a má organização do ensino?

Ah! sim, ela prova, e demais, a nosso favor! Mas não foi sua intenção dar-nos o argumento. Já confessou. O

sr. desforrou-se, fez uma balda — o jogo continúa incoberto... — Mas quer continuar? — Oíça ao menos. Nós nem de leve supozemos ganhar a partida. Tivéssemos... impressões!

Lembra-se do João Franco? Foi no tempo dele que começámos a jogar. A Camara e o Commercio de Coimbra, de combinação, fizeram-se em oiros alegando logo que isto de nós querermos ser feitos para nos pormos a seguir a andar, não podia sêr; que era uma deslealdade para com eles, nossos antigos parceiros; que ganhávamos todos em conservar esta mezinha, uns com o silencio que se não encontra «na confusão dos grandes centros», outros tirando d'aquilo honestamente, está claro, o bastante para ir vivendo.

Fizemos então algumas baldas!

Os senhores cortavam com oiros e enchiam as vazas com paus e espadas...

Perdemos. Mas rapazes... — Ah! estão outros que querem jogar.

E já os srs. começam a falar dos interesses — diabo! — dos oiros, da sua influencia, ameaçam — enchem com paus e espadas — e não ha maneira de sair d'aqui.

E o sr. lez aquilo p'ra desforrar-se! Ora!

Ninguém o quiz melindrar, nem a si, nem aos colegas.

Entre parceiros, pelo menos, cortezia.

Um conselho, meu amigo: façam o mesmo jogo, carreguem nos naipes pretos, apertem nos trunfos, o fraco assusta-se e desorienta, e os rapazinheiros que querem fazer de fortes estão estendidos.

E os srs. ... ganham, pois não haviam de ganhar.

Mas trunfem sempre em oiros, é naipe rico, dá mais interesse!

E agora não pense que nos zangamos. O sr. lez o que ponde.

E a quem faz o que pôde, Deus lhe acode. Assim seja.

P. S. — Não esqueça o trunfo, hein! E deixe folgar quem folga...

Coimbra, 28-I-09

TRIBUNA DOCTRINARIA

Jesus Christo

At ubi venit plenitudo temporis misit Deus Filium suum, factum ex muliere, factum sub lege, ut eos qui sub lege erant redimeret, ut adoptionem filiorum reciperemus. (ad Gal. IV-4 e 5.)

Eu não venho, certamente, falar de Jesus Christo para o apreciar sob á sua feição physio-psichologica, como Sanglé, nem estudal-o á luz da Historia, como Strauss ou da fantazia, como Renan.

Nada disso está, por agora, no ambito da empresa que me propuz. Decidi discutir a Igreja, apontando os absurdos das suas affirmações, antes de apreciar as theses e os factos sob que ella assenta o enredo de suas bizarras mentiras: descobrirei o tecto ao casarão para que a purificadora luz lá possa depois difundir-se, arredadas as teias d'aranha da sua arguta dialectica.

Embora Christo tenha sido um degenerado, elle nem por isso pode desmerecer aos nossos olhos, á parte, claro está, os excessos a que a multidão circumdantes o levou, obrigando-o, talvez, a suppor-se um enviado de Deus, senão mesmo o proprio Deus, em nome de quem, como seu filho, os agiographos o fazem falar — Omnia quaecumque habet Pater mea sunt — (XVI-15 s. J.) Tudo o que o Pai tem, meu é.

Não são porventura os degenerados os que avançam na conquista do Ideal? O que é o homem aperfeiçoando-se, senão o homem degenerando?

Não quer dizer que a degenerescencia seja sempre vantajoza, mas o que é evidente é que o homem quanto mais normal, se isto alguma causa significa, tanto menos se conta como valor para o progresso da Humanidade.

Que Christo, portanto, fosse um degenerado nada me incommoda para, no ambito humano da sua obra, o estimar sobremaneira na elevação dos seus conceitos, na delicada sensibilidade da sua alma sempre internectada para com os infelizes, apesar de muitas lacunas a que a sua educação e origem semita o propeliã.

Não é do Christo historico que eu hoje escrevo: é do Christo místico que a Igreja nos apresenta e do modo como ella o considera, e das conclusões que ella tira que me apraz falar.

A Igreja apresenta-nos o Christo como a victima imolada nas cumiadas do Golgotha para salvar a divida secular a Deus da Humanidade delinquentemente desobediente.

Vejamos de vagar o monumental imbroglío que ella faz para conseguir o seu desideratum.

O homem, dizela, delinuiu pela sua desobediencia ao Paraizo e o agravo que fez ao Todo Poderoso foi de um certo modo infinito, não pela capacidade do agente mas pela excelencia da pessoa infinita a quem era feita a offensa. Bem podia a Humanidade innumeravel nos seus individuos como o ceu nos seus soes imolar-se em holocausto de penitencia com o desagravo ao seu Deus, que já mais conseguiria liquidar tão tremenda falta!

Deus, porém, na incommensurabilidade do seu amor aos homens não trepidou um momento: mandou incarnar o seu filho dilecto para que elle assumindo a natureza humana, possesse ser imolado para expiação dos crimes da especie. «E para quê?» perguntará toda a gente. E' a Igreja que nol-o diz.

E que a Natureza Humana absorvida pela Natureza divina ficava capaz de praticar actos de uma imputabilidade infinita!

Agóra sim, já entre os homens o filho do Homem podia lavar com o seu sangue innocente (!) a nodoa, o crime nefando dos primeiros paes!

Em tudo isto ha, porem, demasiados planos inclinados por onde a Fé resvalaria até ao scepticismo, se a Fé se guiasse por motivos de credibilidade!

Para encurtar razões eu valho-me dum grande Santo da Igreja Catholica, resumindo-o todavia, e mostrando assim a lealdade do meu discutir.

Santo Thomas, tratando de essencia natureza e pessoa colloca-me em ottimo campo para liquidar este assumto sem carecer fazer philosophia por conta propria o que não é das causas mais facéis.

Pessoa, conclue o Santo, é á substancia completa, racional e subsistente em si; essencia é o que constitue o ente numa certa e determinada especie, distinguindo-o de todos os outros; natureza é a propria essencia emquanto é o principio primeiro das operações.

Isto é, em resumo, a doutrina de Santo Thomaz sobre o assumto. Em Christo havia duas naturezas: a Divina e a Humana.

Mas estas duas naturezas constituem uma unica pessoa. Deixemos o misterio e vamos aos corolarios.

A natureza humana em Christo foi assumida pela divina.

Muito bem; mas então quem é que padeceu e morreu quem é que se victimou para solver a divida da Humanidade?!

Foi Christo, isto é, a pessoa de Christo. Mas a pessoa de Christo era divina, era o proprio Filho de Deus, era Deus tambem: era o verbo, a propria actividade creadora. Et verbum caro factum est, — e o verbo encarnou.

Ora como se pode admitir que a pessoa divina soffresse e morresse?

Não é Deus impassivel? — E', de certo. Logo o drama do Calvario não foi drama, foi comedia. A victima fingia que soffria quando na verdade era impassivel. Mas Christo era Deus e este é a soma verdade que não se engana nem engana; como harmonizar estas coisas?!

Ah! Talvez venham dizer que quem soffreu e morreu foi a natureza humana. Admittindo que fosse possivel que tal se desse num todo em que esta natureza estava desqualificada pela absorção, que della fizera a pessoa divina, para onde ia, então, o merito infinito da paixão de Christo?!

A Igreja assenta toda a sua auctoridade no facto de receber o mandato de Christo, verdadeiro Deus.

Se Christo, porém, pelas contradicções que se notam na doutrina que lhe é impontada e na sua paixão com as affirmações que de si fez e que a Igreja repete, não pode de forma alguma ser Deus, drruida fica a Igreja desde os seus fundamentos.

Como eram bons os tempos da Santa Inquisição em que se carbonisavam os que tinham olhos para ver estes enormes e indigestos pastelões!

Lucifer

A «REVOLTA»

Encontra-se á venda em Lisboa na «TABACARIA MONACO», Rocio.

Em Coimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

O Brazil moderno

III

O assumpto de que hoje nos vamos occupar — a *instrução* — é um d'aquelles que, pela sua capital importância, não pode, com proveito, ser apenas tratado n'um rapido artigo, por mais summaria e resumida que seja a nossa exposição.

Dividil-o-emos portanto em duas partes, tratando na primeira, da *instrução primaria e secundaria*, que hoje trçaremos, e na segunda, da *instrução superior* — que constituirá o objecto do nosso proximo artigo.

Um dos problemas que mais demorada attenção e mais accurado estudo têm merecido dos governos da Republica, tem sido incóntestavelmente o da *instrução primaria* — procurando diffundil-a o mais possível, e orientil-a de sorte que, o seu resultado seja na verdade, benefico e util.

E os seus esforços estão sendo co-rodados de bom exito.

Não falando já do Districto Federal, onde ha superabundancia de escolas officias de ensino primario, consideravelmente frequentadas e dispondo todas de optimas accomodações e magnifico material moderno, observa-se em todos os Estados, mórmente no de S. Paulo, o mesmo afan, levando a toda a parte, mesmo aos lugares mais insignificantes, a corrente salutar do ensino, não pouparado para isso verbas extraordinarias.

E' assim que a percentagem do analfabetismo tem baixado extraordinariamente n'estes ultimos annos e de um modo bem symptomatico.

Mas, alem do professor ser bem pago e a tempo, o que o incita a cumprir fielmente a ríscã e com verdadeira devoção a sua missão patriótica; do material ser, como já se disse, correspondente a todas as exigencias do ensino; da existencia de premios, que mais despertam o estimulo da creança; um outro factor existe — e este o mais importante — que determina o resultado que os dirigentes do paiz tiveram em vista — o civismo, isto é, a primorosa educação do sentimento patriótico da creança, de forma a tornal-o um verdadeiro cidadão, amante da sua patria incomparavel, admirador das instituições que a dirigem, e consciente do verdadeiro culto a prestar aos principaes vultos da sua historia.

Queremos fazer referencia ao — *methodo intuitivo, logico e racional* — posto em pratica e que, em nada, se parece com o processo antiquado e estúpido ainda hoje seguido na maioria das nossas aldeas, em que a creança, longe de lhe formarem o coração e satisfazerem o seu espirito, embota a intelligencia e tortura cruelmente a memoria, decorando *estopadas* inuteis, para depois as vomitar inconscientemente na presença do estropeado e chlorotico mestre escola, que, tambem na maioria dos casos, se faz impôr aos seus pequenos discipulos, não pelo carinho ou affago, mas pela dura e alentada palmatoria ou flexivel e resistente mar-meleiro.

Aquelle methodo consiste muito simplesmente no seguinte:

1.º Despertar as faculdades intellectivas do discipulo por meio de exposições claras, exemplos frizantes e comparações felizes, que elle facilmente assimilal-á, servindo-se da memoria como simples subsidio.

2.º Sempre que seja possível, dar preferencia ao ensino pratico, de sorte que o aproveitamento seja mais proficuo.

3.º Promover constantemente entre os alumnos, discussões ordenadas e disciplinadas acerca de themas previamente estabelecidos pelo receptor, que a essas mesmas discussões assiste, e do que resultam optimos resultados.

4.º Animar o incentivo da creança por meio de premios e outras recompensas, dirigindo-a com carinho, de modo que a escola em vez de lhe incutir terror, lhe desperte antes sympathy.

5.º Educar e desenvolver tanto quanto possível o sentimento patriótico. Para este fim, basta citar como exemplos o ensino da historia patria por meio das biographias de seus heroes (Methodo Sylvio Romero) e a adopção de livros de leitura como o de Hilario Ribeiro, intitulado — *Patria e dever* — que contem preciosos elementos de educação civica e moral.

Convem tambem lembrar a obrigação de, pelo menos, uma vez por semana, todos se ensaiarem nos canticos e hymnos patrióticos, o que desenvolve enorme entusiasmo, não esquecendo igualmente as preleções simples e accessiveis sobre o culto a prestar á ban-

deira, aos mortos, á democracia, e a todos os monumentos que traduzam uma idéa noble ou um facto glorioso.

6.º Finalmente, observar rigorosamente o § 6.º do art. 72 da Constituição da Republica, que diz: *será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos publicos*.

Com taes processos, não é difficil pois ajuizar, quaes tenham sido os resultados obtidos.

Relativamente á — *instrução secundaria* — está ella hoje modelada pelo systema adoptado na Alemanha.

Alem do curso geral, existem os bacharelatos em sciencias e letras, estes ultimos com um curso de sete annos cada um, no fim dos quaes, e prestado o exame chamado de — *maturação* — o alumno obtem um diploma, que lhe dá ingresso no curso superior a que se destinou.

Os estabelecimentos officias para esses cursos, notaveis pelas suas installações e direcção, chamados — *Gymnasios* — (denominação correspondente aos nossos Lyceus) dividem-se em: — *internatos e externatos* — funcionando aquellos, em predios separados destes.

Nos primeiros, os alumnos, mediante annuidades commodas e modicas, encontram, alem do ensino, uma alimentação abundante e sádua, hygienicos dormitorios, magnificas installações balneares e todos os requisitos emfim que taes estabelecimentos de instrução devem conter, como: cercas, jardins, salas d'armas e de gymnastica, theatro e jogos athleticos, necessarios e vantajosos para os que ali têm de permanecer durante um praso de tempo não pequeno, pois que só em occasião de ferias lhes é facultado estar junto das respectivas familias.

Nos segundos, o regimen de frequencia corresponde ao adoptado nos nossos Lyceus.

Escusado será dizer que no ensino secundario, o methodo adoptado não é mais do que o desenvolvimento do que anteriormente apontámos e ligeiramente descrevemos, e cujos resultados julgamos ociosos, de novo encarecer.

Na proxima vez, esboçaremos a — *instrução superior* — apreciando cada um dos seus ramos e detalhando a respeito d'alguns os seus programmas, afim de evidenciarmos a sua proficiente orientação.

NOTA — No artigo anterior, devido á pressa com que a revisão foi feita, passaram muitas *grialhas*, como — *desenvolvamos* em vez de — *desenvolvemos* — e muitas outras que a intelligencia do leitor decerto rectificou e a sua benevolencia relevará. Os algarismos é que, por acaso, sahiram certos, excepto a data de 1906 em vez de 1907, referente á exportação da segunda verba de mercadorias.

A. S.

Animatographo Pathé

Realizou-se no domingo passado a estreia deste animatographo, que funciona no Theatro Principe Real.

O programma variado, composto de bellas fitas, foi rigorosamente cumprido, satisfazendo as exigencias do publico, tanto pela nitidez das figuras, como pela quasi imperceptivel trepidação.

Estreiu-se tambem a gentil e sympathica completista Alda de Jolie, que sem ter uma voz muito poderosa, disse com muita clareza, todos os couplets, accentuando certas phrases com immensa graça, mas sem exageros.

Asseguramos á nova empresa todas as prosperidades que merece, se continuar, como é de esperar, a dar boas sessões como a de domingo, com duas casas cheias.

Tourada

Em beneficio dos sobreviventes d'Italia um sympatico grupo de rapazes amadores tauromachicos de nome feito alguns d'elles realisam amanhã 31, na praça da Mealhada, uma corrida que a avaliar pelos elementos de que dispõe, prometê ser deslumbrante. A iniciativa altruista d'estes nossos amigos tem encontrado no publico um acolhimento de tal ordem que, aconselhamos que se apressem os que ainda não tem bilhete. Haverá comboio especial de Coimbra para a Mealhada, a preços reduzidos.

Na redação d'A Revolta até ao meio dia de amanhã podem requisitar-se bilhetes.

ENSAIOS DE CRITICA

A arte moderna

I

Em politica «anarchia» significa ausencia de soberano; em materia de arte quer dizer: ausencia absoluta de leis impostas ao compositor sob qualquer forma.

J. Combarieu

E' antiga e profundamente verdadeira a ideia de que a Arte é una e indivisivel mas que se apresenta por formas diversas.

Qualquer que seja o conceito que se orme da arte esta unidade toma-se pelo simples exame das suas manifestações, absolutamente clara: o fim de todas é provocar no espirito humano emoções physiologicas de um caracter especial. Os proprios meios de que para este fim se servem os artistas embora differentes, tem pontos de contracto, pois ninguem desconhece as analogias de rythmo, compasso, altura, intervallos e expressão communs á poesia e á musica; o parallelismo dos fenomenos de optica e de acustica foi estabelecido pelos trabalhos de Thomaç loung e Fresnel e a analogia entre as vibrações sonoras e as vibrações luminosas produz a semelhança resultante das sensações dos sons e das cores; graças, finalmente, á relação de numeros que constitue as notas e que se chegon a determinar exactamente, a musica pode ser considerada como uma architectura de sons, da mesma forma que a architectura é a musica da extensão.

Na sua evolução, esta unidade é então evidente e um rapido exame bastará a demonstra-la. Durante o longo periodo da idade-media em que o espirito humano preocupado com a ultra-vida não tinha olhos senão para Deus, e ante em todas as suas manifestações tinha um caracter requintadamente religioso. Na architectura fizeram-se as grandes cathedraes em que a partir do seculo XII o estilo românico foi substituído pelo ogival cujos monumentos dão a impressão «duma obra fragil e contra a natureza, dum esforço insensato para se elevar até ao ceu»; na poesia, ao lado dos romances, *canções de gesta* e *serenatas* dos trovadores troveiros havia as representações cantadas nas igrejas e dos *mysterios* como os de Jean Michel; as manifestações de pintura, alem dos *primitivos*, visto que a pintura a oleo só foi conhecida na Italia no sec. XV, limitavam-se ao desenho de illuminuras dos livros de canções e sobretudo nos missaes; na musica, emfim, durante esta epoca domina o cantochão forma religiosa.

Fallamos da idade-media mas em todas as epocas e periodos esta mesma evolução se dá. Na evolução da musica, como na evolução da Arte, como na evolução geral, tudo se encadeia; e assim até á musica de hoje tivemos o cantochão da idade-media que foi o confluento das artes, pouco conhecidas, latina, grega e hebraica; a musica da idade-media desenvolveu-se na renascença cujas manifestações se concretizaram e atingiram o seu mais alto grau em Bach e Haendel; depois Haydn que por sua vez deu Mozart, em quem a musica attinge a sua maior perfeição plastica.

Quando parecia que nada se poderia fazer de superior surge Beethoven que na perfeição plastica de Mozart introduziu a philosophia. Teria mesmo feito a revolução que estava reservada a Wagner se fosse um poeta como este; mas ainda assim foi Elle quem deu o primeiro grito composito a maravilhosa symphonia com coros (IX).

Esta symphonia decidiu da vida de Wagner: desenvolver a forma nella esboçada, levantar a musica alemã, então decadente e dar um golpe mortal na opera que até ali era apenas pretexto para exhibição de *virtuosos*, (como ainda hoje em quasi todos os paises) taes foram os fins que Wagner se propoz e que todos alcançou.

Ao mesmo tempo Ibsen no theatro e Flaubert no romance, despresando as regras e moldes tradicionais creavam a forma livre: Bakunine estendia a forma livre até á constituição da sociedade.

E desde então a liberdade na arte ficou consagrada.

Saran academico

Foi um saran litterario-musical. Da parte litteraria nada ha, infelizmente, a dizer.

Falaremos, pois, da parte musical. A orchestra alguma coisa fez, dada a falta de executantes e o diminuto numero

d'ensaios. Mas a escolher aquelle numero da partitura da *Aida* melhor seria não ter executado os bailados onde a insuficiencia de timbres, se já era sensivel, não o era tanto como nelles.

Das amadoras de canto, revelou senos artista a Ex.^{ma} Sr.^a D. Margarida Vaz que, a par de uma voz quente e bem timbrada, mostrou saber aproveitar-se della com sobriedade e arte, sem exaggero de *vocalises* nem trucs de que geralmente os *virtuosos* se servem. Sobre, nos dois trechos do indole tão differente que nos fez ouvir, adoptar-se perfeitamente a cada um, cantando o primeiro com a suavidade mystica que lhe é propria e dando ao segundo, a graça leve duma *tourterelle*. Das boas qualidades da distincta amadora destacam-se ainda a grande pureza de dicção, entre nós tão rara, e o dominio que já tem sobre a voz e que desenvolvido pelo estudo a tornará mais tarde uma cantora consummada.

A Ex.^{ma} Sr.^a D. Palmyra Sequeira mostrou o sua boa escola nos trechos que cantou, especialmente na aria de Elsa do 2.º acto de *Lohengrin*. A distincta professora é de sobjeio conhecida neste meio para que seja preciso encarecer os seus meritos na arte do canto.

Agora o Orpheon.

A primeira impressão que tivemos foi de surpresa. Os orpheonistas mostravam-se reaciosos, diziam-se pouco ensaiados, e nós esperavamos ouvir não uma cousa má, mas uma cousa pequena.

Atacam o *Choral da Paixão* e ouvimos Bach! Firmes, unidos, obedientes á batuta, ora nos davam a impressão grandiosa duma orchestra, ora produziam em accordes as sonoridades solemnes dum orgão.

No côro de *Freischütz* houveram-se igualmente bem, assim como na *Perola do Mar*, composição de Isidro Aranha, um apaixonado da arte, e no orpheon, um precioso auxiliar, verdadeiro braço direito do Joyce.

Não queremos dizer que o orpheon seja absolutamente perfeito; se o seu naipe de baixos é completo, possuindo mesmo algumas vozes estaveis, outro tanto não acontece com os tenores que são asperos (o que não é de admirar em pessoas que pouco conhecem de canto); não tem ainda a homogeneidade necessaria, e não a terão enquanto alguns, talvez pelo prurido de exhibir a sua voz que de certo julgam boa, se não convencerem de que não são solistas e de que tem, para conservar a harmonia, de sujeitar-se ás exigencias do conjunto.

Tambem achariamos melhor que os trechos fossem cantados na lingua original — o *Choral* em allemão ou latim, o *Côro dos Caçadores* em allemão.

Emendados estes defeitos, o orpheon, o primeiro da peninsula, poderá sem receio apresentar-se em toda a parte porque será ouvido com agrado.

O que faz passar é que numa academia decadente e desunida como a nossa, e numa cidade tão falha d'arte como esta, haja alguém que se abalance á difficil empreza de organizar um orpheon, e, o que é mais, de o conseguir levando á relativa perfeição que este já tem.

Para conseguir isto, só quem alliasse a um temperamento de consumado artista as qualidades de ensaiador paciente e habilissimo; só quem tivesse grandes conhecimentos tecnicos e fosse ao mesmo tempo um regente de golpe seguro e persuasivo; só quem tivesse uma vontade de ferro e, conjuntamente uma superioridade moral capaz de se impôr a esta academia.

Decididamente Antonio Joyc era indispensavel em Coimbra.

Triplux.

Movimento Republicano

Inauguração do Centro dr. Luis Rosette

Inaugurou-se no domingo passado este novo centro Republicano. A sala achava-se vistosamente ornamentada com flores, verdura e retratos dos nossos correligionarios mais em evidencia.

Muito antes da hora marcada já a sala se encontrava apinhada de povo que desejava ouvir os oradores.

A certa altura adenta-se o academico Guilherme d'Albuquerque que, depois de fazer algumas considerações, propoz para presidir á sessão o sr. dr. Luis Rosette, que escolheu para secretarios os srs. Jayme Lobo e Pereira de Vasconcellos.

O presidente depois de agradecer a honra que lhe dispensaram deu successivamente a palavra aos nossos correligionarios: Ramada Curto, Ramos Guepes, dr. Fernandes Costa, Antonio Car-

neiro, Alves Sequeira, José Cardoso e Antonio de Souza, sendo todos muito aclamados.

Por proposta do senhr Guilherme d'Albuquerque foi enviado um telegrama de felicitações ao directorio do partido republicano.

Historia do Partido Republicano Portuguez

Editada pela empresa de publicações *A Democrata*, e elaborada pelo nosso prestimoso correligionario Augusto José Vieira, deve ser posta á venda em fasciculos, no dia 31 de Janeiro, 18.º anniversario da Revolução do Porto, esta enorme obra de ha muito reclamada, vae, sem duvida, ter um exito certo.

A Historia do Partido Republicano Portuguez será acompanhada de excellentes gravuras de Alberto Sosa, representando os vults a mais em destaque, e os factos mais notaveis da vida partidaria.

A publicação será feita em fasciculos semanaes de 16 paginas ao preço de 40 reis e tomos mensaes de 80 paginas a 200 reis.

Todos os pedidos de assignatura devem ser dirigidos a *Zacharias Rodrigues*, Praça de D. Pedro, 157 — PORTO.

Acceptam-se agentes em todas as localidades onde os não haja.

Consultorio Medico-Cirurgico

Doenças dos ouvidos, fossas nasaes e garganta

CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos.

ANALIZES: succo gastrico, lézes e urinas

MANUEL DIAS

MEDICOS ESPECIALISTAS

Com pratica nos hospitais de Paris
Consultas, todos os dias uteis,
das 10 horas da manhã ás 4 da tarde
Rua Ferreira Borges, 5 — COIMBRA

Consultorio Dentario

DE

MARIO MACHADO

Cirurgião Dentista pela Universidade e com pratica da especialidade em Paris

Praça 8 de Maio, 8 — COIMBRA

Tabella de preços

Consulta	500
Extracção de cada dente ou raiz	500
Extracção com anesthesia	15000
Obturação	15500
Aurificação	45000
Limpeza de dentes	15500
Dentes artificiaes	25500 e 45500
Dentes de pivôt	85000
Coróas de ouro	125000
Tratamento de doenças da bocca e gengivas, por sessão	15000

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos órgãos genito urinarios do homem e da mulher e e

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicção electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA



AGUA DAS LOMBADAS

AGUA DAS PEDRAS SALGADAS

AGUA DE VIDAGO (Fonte Campilho)

AGUA DE VERRIN (Fonte Espido)

DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.^a



Cachorros da Serra da Estrella

LEGITIMOS

A' venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a idade de 1 até 3 mezes, esta excelente raça de cães de guarda.

Todas as encomendas ou informações devem ser feitas a

Joaquim de Vasconcellos



Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.
Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.
Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas Tête d'Achar Paté de Llever e Foie.
Saneisses Pudngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
Pão de ló, pelo systema de Margaride.
Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, ohás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria
Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobílias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de verem a veracidade do que afirmamos.



Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apezar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanellas d'algodão, metro	65
Ditas, côr lisa, muito largas, metro	120
Côrtes de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito boas, desde	700
Meias para creança, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	59
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2.500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanheiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.
Brindes! — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciarmos artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZEES DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

[Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

TABACARIA CENTRAL

DE

Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29 — Coimbra

Telephone n.º 276

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados, bilhetes de visita.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157

COIMBRA

[Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabelleireiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas allemãs e francezas.

Pós e pasta dentrificas.

Fscovas para dentes, cabelo e feto.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guarda-sós e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante colleção de relógios de todos os systemas e auctores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relógios proprios para mesa, parede e móveis. Ha espartadores desde os preços mais baixos aos mais elevados. Vendem-se correntes de prata e ouro. Concertam-se relógios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mor, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. Tintas, oleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o pais, tem sempre calçado feito da melhor pelaria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone 114a.



Pela Patria
e
pela Republica

A REVOLTA

Director e proprietario
Ramada Curto
Redação e administração
PATEO DA INQUISIÇÃO 6
Officinas de composição e impressão
Largo da feira, 29, a 37.

Semanario Republicano Academico

N.º 10

COIMBRA — Sabbado, 6 de Fevereiro de 1909

ANNO 1.º

A fiscalização republicana

Alguns monarchicos, por vezes, quando se lhes falla em representação republicana no parlamento concedem com um grande ar «que a representação parlamentar republicana é vantajosa como fiscal da obra administrativa dos governos».

Chegam, quando *apertados*, a afirmar «que sempre foram d'opinião de que se devia dar entrada na camara aos republicanos...»

Da sinceridade d'essas afirmações, na maior parte, não merece a pena fallar. Actualmente o facto do partido republicano ter uma representação sua, ganha por direito de conquista, não soffre discussões e facil se torna a esses *espiritos liberais* fingirem que concedem generosamente o que só a custo, acceitam e com que difficilmente se conformam.

Mas a fiscalização republicana é hoje um facto.

Com uma lei eleitoral ignominiosa, com as burlas e as fraudes de toda a ordem, com a falsificação dos recenseamentos, o roubo do suffragio, o caciquismo e todas as artimanhas em que os *fura-urnas* ao serviço da Monarchia são peritos, com isso tudo e contra isso tudo, o partido republicano tem hoje no parlamento sete deputados, e se o numero é reduzido, ninguem ha que possa negar a esses sete homens qualidades sobejamente compensadoras da sua inferioridade numerica. N'outro qualquer regimen que não fosse o nosso, onde houvesse vislumbres de decoro nos processos governativos e uns laivos de intelligencia e de caracter nos homens do governo, uma opposição como a opposição republicana era já uma coisa de temer e bastante poderosa para obrigar uma maioria a considerar e a recuar, antes de se resolver a dar o seu apoio a actos menos dignos praticados pelo poder. Em Portugal, com isso que p'rá ahi está a desfazer-se, com essa montureira de escandalos quasi inverosímeis que tem sido, é, e continuará a ser, a obra de todos os grupos monarchicos, o trabalho d'uma representação como a republicana podia limitar-se á constatação e á proclamação d'esses escandalos, sem que mais nada fosse necessario para tornar insustentavel esse entremez, esse arremedo tórpe de parlamentarismo com que o Regimen tem pretendido ludibriar o paiz, logo passados os primeiros tempos da historia constitucional, desapparecidos que foram os homens que dentro das novas instituições que tinham creado, alguma coisa valiam pela intelligencia e pelo caracter. Mas, certo, que a obra do partido republicano não se pode limitar a essa constatação sem protesto, a essa proclamação sem revolta.

A missão hoje indefectivel, do partido republicano é crear á monarchia uma situação insustentavel, apressar-lhe a agonia, levar a justiça, aos ultimos arranques

da morte. O moribundo tem de acabar e de se enterrar depressa.

Se o deixarmos apodrecer ao ar livre, lentamente, envenenará a atmosfera nacional e tornará impossivel a vida da collectividade — que, se depois lhe quizermos acudir, já também não se poderá salvar da morte por contagio. A par d'isso, os republicanos, continuarão, como brilhantemente o fizeram na sessão legislativa passada, a mostrar ao povo portuguez, a todas as classes da sociedade portugueza, qual a sua orientação e quaes os seus processos de governo, concretisando-os em projectos de lei — tão diferentes pelo elevado «espírito social» que os informa, da legislação transbordante, contradictoria, inutil e absurda, que os *estadistas* portuguezes costumam apresentar á sanção parlamentar.

Mas como é impossivel construir ou tentar edificar qualquer coisa sobre lama, a obra que urge, a obra que o paiz instantemente exige, é a remoção da montureira monarchica e essa obra, nunca como na sessão parlamentar que se annuncia para o mez que vem, terá razão de ser tão decisiva e tão violenta. Só então, acabará de convencer-se o paiz que a vida parlamentar com tal regimen é absolutamente impossivel e o governo levado aos ultimos extremos entrará no caminho da violencia desenfreada e louca que a nós nos dará o triumpho definitivo.

Para *prato de resistencia* ahi temos a *questão dos adeantamentos* á familia real e a particulares — e basta essa gravissima e estupenda questão moral, insolúvel com o regimen, para dar thema sufficiente ao ultimo acto da farçada tragica com que a Monarchia de Bragança ha tanto tempo já vem explorando e matando uma Patria digna de melhor sorte.

E não censurem os *commodistas* aos republicanos a violencia do combate, nem nos acusem de *inventarmos* as questões p'ra servirmos os nossos ideaes.

Não fomos nós que fizemos os adeantamentos, ao que parece... Ou fomos?

COISAS & COISOS

Oxigenio e Azote

Tem pilhas de graça a organização dum ministerio em Portugal.

Citra-se tudo, n'uma questão de *apoio* ou *não apoio*.

Apoio de quem? Do Paiz?

Não. Apoio de dois homens apenas.

O ministerio sabe-lhes do bolso como o lenço a que se assoam. Com um gesto derrubam um governo e levantam outro.

E quem são elles? Ninguem o sabe. Vivem na atmosfera nacional, como o azote e o oxigenio do paiz.

Se um d'estes elementos falha n'um ministerio, a *asphyxia* é inevitavel.

O sr. Azote é chefe d'um partido.

O sr. Oxigenio é chefe d'outro.

O governo Ferreira do Amaral enquanto viveu com os dois elementos, andou.

Mais tarde viveu só de balões d'oxigenio e falleceu.

CELEBRES... DE BORLA



PEQUENO...

Não negue, confesse,
Que tem certa pena
Da sua estatura
Ser assim pequena?

Pois eu não gostava
— Fôra brincadeira! —
De o ver do tamanho
Do doutor Moreira

«Os frascos d'essencia
Quando pequeninos,

Servem aos perfumes
Mais subtis e finos...»

Pequeno foi Stein
Pequeno, é Orlando
— E mais vale um, *poney*,
Que um «anglo-normando»

E olhe que foram
Pequenos e bem
Os homens mais *finos*
Que a Sciencia tem,

E o proprio Posada
Não sei, mas seria
Pequeno também!

E agora, doutor,
Repare bem nisto
Que p'ra grande basta
O doutor Calixto,
Por isso sorria
Com sorriso ameno,
Quando os outros lentes
Lhe chamem «Pequeno»

Dr. Watson

MIUDEZAS...

Brr! Pum!

... E Bombar den esvaziou d'um trago a garrafa do «cognac», afiou a *machete* durindana, saltou d'um pulo para o arção da sella e lá foi, ferindo lume, despedindo chamas das pupillas accesas, qual paladino ou raio de guerra!

O general Pacaten estava, quando elle entrou, em pantufas, amezendado na sua grande cadeira de crina á «Voltaire», limpando cuidadosamente as unhas.

— Eh! Bombar den, que me assustou com a estrupida que fez! Que o traz por cá?

— General, prepare as hostes que o homem vem ahi! — e Bombar den, tremia, de furor bellico.

— Qual homem! perguntou Pacaten, sem entender.

O governo João Franco succumbiu no Terreiro do Paço quando já só havia no paiz anhydrido carbonico consequencia d'uma intensa combustão que o varava de ponta a ponta.

O governo Campos Henriques já está *sacramentado*.

O sr. Oxigenio reuniu e resolveu punil-o com a *asphyxia*.

Amanhã tem de cair por força.

E como é isto? Representam elles a vontade nacional? Não. Representam apenas um corpo de policia e duas guardas municipaes. Vivem apenas d'essa força exigua que um paiz pode engulir sem grande esforço numa hora de fome angustiosa.

E essa hora de fome chegará?

Talvez. De Traz-os-Montes vem um grito formidavel, uma ameaça intransigente e rubra que nos falla de fome e de miseria.

Máu é começar. Póde esse grito d'uma região, trazer á superficie, toda a desgraça d'um paiz. Póde a lóme duma região, trazer consigo o hora da fome nacional.

E depois? As guardas municipaes e a policia liquidam, e com ellas liquidam

tambem o sr. Oxigenio e o sr. Azote.

Vê-se portanto, como o sr. Oxigenio e o sr. Azote tem a força por um fio.

Amanhã se o povo se levantar a pedir pão, os senhores não podem dar-lh'o, porque o cofre nacional é como o cofre da Madame Humbert, tendo apenas um botão de camisa e um gancho de cabelo.

Nem pela torça, nem pela administração os senhores se aguentam. Mas há para os fazer cair de vez, uma razão historica e indiscutivel.

Não se aguenta um paiz, quando o Rei tem medo, os governos não tem senso, e o povo tem fome.

Essa razão existe em Portugal e é por isso talvez que o sr. Oxigenio e o sr. Azote tem sempre as malas feitas e uma cabine reservada a bordo d'um *Yatch*.

Quando será a partida?
Não sei. Apenas me parece preventivo e prudente fazer-lhes desde já as minhas despedidas.

Pode faltar o tempo e eu não quero faltar a esse dever.

Muita saude e boa viagem. Adeus.

— O Antonio...
— Qual Antonio?
— O José! — sufou Bombarden...
— Menos entendo!
— O Almeida! — trovejou o te-
nivel homem.

E proseguir, inflamado e tragico:
— Elle vinha, e a vinda d'elle
trazia agua no bico! A «hydra» tinha
sete cabeças e as «hostes» precisavam
estar preparadas p'ra li'as cortar ven-
tes, todas sete! Era um exemplo dado
à Europa, ao mundo inteiro e havia de
se fallar d'elle Bombarden e da sua
heroicidade, na corte de Berlim, entre
os «feld-marchaes» de Guilherme II,
o «Kaiser» dos bigodes em bico!

Era preciso matar, chacinar, an-
niquilar, definitivamente «a canalha»
— e sobre a sua frente de Bombarden
fulguria, para respeito dos vindouros,
uma coroa de gloria imperecível!

E, desmesurado, «adamastorio»,
enorme, elle terminou o arrazoado, de-
sembainhando a durindana fatal e ac-
cordando os ecos do quartel, n'um
brado apocalypico:

— A's armas! ás armas!
Pacaten ouviu, sorriu, deixou fal-
lar e depois perguntou serenamente:

— O' Bombarden, você acabou
agora mesmo de jantar?

Vollou a casa, «d'orelha murcha»
e só, na sala de jantar, rugia despei-
tado:

— Mil raios! Anda uma pessoa
morta por ser heroe e cheia de dedica-
ção, e é isto! Ora «boletas»!...

Como dizia Napoleão!
E, p'ra se consolar esvoaçou outra
garrafa de cognac.

D. Fuas.

A crise do Douro e a piedade nacional

Quando ha um mez rebentou em
Alijó o incendio da repartição de fazenda
todas as vistas incidiram por momentos
sobre o pequeno logarejo transmontano.
Olharam todos com simpatia para a po-
bre região vinicola, excepção feita do muito
poderoso e inclito protetor, o sr. Teixeira
de Sousa.

As labaredas do incendio, chegaram
a ter para alguns olhos os laivos ver-
melhos duma perigosa revolução de mon-
tanhezes. O governo parou um pouco
de comprar caciques e atabalhoadamente
tomou... algumas medidas transitorias.

Passaram algumas semanas e um jornal
de larga informação atria com um
seu enviado para o local do sinistro, na ancia
de ver e ouvir das miserias e tristezas
dos pobres agricultores. Pouco e pouco
vam-se reconstruindo trechos da tragedia
que se desenrola num scenario de palho-
tas e curraes, com roupagens esfarrapa-
das e pilhosas.

Já não ha anciedade nos especta-
dores. A felicidade é assustadica! Ouve-
se com tristeza. Medita-se forçadamente.
Na orchestra-se d'ensam-se motivos de
piedade e de pena.

O Seculo, O Primeiro de Janeiro e
O Dia abriam subscrições!

Ficou satisfeito o sr. Silva Pinto e
os povos do Marão vam ter na escudela
do magro caldo-verde um pouco de toi-
cinho e de broa, com certeza o insufi-
ciente para amanhã morrerem fartos.

Quando, ha um mez tambem, desa-
baram algumas cidades da Calabria houve
um movimento de dó e de compaixão
pelas victimas em todo o mundo civili-
sado.

Portugal sofreu o impulso um pouco
tarde. A sua sensibilidade pé-de-boi
arrancou afinal alguns magros vintens
que lá foram, senão avolumar, pelo me-
nos misturar-se nas torrentes d'oiro em
que iam rolando os carinhos de toda a
humanidade.

Pois houve logo quem patrioticamente
apontasse o Douro empobrecido como
merecedor, credor por ventura da muni-
cipalidade nacional.

«Olhavam os estranhos, quando
em casa tinhamos peor; imitavamos o
beau geste mundial, porque emfim sem-
pre era imitar».

O sr. Silva Pinto chalaceou, fez um
caustico e houve quem o apoiasse: «que
muito bem, que estava certo».

Abrem-se agora subscrições, o paiz
vai emendar a mão. Ganhou o sr. Silva
Pinto, o que não sucede muitas vezes.
O rei, dizem-nos, já entrou com quin-
nhentos mil reis; talvez de alguma coisa
á avó com que esta possa subscrever; a
coisa tomará um aspecto chic; os anjos
de caridade cairão sobre o Douro, como
uma revoada de pombas brancas, men-
sageiras da paz e da felicidade.

Os curraes altearão os tétos, dando
espaço á cubagem d'ar necessaria; a
farrapagem desaparecerá; como em ter-
ras de Canaan o leite e o mel correrão
nos arroyos.

Leves considerações apenas.

Os males do Douro, como todos os
que affligem a sociedade portugueza des-
pertam em nós o interesse bastante,
para que nos não associassemos ao mo-
vimento em favor da Italia, se pensas-
semos como o sr. Silva Pinto e como
parece agora querer pensar uma parte
da imprensa nacional.

Não é porque o misero camponio
não mereça tudo quanto por elle se fizer.
Pelo contrario. Nenhum dos da lumi-
nosa ideia está convencido da profiqui-
dade da tal subscrição nacional.

Ela dará pouco e quando muito desse,
não daria para o muitissimo que é neces-
sario fazer-se. E, no melhor dos casos,
o mal seria momentaneamente atenuado
para voltar com todos os horrores dum
bem estar perdido, o mesmo sem-rem-
edio e o mesmo deixar-se morrer.

Tem ainda uma tal solução a desvan-
tagem de manter no povo o principio
anti-democratico e por isso anti-social e
anti-progessivo de que os outros é que
o ham de salvar, quando o que urge
provar-lhe é que só comigo, com a sua
força e energia deve contar.

Que se abrisse uma campanha, se
agitasse a opinião de modo a forçar os
governos a olharem quanto devem pelas
coisas publicas, em vez de fazerem a
estreita politiquice do seu partidario,
muito bem.

Solidarisava-se o paiz com uma pro-
vincia arruinada, estava-se no campo dos
bons principios sociaes.

Agóra uma subscrição?!...
Acode-se a um accidente, a um desas-
tre causado por forças imprevisas ou
indomaveis, deve então aparecer a filan-
tropia, como manifestação da solidarie-
dade da especie contra o exterior.

Quando o erro, a incuria ou o des-
leixo atira com uma parte da sociedade
para a morte, pode haver alguma coisa
a dar.

Não sam paleativos: ou se faz por-
que se restituia a vida e a felicidade, se
ainda é possível, ou então...

Mas Alijó é um exemplo.

O povo viu melhor que o sr. Silva
Pinto!

P. J.

Factos e Commentarios

Collaboração

Cá o nosso director que, como bom
democrata odeia a dictadura e não gosta
de que o julguem um tyrante journalistic
resolve entregar á sancção do Corpo
redactorial da «Revolta» a aprovação ou
recusa dos origin'es para cá enviados.

Nestes termos e nos de direito fica
feito o aviso — e o Ramada livre de
massadas.

Uma pergunta

O' Sherlock, você que é um rapaz tão
sympathico, tão bon vivant, tão moder-
no, como demonio tem você a crueldade
de desejar que á porta dum centro repu-
blicano, cheio de centenas de pessoas, es-
toirasse uma bomba de pataco, das gran-
des, para provocar um panico de desgra-
çadas cosequencias?

Criste

No Portugal lemos um artigo de
Fialho d'Almeida a respeito do fallecido
rei, no anniversario da sua morte.

Acabada a leitura fomos, para de-
senjoar, lêr algumas paginas dos Gatos,
em que se trata do mesmo rei.

Que differença!
E que tristeza que nós sentimos!
Porque é sempre triste a morte mor-
tal, bem mais do que a physica.

O sr. Vilhena e os seus parti-
darios

O poeta convocou os seus partidarios
para «em synodo total tratarem das
questões que interessam Portugal». Vae
até em verso para ficar mais a caracter.

D'essa assembleia saiu a reprodução
de todas as promessas messianicas do di-
ctador e de quejandos.

O paiz riu — se por acaso, o que du-
vidamos, se interessou pelas poesias do
sr. Vilhena e chegou a ter, d'ellas, co-
nhecimento. Miseravel toda aquella far-
çada! Se d'entre a assemblea se levantas-
se uma voz a perguntar ao sr. Vi-
lhena, qual a razão porque elle, ha dias,
assignou vencido, contra a mais elementar
justiça, o accordão do Supremo Tribunal
Administrativo, que restabelecia no gozo
legitimo dos seus direitos, os vereadores
republicanos.

Talvez lhe estivesse no programma,
o farçante!...

«Lagrims sobre o tumulto»

Um sr. Cerejeira lacrimava ha dias
na «Palavra» a proposito do anniversario
do regicidio, e a certa altura da sua prosa
estoica com esta o homensinho:

«D. Carlos e seu filho lá repousam
no magestoso Pantheon dos mortos!»

No Pantheon dos mortos...
Quem te... mandasse para o Pan-
theon dos vivos!

Anarchista radical

O barbeiro já estava atrapalhado,
mas em summa Scherlock fallou-lhe da
impotencia da reunião regeneradora, e
vá de lhe chamar um correligionario
d'elles... O barbeiro vingava-se.

— Perdão, não tenho politica. Meu
caro, apenas monarchico por principio e
conservador por necessidade.

Oh! Mas um dia, se um dia politico
fosse, só socialista, ou anarchista radical.

Pobre barbeiro! Entupiu.

Radical, tão radical... Bem diziamos
nós que teriamos em breve um novo
chefe dos... bombeiros. Entretanto al-
guem o vai vendo acompanhando armado
os chefes... da democracia

Pobre barbeiro, e bello tirocinio.

Liga monarchica

Alfredo Gallis, auctor de livros por-
nographicos para leitura de collegias
avidos de conhecer os segredos do amor,
apparece-nos agora como um dos cory-
pheus da Liga Monarchica.

Como se trata de liga é natural que
o homem escreva sobre o assumpto al-
gum livro... só para homens.

Que nojo que tudo isto faz!

Condecorações

Parece que vão ser distribuidas com-
endas e coisas parecidas ás pessoas que
durante a passeata regia se tornaram di-
gnas de taes honras.

Agora é que é certo, sr. Gayo.

Como deve ficar-lhe bem o crachá a
luzir sobre as negras vestes de mestre de
ceremonias!

Germanismos

Affirma na «Palavra» um atiradico e
descarado sr. C:

«Temos um Rei bom e intelligente e o
que é mais: fascinador.»

A' fé de quem somos que este sr.
C ou veste saias ou é então algum disci-
pulo do esburacado e combalido principe
de Hohenlohe.

Pela certa!
Fascinador...
Ora o guloso!

«Ensaio de Critica»

Devido ao artigo deata secção ter
chegado á redacção demasiadamente tar-
de não pôe ser convenientemente re-
visto; foi esta a razão porque saiu com
varios erros de impressão alguns d'elles
bastante graves e que alteravam o sen-
tido.

Hoje, em vista da falta de espaço,
não se pode publicar o segundo artigo
que nesta secção se intitula — «A arte
moderna», do que pedimos desculpa ao
nosso Triplus collaborador.

De passagem

No atelier photographico.
— Assim, agora, por favor, sr. Conde,
um instantinho, está muito bem.

— Sim? Então espere, eu vou ver,
vou ver á machina.

TRIBUNA DOCTRINARIA

Recapitulando

A Eucharistia é, pois, um dogma in-
consistente. A sua falsidade é manifesta
desde que vimos as especies eucharisti-
cas deixarem corromper-se. Desde esse
momento ficou provado que ellas não
são de fórma alguma uma transubstan-
ciação da substancia de pão na substancia
divina. O pão mantem-se com todas
as propriedades, o que se vê pelas fer-
mentações a que fica sujeito, podendo
ainda algum mais meticuloso certificar-se
melhor tomando uma hostia e sujeitan-
do-a a uma analyse chimica.

E' uma experiencia tão facil que, es-
tou bem certo, ninguem, de boa fé e
consciencioso, deixará de a fazer na
primeira occasião que opportunamente se
lhe depare.

Mostrei tambem com simplicidade,
mas com clareza e irrelutavelmente, que
o Baptismo não produz os effeitos que a
Egreja lhe attribue. Segundo a Egreja,
por elle o baptisado ficaria lavado do
peccado original e portanto, desde esse
momento, acolher-se-ia ao regime para-
disiaco, não mais sujeito á dôr, não
mais supportando as agruras do trabalho,
isento, até, da propria morte, a não ser
que de novo a serpente o tentasse a com-
er o fructo de qualquer arvore prohibida!

Segundo esta mirifica doutrina, bap-
tizando um individuo e tentando assassi-
nar-o acto continuo antes d'elle ter en-
contrado a arvore funesta, de balde o
sicário tentaria a sua obra homicida: o
baptisado não morreria ainda que o ma-
tassem!...

Divertidos charlatões do divino! o
miserio baptisado, depois de se ter su-
bjeitado a uma qualquer enfermidade
pelo banho torçado sofrido numa pequena
banheira que no fim de certo tempo
d'uso deve estar, quando não saturada
de peccados mortaes que lá ficaram em
dissolução, pelo menos contaminada por
todas as doenças que epidermes mal la-
vadas de baptisados moribundos lá deixa-
ram, fica ludibriado na consecução das
vantagens que procurava!

Mas para que hei de estar a impor-
tunar o leitor com estes dogmas que são
corolarios, se o proprio Christo, como
nol-o apresenta a Egreja, não resiste á
critica, como evidenciei no ultimo numero
d'A Revolta?

Sim; ficou bem demonstrado que
Christo, como emanação divina, foi um
absurdo ou uma inutilidade. O Pae man-
dou-o encarnar, para que, diz a Egreja,
a natureza humana, o Filho do Homem (?)
assumida pela natureza divina ampliasse
até ao infinito a propria capacidade
onde coubesse o merito bastante para
que com o proprio sacrificio solvesse a
culpa da Humanidade. Ora eu deixei a
Egreja entre as pontas do esmagador
dilema donde lhe não é possível sair in-
cólume; ou a pessoa divina assumiu a
pessoa humana, e nesse caso não houve
a tal paixão, mas uma torpe comedia,
impropria do conceito de Deus, ficando
além disso o problema no mesmo pé
porque o sacrificio não attingira a pessoa
humana o filho do homem; ou a pessoa
humana ficou com personalidade propria
e então o seu sacrificio não alcançou o
merito bastante para solver tão grande
divida.

Perante a logica deste dilema Deus
teria trabalhado ás cegas, ao acaso, im-
proficacemente, depois de ter vindo per-
turbar a paz dum lar, conspurcando a
honestidade de uma esposa, introduzindo,
sem vantagens algumas, um filho adul-
terino no seio duma familia honrada sob
a égide de José, o simples e modesto
carpinteiro de Nazareth.

Mas tudo isto é tão evidente, ficou
tão manifesto nos artigos antecedentes
que não merece mais considerações.

A Egreja nem sequer pode impun-
emente alijar estes dogmas torpes por-
que elles, sancionados pela infalibilidade
que ella propria, tão immodestamente
aliás, se decretou, são com o dogma da
creação os pontos cardeaes em torno de
que ella voliteja e ao mesmo tempo,
o manancial donde flue toda a sua força
secular.

Desde que assim fica pulverisada a
sua infalibilidade e arrastada até á luz
da critica a deslavada falta de sinceri-
dade e de probidade, toda a sua archi-
tectura derrue sem grande fragór na ver-
dade, mas enchendo todavia a atmos-
pheria social do pó secular peculiar ás
cousas velhas e bolorentas.

Os seus dogmas ousados, as suas
proposições atrevidas e refalsadas viegram
através do tempo engrossando, como

bolas de neve que eram por sobre o
solo da ignorancia e da cega estupidez;
nada mais é preciso do que sobre uns e
outros incida o calor da sciencia e da
logica para voltarem a confundir-se com
o gelado chão da ignorancia á custa do
que se formaram e engrandeceram.

Não me admira se um ou outro dos
que me lerem menos capazes de consi-
derar as questões á luz do proprio cri-
tério, ficarem perplexos em vista do
facto de alguns homens, de valôr e de
conhecimentos, terem acreditado, ou fin-
gido acreditar, em todos os embustes
da Egreja catholica. Já ahí fica escripto:
o bastante é deixar passar as primeiras
proposições; o resto vem sequentemente
com uma força de corolário indestructi-
vel.

Muitos golpes dirigidos á Egreja já
tem falhado, exactamente porque aos
denodados pelejadôres tem faltado tal-
vês o conhecimento do arcaço do
monstro de forma que lhe dêrem gol-
pes que á primeira vista parecem formi-
daveis, mas que depressa vem a desilusão
mostrar que elles incidiram sobre uma
parte invulneravel do hediondo megatherio,
ou só lhes feriram algum órgão de so-
menos importancia.

Depois de ter escarpelizado os seus
melhores dogmas patenteando-lhes os
latentes absurdos, começarei no proximo
numero derramando luz sobre o seu
dogma fundamental cuja acceitação im-
plica a obediencia cega a todas as con-
clusões que á Egreja queira vulpinamente
impingir-nos: — o dogma da criação e,
como base deste, o da contingencia da
materia que tão manhosamente os phi-
losophos dualistas catholicos insinuam na
mocidade, das escolas deixando-a por isso
mesmo inhabil para libertar-se de toda
a teia d'aranha da Fé.

Luifer

IMPRESSÕES

Não podemos, nem queremos deixar
passar sem um reparo maior o que, so-
bretudo nos ultimos tempos, se está
dando n'uma aula universitaria.

Repugna-nos em extremo ter de tocar
em tal assumpto, mas elle é apezar de
tudo tão grave, de resultados tão recelo-
sos, que é urgente que para elle se olhe
com olhos de ver, e se pondere com de-
cisão acertada.

Rege a cadeira de Direito Commer-
cial, no 4.º anno juridico, o seu proprie-
tario, o decano da faculdade Dr. Fernan-
des Vaz.

E' um lente antiquissimo, rastejando
pelos oitenta, e que, segundo reza a lenda,
desde que os annos lhe começaram a
roubar a côr preta ás suas barbas, nunca
mais poudo merecer respeito e acolhi-
mento serio dos seus discipulos, adentro
da aula.

Falla baixo, tão baixo que ninguem
consegue auferir uma preleção sua.

Impossivel de tudo.
Tambem, dizem, é surdo, ou quasi
surdo, muita difficuldade em ver razoa-
velmente.

Na aula não tem livro seu, nunca teve
mesmo, parece. Demais, conta-se que o
que ali se exige é pouco, é velho, é sabi-
do, e não se sabendo pôde-se aprender
em meio dia, se tanto. Comtudo esse
estudo tem o emplado nome — de di-
reito commercial portuguez — e a cadeira
que se rege assim, já de ha muito, cha-
mam-lhe — de Direito Commercial, — e
existe, tambem já de ha muito, na Uni-
versidade de Coimbra!

Alguem se abalança até a affirmar
que não ha interesse, não ha amor, falta
o criterio da parte do lente n'este en-
sino.

Achamos tudo isto espantoso, mas,
e na verdade, o que presenciemos dia a
dia, e cada vez mais accentuados, são es-
tes commentarios de todas as boccas.

Sem duvida devido a elles, e não ex-
tranhamos que a muitos outros, é que se
formou essa esphera de desrespeito á
volta do velho lente, que o impede por
completo de manter a disciplina na aula,
embora por vezes com incremento e so-
cando a cathedra prometta d'ella abaixo,
às cegas, vingança da insolencia.

Não nos custa muito, infelizmente,
acreditar na veracidade d'esses commen-
tarios, mas tambem por mais tempo não
podemos acreditar na continuação d'este
espectaculo lastimavel, vergonhoso.

Pedimos remedio, aconselhamos re-
medio, sensato, e a horas.

Fazemol-o com sinceridade e na es-
perança tambem de não o voltarmos a
ver só n'um reitor, que de gatas, acoro-
rado, vigia os estudantes d'uma tribuna,

agora sem reposteiro, depois já com elle e espreitando por detraz d'elle.

E tudo isto se passa na Universidade de Coimbra!

Torna-se perfeitamente indispensavel que se dê uma satisfação immediata tanto ao lente Dr. Vaz, como aos discipulos de Direito Commercial, e mais ainda, ao paiz inteiro, uma garantia segura de maior cuidado pela educação dos seus bachareis.

Temos o direito de não continuar a olhar com indifferentismo a promptidão com que encham as secretarias fornadas de homens, que ninguem orienta para a serio encherem antes o thesouro publico.

Que confiança se pôde ter n'uma Escola, que a cada passo offerece ensino para transformação das suas aulas em verdadeiras touradas, onde predomina a cabulice, a chacota, a ignorancia, a desobediencia, e sempre um barulho ensurdecedor?

Que seriedade é esta?

E' realmente acertado que aqui—finge-se que se ensina, e finge-se que se aprende!

Triste situação!

O lente Dr. Vaz, diz-se que tem de seu quanto lhe possa dar uns dias ultimos despreocupados. E' rico proprietario. Mostra-o até certo ponto o facto de, n'uma altura devida do anno, pedir uma licença para—ir para a azitona.

Certamente o seu empenho em continuar no posto deve ser diminuto. Está velho, cansado, e pesam-lhe já os livros dentro do seu gorro...

E' tempo de voltar ao lar paterno. E' tempo, e é justo.

Choram-no já com saudade as hervinhas dos seus campos, os mattos bravos dos seus montes, os antigos pinheiros, o isolado casebre, os mochos, os passarinhos... que não mudaram tanto como a sciencia... e o Direito Commercial!

Voltará o amor, a gratidão, a adoração pelas suas barbas brancas... brancas, que lhe fizeram...

Bem vê, sr. Reitor, é tempo, e é justo.

Paz e descanso aos... velhos!

O Brazil moderno

IV

Instrução superior

Abrange esta, os seguintes cursos: medicina geral e alguns ramos especiaes, pharmacia, direito, engenharia civil, engenharia de minas, superior de commercio, bellas-artes (pintura, architectura e escultura) aggregada a esta academia, o Conservatorio (declamação, canto e musica). Ha tambem as escolas superiores do exercito e naval.

Nenhuma Universidade existe, porque, da ultima vez, quando se tratou d'essa questão no Congresso Federal, isto ha já talvez uns seis annos, ficou demonstrado exuberantemente que a organização universitaria não convinha por enquanto ao país.

Aquelles cursos porem, na sua quasi totalidade, existem representados n'um numero sufficiente de escolas, espalhadas pelo vasto territorio, de modo a poderem satisfazer e corresponder ás necessidades das diversas regiões.

Isso em parte, têm sido determinado pela fundação de diferentes Faculdades Livres, cuja organização, em boa hora, o governo permittiu, mediante, é claro, certas condições que previamente têm de ser satisfeitos.

As Faculdades Livres differem das Federaes em que, as primeiras não são mantidas pelo governo, mas apenas reconhecidas como legais, havendo, para esse fim, um delegado do governo junto de cada uma d'ellas, com a missão de fiscalisar todos os actos praticados nos ditos estabelecimentos de ensino.

Que nos lembre existem já, em todo o paiz, as seguintes escolas superiores, incluindo livres e federaes, nas quaes a orientação dos respectivos cursos é a mesma: tres Faculdades de medicina, sendo uma no Rio de Janeiro (federal) uma na Bahia (federal) e outra em Porto-Alegre (livre); seis Faculdades de direito; a saber: duas no Rio de Janeiro (livres), uma em S. Paulo (federal), uma no Recife (federal) uma em Belo Horizonte (livre), uma em Goyaz (livre). Falla-se na proxima fundação de mais duas (livres) n'uns Estados do norte; duas Escolas polytechnicas, para o curso de engenharia civil, uma no Rio de Janeiro (federal) e outra em S. Paulo (estadao); uma Escola de engenharia de medidas (federal) em Ouro Preto, e todos os outros cursos em escolas federaes, na Capital da Republica.

A titulo de curiosidade e mesmo para que mais facilmente se possa fazer uma apreciação, embora não muito precisa, do criterio scientifico que presidiu á methodisação dos diversos cursos, faremos d'alguns, uma rapida analyse.

Damorar-nos-emos todavia um pouco, a proposito do curso geral de medicina por onde, no Rio de Janeiro, durante algum tempo, passou o auctor d'estas linhas, e de cuja epocha, que não vae distante, não pôde deixar de se recordar com a extraordinaria e viva saudade, que sempre nos desperta a lembrança dos dias alegres e felizes, passados no convívio de uma mocidade leal, sincera e honesta, adversa á calumnia, hostil á intriga e refractaria a todos os sentimentos mesquinhos, tão peculiares das creaturas cuja vileza de caracter, está na razão directa da estreiteza de intelligencia.

Faculdade de Medicina

Curso livre. Habilitações e documentos necessarios para a matricula no 1.º anno do curso geral: certidão de approvação no curso gymnasial de sciencias, attestado de vaccina, certidão de idade, requerimento e respectivo recibo do thesouro, mostrando haver pago ali, a importância de 50:000 réis. Igual quantia deverá pagar no fim do anno lectivo, na occasião do encerramento da matricula, prefazendo assim ao todo, seja em que anno do curso for, a somma de 100:000 réis fracos, actualmente pouco mais de 30:000 réis da nossa moeda, isto é, quantia inferior á que aqui se dispense para o mesmo fim. Este curso é feito em seis annos e abrange as seguintes materias:

1.º anno — *Historia natural medica* (comprehendendo a zoologia e botanica); *Chimica medica* (abrangendo a chimica inorganica, organica e biologica), *Physica medica*; e a *Anatomia descriptiva*, 1.ª parte (Osteologia, arthrolgia e myologia).

2.º anno — *Anatomia descriptiva* 2.ª parte (Angeologia, nevrologia, esplanchnologia e orgãos dos sentidos); *Histologia normal*; e *Physiologia* 1.ª parte (até ao systema nervoso em geral, exclusivo).

3.º anno — *Physiologia* 2.ª parte; *Bacteriologia*; *materia medica, pharmacologia e arte de formular*; *Clinica dermatologica e syphilitographica*.

4.º anno — *Anatomia e physiologia pathologicas*; *Pathologia medica*; *Pathologia cirurgica*; *Clinica cirurgica*; *Clinica ophthalmologica*.

5.º anno — *Operações e apparatus*; *Anatomia medico-cirurgica*; *Therapeutica*; *Clinica cirurgica*; *Clinica medica*; *Clinica pediatria*.

6.º anno — *Obstetricia*; *Hygiene*; *medicina legal e toxicologica*; *Clinica medica*; *Clinica obstetrica e gynecologica*; *Clinica psychiatica e molestias nervosas* (esta cadeira é estudada no Hospicio Nacional de Alienados).

Feito o ultimo anno, todo o alumno tem que defender theses, e só depois de approvado n'esse acto, que é feito no mesmo anno em que termina o curso, é que recebe o seu diploma de — *doutor em medicina* — com o qual e só com esse, poderá exercer a sua profissão, em qualquer ponto do territorio nacional.

Como se vê por esta simples exposição, que demonstra a existencia d'um criterio verdadeiramente racional presidindo á orientação d'esse curso, o estudante que se dedica a tal carreira, terminando o seu curso no Gymnasio, não tem a inutil e dispendiosa *maçada de gramar* (como entre nós acontece) dois ou tres annos de preparatorios medicos na Escola ou Academia Polytechnica ou Faculdade de Philosophia, onde, entre outras cadeiras necessarias, mas em que não ha especialisação, estuda outras, cujo proveito é absolutamente nenhum.

Essas cadeiras essenciaes, como: chimica, physica e historia natural, estuda-as elle lá, na propria Faculdade de Medicina, no primeiro anno, tendo como lentes — medicos — que, de taes materias, estudam sómente a parte aproveitavel e precisa á medicina.

Relativamente a installações, pelo menos na Escola do Rio de Janeiro, que muito bem conhecemos, escusado será dizer, que são muito boas. Todos os laboratorios estão escrupulosamente montados, mórmente o de Histologia com o qual, muito poucos poderão rivalisar.

Anexo á Faculdade, está o *Hospital da Santa Casa de Misericórdia* onde ha um movimento diario de mais de mil doentes. A proposito d'esse mesmo estabelecimento, ouvimos do medico da nossa armada, então a bordo da canhoneira «Patria», quando da sua viagem aos

portos brasileiros, a seguinte apreciação, laconica porem altamente significativa: «Este hospital, sob todos os pontos de vista, pôde-se comparar aos melhores que tenho visto na Europa» convem notar que este illustre medico, já então havia visitado alguns dos principaes centros europeus.

Como pouco mais espaço nos reste, algumas palavras diremos apenas sobre o ensino na:

Faculdade de Direito

Curso de cinco annos, abrangendo as seguintes desenove cadeiras: — Historia do direito, especialmente do direito nacional — Direito romano — Direito publico e constitucional — Philosophia do direito — Direito civil (3 annos) — Direito internacional; Diplomacia — Direito commercial (2 annos) — Direito criminal (2 annos) — Sciencia da administração e Direito administrativo; Economia politica e Contabilidade do Estado (2 annos) — Medicina legal — Legislação comparada — Theoria do processo civil, criminal, commercial e pratica forense (2 annos).

E' esta a enumeração, segundo um dos ultimos programmas da Faculdade de Direito de S. Paulo.

Todos os outros cursos superiores, excepto os da Escola do Exercito e da Escola Naval, que são de tres, são feitos em cinco annos.

Muitissimo mais haveria a dizer sobre este importante assumpto, mas... o jornal, por emquanto, é de pequeno formato, e por isso pômos ponto. Fica apenas esboçada uma pallida idéa, mas já sufficiente para se fazer um regular juizo acerca do ensino n'aquelle paiz, que alguns supõem mais atrazado do que o nosso...

No proximo numero, faremos algumas considerações sobre os principaes vultos, (nossos contemporaneos), quer na politica e nas sciencias, quer nas letras e nas artes, e que, sobremaneiram, honram a patria brasileira.

A. S.

Movimento Republicano

Centro Mocidade republicana Dr. Malva do Valle

Realizou-se no ultimo domingo a inauguração deste centro republicano, composto de rapazes ainda bastante creanças. E' consolador ver que os novos não querem ser os continuadores da serie ininterrupta de crimes e de desmoralisação que tem sido o apanagio deste regimen, e que a mocidade não é toda monarchica e catholica como para ahi apregoam os reacionarios.

Escolheram os socios deste centro para seu patrono o Dr. Malva do Valle, e a escolha não podia ser mais acertada. Malva do Valle, alma ardente de revolucionario, coração aberto a todos os grandes ideaes de Amor e de Justiça, não podia ser esquecido pela mocidade republicana. Elle não é um homem vulgar; dotado de uma grande intelligencia, poderia ser dentro da monarchia o que quizesse; mas, não! elle é um modesto, um bom, a sua vida tem sido toda de abnegação e desinteresse e só á Republica é dado abrigar no seu seio, homens desta envergadura.

Por doença de pessoa de familia não ponde Malva do Valle estar com os seus amigos no domingo ultimo. Embora, mas o seu espirito estava junto delles, compartilhava do seu enthusiasmo, da sua ardente crença no proximo resurgimento do nosso paiz.

Foi uma festa brilhante, sympatica e commovente esta, a que tivemos o prazer de assistir.

O centro José Falcão, onde se realizou a sessão solemne, achava-se ornamentado com verdura e colgaduras. Depressa a vasta sala se encheu por completo.

As 2 horas e meia da tarde o presidente do centro, Armando Fonseca sóbe ao estrado e propõe para presidir á sessão o sr. Floro Henriques, proposta que foi recebida com uma calorosa salva de palmas. O sr. Floro Henriques depois de agradecer a honra que lhe acabavam de conferir, escolheu para secretarios o nosso camarada de redacção Mario Malheiros e o sr. Francisco Fonseca.

Falaram em seguida os nossos correligionarios: Antonio de Souza, Pestana Junior, Carneiro Franco, Gonçalves Preto, Danton de Carvalho, Antonio Carneiro, Armando Castanheira, Isidro Moreira Pinto e por ultimo Ramada Curto. To-

dos se referiram a Malva do Valle com palavras de elogio ao seu talento e honestidade.

No fim de cada discurso ouviu-se a *Marselhesa* tocada por sexteto.

Centro Eleitoral republicano de Santa Cruz Dr. Fernandes Costa

A idéia republicana vae alastrando-se extraordinariamente em Coimbra. Hoje temos a registrar a fundação de mais outro centro republicano, cuja inauguração solemne se realizou na terça-feira ultima. E' elle composto na sua maior parte por operarios e, com enorme satisfação o dizemos, não se calcula o ardor e o enthusiasmo com que elles tem trabalhado, não se poupando a sacrificios de natureza alguma.

São dignos dos maiores elogios os fundadores deste centro pela sua louvavel iniciativa e pela escolha do homem a quem o dedicaram, porque Fernandes Costa é um dos republicanos mais illustres do nosso partido, um dos que mais tem contribuido para o seu desenvolvimento e progresso. Dotado de uma intelligencia e de uma tenacidade admiráveis, elle tem sido um trabalhador incansavel, procurando sempre occultar-se na sua excessiva modestia.

O povo republicano de Coimbra praticou, pois, um dever que, de ha muito já, se impunha pelos revelantes serviços que Fernandes Costa tem prestado a esta cidade e em especial ao partido que tão nobremente representa.

O vasto salão achava-se completamente ornamentado com palmeiras e esculos com os nomes de alguns dos nossos correligionarios mais em evidencia.

Dirigiu a confeccão das decorações que apresentavam um bello aspecto pela sua simplicidade e elegancia o nosso illustre correligionario Sr. Dr. Teixeira de Carvalho que mais uma vez se mostrou um consumado artista, cheio de originalidade e bom gosto.

Muito antes da hora marcada para o começo da sessão já a sala se achava completamente cheia de povo que ansiosamente esperava a chegada dos oradores; nos corredores e numa sala proxima, apinhava-se grande quantidade de gente que não cabia no salão.

Não se podia respirar, suffocava-se, tal era a enorme multidão que alli se encontrava. A cada orador que chegava eram feitas carinhosas manifestações; quando pelas 9 horas e meia apparece á porta o Dr. Antonio José d'Almeida as palmas e os vivos esturgem a um tempo, e durante longo espaço estremece e palpita uma formidavel e febril saudação. O nome de Antonio José d'Almeida é gritado por centenas de pulmões num delirio louco, acompanhado pelas notas entusiastas da *Marselhesa*.

Serenadas que foram estas manifestações, deu-se começo á sessão solemne. E' proposto para presidente o Sr. Dr. Luiz Rosette que foi secretariado pelos srs. Madeira Junior e Mario Malheiros. Falaram em seguida os nossos correligionarios: Dr. Julio Fonseca, Carneiro Franco, João Garraio, Alves Sequeira, Ramada Curto, Pestana Junior, Francisco Ramos, produzindo eloquentes discursos que foram freneticamente applaudidos pela multidão.

Por ultimo fallou Antonio José d'Almeida. Dizer o que foi a sua magistral oração é impossivel, como impossivel se torna o descrever a extraordinaria manifestação de que foi alvo.

Terminada a sessão solemne, a direcção deste centro offereceu aos oradores um delicado copo d'agua trocando-se affectuosos brindes.

COMMUNICADO

Chegando ao meu conhecimento que por aí foram affixados cartases annunciando uma publicação qualquer, de titulo *No Circo*, por O. M. e como estas iniciaes levaram muitas pessoas á conclusão de que poderia ser eu o seu autor, venho simplesmente declarar que jamais me encobri com a tibieza de duas letras que a maior parte das vezes só servem para enganar o espirito publico e que tudo o que me pertencer, bom ou mau, embora, sempre se apresentará subscrito com o meu nome, por extenso, assumindo por completo a responsabilidade.

Coimbra-vi-ii-909

Orlando Marçal

'A REVOLTA'

ASSIGNATURAS

Continente, ilhas e ultramar, trimestre... 300
Estrangeiro... 600

Pagamento adiantado

Numero avulso, 20 réis
ANNUNCIOS — cada linha... 30 réis
Repetições... 20

A 'REVOLTA'

Encontra-se á venda em Lisboa na 'TABACARIA MONACO', Rocio.

Em Coimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

ANNUNCIOS

Consultorio Medico-Cirurgico

Doenças dos ouvidos, fossas nasaes e garganta

CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos.

ANALIZES: succo gastrico, lézes e urinas

MANUEL DIAS

MEDICOS ESPECIALISTAS

Com pratica nos hospitaes de Paris

Consultas, todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde

Rua Ferreira Borges, 5 — COIMBRA

Consultorio Dentario

DE

MARIO MACHADO

Cirurgião Dentista pela Universidade e com pratica da especialidade em Paris

Praça 8 de Maio, 8 — COIMBRA

Tabella de preços

Consulta... 500
Extracção de cada dente ou raiz... 500
Extracção com anesthesia... 16000
Obturação... 16500
Aurificação... 45000
Limpeza de dentes... 15500
Dentes artificiaes... 26500 e 46500
Dentes de pivôt... 85000
Corôas de ouro... 125000
Tratamento de doenças da bocca e gengivas, por sessão... 15000

CLINICA CIRURGICA

o Tratamento das doenças dos orgãos genito-urinarios do homem e da mulher e a

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justiça

Electrotherapia

Medieação electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA



AGUA DAS LOMBADAS

AGUA DAS PEDRAS SALGADAS

AGUA DE VIDAGO (Fonte Campilho)

AGUA DE VERRIN (Fonte Espido)

DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.^a



Cachorros da Serra da Estrella

LEGITIMOS

A' venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a idade de 1 até 3 mezes, esta excelente raça de cães de guarda.

Todas as encomendas ou informações devem ser feitas a

Joaquim de Vasconcellos



Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.
Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.
Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Liever e Foie.
Saneisses Pad ngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
Pão de ló, pelo systema de Margaride.
Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Christostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria
Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobílias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que afirmamos.

Somos os unicos a quem ninguém pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para mesa, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanellas d'algodão, metro	65
Ditas, côr lisa, muito largas, metro	120
Côrtes de vestido com 7 metros, de para lã e lã e seda, a 1510, 26320, 25800, 45100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para criança, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 15200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2, 500, a	15200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 15000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.

Brindes! — Todos os dias nas compras de 55000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciar artigos que não possuimos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portuguesa, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157 COIMBRA

[Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabelleireiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas allemãs e francezas.

Pós e pasta dentrificas.

Fscovas para dentes, cabelo e fato.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 58

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guarda-sós e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante colleção de relógios de todos os systemas e auctores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relógios proprios para mesa, parede e morés. Ha esptadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e ouro. Conserciam-se relógios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. Tintas, oleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o país, tem sempre calçado feito da melhor pelaria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornecem impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODO

Telephone n.º 114



**Pela Patria
e
pela Republica**

A REVOLTA

Director e proprietario
Ramada Curto
Redação e administração
PATEO DA INQUISIÇÃO 6
Officinas de composição e impressão
Largo da feira, 29, a 31.

Semanario Republicano Academico

N.º 11

COIMBRA — Sabbado, 13 de Fevereiro de 1909

ANNO 1.º

NEGOCIOS DE FAMILIA ? ...

O rei de Portugal vai em breve encontrar-se em Villa Viçosa com Afonso XIII. Como é, segundo cremos, da praxe protocolar, acompanham os dois monarchas, os respectivos ministros dos estrangeiros — e, em volta d'esta entrevista, diz-se muita coisa, fazem-se variados commentarios, alguns delles devéras inquietantes.

As condições em que essa entrevista se realisa são, de molde, a avolumar suspeitas. Esteve ha pouco em Portugal, encarregado duma missão secreta junto do rei, o conde de La Union. Que missão seria essa? Que assumptos *particulares* — como dizem as notas officiosas, — poderá haver a tratar entre dois reis que nem parentes são? Porque motivo é que o sr. D. Manuel se sujeita a voltar a Villa Viçosa, a esse palacio, d'onde ha um anno saíram o pae e o irmão, para á sua vista, cairem no Terreiro do Paço, varados pelas balas de Buiça e de Alfredo Costa? E porque razão, os dois reis, mantem desde tempo uma assidua correspondencia particular, a instancias da rainha Amelia — a Orleans, a inspiradora de todo o movimento de reacção clerical e politica que se tem accentuado no nosso paiz, desde que um mau vento a trouxe a Portugal?

Não seremos nós quem directamente responda ás perguntas que ahí ficam. Não é preciso. Basta notar que D. Manuel é um Braganca, um bisneto de D. Maria II — a que não duvidou chamar os soldados estrangeiros para esmagar o povo que o seu *valido* tyranisava e ella atraioçara...

D. Manuel, nos seus ascendentes, reis de Portugal só encontra um, — o lendario, nebuloso e fugaz D. Pedro V — que ficou como uma sombra incerta na historia, tendo a honra de ser na familia o *unico* que não trahiou ou não prejudicou por qualquer forma a sua patria.

D. Carlos, a quando do *ultimatum*, admitia a possibilidade — apenas? — de que uma esquadra ingleza lhe bombardeasse a sua capital... Mas adiante... Remetemos o leitor á historia, se ainda a não conhece. Mas dirão: o rei — coitadinho! — é uma creança!... Já sabemos e, por isso mesmo, peor, porque n'essa casa o rei é Amelia Orleans.

Uma Orleans, hein? Se o leitor precisar vá outra vez á historia fazer favor...

— Um parenthesis: — Ha aqui na Universidade, um professor muito pequeno e muito vivo que, quando um rapaz acaba de esgotar a sebenta e elle se dá por satisfeito diz invariavelmente lá de cima da cathedra, quer tenha ouvido um *estenderete*, quer uma lição d'urso, esta phrase sacramental, n'uma voz muito fraquinha.

— Está bem... — e fica-se. — Pois nós fazemos como elle. Avivadas ao de leve, as recorda-

ções e as possiveis induções historicas que dellas o leitor possa tirar, nos dizemos como o professor pequenino:

— Está bem... mas não nos ficamos.

E é apenas para acrescentar que a traição historica póde repetir-se, mas o que seria inédita na historia era a justa, a clamorosa, a formidavel punição dos traidores. Explosão tão tremenda de colera e de desforra seria essa que estamos convencidos que os estrangeiros, vendo o castigo infligido aos judas, não lhes aproveitariam a traição e deixar-nos-hiam em paz. Como no texto biblico: *não ficaria pedra sobre pedra* e os « trinta dinheiros » da nova veniãga não aproveitariam a quem, gananciosamente, infamemente, por elles tivesse trocado a sua patria.

Antes que um soldado estrangeiro pozesse um pé na fronteira, era o dever inadiavel de todo o portuguez, incarnar por um momento, um pouco da justiça immanente e fulminar sem dó todos os que tivessem uma pequenina parcella de responsabilidade no monstruoso crime, diante do qual a palavra *crudeldade* perderia o sentido e a dureza das pedras se deveria envergonhar ante a dureza dos corações.

Não se apaga uma nação como Portugal do mappa com a facilidade que alguns parecem suppôr, mas, mesmo que contra tudo que é licito suppôr, a traição fosse a bom termo, — a agonia do velho Portugal dar-se-hia no meio das labaredas dum tão colossal incendio, que eternamente o seu clarão sangrento, illuminasse as paginas da Historia a ensinar ás gerações futuras que os povos como este não se deixam assassinar sem protesto.

COISAS & COISOS

Justiça!

Appareceu á venda, n'uma edição de luto, um livro palaciano, com *arminhos de paz* e cingido por uma corda de Conde a respirar ostentação e luxo.

Transcrevem-se n'elle os appellos oratorios, gastos a clamar justiça para as victimas de 1 de Fevereiro.

E' uma especie do grande e horrivel crime, que os vendedores de jornaes apregoam a dez reis, sempre que corre sangue n'algum ponto do paiz. Para ser rigorosamente identico, falta-lhe apenas ser escripto em verso e trazer o retrato das victimas na morgue.

No fundo, é mais uma tentativa litteraria de quem morreu enforcado nos bastidores d'um *Suave Milagre* e pretende agora resuscitar em tres discursos.

Mas o auctor que sempre recorreu á *parceria* nas suas obras, apparece d'esta feita, só e isolado na factura d'um livro.

Fez mal. A *Justiça*, com versos de Alberto d'Oliveira era toleravel — sequinha e exclusiva, é uma massada que ninguém compra. E depois, justiça para quem? As victimas são cinco e o auctor apenas falla em duas!

Podia salvar-se ao menos pela idéa, por um grande sentimento de justiça bem equilibrado e normal. Mas não.

O auctor não quer justiça. Quer apenas descarregar a *bilis* que o incommoda, desengordar o figado, vingar a sua politica franquista. Mas para isso tinha feito melhor, se tomasse o caminho do Gerez e lhe bebesse as aguas. Em quinze dias de tratamento, gastava talvez menos do que o preço da edição do livro e ficava bastante melhorado. O livro não o cura, póde ter a certeza d'isso. E que desastre para a litteratura nacional, se as suas colicas hepaticas se materialisarem sempre n'uma nova edição da *Justiça* revista e augmentada!

Nessa altura o paiz terá de responder ao appello do seu livro, com um *oh da guarda* colossal, d'estes que immortalisam uma creatura.

Há duas passagens na *Justiça* que compromettem o *espírito artistico* do auctor, e nos dão bem a medida da sua arte. Refere-se á *Palavra* e chama-lhe o *considerado* jornal do Porto.

Falla da peregrinação que o povo de Lisboa fez piedosamente a um cemiterio — a vontade d'um povo que é sempre alguma coisa simples e sincera — e chama-lhe *vergonhosa*!! Valha-o Deus.

Pois não vê que é precisamente o contrario?! Um artista não pode ter a consideração por um jornal, que representa apenas o espirito retrogrado d'um homem embacido pela Inquisição. Nesse jornal há apenas *insultos*, desbragados e vivos, como os d'um cocheiro.

Podia ao menos ser intelligente, mas nem isso. Será o *folhetim* que o impressiona?

Gosta d'aquellas *aventuras de Telemaco*?

Mas sendo assim, faça como o regedor da minha terra que adquiriu esse livrinho há vinte annos e ainda hoje o lê com enternecimento. Não. Há simplesmente n'isto tudo, uma grande *coherencia de espirito* e nada mais.

O *Suave Milagre*, a *Justiça*, e a *consideração pela Palavra* são tres qualidades distinctas n'uma só verdadeira.

A verdadeira é o *franquismo*.

E a proposito — porque não edita a sua *consideração pelo Portugal*? E' o que lhe falta, para completar a sua obra.

Ponha a em verso, em alexandrinos altos, e a immortalidade virá a cobril-o com um manto opaco e fechado *com'a burro*.

Força. Atire-se!

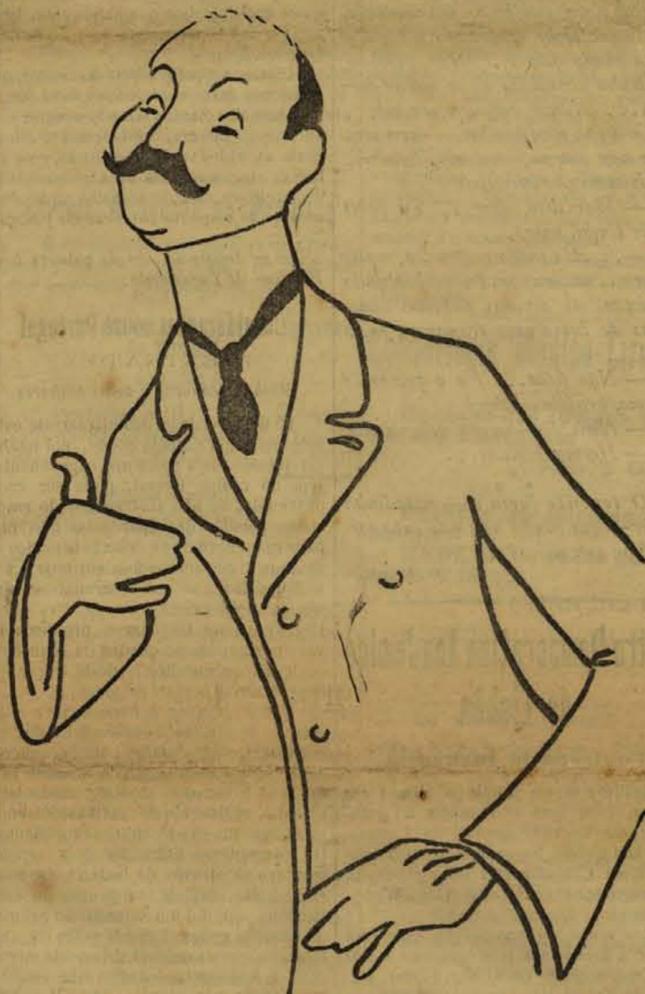
MIUDEZAS...

Tinha uma educação esmerada — dizia-se. E era verdade. Alem d'isso formosa, — rosto tocado d'uma graça de Virgem, carnação eburnea e as linhas fortes do busto, tão harmonicas e perfeitas, pareciam vir directamente da Hellade clara e luminosa onde os marmores brancos entre os bosques de myrtos e loureiros, dizem, sob o ceu eternamente azul e sereno, a serenidade eterna da belleza immortal.

E a educação austera, antiga, claustral, posera dentro d'aquelle involucre de peccado, divinamente pagão, a alma translucida, etherea e ingenua d'uma Thezeza de Jesus, na meninice.

Nunca diante d'ella, já mulher, se dissera uma palavra que, de leve, podesse taldar a limpidez d'aquelle crystal que era a sua alma e, aos dezoito annos ella ignorava as coisas profundas da vida... — As estrellas, accendia-as Deus, todas as noites, no vasto azul do firmamento, vinham da França, os «bambinos» loiros em condeças forradas de setim, e o mel — obra das abethas e das flores — era feito nas fabricas. Jornaes?! — nem conhecia, que

CELEBRES... DE BORLA



MADRIGAL

Se falla, a sua voz é uma harmonia,
E' murmúrio que nasce e logo morre,
E' agua, é fino mel, que leve escorre
N'um languido estertor, n'uma agonia.

Cada palavra simples que desfia
O seu labio subtil, que amor implora,
E' como a vaga que nas praias chora,
Ou como a aragem branda que cicia.

E até se falla em guerras e em potencias,
Na maldade dos homens e do mundo,
Mostra o ar das augustas complacencias!

E a sua voz dilue-se n'um sorriso,
Fulgura e brilha o seu olhar profundo,
E a guerra é paz — e a terra um paraíso!

Dr. Loria

a familia cuidadosamente, reservava o purissimo azul dos seus olhos de posar n'essas folhas impressas que traziam, em cada um d'esses pequenos diabinhos que são as retras, toda a ancia e todo o peccado do mundo...

E fôra assim, n'esta doce ignorancia, que ella vivera d'esde pequenita.

Ora um dia, — o demonio tec-as! — soára-lhe aos ouvidos uma palavra extranha, inédita, mysteriosa: — «hermaphrodita». «Hermaphrodita»? — que queria aquillo dizer? E vae, coitadinha, perguntou ao pae.

O pobre gaguejou, a principio, varado, mas por fim, lá a contentou:

Olhe menina... «Hermaphrodita» quer dizer... quer dizer... «nem uma coisa nem outra» «assim, assim»... um «meio termo», percebe?

— Sim, papá... Obrigada...

Passaram tempos — e um dia arranjaram-lhe um noivo, um bello rapaz, tenente de cavallaria, garboso e apaixonado por aquelles encantos que Deus tão prodigamente dispensára á linda creatura.

Estava proxima a «boda», era coisa de dias e, n'um baile, o noivo,

aproveitava o pretexto d'uma «walsa», para lhe dizer as coisas delirantes, vulcanicas que lhe subiam do fundo d'alma, á flor da bocca sequiosa.

— O meu amor — como hoje estás linda... disse-lhe elle.

E ella, modesta:

— Não digas isso...

— Mas tu nunca te viste ao espelho, nunca viste que não ha santa mais linda do que tu?...

— Ah! que peccado... reprehendia ella.

— Peccado, meu amor, é não dizer a verdade... Tu sabes que és bonita, que és adoravel... insistia elle.

Peccado era não dizer a verdade? Ah! lá isso não! Ella tinha, ás vezes, sem vaidade, e certo, — visto a sua imagem n'um espelho e, francamente, achava que Deus misericordioso não a fizera muito feia... Mas tambem, não tinha a vaidade de se julgar formosa... Nunca pensara em tal... Não era feia nem bonita — «nem uma coisa nem outra», «um meio termo»...

E como elle insistia:

— Mas dize, dize... Tu sabes que és linda, sabes...

— ... ella então respondeu, muito sincera, com um ar d'uma profunda convicção, as divinas pupillas azues cheias de luz d'uma franqueza ingenua!...

— Não filho... Eu o que sou é «hermaphrodita» sabes?

— Hein?! — berrou elle, livido.

— Hermaphrodita... *

O tenente fugiu e — coitadinho d'ella — que ainda hoje não sabe porque ficou sem noivo!...

D. Fuan.

Centro Democratico Academico de Lisboa

Conferencia Inaugural

Realizou-se no domingo ultimo em Lisboa, com uma conferencia do estudante do Curso Superior de Lettras, sr. Fidelino de Figueiredo subordinada ao thema *Considerações sobre Portugal*, a inauguração de Centro Democratico Academico.

Em nome da commissão executiva expoz á assistência o programma e fins do Centro o sr. Lucio dos Santos, alumno da Escola Polytechnica, que explicou as razões da não filiação da nova agremiação no partido republicano, attento o criterio de honestidade politica que se propõe defender e que a coloca acima das luctas e, sobre tudo, das conveniencias partidarias, não podendo aceitar como dogma o programa de qualquer partido, pois o novo centro entende reservar-se o direito de livre apreciação e critica, ainda que imperiosas necessidades venham um dia a collocar contra todos os partidos, a favor da patria portugueza.

Assim, o centro, entregando a acção politica ao partido republicano julga entregar-lo em boas mãos, visto como elle é, hoje, em seu entender, o representante legitimo das necessidades da patria, e reservou o seu esforço para um trabalho de educação indispensavel á sociedade portugueza e que garanta a viabilidade do novo regimen.

Assim contribuirá directa e immediatamente para a obra republicana, e, na questão politica acompanhará a acção do partido emquanto com ella concordar.

Conhecendo o estado de atraso do ensino portuguez e compreendendo a necessidade inadiavel da sua remodelação, o centro interessar-se-ha e procurará interessar a sociedade portugueza, especialmente a sua *élite* intellectual, por todos os problemas pedagogicos de indispensavel solução entre nós, como sejam a refundição do ensino polytechnico e medico, a criação duma faculdade de lettras e de uma escola normal de ensino superior, a instituição em Lisboa de uma escola de Direito, baseada na orientação moderna dos estudos sociaes e juridicos e absolutamente independente da escola de Coimbra, etc...

A proposito da nova escola de direito que se pretende seja criada em Lisboa, entende o centro que a sua organização deve ser diversa da de Coimbra, da

qual ella não pode nem deve vir a ser uma succursal, dando assim occasião a que os governos, ao sabor das suas conveniencias partidarias ou das suas preferencias pessoais, da universidade destacem para a nova escola os lentes que em Coimbra sintam a nostalgia da R. do Ouro ou os que em S. Bento possam ajudar a votar os orçamentos...

Que o recrutamento dos professores deve ser por concursos absolutamente livres, para todos os diplomados independentemente do seu grau, pondo de parte a ridicula e quasi sempre inutil cerimonia do capêlo, pretexto mais para a exhibição das insignias doutoriaes do que para demonstração de cultura mental ou da competencia pedagogica do doutorando.

Assim, os concursos devem ser por cadeiras ou grupos de cadeiras que entre si mantenham uma maior afinidade acabando com essa demonstração exhibicionista e pedante de um ridiculo saber quasi enciclopedico que habilita um lente a reger indistinctamente uma de dezoito cadeiras.

Indicado o programma do centro, que se propõe fazer conferencias semanaes, o sr. Lucio dos Santos falando sempre com apreciavel clareza, apresentou o conferente sr. Fidelino de Figueiredo, com palavras elogiosas para as suas qualidades de intelligencia e de trabalho, que disse serem tão somente palavras de justiça.

Segue se depois no uso da palavra o sr. Fidelino de Figueiredo:

Considerações sobre Portugal

EXTRATO

Minhas senhoras e meus senhores

E' uma verdade definitivamente estabelecida e geralmente aceite, que nenhuma questão, seja no campo experimental, seja no campo formal, pôde ser compreendida, se não abstrairmos do empirismo plastico das apparencias moventes para remontarmos ao criterio historico ou dinamico, considerando-a em toda a sua complexidade, no seu determinismo e no seu condicionamento.

Urge portanto localizar o problema da vida portugueza no quadro da civilização occidental ou europeia e deste traçar esboçadamente o actual momento.

Que é propria e necessaria a designação de civilização occidental todos reconhecem, visto como é para reconhecer a diversificação do espirito humano nestes dois principaes aspectos: occidental e oriental, abstrahindo das civilizações rudimentares que são só culturas incipientes. O antagonismo entre os dois aspectos manteve-se através da historia, tendo-se encontrado sómente na genese do cristianismo, que foi um sincretismo ecletico da filosofia grega, tornada pelas circunstancias sociaes predominantemente moral, com a influencia teurgica do oriente. Mais tarde nos seculos XI, XII e XIII nóvamente se defrontaram para se degladiar, no grande movimento religioso das cruzadas. Embora indirecto, a influencia oriental foi grande porque a orgia belica deu razão ao banditismo cavalleiresco e favoreceu a emancipação comunal.

Presentemente a civilização europeia caracteriza-se pelo *humanismo*, mas numa significação varia da quinhentista. Então descobri-se a continuidade historica para além da Biblia, numa rutilante cultura livre e ao sol, o que deslumbrou os ascetos medievos que intescelavam a luz pelos vitraes dos templos penumbrosos. Descobriu-se então uma humanidade fóra do cristianismo, que sacrificava ao ar livre, no templo da natureza. Mas no seculo 19.^o descobriu-se o *homem livre* de todos os liames teologicos, o homem individual, cuja historia morfologica se reconstituiu. E todas as sciencias se agruparam em torno d'elle, estudando oem todos os aspectos, como para o compensar da perda do seu pedestal de rei da criação. As sciencias da natureza e do espirito entreteceram-se, chegando esse embrechado á propria tecnologia como no termo, Fisiopsicologia. Estudaram-se todos os productos humanos, as religiões, o folklore, trabalho colectivo das multidões anonimas, estudaram-se as suas anomalias, como na Teratologia e na Criminologia, estudaram-se as suas linguas, como na filologia.

Em Arte tambem o momento actual é profundamente caracteristico, porque representa a fase decisiva o mais encarnicada da luta do sentimento e do pensamento, semelhante ao ultimo ataque de dois adversarios que presentem que um ficará no campo. Meus senhores, a luta é velha, tem tido recorrecias e revivencias. Nas velhas idades caminharam a par, concludamante, e assim na sciencia antiga ha Civismismo emocional, como na arte ha verdade objetiva depois compro-

vada. Na antiguidade não se conheceram os trios compendios doutrinarios, como os nossos. Os primeiros filosofos escreveram em verso, adequando a lingua com o seu ritmo ao culto da Verdade e depois, quando prosificaram, conservaram o mesmo Civismismo sob a forma dialogal, como em Platão, sob a forma de imperativos em outros. Em este ha o reflexo constante da natureza, com o seu mundo de interrogações e de duvidas na mente do poeta. O cristianismo sufocou o pensamento e hipertrofiou, sob a forma de crença, o sentimento que reinou até ao renascimento, quando indirectamente se conheceu a cultura helenica, que conseguira uma conciliação. Mas a Sciencia consolidou-se e deu-nos a fria Arte do seculo 15.^o em que um só homem saiu á liça pelo sentimento: Rousseau. Porém no seculo 19.^o desfz-se a illusão de que a sciencia promettera a felicidade e reconheceu-se que só daria a verdade, sem a preocupação de ser moral ou amoral. Foi a bancarrota do pensamento, e os espiritos lançaram-se voluptuosamente na vida do sentimento, produzindo-se essa psicose europeia, que foi o Romantismo. De então para cá a Arte condensou, intelectualizou-se, o que é já uma fraqueza e deusos o realismo.

Eu creio que o sofrer é a condição da gestação artistica e quanto mais caminhamos para um relativo bem-estar, mais difficil a idealização será. Nós separamos da Natureza e querendo uma arte moderna é necessario fundar uma nova estetica sobre bases psicologicas, que já não são as de ha 2000 anos. Uma estatura grega representaria o *Homem belo e forte*, com a tranquillidade feliz do não pensar e não sentir nos olhos apagados; hoje a estatura representaria o *Homem alquebrado* ás lutas do pensamento ou á labuta do pão, o peito curvar-se-á, os olhos miopes pestanjarão por detrás desses oculos inesteticos.

As religiões morreram e o problema de Deus abandonou-se á fé. Discuti-lo é não o sentir, senti-lo é não admitir a discussão.

Filosoficamente reconheceu-se a impossibilidade duma síntese, quando as analyses fundamentaes ainda estão por fazer

Socialmente, a estrutura da vida colectiva permanece imutavel, como se o nosso pensar se não alargasse consideravelmente. Dahi a imperiosidade das reivindicações sociaes, que falsas antropologias pretendem destruir e que sistemas como o socialismo, com suas multiplicas variantes, e o anarquismo pretendem resolver. Tão complexo problema não botará do genio dum homem, nem da consciencia colectiva dum seita; só o resolverá um sincretismo ecletico que ninguém sabe provar. Tão complexo problema não o resolve, negativamente, as falsas antropologias porque ellas esbarram contra uma Verdade Eterna, iniludivel, que assume as proporções dum dogma infalivel: todos que existem têm direito a comer.

Daqui um scepticismo em moral e em negativismo radical sobre a noção de progresso. Ora querendo nós estabelecer valores, temos naturalmente de tornarmos taboa de aferição, porque a idea de *bom* ou de *mau* implica sempre uma comparação com um modelo ideal, e essa taboa será o criterio egoistico da felicidade humana, uma vez que o Homem só deve pensar em encher a vida, esse claro intermitente de consciencia que vai do nascimento á morte. Não tem origens que o obriguem a gratidão, nem destinos que devam dominar-lhe a intelligencia.

Rapidamente e seguindo o principio previamente estabelecido, vejamos a evolução historica de alguns sentimentos, os mais dominantes na natureza humana: o Amor, o culto da natureza e a moral social.

Socrates dizia que o Amor é um meio de dar filhos ao estado, definição brutal que se não afasta muito da animalidade, e nas sociedades gregas a mulher encerrada no gineceo, permanecia numa ignorancia obstinada e sob a tutela despótica do marido. A sua comunhão no trato social era uma prostituição.

Na idade media, foi divinizada, momentaneamente a virgem, ao que por certo não foi estranha a dignificação da mãe de Cristo. Os cavalleiros romanescamente portavam no *benquerer*, porfia que tomou as formas mais pueris no galanteio e na idealização poetica, e as formas mais desvairadas nas corridas aventuras mundo fóra. Quanto mais debil, mais tímida, mais branca, mais desconhecédora da vida e do mundo, mais bétá.

No Renascimento éla tomou parte na cultura e esse interesse animou as novelas cavalleirescas e pastorales, em que eram culturalmente adoradas.

No Romantismo foi significada como a forma suprema do sentimento, em tudo que se pôde atribuir de mais subtil e transcendente. Poetas, como Meusset, choravam por o amor ter como condição a sexualidade.

Mas agora, sem transcendencias, acima da brutalidade primitiva e abaixo da glorificação medieva e romantica, éla é mil vezes mais amada, porque está numa situação que é a Verdade, é companheira do Homem, mãe, esposa e irmã, pensando, lutando, sofrendo e amando igualmente.

Para os antigos a natureza era só plasticamente vista, sem a interpretarem e quando a misturavam á sua Arte, consideravam n'ela só a sua feição utilitaria: *que era fertil, que era rica de oliveiras, propicia para alojar o pão ou fazer luzir ao sol os cachos*, eram os atributos unicos que lhe concediam.

O ascetismo catolico fez abandoná-la, mas no seculo 19.^o foi rehabilitada por um sentimento intellectual que faz considerar em qualquer paisagem a epopéa da vida Universal. O homem moderno ranche as suas relações de dependencia da terra e até aonde é licito reagir-lhe.

A moral social que hoje exproba e nos faz chorar de dôr perante uma grêve, em que a fome dizima familias, era naquella tempo um convencionalismo egoistico de um pequeno escol preponderante. A escravidão e a servidão foram formas atenuadas do desdem pelos vencidos, a principio mortos, como bocas inuteis. Hoje o Cooperativismo é uma lei geral, até no sentimento. As cartas e as corporações sociaes apagam-se, e os vestigios são só revivencias, fatalismos da continuidade historica.

Houve pois progresso. Daqui uma noção da moral atividade, porque trabalho é progredir e não trabalhar seria uma imoralidade. Desgraçadamente, como disse Goethe, o equilibrio da natureza está feito, e este progresso, corresponde lentamente um regresso. Mas isso é a inexorabilidade do sofrer humano, eterno, fatal.

Continua

Factos e Commentarios

Centro Democratico Academico de Lisboa

No dia 7 do corrente, iniciaram os seus trabalhos, os nossos presados collegas de Lisboa, com uma conferencia do sr. Fidelino de Figueiredo de que hoje publicamos, uma parte e de que daremos o que falta no proximo numero.

Ao Centro Academico de Lisboa, agremiação de todos aquellos rapazes que na academia da capital valem pelo talento e pelo character envia *A Revolta* os seus calorosos parabens.

Brrr...

Consta que, por um tratado secreto, o nosso paiz se obriga a auxiliar com cem mil homens a Inglaterra no caso de guerra com a Alemanha. Deve ser verdade.

E o commandante da legião deve ser o nosso Bombarden que anda mortinho por dar que fazer á durindana.

Brrr...

Cognac no cantil e vá de engulir allemães, que isto por cá não dá nada.

Contas

J. Pires, de Portalegre, diz nos seus *Aguilhões* que a monarchia conta com os moços que acclamaram o rei na Sala dos Capellos, como elles contam com ella.

Não ha duvidas, pelo menos na segunda parte.

O peor é que as contas ás vezes sahem furadas.

As contas e as greves...

<O regicida>

Campos Lima que ha pouco tempo ainda, nos deliciau com as finas paginas do seu pamphlet em verso — *O Rei — acaba de fazer sair — O Regicida* — que em nada desmerece o conceito em que temos as suas qualidades de poeta e de revolucionario.

Apareceu no dia 1.^o de fevereiro, o anniversario da morte do Rei Carlos e dos seus executores.

Vende-se nas livrarias ao modico preço dum tostão.

Ao seu auctor os nossos agradecimentos pelo numero enviado e um grande abraço.

Ridendo...

— Dizem que ha no gremio um *bal de têtes*. O sr. conde sabe o que é isso?

— Eu lhe digo... é... isto é... deve ser um baile de cabeças...

— E o sr. conde vae lá?

— Não, minha senhora. Não tenho a dita...

TRIBUNA DOCTRINARIA

O circulo vicioso

«In principio creavit Deus Caelum et terram» (Biblia)

A Egreja Catholica na esterilizante immutabilidade dos seus conceitos não poderia firmar-se na consciencia das multidões ignaras, se não buscasse um ponto de apoio bem longe, e bem confuso, onde fosse consolidar toda a intrincada meada de suas cavilosas mentiras.

Para primeiro ponto d'apoio e fundamental alicerce apoderou-se da bizarra tradição biblica, corroborando a propria doutrina na afirmação improba e arrojada da criação do mundo por um agente extranho. Difficil não é compenetramos de quanto interesse ella tem ligado a este dogma, observando a paixão que a impelle a fazer tressuar os seus philosophos e hermeneutas na ingrata tarefa de torcer a razão humana e adulterar o sentido e valór de documentos antigos. E' que a criação do mundo pelo tal Deus foi na verdade um consumado extratagem em cuja defesa ella esgota toda a propria argucia, que é muita, rebuscando os mais ineditos disparates para não deixar ir agua abaixo essa gazúa com que força as intelligencias desprevenidas e candidas a acceptarem-lhe os mais abusivos conceitos.

Vejâmos como a egreja se comporta para firmar a sua auctoridade.

Já nesta tribuna eu afirmei que a Egreja se encostava a duas muletas para se conduzir até ás mais arrojadas conclusões, quaes são: a sua catholicidade, divindade e, portanto, infallibilidade.

Aquellas muletas são a tradição, especialmente a biblica, e a philosophia dualista.

Não falarei por hoje na philosophica e só revelarei a sua conducta no modo de concluir pela biblia.

A Egreja não aceita tudo o que está escripto na Biblia, ou conjunto de livros religiosos didacticos, politicos e historicos dos Hebreus. Fez uma escolha daquillo que lhe pareceu mais conducente ao seu fim. Estou bem certo que se o não tivesse feito, hoje escolheria muitos menos livros, isto é, mutilaria muito mais, porque na biblia canonica ha ainda muito com que ella se vê já hoje seriamente embaraçada. Escolheu, disse eu, e decretou immediatamente aos livros, que catalogou no seu canon, uma auctoridade divina! Segundo ella pretende, esses livros foram escriptos sob a inspiração do Espirito Santo.

Não sei se sabem o que elle quer dizer, quando afirma que os livros são divinamente inspirados.

Para o leitor menos versado nestes assuntos é urgente conhecer a propriedade dos termos empregados para não cair nos alcapões que os fargantes abrem a cada passo sob nossos pés.

Marchini, um dos mais conceituados e tambem dos mais seguidos hermeneutas catholicos, define — *Inspiração* do seguinte modo: — «o singular impulso, direcção e presença do Espirito Santo que move o hagiographo a escrever, dirigindo-lhe a intelligencia e a vontade, não o deixando errar e fazendo com que elle escreva sómente o que Deus quer» (1)

Portanto quando a Egreja diz que os seus livros são divinamente inspirados, significa com isso que elles foram escriptos nas condições indicadas na definição acima.

Mas quem é que nos diz que esses livros estão em taes casos? Perguntará o primeiro que ouvir tal proposição. Responder-nos-ha a Egreja: que ella. Com que auctoridade? — Com a auctoridade da propria infallibilidade. E como é que ella nos demonstra a propria infallibilidade? — Por passagens de aquellos mesmos livros cuja divindade ella propria decreta!!...

O circulo vicioso é manifesto. Mas ha mais. A Egreja antes de proclamar a inspiração dos seus livros começa por pretender demonstrar a sua auctoridade historica. Mas para que um testemunho historico tenha auctoridade, uma das condições é a probidade do historiador. Os escriptores porém d'aquelles livros não foram probos porque entreteceram as suas narrações com factos estupendos, contrarios a toda experiencia, a toda a razão, contradictorios em absoluto com as leis da Natureza: enchem os seus relatos de milagres.

Ah! não importa. Esses milagres não são contrarios á Natureza, — são simplesmente feitos fóra das suas leis!... dizem as sanctas creaturas. Como?

«São praticados por quem é senhôr

absoluto do mundo e seu absoluto legislador que, assim como fez o mesmo mundo porle também destruí-lo e derrogar ou suspender as suas leis — Mas quem nos diz que o Mundo foi realmente creado por esse personagem?

— A Biblia!...
Outro circulo viciado.

Em resumo: a Igreja firma a sua auctoridade na Biblia e reconhece a auctoridade da Biblia pela sua infalibilidade.

— Sustenta a possibilidade dos milagres pela admissão dum Deus creador e absolutamente onnipotente; e prova a existencia do mesmo Deus pelos documentos que deixaram aquelles mesmos que praticaram ou narraram façanhas milagrosas.

Apenas, porem, estas contradicções se tornaram evidentes a Igreja poz em campo a sua milicia de rapozas e eil-os a farejar por toda a parte argumentos em que demonstrem a existencia do seu Deus e o acto da creação do Mundo pelo mesmo num momento antes do qual cousa alguma existia, senão o proprio Deus.

Em os numeros seguintes escarpelizarei os processos de que se valem para o seu intento.

Lucifer

CARTEIRA D'UM REBELDE

Quem encarar friamente o estado actual da politica portugueza, não precisará certamente d'um grande esforço mental para chegar á iniludível conclusão de que em Portugal já não existe uma consciencia monarchica que se imponha pela força, indestructivel das convicções arreigadas.

Batido successivamente o principio monarchico no parlamento, nos comicios, nas conferencias e até nas simples palestras individuais, a monarchia, sentindo se divorciada do sentir e da consciencia nacional, procurou, para não morrer, o ultimo dos meios de que se costumam valer os principios condemnados: — a monarchia portugueza surve-se da violencia.

Sem força propria que a mantenha, ella cerca-se dos sabres da municipal, augmenta e arma de carabinas a policia, e foge espavorida a acotar-se nas dobras da batina do Padre Mattos.

Por isso a existencia ainda da monarchia em Portugal é um paradoxo, facilmente destructivel como são todos os paradoxos. Vive ainda, mas a sua vida é artificial: vive como vivem moribundos á custa de balões de oxygenio.

Pode hoje affirmar-se, sem receio de errar, que em dois campos apenas se divide a actual sociedade portugueza: E' dum lado uma nação inteira que accorda para a vida a que as suas inexgotaveis qualidades e tradições gloriosas lhe dão direito; e á infundavel cohorte dos oprimidos e dos vexados que se lança impertubal pela entrada luminosa do Futuro á conquista audaciosa do Ideal.

E do outro uma pequena minoria, que, em nome de mesquinhos interesses pessoais, e pela voz das espingardas brada — «cala-te» — a quem pede pão, e — «sofre!» — a quem pede justiça.

E' d'um lado a luz, o progresso, a civilização, o futuro — e chama-se Republica.

E' do outro a treva, o marasma, a barbaria, o passado com revivencias de forcas, de fogueiras, de inquisições — e chama-se reacção, quer ella vista batina e sobrepele e encarne no padre Mattos, quer vista sobrecaçaca e ponha flor ao peito e se chame José Luciano ou Julio de Vilhena.

Mas a existencia d'esta reacção odienta que esvurma odios dos seus processos e calumnias das suas palavras, só vem provar quanto a monarchia está periclitante.

Uma reacção só é grande, quando grande é tambem a acção contraria que a impulsiona. Incapaz de transigrir com as exigencias do espirito moderno, porque as não comprehende, ella, que é o passado e a estagnação, defende-se ainda. Mas a sua defeza não é já a consagração d'um principio que encontre forte apoio em espiritos robustos e illibados caracteres. E' um arranco, uma contração de estomagos insatisfeitos.

Experimente alguém tirar da frente de meia duzia de cães de guarda a gamella em que elles roam, descuidados, algum osso e elles offerecerão o mesmo aspecto, que hoje offerece a monarchia portugueza.

Por isso se pode dizer que já hoje não existe em Portugal uma consciencia monarchica. A monarchia portugueza vive ainda, mas a sua vida é artificial: vive como vivem moribundos, á custa de balões de oxygenio.

Sherlock-Holmes

O Brazil moderno

V

Fallando dos vultos, nossos contemporaneos, que mais se têm notabilizado nas diversas manifestações de actividade intellectual, era no começo, nosso intuito fazer uma pequena monographia acerca de cada uma d'essas individualidades salientando o seu justo valor e prestando assim uma homenagem merecida.

Isso porem, embora fôsse bastante elucidativo e de alguma sorte um tanto curioso para quem, olhando com bons olhos o paiz amigo, acompanhe com algum interesse os nossos despretenciosos bosquejos, constituiria um trabalho bastante longo, mesmo que nos propuzessemos a dizer poucas palavras sobre todos os que merecem tal attenção. Basta apontar nomes bem conhecidos, como os do dr. Ruy Barbosa, Barão do Rio Branco, Coelho Netto, Olavo Bilac, doutor Sylvio Romero, Machado de Assis, dr. Eduardo Chapot Prévost, Arthur de Azevedo, dr. Osvaldo Cruz, Osvaldo de Faria, Santos Dumont, dr. Lauro Müller, dr. Francisco Pereira Passos, Carlos Gomes, dr. Joaquim Nabuco, dr. Viveiros de Castro, dr. Joaquim Murtinho, e tantos outros, cujos nomes neste momento não nos recorda, para se poder momentaneamente avaliar quanto a tarefa seria espinhosa.

Para resumir por consequencia, tanto quanto possível o nosso trabalho, tomaremos apenas como assumpto ou thema da nossa exposição, cinco individualidades respectivamente notaveis em: medicina, direito, letras, artes e politica, a saber: Eduardo Chapot Prévost, Clovis Bevilacqua, Olavo Bilac, Carlos Gomes e Ruy Barbosa.

Occupar-nos-emos hoje do

Dr. Eduardo Chapot Prévost

Este illustre brasileiro, (fallecido ha pouco), descendente de familia franceza, foi incontestavelmente uma das maiores glorias da classe medica. Lente cathedratice da cadeira de — *Histologia normal* — da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, honrou, como poucos, o lugar que, durante não poucos annos, desempenhou.

Amigo dedicado de todos os seus discipulos, entre os quaes figurámos, encontrava tambem, por sua vez, em cada um d'elles, não só um amigo affectuoso, mas um admirador sincero do seu caracter justiceiro e recto, e bem assim dos seus raros dotes de máscula intelligencia. Trabalhador incansavel, pesquisador devotado de todos os segredos da sciencia em que se especialisára e cujo progresso diário não deixava de acompanhar, procurava sempre, com o maximo interesse, despertar o incentivo e o estimulo dos seus alumnos, animando-os com o calor da sua palavra fluente e affectiva, dando-lhes o exemplo de uma abnegada applicação, e proporcionando-lhes no laboratorio, montado sob a sua sábia direcção, preciosissimos conhecimentos practicos, verdadeiramente uteis e attrativos.

Mas o campo scientifico da escola, se bem que muito vasto, era ainda assim demasiado pequeno para desenvolver toda a sua maravilhosa actividade.

Operador proficientissimo e inexcedivel, era na clinica hospitalar e particular que a sua acção se deveria accentuar, porque em nenhum lugar, melhor do que ali, poderia revelar a sua extraordinaria e incontestavel competencia.

E foi isso precisamente o que aconteceu.

Depois de uma longa série de trabalhos profissionais, coroados quasi sempre de um optimo exito, o seu nome, na grande cidade fluminense, ganhou uma gloriosa e justa fama. Foi n'essa epoca que, na mesma cidade do Rio de Janeiro, appareceu o pouco vulgar caso teratologico das duas meninas xiphopagas, para o qual convergiu a attenção de todos os cultores da sciencia medica.

Entretanto essas duas creanças, que, no seu conjunto, formavam uma verdadeira monstruosidade, foram entregues aos cuidados dum outro illustre operador brasileiro, que se propoz operal-as, com o exclusivo interesse scientifico, e nem outro poderia ter, visto as clientes pertencem a uma familia pauperrima do Estado do Espirito Santo.

Durante alguns mezes, fazendo uso da radiographia e applicando o melhor do seu tempo ao estudo do phenomeno, traçou, delineou, orientou emfim a operação que se propuzera fazer, embora o desfecho fatal que, em Paris tivera que fôr feita aos irmãos siamezes, por um dos mestres da sciencia, não lhe porporcionasse nem incutisse risonha esperanza.

Markado definitivamente o dia, deu

inicio, sob todas as precisas cautellas, ao trabalho operatorio, mas em breve teve de parar, perante o receio natural das consequencias que poderiam advir e a hemostasia do figado que lhe pareceu muito problematica.

Preferiu recuar a ficar mal com a sua consciencia. Ningnem o censurou por isso.

Abandonado o caso, e quasi que reconhecida a impossibilidade de o resolver favoravelmente, apparece o dr. Chapot Prévost e, com admiração geral, mórmente depois da primeira tentativa infeliz, offerre-se para levar a cabo a operação, correndo por sua conta todas as despesas a fazer com a montagem duma sala propria, material necessario, e permanencia das creanças numa casa de saude.

Acceito o offercimento, inicia o illustre operador os seus trabalhos de observação attenta e profundo estudo, que lhe consumiram varios mezes, durante os quaes, em holocausto á sciencia e á humanidade, sacrificou os seus proprios interesses, abandonando quasi a sua clinica particular. Quando o desanimo começava a apossar-se de todos os que, mais ou menos de perto, seguiam a marcha d'esse acontecimento, foi annunciado finalmente o dia em que, de uma vez para sempre, a sorte d'essas creanças ia ser decidida.

Apoderou-se então de toda a gente, illustrada e não illustrada, a natural ansiedade de conhecer o resultado da tentativa audaciosa, em que um homem punha em jogo todo o seu credito scientifico.

Acercado dos drs. Dias de Barros, proecto professor da cadeira de Physiologia, Ernani Pinto, preparador da cadeira de Histologia, e que foi um dos seus discipulos mais dilectos, Figueiredo Rodrigues, que n'esse anno se havia formado, premiado em todas as cudeiras do curso, e, se não nos enganamos de mais dois autorisados clinicos, cujos nomes, n'esta occasião, não nos occorre, o doutor Chapot Prévost, chloroformizadas as pacientes, com uma calma admiravel, apesar da tremenda responsabilidade que sobre elle pesava, pega no escarpello e com mão segura e firme, dá começo aos seus trabalhos.

Todos os incidentes estavam previstos; nada portanto o detinha.

No fim de, pouco mais de uma hora, a operação estava feita, a hemostasia da importante viscera — o figado — havia-se feito por um processo seu, e as duas creanças, que, pouco antes, constituíam um perfeito aborto da natureza, estavam desligadas, com vida autonoma, e em perfectas condições de existencia.

Ni-guem, então, lhe regateou verdadeiros applausos, perante esse caso virgem, unico, nos annas da sciencia medico-cirurgica.

Na Escola, no dia seguinte ao da grande conquista scientifica foi aclamado com delirio, por todos os estudantes e sudado entusiasticamente por todos os seus collegas.

A imprensa vulgarisou o seu triumpho completo, e teceu-lhe os merecidos elogios.

O Congresso Federal, por unanidade de 40 votos, concedeu-lhe um premio de 40 contos.

A população inteira consagrou-o á sua infinda admiração.

Em Paris, onde foi acompanhado de uma das creanças, por convite da Academia de Medicina Franceza, foi recebido com a distincção e apreço com que ali, são tratados semelhantes vultos.

Pois nada d'isso o envaideceu. A partir d'aquelle grande dia, toda a sua attenção, todo o seu amor, por assim dizer se concentrou n'aquellas duas creaturas que tomou como filhas.

Mais tarde, uma dellas, succumbiu victima d'uma infecção, o que violentamente o commoveu.

Não podendo jámais separar-se da sobrevivente, acompanhou-a ao sertão a casa dos paes e d'elles obteve a acquiescencia ao pedido que lhes formulou de a ter sempre junto de si.

Pena foi que a morte tão prematuramente arrancasse á vida, esse grande espirito, cujo perfil rapidamente fica ahi traçado, e que tão profundamente se impoz pela nobresa do seu coração, e pela pujança do seu intellecto.

A. S.

A «REVOLTA»

Encontra-se á venda em Lisboa na «TABACARIA MONACO». Rocio. Em Coimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

Cooperativa de Pão
«A Conimbricense»

O sr. Presidente da Assembleia geral desta Cooperativa convida os socios a reunirem-se pelas 10 horas da manhã de domingo, 14 do corrente, na séde de cooperativa, junto a St.ª Anna.

Ordem do dia — apresentação de contas pela Direcção.

Senão se poder realizar a sessão por falta de socios, fica convocada para o dia 28, á mesma hora, e no mesmo local.

Coimbra, 6 de fevereiro de 1909

O Secretario
Floro Henriques

Os portadores d'obrigação desta cooperativa poderão receber os seus juros em casa do Thesoureiro da mesma, o sr. José da Costa Gaito, com estabelecimento de mercearia na R, do Cego.

F. H.

Corrida de touros na Mealhada

A commissão organisadora desta corrida pede-nos a publicação do seguinte que inserimos gostosamente:

Conta da receita e despesa da corrida da Mealhada

RECEITA

17 camarotes a 6\$100..... 203\$700
256 bilhetes de sombra a 520 133\$120
599 » » sol a 220 131\$780

Somma a receita... 368\$780

DESPEZA

Pago ao lavrador..... 90\$000
» de contribuição e avença de sello..... 35\$060
» a Punterete (toureiro) .. 30\$000
» a Izidoro (embolador) .. 13\$000
» a Mario Leal (arranjo de praça e foguetes)..... 10\$180
» a Santarino (hotel) 7\$700
» a M. Soares (carro) 4\$000
» á policia de Aveiro 3\$640
» á » de Coimbra... 1\$000
» a Polaco & Camões.... 31\$000
» ao Club Taurinamico... 19\$000
» a Garcia e Bergamin hospedagem dos ex.ªª amadores..... 26\$000
» a Correia Cardoso (prospectos)..... 6\$000
» á Imprensa Academica (bilhetes e cartazes)..... 5\$300
» pelo affixamento de cartazes..... 500
» a Luciano Moreira, passagens dos ex.ªª amadores de Lisboa, passagens para a Mealhada etc.. 57\$790

Somma a despesa... 341\$290

RESUMO

Receita..... 368\$600
Despesa..... 341\$290

Saldo a favor... 27\$310

Os recibos e contas podem ver-se na casa Gaito e Cannas.

O saldo foi entregue ao sr. Governador Civil.

Não queremos deixar de testemunhar o nosso mais reconhecido agradecimento ao sr. conselheiro Luiz Gonzaga dos Reis Torgal, que tão amavelmente se promptificou a conseguir-nos um comboio especial; ao sr. dr. Francisco Lebre que, com uma gentileza extrema, não só se dignou dirigir a corrida, mas tambem se poz á disposição da commissão, para o que fosse necessario; aos srs. Gaitto & Cannas e Mario Leal, que nos ajudaram, com uma rara dedicacão, a vencer todas as difficuldades que nos appareceram; a todos os valentes amadores que entraram na corrida, levados por um generoso e captivante impulso a colaborar connosco nesta festa de caridade; e finalmente, á musica da Mealhada que bizarramente se nos offereceu para tocar durante o espectáculo.

Coimbra, 5 de Fevereiro de 1909.

A Commissão:

Henrique Rocha Ferreira
Marçal Pacheco
D. Raul da Camara Lene
D. Ruy da Camara (Ribeira).

Associação Commercial

Esta prestimosa collectividade realizou a eleição dos seus corpos gerentes para 1909 no dia 10 do corrente, tendo sido aprovada a seguinte lista:

Assembleia Geral

Presidente — Manuel José Telles; secretarios — Paulo Antunes Ramos e Roque d'Almeida Marianno.

Direcção

Presidente — João Rodrigues de Moura Marques; vice-presidente — José Monteiro dos Santos; thesoureiro — J. M. Mendes d'Abreu; secretarios — Ernesto Mercier de Miranda e José Sebastião d'Almeida; vogaes — José Antonio Gomes dos Santos e Manuel Pereira Junior.

Os nomes que desta lista fazem parte são segura garantia das prosperidades da Associação Commercial e de que ella saberá representar dignamente os interesses que lhe estão confiados. A nova séde, no primeiro andar do optimo edificio da Casa Minerva, na Estrada da Beira foi já um grande passo. Arrancou-se a Associação daquelle becco da Rua Velha, o que era, francamente, vergonhoso. Hontem a direcção foi cumprimentar o governador civil, tencionando na proxima quinta feira cumprimentar a Camara Municipal.

A nova direcção desejamos todas as facilidades no exercicio do seu espinhoso cargo.

Consultorio Medico-Cirurgico

Doenças dos ouvidos, fossas nasaes e garganta

CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos.

ANÆTIZES: succo gastrico, jêzes e urinas

MANUEL DIAS

MEDICOS ESPECIALISTAS

Com pratica nos hospitaaes de Paris

Consultas, todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde

Rua Ferreira Borges, 5 — COIMBRA

Consultorio Dentario

DE

MARIO MACHADO

Cirurgião Dentista pela Universidade e com pratica da especialidade em Paris

Praça 8 de Maio, 8 — COIMBRA

Tabella de preços

Consulta 500
Extracção de cada dente ou raiz 500
Extracção com anesthesia 16000
Obturação 16500
Aurificação 4\$000
Limpeza de dentes 1\$500
Dentes artificiaes 28\$500 e 48\$500
Dentes de pivôt. 8\$000
Corões de ouro 12\$000
Tratamento de doenças da bocca e gengivas, por sessão 1\$000

CLINICA CIRURGICA

Tratamento das doenças dos orgãos genito-urinarios do homem e da mulher e a

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justica

Electrotherapia

Medicacão electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA



AGUA DAS LOMBADAS

AGUA DAS PEDRAS SALGADAS

AGUA DE VIDAGO (Fonte Campilho)

AGUA DE VERRIN (Fonte Espido)

DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.^ª



Cachorros da Serra da Estrela

LEGITIMOS

A' venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a idade de 1 até 3 mezes, esta excelente raça de cães de guarda.

Todas as encomendas ou informações devem ser feitas a

Joaquim de Vasconcellos

Pastelaria e confeitaria Telles

150—RUA FERREIRA BORGES—156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

- Doce de ovos com os mais finos recheios.
- Doce de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.
- Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
- Variada pastellaria em todos os generos, especialisando os de folhado.
- Galantines diversas. Tête d'Achar Paté de Liever e Foie.
- Sauçisses Pudngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
- Pão de ló, pelo systema de Margaride.
- Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.
- Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empresa Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.^ª

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria. Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobílias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que afirmamos.

Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quizer comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para mesa, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanellas d'algodão, metro	65
Ditas, côr lisa, muito largas, metro	120
Côrtes de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2, 500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc. **Brindes!** — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciarmos artigos que não possuimos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZEES DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrepenhem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4600

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, n.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empresa Automobilista Portuguesa, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157

COIMBRA

[Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabelleireiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas allemãs e francezas.

Pós e pasta dentrificas.

Fscovas para dentes, cabelo e fato.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guarda-sós e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANLEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante colleção de relógios de todos os systemas e auctores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relógios proprios para mesa, parede e mórés. Ha esportadores desde os preços mais baixos aos mais elevados. Vendem-se correntes de prata e ouro. Concertam-se relógios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. Tintas, oleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o pais, tem sempre calçado feito da melhor pelo laria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especialisando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114



A serio

Apesar da epocha que atravessamos não nos podemos dispensar de abrir um parenthesis na galhofa que hoje enche o jornal, para bordarmos umas ligeiras considerações ácerca do momentoso problema nacional que é o projectado casamento regio.

E dizemos problema nacional porque, effectivamente, quando casa um rei, não é elle só que casa: — é a nação inteira. Casamos nós que escrevemos e casam os señores que nos lêem. Em qualquer potencia — é assim que se chama em «direito internacional» ás nações — o rei representa-a — a ella potencia, — em todos os actos da sua vida, publica e particular. Não sabemos se os señores entendem, mas nós explicamos, citando — como se faz cá na Universidade. A paginas 69 do seu soberbo livro *La puissance publique*, diz *Toutmonte* o seguinte:...

«le roi, assurant par cet acte, la succession à la couronne et, conséquemment, le bonheur de moment et de futur de ses sujets, ne peut se comprendre que, comme un délégué de la puissance publique...»
E, mais adiante, o erudito escriptor, — um acerrimo partidario da realza — preconiza o principio que elle chama, a «união espirital dos subditos ao príncipe» aconselhando varios meios attinentes á completa realisação d'esse salutar principio, — como seja o de «todo o subdito trautear o hymno nacional sempre que o soberano exerce alguma das suas attribuições!» Nós discordámos em absoluto das ideias do reaccionario escriptor... Nem, por sombras, admittimos a possibilidade de, no dia do casamento regio, nos pormos todos a tocar... o Hymno da Carta.

Mas, apenas a citamos, para com uma opinião insuspeita, fundamentar a nossa de que os actos, mais privados da vida dos reis tem uma decisiva influencia sobre os povos — o que representa um grave perigo que não se dá nas democracias onde a suprema magistratura é temporaria e electiva. Mas, como, por enquanto, nada está definitivamente assente ácerca do caso, passamos a encarar outros aspectos da questão.

Nós já temos duas rainhas e estamos ameaçados de ter tres.

Uma realza com uma rainha ainda se supporta, agora no estado desgraçado do paiz, uma realza de tres rainhas, é um insulto á miseria publica. O orçamento das classes inactivas está sobrecarregadissimo e os cofres publicos não podem pagar ordenados fabulosos a duas rainhas que já para nada servem. Esta é que é a verdade! Além d'isso, não temos nós á porta, em Hespanha, um exemplo bastante de temer, no augmento, ameaçador de príncipes que nascem e dois dias depois já são sargentos mas como sargentos ganham mais que generaes?

Quem nos diz a nós que outro tanto não nos succederá? Não nos fallem na «proliferação desbordante do proletariado» e reparem antes os tratadistas de Direito Publico e os legisladores, na proliferação não menor, da realza que representa um gravame para os povos. Querem alguns escriptores, prevendo esse inconveniente, crear junto de cada throno, com caracter institucional, o que elles chamam, «as comissões reguladoras dos nascimentos regios» mas isso nada remedeia. Representa uma tyrania que não podemos aceitar e offende profundamente o espirito juridico moderno.

A epocha, não é de modo a alongarmos-nos em considerações sobre problema de tal magnitude, mas estas por enquanto, bastam e prometemos, d'esde já voltar ao assumpto.

MIUDEZAS...

O sacrificio dos sabios! Admiravel coisa! Ora ouçam vocês, a historia que succedeu ao celebre professor *Eselis*, da Universidade de Bonn, no ultimo verão, em Carlsbad. *Eselis*, é, — como toda a Alemanha erudita sabe, — um grave e ponderado homem, auctor da perduravel «*Historia do Solecismo através as Edades*». Ninguém como elle, com tão bella facundia e apuradissimo engenho, dissertou sobre a «*dinamica da lolice*» e, á sua penna erudita se devem as mais bellas paginas de hoje escriptas sobre a complicada e nebulosa questão do «*disparate estatico*», nas suas relações com a *philosophia Hegeliana*.

As suas novas theorias tinham revolucionado o mundo scientifico e provocado controversias terriveis em livros e revistas. Especialmente a mais arrojada de todos que elle intitullava «*theoria da salutar reacção natural dos organismos vivos contra as inconveniencias phisicas*» tinha provocado, da parte de toda a Germania universitaria e philosophica, uma troça tremenda, uma incredulidade desdenhosa que muito affligia *Eselis*. *Richen*, o seu discipulo mais promettedor, que até então acompanhára o mestre e promettia continuar-l'o, até esse o abandonara com escandalo, proclamando num opusculo «*a impunidade da Asneira*».

Foi então que o sabio, com este ultimo golpe, se decidiu a sacrificar-se pela sciencia.

Ah! *Richen* affirmava a «*impunidade da Asneira*» refutava a sua theoria da «*reacção salutar*!» Elle, *Eselis*, lhe provaria e aos collegas que se enganavam redondamente.

E o sabio, decidiu-se, para fazer verificar a sua theoria, a fazer um gordo disparate, uma tremenda inconveniencia!

Que nobre espirito de sacrificio! Arriscava a sua reputação d'homem serio e ninguém veria no seu acto a grandza d'alma, o sublime sentimento que o ditava! Foi no salão de baile do «*Kursaal*» de Carlsbad, repleto de senhoras, e homens em trajes de festa, resplandecente de luzes, no meio do que em toda a Alemanha ha de mais distincto e altamente collocado,

que o novo martyr da sciencia se decidiu a tentar a prova decisiva. Escolhi-do o seu «*sujet*» — um delizioso «*organismo vivo*», representado n'uma gentilissima e esculptural rapariga. — o sabio, tremulo pela suprema gravidade scientifica do momento, mas com a firmeza e o estoicismo d'um *Mucio Scevola*, aproximou-se d'ella, encetou uma ligeira conversação e inopinadamente, sem que nada o pudesse fazer prever, dá um tremendissimo apalpaço, — exactamente n'esse sitio — da pobre senhora!

... A mais tremenda e mais sonora bofetada que até hoje avermelhou uma bochecha erudita, ecoou por todo o vasto salão do «*Kursaal*», attraíndo todos olhares, suspendendo todas as conversas!

O escandalo foi inaudito!
Eselis foi corrido, apupado, asso-biado, sovado...

Teve de fugir da cidade senão davam cabo d'elle!

Mas, hoje refulge com o brilho d'um sol para toda a Germania philosophica, a evidencia incontestada da theoria do Mestre «*sobre a salutar reacção natural dos organismos vivos contra as inconveniencias phisicas*!»

D. FAUS.

Do nosso estimavel colladorador *Lucifer* recebemos a seguinte

GARTA

que com prazer publicamos:

Hoje, Fauces Tenarias, Laconia
(Em transitio para o meu Imperio)

Meu caro director

Optima quaque dies miseris mortalibus aevi
Prima fugit; subeunt morbis triati-que senectus
Et labor et durae rapit inclementia mortis.

Desculpe você esta tirada de Virgilio. Não pode ella vir mais a proposito do que nestes dias. Além disso, sendo você, como é, a mais bella encarnação da alma latina, eu supponho honral-o dando lugar de primazia ás manifestações do espirito mais brilhante, que jámais existiu, entre os espiritos brilhantes, entre os que souberam aliar o positivismo d'uma concepção juridica completa á alacridade juvenil e pitoresca de almas sedentas de goso e de verdade.

E' com inefavel jubilo, meu caro director, que eu registro a existencia do carnaval como reviviscencia do culto que os seus antepassados mediterraneos prestaram aos deuses mais uteis e alacres que a fantasia humana soube crear.

Não sei, meu caro director, se conhece bem a philogenia do carnaval. Parece-me não errar filiando-o nas bachanais e saturnais que os povos pelagicos celebravam em honra de Bacho e de Saturno.

Quem ha ahí que não reverencie o adoravel Bacho, hilarante amphitrião da jovialidade, dispenseiro do verdadeiro lethos, do authentic lethos, que, como nenhum outro, nos faz esquecer as agruras da triste vida?!...

E quem ha ahí tambem que tenha esquecido o sabio e bondoso Saturno?!...

Que adoravel deus não foi esse que, rompendo com todas as praxes de Olimpo, não se rebaixou em vir ensinar aos mortaes a arte da lavoura, o cultivo da virtude, a pratica da solidariedade na excelsa terra d'Italia, alma mater da vossa civilização?!...

Não se lembra, você, profusamente erudito sobre todos os monumentos bellos da sua fulgurante raça, daquelles sono-

A' BROXA...



ros e verdadeiros versos do grande poeta de Mantua, quando nas didacticas Georgicas, elle canta cheio de nostalgia pela Edade d'ouro, no seu espirito requintadamente delicado, aquelles quatro versos tão harmoniosos!?

Recorda-se com certeza. Permitta-me, todavia, que eu dê livre expansão ao meu entusiasmo e os rememore

Ante Jovem nulli subigebant arva coloni;
Ne signari quidem aut partiri limite campum
Fas erat in medium querebant, ipsa tella,
Omnia liberius, nullo poscento, ferebat.

«Antes de Jupiter a ninguém pertenciam as terras; nem tão pouco era licito assinalal-as ou dividil-as por meio de marcos: só buscavam o interesse commum, e o proprio sollo tudo produzia, mais liberrimamente do que nunca, sem que ninguém a isso provocasse»

Refere-se, como vê, ao tempo em que Saturno tinha o governo do mundo e a direcção dos mortaes. Era o communismo, ou, talvez, o anarchismo: era a Edade d'ouro.

O velho Saturno é acusado duma crueldade, eu bem sei, a de comer os proprios filhos. Mas, meu caro director, não ignora você decerto a rehabilitação que a Historia está neste momento fazendo aos agentes do passado.

Rehabilitemos nós, tambem, o divino Saturno. Se elle devorava os proprios

filhos, não o condemnemos por isso: — fazia-o para nos libertar do bando de deuses que após elle povoaram o Olimpo, descendentes do tonante Jupiter que subrepticamente escapara á divina voracidade do grande Saturno.

Por tudo isto, meu caro director, não se esqueça de recomendar á pleiade de rapazes que o tem como guia que não omittam nenhum dos sacrificios cultuaes que são devidos ao divino Saturno. E' assim um modo de protestar contra a tyrania insolente do coruscante Jupiter, que tão empenhado tem andado sempre em vos ilaquear.

Retemperem o espirito juvenil no fogo sagrado, que apesar de tudo, ainda irradia da sublime Helada e da sisuda Ausonia com a qual «nem o bello Ganges, nem Hermos turbo d'ouro podem competir em louvores» como escreveu o Poeta.

Não esqueçam tambem o Sublime orago da alegria: — o Jovial Bacho.

Recorde aos seus rapazes que o proprio Orpheu, o adorador ardente e exclusivo de Helio Apollo, tendo-se recusado a adorar Dyonisio, foi por isso, justamente, despedaçado pelas Bachantes da Thracia.

Entretanto vae para as profundezas dos proprios dominios descançar das luctas com o nosso commum inimigo, — o Velho Padre Eterno, o todo vosso.

Lucifer.

Celebres... de borla

COISAS DO COISO

Kodak financeiro

(Voz metálica, semelhante á d'um trombone).

Meus senhores: Na sexta pagina da setima dezena do livro d'aula, onde está escripto «Pernas Untadas» deve ser antes «Pernas Hurtadas».

É em baixo, ao fundo, na ultima correnteza de caracteres typographicos, precisamente na linha final, isto é, na ultima inclusivê, ou por outra, onde termina o trabalho typographico d'essa pagina, encontram os senhores outra correção a fazer, que eu reputo indispensavel para a boa intuição do texto. Onde se lê «imposto de mão fechada dizendo adeus» deve ler-se «imposto de mão morta, dizia eu». São umas pequenas gralhas, ou vacuos typographicos, aliás remíveis, para os estudiosos.

Como ha trinta annos me não canço de dizer n'esta cadeira, tenciono rever esse trabalho dentro de alguns dias. Devem estudar com cuidado essas datas, principalmente a do imposto «d'alcavala» que é de mil setecentos e... passou-me. Esta data é importantissimo fixar a bem. Também é de alta importancia fixar a data das primeiras côrtes portuguezas que foram reunidas em mil... não me occorre agora.

A maior parte das datas que veem nos seus apontamentos, estão erradas, mas nem por isso devem deixar de as fixar, porque eu depois cá estou para as corrigir. Para a proxima lição devem estudar as paginas 33 a 40, isto é, a 41 não vem, ou ainda de 33 a 40 inclusivê, ou por outra, de 33 inclusivê a 40 inclusivê.

Nítidamente se conclue, creio eu, que as paginas 32 e 41 ficam já fóra do nosso trabalho.

E' chamado um alumno a dar lição. Está bem cunhado. Lê. O professor finge que não vê, e folheia distrahidamente a caderneta.

Interrompe-o para lhe dizer — está bem. Temos então, que o imposto em Roma começou por não existir, e que mais tarde tomou o nome de mão morta, por analogia com a mão do cadaver que onde agarra nunca mais larga. Vejo que conhece a materia e eu estou muito satisfeito. Assentámos em que a divida contrahida no estrangeiro, toma o nome de divida externa, e a contrahida em Portugal, divida interna. Ora muito bem. Vou agora fazer-lhe uma pergunta que não vem propriamente nos seus apontamentos e portanto não é obrigado a ella.

Mas veja se com o raciocinio consegue descobrir. Pense lá. Ora se a divida externa é a contrahida no estrangeiro, veja se é capaz de me dizer que nome tem uma divida contrahida na... Alemanha, por ex.? Pense bem...

O senhor não é obrigado a saber isto... Vá. Então?

— Na Alemanha? pergunta o alumno para compenetrar-se bem da dificuldade. Na Alemanha, é divida... externa.

O professor ergue-se radiante, applaude-o, felicita o e termina com um estou muito satisfeito, porque isso não vinha propriamente nas suas lições, e marca-lhe quinze valores que lhe rendem uma distincção no fim do anno.

E' chamado outro alumno.

Não está cunhado.

— Ora diga-me — interroga o mestre com filaucias — porque se chama imposto de mão morta?

— Porque essa especie de imposto é analoga á mão do cadaver que onde agarra nunca mais larga.

— Sim, está bem, podemos definir assim, mas talvez?... está bem... em todo o caso... é isso... mas, mão morta... enfim, deixemos isso. Ora diga-me: como começou em Roma o imposto?

— Por não existir.

— Sim... está bem... em todo o caso, podia talvez... está bem... bem?... sim, bem, talvez... mas... deixemos isso.

Diga-me: conhece o nome d'algum zelador municipal do tempo de D. Sancho II?

— ?!!

— Vejo que não sabe. Ora diga-me: qual era a côr... dos recibos... da fazenda nacional... no tempo de D. Affonso V, o africano?

— Pretos.

— Pretos? Não. Não. Vejo que não sabe, mas... eu já fiz o meu juizo, pôde sentar-se. Este desgraçado tem 9 valores que representam um chumbo no fim do anno.

A' sahida da aula, impertiga-se, perfila-se, como um perú. E d'olhos no chão, inteirado e grave, deslisa triumphalmente, com toda a imponencia dum... capello e bórta. E' authenticamente um velho casarão historico, ainda hoje illuminado a azeite.

Coitado!



ECCE HOMO!

... E agora podes já abandonar o mundo,
Que jámais morrerá o teu nome na Historia!
O' Creação genial! O' Symbolo jucundo!
Sempre os homens de ti conservarão memoria!

— Não foste assim? — Qu'importa! — O teu genio fecundo
E' maior ou menor do que é a tua gloria?
— Mesmo assim irreal, symbolico, profundo
Perduras! Vaes alem da vida transitoria.

Queremos-te assim, tal qual nós todos te fizemos!
Tudo o que ha de melhor em nós, a ti o demos!
Tu és o nosso grande orgulho! o nosso amor...

Havemos de mostrar-te um dia aos nossos filhos...
— Sulca, pois, lá do ceu os luminosos trilhos.
Repousa emfim, no seio de Deus Nosso Senhor!

Dr. Watson.

A ULTIMA?

— Está «elle» a dize-la agora.

GENIO EM PILULAS

No ultimo bal de léses do Gremio, n'um grupo, fallava-se do numero de pessoas de familia que cada um dos assistentes tinha.

Elle, sentencioso:

— Eu sou quadrumano.

Espanto geral!

— Como? — exclama uma dama.

— Quadrumano, sim, minha senhora... eu explico: — tenho quatro manos.

Elle, chegado ha pouco de Paris:

— Não imaginam como é grande o mostrador do relógio de Notre Dame. E' tão grande que com certeza o ponteiro não gasta menos de um quarto de hora para percorrer um minuto...

— Como o Mestre vae para o club pode fazer-me o favor de dizer aos parceiros que me esperem para o bridge?

— Oh! pois não... (aparte, com indignação). E esta?! Quem quer creados de graça paga-lhes!

No club, em noite de baile.

— Então o Guimaráes não vem?

Elle:

— Decerto não vem porque quando lhe mandei o convite o portador encontrou-o ausente.

Naquelle anno o Mestre tinha resolvido emendar os erros que havia nas velhas lições.

Assim, todos os dias, gastava o melhor de vinte minutos emendando gralhas typographicas e pouco mais.

Certo dia appareceu na lição a palavra reconhecer

E logo o Mestre, imponente:

— Ah! onde está reconhecer, leiam reconhecer, isto é, cortem o suffixo re,

Um riso abafado ouviu-se nas bancadas.

E elle repetiu:

— Sim, cortem o suffixo re...

FADO DO MESTRE

Vae alta a lua e a vella
Está do quarto no centro:
Se a apago soprando n'ella
P'ra a accender sopro p'ra dentro.

As calças foram á rua
Da janella desprendidas...
— Ai, prima, estava viuva
Se eu as tivesse vestidas.

Agora que sou fidalgo
Tenho modos realengos,
Quando vou comprar bilhete
De Coimbra a Regüengos.

Todas as noites, ó mestre,
Vou sentar-me á tua porta,
E ainda me não disseste
O que são bens de mão morta.

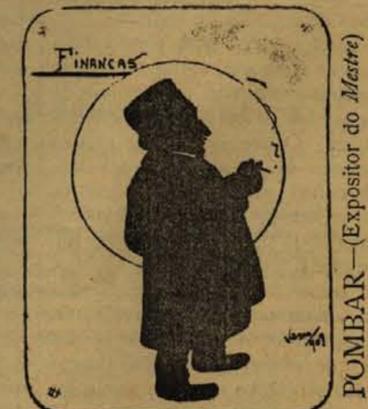
— E' como vós esta chavena
Parce que est pleine de bon-thé.
— E como vós esta minha
Parce que est pleine de café.

Como os soldados romanos
Que de Deus partem a tunica,
Eu dividi o meu livro
Apenas n'uma parte unica.

Quando as aulas se fecharam
O consumo menor foi.
Já dois bois se não mataram,
Só se matou meio boi.

Raparigas tomam tento,
Rapazes não vos fieis...
Asneiras leva-as o vento
E as sebentas são papeis.

Dr. Loria



A REVOLTA

Do Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Acacio recebemos a seguinte

CARTA

que gostosamente publicamos:

Sr. Redactor: — Ao meu terceiro andar, como trazida na aza de zephíro brando, chegou a nova da homenagem que o seu jornal vae prestar ao nosso Leroy-Beaulieu, a esse radioso espirito, que é como um Espirito Santo sem azas pairando sobre a Universidade.

Perante esta justiceira homenagem eu sou todo adhesivo, isto é, estou a seu lado, sr. Redactor, em tudo quanto fór bichinha-gata feita a esse que é a

Alma gêmea da minha ingenua e pura...

consoante o disse lapidariamente o nosso mavioso lyric.

Com effeito entre a minha conselheiral pessoa e a sua condal personalidade ha uma afinidade tão estreita, que eu nem sei como me contendo para não lhe abrir os braços e gritar-lhe carinhosamente: «O doce e meigo irmão Melgueiras, aqui tens um seio fraternal onde podes confiadamente descançar a fronte esbrazeada e esquentada de conceber as theorias orçamentaes!» Não sei como me contendo, sr. Redactor, porque adoro o Divino Mestre com aquelle enraizado affecto com que se amam as almas irmãs.

Quizera, em vez d'esta carta, poder enviar um largo e profundo artigo, mas a natural commoção emperra-me esta penna que encheu as paginas gloriosas de *Relação de todos os ministros desde o grande Marquez de Pombal até aos nossos dias*, esta penna que me conquistou a commenda do merito litterario, scientifico e artistico. Ainda cheguei a pensar num necrologio, que é a minha especialidade, mas lembrei-me que tanta honra poderia ferir a modestia do nobre espirito, que tem amamentado tantas gerações na teta inexgotavel de minerva.

Sr. Redactor, tem-me incondicionalmente a seu lado para tudo o que seja homenagem a prestar ao nobre valet: monumento ou discurso, artigo de jornal ou soneto. Para honrar o Mestre inegalavel ponho á sua disposição o meu cursivo burocratico, o talento que sinto avoejar sob a calva, a vernaculidade do meu estylo e até, se tanto fór preciso, a carta de conselho, que é, depois da minha reboluda Adelaide, a grande affeição da minha vida. Para um homem que tanto nobilita o paiz que nos foi berço (que linda phrase esta, sr. Redactor, lembra Castilho!) não recuo deante de



nenhum sacrificio! Aqui lhe offereço esta penna, — modesta sim, mas sincera — para tudo quanto della necessitar em honra do Divino Mestre. Uma ordem sua, sr. Redactor, e eis-me prompto a mostrar ao estrangeiro escarnecedor que tambem temos um grande homem. E assim perguntarei á orgulhosa França:

— Tiveste um Necker? Nós temo-lo a Elle!

— Elle deu-te um livro, a *Prestação de Contas*, que te revolucionou? Pois tambem o nosso nos deu um livro, a *Legislação Fiscal*, que não revolucionou nada, mas custa um dinheirão!

Sr. Redactor, avante, avante com a sua justiceira homenagem! Logre justiça quem justiça merece! Eu por mim não descanço emquanto não vir em bronze e marmore materializada a admirração que nutro por esse a quem toda uma mocidade chama, d'olhos em alvo o Divino Mestre!

Por aqui fico, sr. Redactor, porque ainda tenho de cumprir hoje um piedoso dever: tenho de ir com o «nosso Jorge», depôr um ramo de perpetuas na sepultura d'aquella doce Luiza, que fez uma partida tão feia ao pobre engenheiro.

De V. etc.

Conselheiro Acacio

UMBILHETE

que o Mestre escreveu quando era menino e moço e acabava de fazer o seu exame de francez:

Ma visage cousine

Je et mon voulu ami Vasavectimbres dans un trottoir que nous faisons á Aveclaisse pour voir la procession de Monsieur des Pas, nous avons le goût de parler á Madame la Corbeille de Petit Lit, qui m'y a chargé de vous ordonner ses longueurs.

Votre cousin avec-frère et trop ami.
Antoine.

Minha cara prima

Eu e o meu amigo Vasconcellos num passeio que fizemos a Condeixa para ver a procissão do Senhor dos Passos, tive-mos o prazer de fallar com a senhora condessa de Caminha que nos encarregou de vos mandar os seus cumprimentos.

Vosso primo co-irmão e muito amigo.

Antonio

Uma nota inédita

Vae fazer dois annos em agosto.

Quando eu, o Mendes e o Ribeirinho chegamos a Penafiel, mortos de sede e de calor, lembramos ao cocheiro que nos levasse para qualquer logar aprazível, onde podessemos descançar das fadigas d'aquella dia e lavar a fronte abrazada com um pouco de ar fresco.

Elle conduziu-nos então para junto duma ermida que se erguia, clara e elegante, numa elevação que ficava num dos arrabaldes da cidade. Toda de granito, picado ainda de fresco tinha um ar lavado que nos encheu de bem estar, e a beleza simples das suas linhas mais geraes tornou mais leves e bons os nossos pensamentos.

Um homem appareceu — o sacristão da ermida — um velho calvo e magro, a barba rapada, e que amavelmente se nos ofereceu para nos mostrar a igreja e fazer subir á torre.

Lá em cima corria uma aragem fresca e branda que nos afogou a pelle endurecida por consecutivas horas de sol, e a immensidade do horizonte parecia convidar os nossos pulmões esmagados a dilatarem-se amplamente, livremente.

A' nossa volta, reflectindo a clara luz d'aquella tarde de verão, a casaria branca das aldeias longinquas destacava alegremente no meio do verde triste dos pinheiros e dos carvalhos.

Aqui e alem, ao de cima dos caseas, fitas tenues de fumo muito branco manchavam e perturbavam a serena limpidez do ceu muito azul.

Ao longe, muito ao longe, avistavam-se as serras entre cujos flancos vam correndo cariciosamente as aguas do Douro e do Tamega.

E o sacristão da ermida, numa voz lenta e monotona, ia-nos dizendo distrahidamente, á força d'habito, os nomes das povoações que mais chamavam a nossa attenção.

— Que terra é aquella, alem? perguntou o Ribeirinho, apontando com o dedo para as bandas do norte.

— Aquella, alem? E' Melgueiras.

— Melgueiras! atalhei eu, conheço de nome. E' a terra d'Elle, do Mestre.

E os meus labios deixaram cair um a um os seus apellidos plebeus que um diploma real transformou, mais tarde, magicamente em apellidos fidalgos.

— Disse V. S.^a que Elle é de Melgueiras?

Do Ex.^{mo} S. Conselheiro José Joaquim Alves Pacheco recebemos a seguinte

CARTA

que gostosamente publicamos:

... Sr. Director da «Revolta»

Faltaria a um dos mais sagrados deveres, se, n'esta hora em que V. Ex.^a no seu jornal trata de prestar merecido preito e tocante homenagem ao mestre, luzeiro offuscante cujo esplendor brilha ha tanto tempo na universitaria e financeira cathedra, eu, agulhoado por nobre sentimento de justiça, não levantasse a cerviz do meu mausoleu, (encimado por uma esculpida «figura de Portugal chorando o Genio» derradeiro testemunho da immerecida sympathia do meu paiz) onde ha alguns annos durmo o somno tranquillo da morte — com o fim de, com esta, despretenciosas linhas, juntar aos d'outrem os meus protestos de admirração sincera pelo sabio e austero professor que com um tão pujante talento rasgou novos horizontes á sciencia que, a meu ver, deve seguir sempre sem hesitar pela senda gloriosa do Progresso.

Eu conheci bem (tive essa suprema ventura) o titular que hoje homenageamos.

Conversei bastas vezes com elle em vida — essa cadeia prolongada de decepções cruéis, cujos elos ás vezes se interrompem para dar espaço a fugitivas alegrias...

Tive occasião de apreciar o fino quilate do seu espirito, a excepcional envergadura da sua intelligencia sempre aberta aos altos problemas sociais, e a vontade firme e denodada do seu integro caracter.

N'este momento em que Portugal atravessa uma angustiosa crise; n'esta hora tragica em que o harpeo da Duvida, quicá o do Indifferentismo, o da Descrença, quicá parece ter tolhido toda a gente, que embotada d'alma, vê sem lagrimas nos olhos a tormenta gigantea em volta da sua querida Patria prestes a ir de encontro ao rochedo da Desdita; n'esta hora difficil, atormentada pelo clamor desordenado do republicanismo, empestada pelos vapores maus de tanta doutrina desvaída; n'esta hora tragica em que nem sequer já ha a fortificar as consciencias o lábaro das esperanças na bondade infinita de Deus; n'esta hora d'angustias em que mistér se faz sanear o ar impuro no qual a hedionda geração respira, suspendendo o fanal do exemplo e da abnegação dos altos e pincaros para que todos o fitem e aprendam, visto como não existe escola moral mais efficaz, que a do Exemplo; n'esta hora em que a nossa querida Patria,



Bocadinhos d'ouro

Similhante empreza é comtudo impossivel emquanto o bom senso dos nossos estadistas não encravar a roda vertiginosa da actividade regulamentar das secretarias.

A utilidade d'esta obra, por suspeitos, não a julgamos nós; mas affirma-a o consumo de trez edições esgotadas (*sempre explicito o mestre!*)

Quem folhear a actual reconhecerá que ella representa algum melhoramento sobre as anteriores.

Nas forças productivas d'um paiz reside a condição basilar da sua prosperidade.

E como eu fizesse um gesto affirmativo, o magro sacristão sorriu desdenhosamente:

— Pois está enganado, meu caro senhor. E' um grande erro o seu. Tem-se fallado muito por cá a esser espeito. Ninguem em Penafiel ignora que Elle nasceu aqui, assim como todos os irmãos. Não foi cá baptizado, é verdade, mas isso não quer dizer que a sua terra natal não seja esta.

Foi-se entusiasmando o velho á medida que ia expondo as razões que o levavam a afirmar e a jurar mesmo, se preciso fosse, sobre o sagrado altar da santa a que se erguera aquelle templo, que Elle, o Divino Mestre era o autentico filho d'aquella humilde cidade.

— Que era a inveja dos de Melgueiras, dizia, erguendo solemnemente ao ceu os seus compridos braços.

E no alto d'aquella torre, transfigurado pela crença que o fazia fallar, a calva espelhenta reflectindo o sol, o sacristão lembrava um profeta antigo, pregando aos infieis.

— Como Elle foi baptizado lá em Melgueiras querem dizer que lhes pertence e pretendem roubar-nos, a nós que o vimos nascer e lhe limpamos os primeiros cui-

ros, a gloria de o termos por patricio. E para isso servem-se de tudo. A mentira espalhada por toda a parte, até pelas gazetas. Mas não. Em breve se verá quem tem razão. O Carlos Silva da camara, de vem ter ouvido fallar, já escreveu para Coimbra e anda deitando abaixo uns allarabios que lhe ficaram do pae para provar a toda a gente que os de Melgueiras mentem sem vergonha.

E serenamente consoladamente, como quem cumpriu o seu dever acrescentou: — Ainda lhe hei-de ver erguida uma estatua, ali no adro. Deus me não mate antes de ter essa felicidade.

Nós tinhamos ficado calados a ouvi-lo, sem ousarmos interrompe-lo no seu arrazoado, perplexos ao mesmo tempo pelo que chegava até aos nossos ouvidos.

Pois que, Elle, O Mestre, o Divino Mestre era assim disputado pelas populações daquellas duas terras? E á nossa memoria acudiu a lembrança de que tambem H'mero, Camões e Eça de Queiroz tinham tido igual sorte, que povos amigos tinham creado odios mortaes entre si para não cederem uns em proveito dos outros a gloria de considera-los como seus filhos. E toi temendo uma futura guerra civil entre Penafiel e Melgueiras.



digna de melhor sorte, a nossa n'ae, palavra sacrosanta, peanha sobre que descança a familia, é tão infamemente desprezada; um cidadão como Este amante da sua Terra da sua Religião, e da Carta Constitucional, um homem tão intensamente devotado ao seu Paiz, sacrificando-se todo a elle, de talento e coração, — deve, a todos os títulos ser venerado, respeitado, festejado, applaudido, porque infelizmente, são raros aquellos que, ou na publica governação ou nas artes, mostram amor pelo seu Berço, são raros aquellos de cujos peitos se podem colher as flores da Affeição apaixonada pela Patria, dos espinhos do interesse despidas!

Fui deputado, par do Reino, ministro, conselheiro d'Estado e presidente de Conselho.

Prezo-me de em todos os cargos a que ascendi ter pel-jado constantemente pelo bem do Paiz.

E agora na Campa — reservatorio da vulneravel e corruptivel materia humana — todo eu peno por perceber o descalbro e falta de patriotismo da maior parte dos portuguezes. De maneira que, quando conheço um cidadão heroico, prompto a prestar os seus serviços, em qualquer ramo d'actividade á Patria com mira d'engrandecel-A, um jubilo intenso me alega o coração.

E então quando esse homem é a celebridade de que se trata, é o mais fecundo financeiro do Orbe como o atesta essa obra immortal — «Colleção de legislação fiscal» — meu jubilo redobra, porque vejo a minha Patria soberbamente engrandecida.

Portanto termino saudando enthusiasmicamente os Seus talentos, felicitando V. Ex.^a pela lembrança que teve em dedicar-lhe um numero especial da *Revolta*, agradecendo-lhe ao mesmo tempo, e desde já, a publicação d'esta junto á prosa festiva com que os academicos da Universidade resolveram render humangens a tão grande Mestre.

De V. etc.—José Joaquim Alves Pacheco

que eu pacificamente e conselheiralmente esclamei:

— Elle chega para as duas terras. A sua gloria é tanta que não caberá mesmo dentro d'ellas. Ha-de encher o paiz e extravasar talvez até alem-fronteiras!

E eu vi correr a alegria nos claros olhos do sacristão e foi com entusiasmo que elle apertou a minha mão ao despedir-se. E ainda de longe lhe gritei:

— A historia ha de fazer justiça, esteja descançado!

Na volta, ao atravessar a cidade, eu pensava ainda na nota absolutamente inédita para a vida do Mestre, que me fora revelada no alto d'aquella ermida, elegante e clara.

E em cada um dos laboriosos filhos d'aquella linda terra, fabricantes de tamancos e albardas — as principaes industrias da cidade — eu via um defensor incansavel da gloria immortal do Mestre, capazes de tudo sacrificarem para que Elle lhes não fosse roubado e legitimamente os continuasse a representar perante o mundo, orgulho da terra que lhe deu o ser e sendo ao mesmo tempo um reclamo vivo dos seus acreditados productos.

Um admirador

Consultorio Medico-Cirurgico

Doenças dos ouvidos, fossas nasaes e garganta
CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos.
ANETIZES: succo gastrico, lézes e urinas

MANUEL DIAS
MEDICOS ESPECIALISTAS
Com pratica nos hospitaes de Paris
Consultas, todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde
Rua Ferreira Borges, 5 - COIMBRA

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos orgãos genito urinarios do homem e da mulher e a
José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos
Abilio Justica

Electrotherapia
Medicacão electroionica
R. Visconde da Luz, 8 - COIMBRA
Telephone n.º 254

Consultorio Dentario

DE **MARIO MACHADO**
Cirurgião Dentista pela Universidade e com pratica da especialidade em Paris
Praça S de Maio, 8 - COIMBRA

Tabella de preços

Consulta	500
Extracção de cada dente ou raiz	500
Extracção com anesthesia	1000
Obturação	10500
Aurificação	45000
Limpeza de dentes	15500
Dentes artificiaes	25500 e 40500
Dentes de pivôt.	85000
Corôas de ouro	125000
Tratamento de doenças da bocca e gengivas, por sessão	15000

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra
CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes
Rua Ferreira Borges, 174
COIMBRA

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — **Coimbra**

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de verem a veracidade do que afirmamos.



Somos os unicos a quem ninguém pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanellas d'algodão, metro	65
Ditas, côr lisa, muito largas, metro	120
Côrtes de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 15150, 25320, 25800, 45100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Meias pretas, com costura, para senhora, a	30
Meias para homem, a	700
Meltons para casaco, muito bons, desde	15
Meias para criança, desde	320
Ferros a vapor, para engommar, a	540
Colchas brancas	50
Flanellas lisas, lavradas, a	40
Chitas, grande novidade	80
Lenços d'algodão para a cabeça, a	70
Lenços de percal, a	500
Chales grandes, que eram de 15200, a	100
Armaes d'algodão, que eram de 200, a	15200
Chales grandes, seu valor 2.500, a	550
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 15000 réis, a	

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapaus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confeccões, perfumaria, brinquedos, etc., etc.
Brindes! — Todos os dias nas compras de 55000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.
Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.
So annunciámos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciarmos artigos que não possuimos para depois dizermos que já se acabaram.
Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35, 37, 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrepenhem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500

CACHORROS DA SERRA DA ESTRELLA
A' venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a um tres mezes, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a **JOAQUIM DE VASCONCELLOS**

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156
COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:
Doços de ovos com os mais finos recheios.
Doços de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalisados.
Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de jolhado.
Galantines diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.
Saneisses Pud'ngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
Pão de ló, pelo systema de Margarida.
Especialidade em vinhos generosos e Hoores finos das principaes marcas.
Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — **COIMBRA**

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria
Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobílias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL
PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos doze millos de afro dos limites da idade

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA
LARGO DE S. JOÃO, n.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarrega-se de leilões e liquidacões

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portuguesa, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157
COIMBRA

[Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabeleireiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba.

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas allemãs e francezas.

Pós e pasta dentrificas.

Fscovas para dentes, cabelo e fato.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, piugas, guarda-sões e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante colleccão de relógios de todos os systemas e auctores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relógios proprios para mesa, parede e morés. Ha espetadores desde os preços mais baixos até mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e ouro. Concertam-se relógios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — **Coimbra**

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. Tintas, oleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Bua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o paiz, tem sempre calçado feito da melhor pelaria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornea impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

UM CONGRESSO ACADEMICO

Lemos ha dias num jornal que o Centro Democratico Academico de Lisboa pensava na realização dum congresso de estudantes de todas as escolas do paiz, afim de se assentar n'aquillo que se torna urgente fazer para bem da instrucção nacional.

Ha muito que esta ideia anda vivendo dentro em nós e por mais duma vez temos já manifestado o desejo de a pôr em pratica.

Ella seria mesmo hoje um facto se a questão academica não temido o desgraçado fim que todos conhecemos, pois que, uma vez satisfeitas as reclamações, exigidas de momento pelos estudantes em greve, ter-se-hia sentido a necessidade de fazer o congresso para das suas serenas resoluções sairem as reformas necessarias e indispensaveis para o progresso do nosso ensino, e que vagamente haviam sido enunciadas nas representações feitas ao governo e ao parlamento.

Todos nós sentiamos então a necessidade de nos reunirmos numa grande assembleia academica, que a solidariedade de então tornava facilmente realisavel, e que fosse ao mesmo tempo a melhor resposta a todas as insinuações torpes e jesuiticas que eram dirigidas aos que mais se interessavam pelo bom resultado da lucta.

Mas o desfecho desonroso da questão deixou-nos a todos desiludidos, esfriou todos os nossos entusiasmos e apagou todas as esperanças que haviamos posto na mocidade portugueza, altivamente rebelada contra as tiranias do mestre.

E ter-nos-hiamos conservado calados eternamente na nossa qualidade de estudantes se não nos tivessemos convencido que afinal todas as energias creadoras e revolucionarias, que haviam tornado a academia portugueza momentaneamente grandiosa, continuavam no seu posto de combate, agora mais solidariadas ainda pelos sacrificios feitos. De resto, os que morreram na lama e na desgraça, os que cobardemente abandonaram o combate no momento de perigo, esses nunca haviam sido nada, e se num dado momento deram a impressão de terem duas ideias na cabeça e um pouco de bondade no coração foi porque ingenuamente se quiz ver altruismo e dignidade onde apenas havia a esperança de arranjar alguns feriados. E se nalgum momento elles toram sinceros nos seus protestos é porque a minoria revolucionaria e honesta os conduziu para esse caminho, pois as suas vontades enfraquecidas eram incapazes de gerar tão salutar reacção.

Foi, atendendo a isto, que nós achámos magnifica a ideia de se realisar o congresso academico. E' claro que a elle concorrerão apenas, disso estamos convencidos, os estudantes que atraves de tudo teem continuado a sua obra de critica irreverente aos actuaes processos

de ensino e que, por pensamentos e por actos, teem dado provas do seu desinteresse e do muito desejo de serem uteis ao paiz em que vivem. Os outros não fazem lá falta, nem sam lá precisos.

Muito se poderá fazer. Actualmente toda a gente em Portugal reconhece a desgraçada situação que atravessamos e a que fomos levados pela ineptia e corrupção dos que nos tem governado, e muitos atribuem uma grande parte desses males á deficiência e pessima orientação do no-so ensino, tanto primario, como secundario, especial ou superior.

Era aos mestres que competia principalmente a resolução deste problema, mas os professores em Portugal não cuidam des-as ninharias, tam atarefados andam em busca de chinezices scientificas com que espantem os aleijados cerebros cuja orientação e educação lhes foi entregue. E já que os professores se não dam ao trabalho de contribuir na medida das suas forças, para o debelamento da desgraça que pesa sobre este povo, preparemo-nos nós estudantes para o fazer, na certeza de que fazemos uma grande obra e cujos fructos ainda haveremos de colher talvez num futuro bem proximo.

Reformar o ensino, ou pelo menos apresentar as bases da reforma a fazer, é o primeiro passo para a regeneração de Portugal.

Sem boas escolas não pode haver bons cidadãos e sem bons cidadãos não ha uma patria livre.

Que a gloria do inicio de tam bela empresa como é a do resurgimento da nossa nacionalidade, caiba aos estudantes revolucionarios, e nós daremos por compensadas todas as angustias sofridas e todas as horas amargas da nossa vida de estudante!

Francisco Coraie

«CANÇÃO» PERDIDA

No ultimo baile do *Gremio* encontramos perdida na sala, decerto por algum cathedratico dado a *hellenismos*, esta interessante traducção de uma canção d'amor á maneira de Sapho, poetisa insigne da antiguidade.

Porque a achamos muito curiosa damo-la hoje, como mimo literario, aos nossos leitores:

— O Tavaridika, os teus dois seios são duas pombas conchegadas no ninho e eu queria separa-las com meus beijos porque sou ciumenta do seu amor.

— As perolas da tua gargantilha, ó marmore vivo, são menos certas e de menos oriente, que a fleira brilhante dos teus dentes, na tua bocca perfumada e fresca

— Eu vim de longe, d'Alexandria, onde no bosque sagrado, adorei Mylita conforme os ritos, e os meus labios são vermelhos e humidos como a polpa d'um medronho maduro, e os meus olhos são negros como as noites que fazem medo ao viajante.

— E quando eu beijei as duas pombas que dormiam no ninho, o teu pescoço branco estremeceu e a tua gargantilha partiu-se. E tu soltaste um grito como uma creancinha que accordam de repente.

CELEBRES... DE BORLA



TRISTE

— Porque choras tu Zézinho?
Não tenho fome nem frio,
Andei sempre abrigadinho,
Mas a chorar, num rio.
Sou um *Desconsoladinho!*
— Teu prazer já não existe?
— Nunca o tive em minha vida,
De binomios nesta lida
Andei sempre, sempre triste.
E's mais feliz do que eu,
Cuja alegria morreu.

Bispa

ALEGRE

Agora o Zé está mudado,
Já canta, já bate o fado
— Viva a bella rapioca —
E bebe da maçanilha.
— Ora acerta rica filha,
Emquanto o Zézinho toca. —
Pois se esta vida é um dia
Vem d'ahi Luiz Maria
Bater o fado tambem,
Cair nos braços de niñas,
Não temas as *fuadinhas*
Foje á Virgem, tua mãe.

Toca

— O Tavaridika, que me importava a mim que os homens se rissem de nós duas, invejosos, e que as mulheres não nos podessem entender!

— E a noite toda não me apartei de ti e queimei-te com o fogo dos meus olhos enquanto elles e ellas dansavam, misturados, a rirem-se de nós.

— O' perfeita, como eu sou perfeita, quando a tua bocca se seccou, trouxe-te um esravo agua n'uma amphora de crystal — e eu não te deixei beber a agua toda, e bebi eu metade da que a amphora continha, porque ella me trazia o perfume da tua bocca.

— E em roda, as dansas proseguiram — e nós estavamos ambas tão longe do mundo que nem viamos os mais rir-se do nosso amor, — ó Tavaridika, a mais amada entre todas as mulheres da Argoida!

MIUDEZAS...

Tinha aquelle fraco...
Era um homem de talento, um dos primeiros poetas, talvez o primeiro, da sua geração.

Mas, apesar d'isso, tinha aquelle fraco.

Não havia casa nobre no paiz, de que elle não conhecesse, de côr e saltados, todos os antepassados.

Rebuscava em quantos alfarrabios havia sobre genealogias, deitava abai-

xo as bibliothecas para folhear todos os poeirentos in-folios que tratassem do assumpto.

D'este modo, chegara á afinação de, de prompto, como qualquer alumno de instrucção primaria enumerando pela sua ordem os reis das quatro dynastias, ao perguntarem-lhe d'onde vinham os Cogominhos, por exemplo, dizer, sem se enganar, com a sua voz grossa e pausada, todos os ascendentes da illustre familia, com todas as Meias, Urracas e mais damas e cavalleiros de nomes exquisitos.

Era um verdadeiro « Tratado » vivo.

Uma vez, no seu gabinete que a sua alma d'artista enchia de preciosidades, sentado aquella mesa onde escrevia os seus primorosos versos, elle compulsava velhos livros de solidas encadernações em coiro e paginas amareladas pela idade.

A certa altura deu um salto na cadeira e o rosto mostrou a grande alegria que sentira.

Tinha finalmente achado aquillo que procurava, havia muito — o laço de parentesco que o unia ao visconde, um fidalgo mariatova que tratava muito de carros e cavallos e nada de genealogias.

E sentiu maior satisfação do que

se tivesse acabado de fazer mais um dos seus bellos sonetos.

Pois se elle tinha aquelle fraco!

Horas depois entrava em casa do visconde.

Feitos os cumprimentos, elle, que já não se podia conter, dizia cheio de alegria:

— Sabe, visconde? Descobri que somos parentes. Tu já o suspeitavas e agora tive a plena confirmação. D. Briolanja, minha vigesima avó, era prima de D. Brites que entre as illustres avós do meu caro visconde, occupa o vigesimo primeiro lugar...

E calou-se esperando que o outro lhe cahisse nos braços como bom primo...

Mas o visconde, numa gargalhada, respondeu:

— Ah! sim... parece-me que já ouvi fallar... D. Briolanja... isso era uma heroína... ha até um caso d'um bispo...

Neste momento entrava um amigo que com os seus amaveis cumprimentos, sem querer, salvou a situação.

D'ahi a pouco o poeta despedia-se e voltava para o seu gabinete, a continuar os seus estudos predilectos.

Então?! Tinha aquelle fraco...

Ego.

Um anniversario

Fez hontem dois annos, que rebentou em Coimbra, por occasião do acto de conclusões magnas do licenciado José Eugenio Ferreira, o movimento conhecido pelo nome de «questão academica». A historia dessa questão que pela sua excepcional importancia bem merecia te-la, ainda até hoje não está feita e, já agora, não esperamos que ella se faça.

Esse movimento de que todos sabem a desastrosa finalidade, foi quanto a nós, uma das mais graves e complexas questões que têm surgido no seio da sociedade portugueza e não como quasi toda a gente suppoz ou fingiu suppoz, uma *bagarre* d'estudantes, sem significação nem valor, creada por determinantes de occasião.

Ao correr da pena, sem paixões nem odios, agora que já lá vão dois annos e o tempo deve ter apagado todos os resentimentos — vamos recordar o que foi essa questão, que tão intensamente vivemos, que tanta alegria e tanta esperança nos deu para, no fim, nos encher a alma de desalento e de mágoa.

Historiemos um pouco.

A 27 e a 28 de fevereiro de 1907, realisava-se na sala dos Capellos o acto de doutorando de José Eugenio Ferreira. Quem era este homem, apenas vagamente o sabiamos. Diziam-n'o, aquellos que o conheciam, intelligente, insumisso, rodeado da sympathia dos estudantes seus contemporaneos e mal visto pelo corpo docente da Faculdade de Direito. Dado o irrisorio processo de selecção do professorado universitario, que só permite em regra, o accesso á cathedra, ás mediocridades altamente classificadas, durante o curso, a sua informação final de 16 valores e a nota de 15 valores que obtivera no acto de licenciado, mostravam como uma temeridade audaciosa a sua resolução de defender theses e conquistar as insignias doutorales. Nós, a esse tempo, mal conheciamos os professores da Universidade, senão através da anedocta e da *blague* academicas — e não é, certamente, por esta forma, que acerca do seu valor mental e moral, podiamos ter formado opinião. Passáramos, pittorescamente, pelas mãos do doutor Avelino Calixto, que dum vez nos marcará na pauta um fatidico 8 — nota, segundo o mestre, indicadora d'estupidez e *mandria* — e depois nos elevára ás consideráveis alturas do 16, sem que — palavra d'honra! — nós possamos explicar, ainda hoje, a razão d'um e d'outro facto. Lembra-n'o mais o tremendo susto que nos causára no acto de Direito Civil, a ira apocaliptica do dr. Alves Moreira — nossa estreia em actos universitarios — e, gratamente recordamos as pyrotechnicas, vertiginosas e *sapientissimas* contraversias romanticas que mantiveram a com o dr. Pedro Martins. Ao tempo, toda a nossa tormentosa preocupação era fixar os nomes, as doutrinas e as datas, d'esses valiosos «Dicionarios historico-bibliographicos», que constituem as lições annuaes d'Economia Politica, que o professor da cadeira faz sair diariamente em *pittulas* de 16 paginas — em regra a 20 nomes por pagina, o que dá no fim do anno o seu milhão de nomes, pela rasa...

E a proposito vem isto para dizer que, ao entrarmos na sala dos Capellos, cheia até á porta d'uma multidão agitada, rumorosa e colerica d'estudantes, absolutamente nenhuma prevenção tinhamos contra os lentes e não esperavamos certamente topar o extranho espectáculo que se nos deparou. Já por duas vezes, em circumstancias semelhantes, alli tinhamos entrado por occasião dos actos dos actuaes lentes os Drs. Ulrich e Caeiro da Matta. Parecera-n'o aquella cerimonia um torneio amavel entre pessoas que já muito se conheciam e mutuamente se apreciavam. De cima dizia-se, por exemplo, «o fulgurante talento de V. Ex.» e de baixo, respondia-se modestamente, beatificamente «se alguma coisa valho, aos deslumbrantissimos talentos de V. Ex.», todos juntos, o devo; sou apenas um apagado reflexo. — Não nos espantava que, depois d'isto, o reitor offerecesse, conforme a praxe, chá e bolos, á Faculdade e ao candidato, e até a propria *walsa* tocada pela charamella, depois de cada argumento, dava á scena o ar pateticamente amavel de *soirée* em familia. Lembra-n'o mesmo, que no acto do dr. Ulrich, o lente Pedro Martins, parecera tomar o caso a peito, atacava o candidato com energia e o presidente do alto da sua cathedra, chamara-o á ordem com o ar reprehensivo de quem lhe di-

zia: «então que é isso, ó collega! você acomode-se, homem! E o lente, embezzerrá e acomodára-se. Por isso nos espantou o espectáculo a que assistimos. Aquillo não era uma cerimonia scientifica — era um homem só a apanhar uma tremenda descompostura dum data d'elles, que ameaçavam passar a vias de facto. En baixo, a voz do homem — uma voz fraca, de mau timbre — tentava articular um som, dizer duas coisas... Qual! O presidente, quasi que lhe atirava com a borla doutoral á cabeça e ainda estamos a ouvi-lo, apopletico: cale-se, homem! você perde por falar de mais!... Na sala passavam fremitos de colera!... Aqui e alli onvia-se «lôra isto é indecente!». A um argumento do dr. Alvaro Villela, uma gargalhada formidavel atirou a sala, deixando-o da cor do seu capello, quasi sem poder fallar. O presidente, de vez em quando, ameaça a interromper o acto, furioso. Quando, ás vezes, o candidato conseguia fallar, admirava-se-lhe uma grande facilidade d'expressão, uma correcção elegantissima de linguagem e parecia sereno, seguro de si, no meio de toda aquella tempestade. Quando chegou a vez do dr. Caeiro da Matta de argumentar, na sala não se respirava, uma impressão indizível esmagava toda a assistência. Othavamos nos, interditos, n'um mixto de formidavel indignação e de espanto!

O que era aquillo! Que ira tremenda animava aquelle juiz contra o candidato — seu collega de pouco tempo antes? Aquella impressão é inapagavel no nosso espirito! Que nos importava a nós o valor scientifico do doutorando! Não o podiamos apreciar nem era preciso para formar-se o nosso juizo. O que se estava a passar n'aquella sala era uma coisa maldita, má, revoltante, que commovia e indignava!

A pretexto d'um acto scientifico, chegava a insultar-se um homem!

Lembra-nos que nos encontramos á porta ferrea, depois do acto, com um rapaz do 5.º anno, que chorava, desafogando a oppressão que o esmagára lá dentro!

Depois... Mas está na memoria de todos... A manifestação que acompanhou o candidato reprovado até casa, n'um trajecto enorme, foi uma coisa imponente, delirante, cheia de entusiasmo, de generosidade, de revolta! Aquella massa enorme d'estudantes chamava em altos gritos, pelos nomes d'aquelles d'entre todos, que estava acostumada a ouvir discursar nas suas assembleias geraes para que exprimissem em palavras a indignação que lhe saia em gritos das gargantas enrouquecidas!

Fôra aquillo a gota d'agua que fizera transbordar o balde! Era a indignação, latente e comprimida, contra muita coisa injusta que ha muito se soffria.

Eran resentimentos, amarguras, pe quenas injustiças accumuladas, que faziam explosão, torridamente. Não havia *mensurs*, não podia haver. Houve representantes, interpretes, delegados de toda uma Academia, que a uns certos impoz, ineluctavelmente, o dever de por ella fallar, por ella agir. Por vezes este facto assumiu as proporções d'um mandato imperativo que só se podia recusar lugendo. Houve excessos? Houve, se n'ouvidas! Mas tinham começado de cima — e tremendos!

A scena passada nos *geraes* na manhã de 1 de Março, deixou espantados os proprios que nella tomaram parte. Ninguém a esperava. A convicção geral era de que «não se fazia nada». Quem escreve estas linhas ficou tão interdito, tão assombrado, com aquelle trovão que ecoou subitamente no velho edificio universitario, com aquella explosão de gritos e de imprecações que ribombou pelos claustros academicos, que dez minutos depois da scena terminada, não conseguia articular palavra, varado d'assombro, todo tremulo. Depois, até esses excessos inevitaveis se corrigiram, foram asperamente verberados nas assembleias d'Academia — imponentes reuniões, d'um aspecto commovedor e inolvidavel, pela elevação do que lá se disse e das resoluções que de lá saíram. Aqueles que, obedecendo ao mandato dos seus collegas, appareciam no estrado do Gymnasio a fallar, trataram de coordenar o movimento, tira-lhe todo o caracter aggressivo e tumultuario de principio e fazer delle uma coisa elevada, digna do respeito de todos, como foi tudo o que se seguiu depois, até á greve, de 8 d'Abril em to-

das as escolas do paiz. A Universidade expulsára sete estudantes, por um delicto que ella melhor do que ninguém sabia ser commum, ser de todos. A grandeza do extranho movimento de solidariedade de todos os escolares portuguezes, a sua enternecedora significação moral, a poderosa influencia social que esse movimento formosissimo, teria mais tarde, na vida da Nação, só a estupidez suina dum Joao Franco, só a maldade villissima dum sicario, poderia desprezar e combater. De todos os crimes d'esse homem, nenhum tão grande como este! Nenhum de tão desastrosas consequências já provadas, em factos do dominio de todos e que desgraçadamente continuára a provar-se de futuro. Tudo que em Portugal ha de baixo, de reles, de vil, de miseravel, de tudo, esse homem lançou mão, para assassinar e esmagar uma geração inteira que mais do que nenhuma se annunciava radiante de esperanças e promessas!

Forçar consciencias á gazuza como um gatuno, enlamear caracteres, fazer entrar na vida rapazes generosos e honestos, pela porta do prejuizo e da traição, fazer córar camaradas e amigos de vespera uns d'ante dos outros, como reus e juizes, dividir, inimizar, semear odios, tudo isso esse bandido fez, tudo isso foi obra da sua estupidez e da sua maldade!

Foi um crime de emboscada, uma cilada traçoira e covardissima! Houve entre os estudantes alguns que o ajudaram?

Houve, desgraçadamente houve. Ha creaturas que nascem já velhas, decrepitas, galadas de todos os vicios e aptas a todos os crimes. E' possível que a Universidade ou a politica lhes deem o premio do seu trabalho. Mas, se este paiz não está perdido, não lhe anguramos um futuro radioso. A sociedade a que elles pertencem está virtualmente morta e — ai d'elles! — quando ella morrer de facto! Animas de vista baixa só vivem no chiqueiro e morrem numa atmosphera... As corujas não podem ver o sol... Adiante.

A historia da questão ha-de talvez, ser feita. Por agora «paz aos mortos» e afastemos de nós todos o remorso das más acções que poderemos ter praticado — que não ha nada mais dissolvente, que o remorso!

Factos e Commentarios

Abertura das Cortes

Abre hoje, com o cerimonial costumeado, o parlamento portuguez. A sessão parlamentar que vai iniciar-se deve ser decisiva para a vida politica do paiz.

Se por um *tour de force* em que não acreditamos o governo se conseguiu aguentar, sem recorrer ao expediente velho do *golpe d'estado* pedindo ao rei a dissolução, a Monarchia, os seus homens e os seus processos sairão da pleja a escorrer sangue, m is uma vez amarrados a um peiouri ho de vergonha e de ineptia, perante a consciencia do paiz. D'ahi, mais nitida e mais clara, surgirá aos olhos de toda a gente a necessidade inadiavel de acabar com isto, definitivamente, por um acto decisivo. Mas o governo, logo ás primeiras e facéis escaramuças, reconhece a impossibilidade de governar com a camara e pede a dissolução ao rei que lh'a conceda? O resultado será o mesmo — a convicção em que toda a nação ficará, da impossibilidade de vida parlamentar com o regimen, dentro da apreguada *monarchia nova* como na *monarchia velha* de D. Carlos que onze vezes durante o seu reinado d'adeantamentos deu com a porta na cara aos representantes do povo.

O resultado será exactamente o mesmo tambem, no caso de o governo cair e as camaras ficarem. Aonde ha hoje possibilidade de organizar um governo que conte com o apoio parlamentar, mesmo quando esse governo, como este, saia d'um accordo, d'um conchavo entre qualquer dos partidos politicos do regimen? E' evidente essa impossibilidade.

E de ta lo isto o que logicamente se lêuz é o fim da monarchia que já não pode aspirar a ter uma vida politica normal, — e a correlativa necessidade de fazer a Republica.

E senão ver-se ha.

O premio

«Dizer que um sistema é odioso, o mesmo é que dizer que é inapplicavel.» De quem será a phrase? Adivinhem...

Adelino Veiga

Realisa-se no proximo domingo, 7 do corrente, a inauguração das lapides com nome de Adelino Veiga, que, a pedido da commissão de homenagem áquelle poeta operario, a Camara Municipal deu á rua das Sollas.

Realizar-se-ha tambem um cortejo ao cemiterio onde será collocada uma placa de bronze no tumulo do intrepido luctador.

A' noite haverá uma sessão solemne na sala da Associação dos Artistas para inauguração do retrato de Adelino Veiga. Este retrato é obra do distincto artista Luiz Serra e as lapides são do primoroso escultor João Machado.

Santos

E nós a julgarmos que o capello era incompativel com a santidade!

Pois não é.

Lá vimos, em cima d'um anfor, na procissão de Cinzas, um authentico encapellado, de tamanho natural. Só lhe faltava fallar.

E' verdade que era de bom tempo, ao tempo dos *Canones*.

Agora havia de ser difficil...

Só se fôr o sr. Pinto Coelho.

Com aquellas theses de tanta religião...

Graças

Foram finalmente distribuidas as graças regias resultantes do regio passeio.

Entre os agraciados vemos o sr. dr. Marnoco com a carta de conselho.

Parece-nos que s. ex.ª não é homem para essas coisas e por isso o melhor será passar a carta para o sr. Goyo.

Era uma alegria para elle e o illustre presidente da Camara nada perdia.

Antes pelo contrario...

Um discurso

O discurso do sr. Alpoim proferido na dia, no sarau em beneficio dos famintos do Duro, é destas orações que merecia uma desenvolvida referencia da nossa parte, mas que a absoluta falta de espaço nos impede de a fazer como desejaríamos.

O que porem não podemos deixar de dizer é que o illustre orador esteve absolutamente á altura dos seus creditos e deu a todos que o escutaram uma elevada sensação d'arte e de belleza. N'uma terra onde se falla muito e mal, o sr. Alpoim é dos poucos que mantem a tradição elevada, a sublime arte da palavra tão desgraçadamente vulgarizada hoje, em bocas de phariseus.

Um bravo ao distincto orador!

Ridendo

No baile.

— O sr. Conde não atira tambem papellini's?

— Não, minha senhora. Eu sou passivo...

Algumas opiniões sobre a ideia da Criação d'uma Escola de Direito em Lisboa.

Uma carta de guerra Junqueiro

A Commissão de Propaganda da criação de uma escola de Direito em Lisboa pede-nos a publicação da seguinte carta de Guerra Junqueiro em que o grande poeta aplaude a sua louavel iniciativa; com bastante praser a publicamos:

«Presado amigo

Desculpe-me não satisfazer o seu pedido. Sou quasi um invalido. E as poucas energias que me restam não posso dis-trahil-as da minha obra filosofica que des-java concluir.

A campanha de que me falla é justa e necessaria. Os estudos abstractos requerendo paz, silencio, meditação, devem realizar-se em Coimbra. As ciencias applicadas em Lisboa e Porto.

E' tão absurdo crear advogados e engenheiros no Penedo da Saudade, como crear poetas, rouxinolos e filosofos no meio de guindastes e locomotivas.

Seu amigo obrigado

Guerra Junqueiro

Registo civil

Registou-se civilmente hoje um filhinho do cidadão Antonio Nunes da Silva, sendo te-temunhas os nossos estimados correligionarios Antonio Francisco Mendes d'Alcantara e Antonio Maria dos Santos.

A criança recebeu o nome de Acacio.

UMAS THESES

Precisamente dois annos depois da greve academica, na mesma sala dos Capellos e com os mesmos lentes nos doutouraes, defendeu theseso menino Pinto Coelho, conhecido pelas suas ideias excessivamente reacionarias.

Dias antes haviam sido afixadas na Via Latina como é costume, as theses que o candidato se propunha defender e desde logo para ahi se fez uma romaria de estudantes ansiosos de conhecer as ideias do mancoço.

Nunca na Universidade, desde que estamos em Coimbra se ousára dizer tanto disparate, lemos e não quizemos acreditar.

Era lá possivel no seculo XXI!... E a Universidade, a facultade de Direito deixaria passar sem protesto aquellos absurdos scientificos? Mas logo nos lembramos de que a maioria dos lentes não é mais avançada, embora aparentemente queiram mascarar-se de liberaes. O menino Pinto Coelho havia de ser elogiado dizia-se. Alem disso a facultade de Direito devia-lhe os serviços prestados por occasião da greve de 1907 para cujo desastroso resultado elle contribuira com todas as suas forças.

Não tivera coragem, é certo, para entrar nas aulas no dia 8 de abril, mas mais tarde, fôra dos primeiros a mandar carta ao orgão do franquismo. A traiçoara os seus camaradas, mas isso que importava, e com essa traição tanto mais infame quanto partia dum alumno que tinha aspirações a ser um dia professor, elle havia contribuido para a aparente victoria dos lentes?

E não se enganaram os que assim pensavam. Lá os vimos, os mestres que haviam sido pateados dois annos antes, enaltecerem as altas qualidades de talento do snr. Pinto Coelho, embora se mostrassem um pouco contrariados por lhe ouvirem defender aquilo que intimamente sentem mas que não ousam afirmar.

O dictador, o que quiz matar e deportar dezenas de cidadãos sem nenhum respeito pelas leis de humanidade, até esse ousou chamar reacionario ao candidato!

No fim de tudo 18 valores!

Esta Faculdade de Direito!

TRIBUNA DOCTRINARIA

Philosophia e catholicismo

Summariamente, mas com bastante clareza, utilizando-me das proprias doutrinas catholicas, eu mostrei já alguns dos mais flagrantes absurdos da Religião com que elle ludibria as almas simples.

No ultimo numero me referi tambem a um estratagemma que ella vulpinamente accommodou, como subsidio, quando presentiu a vanidade dos argumentos tradicionais diluidos na critica que a sciencia dellas começou fazendo: derramada profusa e conveniente luz sobre o circulo vicioso de suas cavilosas demonstrações, a Igreja tentou e conseguiu illu-strar as intelligencias por uma philosophia adrede preparada.

Postergando a experiencia, repudiando a realidade dos phenomenos, relegando para um plano secundario os ensinamentos que só dos factos nos provém, ella pode afeição os desprevenidos a tal ponto, que conseguiu levar-os de conclusão em conclusão até obter o fortalecido alicerce que lhe era indispensavel: a necessidade do acto creador!...

Posta esta grilheta á intelligencia humana, debalde esta escaburaria na tenebrosa masmorra onde cahira; como corolário da criação, vinha o Ser Creador, editor das mais tresloucadas doutrinas, fonte inexaurível de indigestos absurdos, patrono accommodatio dos mais atrevidos e insolentes dilates.

Tal tem sido a função da philosophia

metaphisica e dualista em cujas dobras o calholicismo se esconde e donde lança as suas nefastas raizes de escalracho que no solo humano vem, terriveis concorrentes, absorver quantidade consideravel de seiva que a sociedade deve não lhe conceder sob pena de ver estiolar a viçosa planta da Verdade que tão difficilmente pode brotar por entre o mató damnhinho do Erro.

Com agrado eu venho notando, é verdade, ousados e reflectidos constructores do futuro, bem municiados pelas conquistas irrefutaveis da sciencia, que levam de vencida as hostes aguerridas do Vaticano pela encosta abaixo solicitadas para as profundezas do aniquilamento pelo peso do proprio erro que professam.

Eu não repudio a philosophia. Muito pelo contrario persisto em a considerar processo não despidendo. Ella é, sobre tudo, a cohesão de toda a sciencia. Divorcie-se qualquer ramo de sciencia da philosophia e aquella resultará, sem duvida um conjunto de factos sem utilidade como incentivo, ensino e direcção da Humanidade na via ascensional do proprio aperfeiçoamento.

Para que haja sciencia urge que observemos e provoquemos os phenomenos; que espreitemos cuidadosamente a Natureza, cotejando e relacionando as suas manifestações; que busquemos o nexo de continuidade que liga a successão dos factos e que aos nescios antepassados deu a impressão de causa e effeito; que compilemos as conclusões que decorram da nossa observação, elaborando as hypothese e as theorias, coordenações mais ou menos provaveis cuja contraproveza nos será dada pela synthese: tudo isto é do dominio da philosophia.

Ora a philosophia tem como instrumento imprescindivel, exercitada no maximo grau, a faculdade da razão.

Eis a deusa exclusiva da Humanidade futura.

Será tanto mais poderosa, tanto mais infalvel, quanto mais crescido for o pecculo da observação, porque ella propria nada mais é do que a synthese resultante das impressões que a observação accentral e individual tem vindo modificando o animal desde o protoplasmata até a republica de celulas harmonica e aperfeiçoada que constitue o homem civilizado e erudito.

Carecem-se de muitas gerações para que uma observação ateeque o organismo, encarne e se consubstancie, mas por isso seu que de tal o ser vivo tenha consciencia, este embora os seus juizes, ficando os no substracto da propria mentalidade como se obedece a uma lei infavel e irresistivel. De o critico não repara profundamente no processo, ao dar balanço aos proprios phenomenos, convence-se que elles provêm dum mundo extranho á sua substancia e cre facilmente que as normas porque altere os proprios juizes lhe foram dadas por algum legislador extranho a natureza animal.

Se cair nesse erro, tem dado um passo para o campo da esotericism metaphisica, que tanto tem entravado o progresso humano.

O homem primitivo desajudado de tudo, ainda desarmado da propria experiencia, que era muito limitada, observou phenomenos cuja experiencia colligiu por um modo imperfeito e erroneo. Assim se fixaram os primeiros e basilares erros que vieram informar a mentalidade humana com uma quantidade consideravel de juizes, a que hoje chamamos preconceitos. Esses preconceitos dominaram inconsciente testaveis entre os homens através de muitas gerações, e assim adquiriram um tal foro de cidade que difficilmente se vão hoje desenraizando. Esta difficuldade de para-se-nos não só perante os espiritos incultos, senão, o que mais é, perante alguns celeberrimos eruditos!...

Em numeros seguintes, desfilarei os mais basilares desses erros, investigando-lhes a origem e influencia, e pateando a inanidade em que a sciencia os deixa por meio das suas conquistas indefectíveis.

Lucifer.

A REVOLTA

Encontra-se á venda em Lisboa na TABACARIA MONACO, Rocio.

Em Colmbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

EXPEDIENTE

Aos nossos estimaveis assignantes pedimos desculpa do atraso deste numero do Jornal. Foi devido a uma mudança da machina em que elle é impresso.

O Brazil moderno

VI

Carlos Gomes

Nascido na formosa cidade de Campinas (Estado de S. Paulo), logo na sua infancia começou a manifestar uma accentuada tendencia para a musica, em cuja arte subime se tornou depois notavel.

Assim foi que, depois de haver concluido o seu curso no Conservatorio, onde ganhou sempre os primeiros premios, se dirigiu para a Italia subvencionado pelo Governo, afim de ali desenvolver e aperfeiçoar os seus estudos.

Longa foi a sua permanencia n'aquella paiz onde então deu largas ás suas faculdades, expandindo todo o seu genio artistico em producções que o immortalisaram, honrando também a Patria, de que ra filho dilecto.

Agora as operas a que ligou seu nome como: O Escravo, Salvador Rosa, etc. quem ha que não conheça o Guarany, que, por si só, bastaria para o glorificar? Inspirando-se no commovente e emocionante romance do grande escriptor e seu illustre patricio José de Alencar, cujo trecho se desenrola na epocha do Brazil colonial, e onde se accentuam as sympathicas figuras da adoravel Cecy, sentimental e enterneccida, e do generoso Peiry (indio do tribu Guarany), destemido e apaixonado, Carlos Gomes, legou ao seu paiz, o fructo d'essa bellissima inspiração, em que a nossa alma suavemente embaldada nas ondas d'uma tão maviosa e melodica harmonia se perde n'um vago mythicismo...

Quando Carlos Gomes, foi ao Rio de Janeiro, reger, pela primeira vez, esta sua opera, terminada a symphonia, em que elle distillou toda a sua inspiração, a apothose que então, e merecidamente lhe foi feita, foi indescriptivel. Os mais indifferentes á divina arte, electrizados pelos suavissimos accordes, que lhes fazia vibrar vivamente as cordas nervosas do sentimentalismo, associaram-se espontaneamente, n'um gráu maximo de enthusiasmo sincero, a todos os outros que, por natureza, sensíveis á arte do divino Apolo, n'um brado unisono e n'um phrenes elirante, explodiram todo o seu arrebatamento.

O grande maestro teve n'essa noite, n'essa memoravel e rara consagração feita no Theatro Lyrico, a mais concludente prova do extraordinario apreço em que era tido.

O governo brasileiro, mais uma vez procurando demonstrar, quanto não lhe é indifferente a gloria dos cidadãos illustres do seu paiz, concedeu-lhe uma generosa pensão, premiando também assim o seu alto valor.

Regressando de novo á sua terra natal, afim de gosar por algum tempo a tranquillidade que o seu organismo já um tanto depauperado exigia, começou então para elle uma existencia atormentada, resultante d'um terrivel carcinoma que, traço a traço, e zombando de todos os recursos de sciencia, lhe roubava dia a dia, a preciosa vida.

Flagellado e corroído por esse horriavel mal, ali cerrou para sempre os olhos em cujo brilho se advinhavam as genias fulgurações do seu grande espirito.

Campinas, querendo relembrar aos seus posterios, a grata e saudosa memoria d'esse tão glorioso filho, e prestar-lhe uma justa e louvavel homenagem, mandou e igir lhe um magnifico monumento, que lá estará, perpetuamente, a attestar a sua enlevada admiración.

Centro Democratico Academico de Lisboa

Publicamos hoje a ultima parte da conferencia que sr. Fidelino de Figueiredo fez no dia da inauguração deste centro, subordinado ao thema.

Considerações sobre Portugal

e de que já demos a 1.ª parte no penultimo numero.

Meus senhores, para todo este progresso contribuiu Portugal brilhantemente. Constituido no seculo XII pela federação de algumas behatrias que Afonso Henriques soubera tornar conscientes, entrou nos seculos XV e XVI na grande transformação europeia que foi a Renascença.

Esta pôde encarar-se sob quatro aspectos capitaes: as sciencias, as artes, a filosofia e a sociedade. Sob todas quatro, Portugal foi importante colaborador, começaremos breve.

Mas o que mais urge esclarecer é que elle não foi só um colaborador nos resultados mentaes, mesmo poderoso agente pelos descobrimentos.

Nós hoje supomos banal que um punhado de homens se aventure ao mar, uma barçaça mal segura, aporlem a uma terra longinqua, levantem um padrao e regressem. Mas abstractamos por um momento da nossa constituição moderna, amputemo nos e reconstituamos o estado de espirito dos homens da idade media. Compreenderemos então como os impressionarios sabermos que a terra não era só a Europa, o Mediterraneo e a velha Asia, que havia novos continentes, novos mares, novas ilhas, compreenderemos como desavarraria verem novas estrelas para as especuações astronomicas, novas plantas e novos animaes, homens amarellos, vermellos e negros que nem suspeitavam da existencia do branco, suposto rei da criação; perceberemos o que era esse alargamento de vida, fora da Biblia, da Teologia ou da sciencia dos antigos. Copernico foi dos primeiros a estabelecer a gloria da nossa patria, confessando que as viagens da Lusitania, como ele escrevia no livro De revolutionibus corporum coelestium foram a confirmação para o seu heliocentrismo. E no seculo XVII Humboldt, analisando o reflexo da natureza na consciencia humana, verificava como Portugal alargara consideravelmente essa consciencia.

Isto foi Portugal como agente. Vejamos como ele colaborou nas consequencias mentaes. Nas sciencias foi o primeiro a aproveitar o novo campo de observações de fauna e flora. Garcia da Costa fundou em Bombaim um jardim botânico, cujas observações consignou na sua obra, que longamente influou nas ideias coevas da historia natural, como o mesmo Humboldt confessava.

Francisco de Mello consultou Euclides e Arquimedes e discuss as relações da Geometria com a Astronomia. Pedro Nunes, inventor do micrometro Nónio, saiu a campo para contradiar as jaclaentas do francès Oronce que se dizia descobridor da triseccão do angulo, da quadratura do circulo e da inscricao de qualquer poligono num circulo, pôs em sistema sciencifico as conclusões experimentaes dos navegadores e tornou-se o da cadeia da evolução da sciencia.

Nas Artes, meus senhores, realisamos a aspiração suprema de todas as literaturas do seculo XV, a epopeia nacional. Todos os factos do tempo presentiam a grandeza do seculo e como ele devia ser memorado numa obra eterna, como as epopeas homericas ou a Iliada, e nesse intuito todos se estimulavam. A França só via essa aspiração realisada no seculo XVIII por Voltaire, glorificando um rei mau, Henrique IV e Carlos V e Philippe II também foram glorificados em poeas subversivas.

Só Portugal, porque realisara o feilo supremo do seculo, o predomínio da intelligencia humana sobre a natureza hostil conseguiu esse ideal, «os Lusíadas».

Cadões pelo genio e pelo sofrimento, nas luctas, nos naufragios, nos cercos, nas fomes e carceres, criou isso que é a obra de Arte Eterna da nossa terra. Todo o mundo a sentiu. A proposito direi, meus senhores, porque sei que isso lisongeara o seu orgullo nacional, que val fazer-se em Paris uma nova edição dos Lusíadas em francez, por iniciativa de quem tem a benevolencia de ouvir. Continuando:

na filosofia, o genio portuguez também se manifestou brilhantemente.

Francisco Sanches combateu o subjectivismo teologico, compreendendo como as Sciencias Novas reclamavam uma Synthese mais larga, e defendeu Aristoteles contra Petrus Ramus que só conhecia o filosofo grego através as interpolações deturpadoras da escolastica medieva.

E socialmente acompanhámos o movimento do absolutismo, que era ainda um progresso porque um só tirano é sempre preferivel a cem tiranetes.

Isto é tão bello, meus senhores, tão grandioso, tão épico que dir-se-á que fantezias; mas não, é aos estrangeiros que é necessario ir buscar a força e a consciencia do nosso individualismo politico, porque são insuspeitos de amor patrio. E hoje a atmosfera moral é tão acabrunhada que mal compreendemos essa grandeza passada. E' necessario congregarmos, incrustarmos-nos numa moral e numa filosofia intransigente e avançarmos juntos e invenciveis como os soldados da ve ha falange macedonica, integrarmos a nossa patria no grande quadro da civilização, porque a patria e a humanidade são incompativeis.

A nossa apatia fez-no-la vulgar incompativel e isso levou espiritos como Anthero do Quental a declarar que deviamos abdicar da nossa individualidade politica para nos lançarmos no seio da Espanha e juntos caminharmos. Um homem soube parar essas torrentes de descrença, foi o professor Teofilo Braga, um exemplo moral, uma lição, uma esperança.

E assim é esse velho de 67 annos que hoje personifica a nossa creença, mostrando dia a dia que tivemos uma historia nacional, uma Arte Nacional, Cultura propria, como eu rapidamente esbocei a proposito da Renascença. Tudo isto merecia maior desenvolvimento e isso far-se-á na proxima edição franceza dos Lusíadas, destinada a circular pelo mundo.

Urge pois trabalhar activamente por uma Patria que não é uma vaga idealidade poetica, mas a reunião de todos os portuguezes, ciosos do seu bem estar e da sua felicidade. Continuando nesta apatia e nesta indifferença pessimista, dir-se-la terem nascido para aquelle destino que lhes attribuía Anthero:

«Para serem no paramo enfadonho,
«A luz d'astros malignos a enganosa,
«Como um bando de espectros lastimosos
«Como sombras correndo atrás d'um sonho».

Tenho dito.

ENSAIOS DE CRITICA

A arte moderna

II

Il n'y a pas de règle qu'on ne puisse blesser à cause de SCHONER.

Beethoven

A arte d'hoje repudia completamente todos os systemas, todas as direcções, tudo o que de perto ou de longe pode dar ideia de adhesão a qualquer programma de escola. A individualidade é a unica lei a que se quer obedecer, o que afinal é excellento, visto que a individualidade é o principio essencial da arte. A regra, o molde, a escola, tantas restricções que durante tantos seculos, até hoje, se impunham á imaginação creadora dos artistas mas dentro dos quaes, diga-se de passagem, nasceram as grandes composições dos maiores genios, tudo se pôs de parte para não subsistir senão a inspiração absolutamente livre do artista.

Fundiram-se os generos, desapareceram os laços de escola, esqueceram-se quasi totalmente as antigas formas musicas - ninguem hoje faz motetes ou canoes, salvo raras faz sonatas, excepções (Grieg) ninguem e embora algumas composições, se apresentem sob a forma de roudó, é tão profunda a alteração do periodo principal nas repetições que só difficilmente se reconhece aquella forma; é caracteristico, entre outros, o poema humoristico de Ricardo Strauss - Till Eulenspiegels Streiche.

A symphonia moderna em pouco se parece com a Classica; hoje os symphonistas, além de abandonarem as formas existentes procuram traduzir a ideia de coisas conhecidas, inspirando-se, geralmente, para isso, em poeas e poeas muito vulgarizadas.

Para exemplos, basta citar - L'apprenti sorcier - de Dukas, d'après la balade de Goethe; Le camp de Wallens-

lein - de D'Indy, inspirada na poesia de Schiller.

O que representa, historicamente, nas suas obras symphonicas, um Beethoven, é a emancipação definitiva duma arte que começou a libertar-se da antiga tutela na epocha da Reforma e da Renascença e que desde então apenas conhece a humanidade, a natureza e a religião natural.

O que representam os compositores contemporaneos é essa liberdade absoluta, não se exercendo só abstractamente como nas symphonias classicas, mas applicada a factos concretos, naturalistas e sociologicos com uma independencia illimitada.

O que caracteriza presentemente a musica é um estado de renovação profunda e integral realizada pelo impulso individualista que destroe ou abala todas as velhas convenções.

Sendo a arte a natureza vista através dum temperamento, a mais perfeita será aquella que se realice no artista sem convenções, sem peias, sem formulas, sem leis.

E' a anarchia - é a Verdade.

Sarau Academico

Foi, como o do mês passado, litterário e musical.

Mas mais ameno na parte litteraria, pois apenas um brioso nos cantou uma poesia: não se ganhou em qualidade, mas lucrou-se em quantidade. Do mal o menos.

Tambem representaram; sabem o quê? «Uma anecdota».

Sam corajosos, os amadores!

Lamentamos do coração o sr. Marcelino de Mesquita, que na mesma noite viu assassinados dois filhos... Sejam mais humanos!

No fim, a conferencia sobre o namoro no Rio de Janeiro, por Baptista Coelho. Espirituosa, bem observada, muito bem dita; interessante, enfim. Mas o namoro, lá como cá...

Na parte musical tornou a exhibir-se a Ex.ª Sr.ª D. Eduarda Ivens; não desvaneceu a má impressão que nos deixou no ultimo sarau, antes pelo contrario; tambem, foi logo escolher um trecho de tal difficuldade, que até pessoas que sabem cantar não conseguem muitas vezes interpretá-lo satisfatoriamente. A musica de Saint-Saens não é positivamente a Margarida vaes á fonte...

O Orpheon apresentou um novo trecho: Coro dos pastores da Serrana de Keil; bem, como tudo; admiraveis mesmo os diminuendo e pianissimo.

O grito de entrada é que devia ser dado com mais força, mais energia, mais... selvajaria.

O tom dado foi um tanto baixo o que tambem contribuiu para que o «Eh! lá!» não resoasse como grito de pastores do Herminio.

O mesmo se deu na cavallada do Jägerchor.

Pequenos defeitos que o grande artista que rege o Orpheon facilmente corrigirá.

A verdade é que o Orpheon é e será sempre nos espectáculos em que tomar parte, o clou, a great attraction.

Triplins.

AVISO

A todos os srs. assignantes que não mandaram satisfazer as estações postaes correspondentes, a importancia da assignatura do 1.º trimestre, e a quem enviámos circulares participando o caso, pedimos com insistencia para que tenham a bondade de nos enviar a respectiva importancia, poupando-nos assim despezas esuesadas.

A REVOLTA

ASSIGNATURAS

Continente, ilhas e ultramar, tri-mestre..... 300
Estrangeiro..... 600

Pagamento adiantado

Numero avulso, 20 réis

ANNUNCIOS - cada linha... 30 réis
Repetições... 20

Consultorio Medico-Cirurgico

Doenças dos ouvidos, fossas nasaes e garganta

CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos.

ANALIZES: succo gastrico, lézes e urinas

MANUEL DIAS

MEDICOS ESPECIALISTAS

Com pratica nos hospitais de Paris

Consultas, todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde

Rua Ferreira Borges, 5 COIMBRA

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos orgaos genito urinaes do homem e da mulher e a

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justica

Electrotherapia

Medicacão electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

CACHORROS DA SERRA DA ESTRELLA

A venda no Sanatorio de Manteigas, desde a um tres mezes, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se a venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Dozes de ovos com os mais finos recheios.
Dozes de fructa de diversas qualidades, seccos e crystallizados.
Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de

jollhado
Galantines diversas Tete d'Achar Paté de Liever e Foie.
Saneisses Pad ngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
Pão de ló, pelo systema de Margaride.
Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes

marcas.
Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Courega de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Christostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria
Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobílias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cida de

Consultorio Dentario

DE

MARIO MACHADO

Cirurgião Dentista pela Universidade e com pratica da especialidade em Paris

Praça 8 de Maio, 8 — COIMBRA

Tabella de preços

Consulta	500
Extracção de cada dente ou raiz	500
Extracção com anesthesia	15000
Obturação	16500
Aurificação	45000
Limpeza de dentes	15500
Dentes artificiaes 25500 e 45500	
Dentes de pivôt	85000
Corôas de ouro	125000
Tratamento de doenças da bocca e gengivas, por sessão	15000

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de verem a veracidade do que afirmamos.



Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanellas d'algodão, metro	65
Ditas, cor lisa, muito largas, metro	120
Côrtes de ve tido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 15350, 25320, 28800, 45100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lençõs d'algodão para a cabeça, a	80
Lençõs de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 15200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2.500, a	15200
Cobertores grandes, em flanela, muito fins, seu valor 15000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.
Brindes! — Todos os dias nas compras de 55000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciámos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciarmos artigos que não possuimos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZEES DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualq'uer outro estabelecimento, porque depois arrepenhem-se, e só nós vendemos bom e barato

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, n.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automóvel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portuguesa, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

Barberia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157 COIMBRA

Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabeleireiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas allemãs e francezas.

Pós e pasta dentrificas.

Pescovas para dentes, cabelo e fato.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasôes e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante collecção de relógios de todos os systemas e auctores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relógios proprios para mesa, parede e morés. Ha espartadores desde os preços mais baixos aos mais elevados. Vendem-se orreentes de prata e ouro.

Concertam-se relógios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservacão de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 146

COIMBRA

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. Tintas, oleos, vernizes, brochás, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o pais, tem sempre calçado feito da melhor pelo laria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Formez impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas,

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

O BLOCO

Dissidentes e Vilhenistas, ainda hontem insultando-se e deprimindo-se uns aos outros, acabam de se unir fraternalmente para de combinação bem calculada atirarem a terra com o governo dos senhores Campos Henriques e José Luciano. Houve muita gente que ficou surpreendida com o facto, mas nós de ha muito acostumados a estas reviravoltas politicas, tivemos apenas o mesmo encolher d'ombros do dia em que nos comunicaram que o João Franco tinha dissolvido o parlamento *sine die* e atrado para o lado a mascara de liberal que o tinha levado ao poder.

O senhor José d'Alpoim não nos inspira hoje menos confiança do que nos dias em que trabalhava connosco para a implantação da Republica, pela simples razão de que nunca acreditamos nos seus protestos liberaes. Até na hora mais accesa da lucta contra a dictadura franquista nós vimos no senhor Alpoim conspirador, o Alpoim antigo, perseguidor da imprensa e auctor dos artigos que no jornal *O Dia* auctor advogaram a exclusão dos deputados republicanos do parlamento.

E áquelles que nos afirmavam que o senhor Alpoim estava mudado e arrependido nós respondemos sempre apontando o dictador João Franco que tantas decepções trouxera aos que o tinham acreditado na sua fase de liberalão.

Mas se algumas duvidas podiam ainda existir a respeito dos propositos e intenções do senhor Alpoim e da grande maioria dos seus partidarios ellas desapareceram já, de certo, depois da confirmação da aliança parlamentar com o partido regenerador.

O primeiro passo no caminho do poder e da aliança com o rotativismo, que tanto atacou, deu-o o senhor Alpoim no dia em que no Porto se coligou com os reaccionarios de todos os matizes contra o partido republicano.

O segundo deu-o agora, aliando-se com os regeneradores e esquecendo-se de que nesse partido militam e são marchaes alguns dos adeptadores de maior vulto.

Se o senhor Alpoim fosse sincero e estivesse resolvido a levar até ao fim a questão dos *adeantamentos*, como tantas vezes lhe ouvimos apregoar, não poderia de maneira nenhuma fazer um accordo parlamentar com um partido que ha de ter todo o interesse em que se não faça luz em tão melindroso caso.

Não podemos negar aos regeneradores uma certa habilidade na maneira como conseguiram destruir toda a acção parlamentar dos dissidentes que alguma coisa poderiam fazer em beneficio do paiz se continuassem no seu posto de combate. Mas quer-nos parecer que os partidarios do senhor Alpoim, não foram tão tolos como á primeira vista parece, e antes se deixaram ir na corrente, por já estarem cansados d'u-

ma opposição honesta e desinteressada, e irem vendo cada vez mais longe as cadeiras do poder.

E assim tudo acabará em bem. O senhor José d'Alpoim ficará regenerador ou formará com os regeneradores um partido qualquer, e o senhor Campos Henriques sem forças proprias para se fazer chefe de partido ver-se-ha na dura necessidade de ir ocupar no partido progressista o logar que o senhor Alpoim lá deixou.

E quer-nos parecer que com a troca tanto lucram uns como os outros. O senhor Alpoim tem talvez mais um bocado de talento mas em compensação o senhor Campos Henriques parece ter um pouco mais de vergonha...

Entre os dois venha o Diabo e escolha!

Carneiro Franco

«CANÇÃO» PERDIDA

Com este titulo publicámos no numero anterior a traducção d'uma interessante poesia grega á maneira de Sapho que, por um feliz acaso, um nosso amigo encontrára perdida no ultimo baile do Gremio.

A pessoa que a perdeu enviou-nos uma amabilissima carta que muito agradecemos e, juntamente a resposta á poesia publicada, traduzida igualmente do grego e que se atribue a Tavaridika, poetisa de Athenas, a quem, como os nossos leitores notaram, a primeira se referia.

Gostosamente inserimos esta que em nada desmerece da outra e é interessantissima como documento de costumes do tempo:

— *O' Barakteia, Barakteia de cabellos negros e profundos, como os bosques sagrados nas noites tenebrosas tenho medo do brilho dos teus olhos e tremo de frio se tu não olhas para mim.*

— *Queima-me a tua bocca os hombros nús e quero fugir — mas, apres-sa-te, desata os laços que me prendem a tunica, porque são horas e eu estou gelada.*

— *Tu hoje não me batas, choras muito depois, mas eu fico com os braços cheios de nodos, eguaes ás que deixas na alvura das tunicas o vinho escuro de Samos, que se verte das amphoras nos banquetes.*

— *Que culpa tenho eu, ó Barakteia, de que o estrangeiro hospede de Chrysothemis, viesse hontem depôr joias e flores á minha porta? Os braços d'elle eram mais brancos do que os teus e não tinham aquella penugem muito fina que eu gosto de sentir na palma da minha mão, e que os teus braços têm.*

— *Ha junto á ponte, a estatua d'um Appollo Delphico nús, que é tão bella como eu adivinho que será o estrangeiro, hospede de Chrysothemis. Ai Barakteia não me batas!*

— *Magoaste-me muito, e agora ajoelhas a meus pés. Estou transida*

de frio. Agasalha-me. Porque será que eu não posso fugir-te?

— *Se tu soubesses em que eu estou pensando, Barakteia. Vae perguntá-lo ao Oraculo e elle te dirá que eu penso, enquanto tu choras e me beijas — no estrangeiro loiro, hospede de Chrysothemis.*

Adelino Veiga

E' amanhã que, como dissemos no ultimo numero, tem logar a homenagem que uma commissão de operarios de Coimbra resolveu prestar á memoria de Adelino Veiga.

E' de toda a justiça e portanto digna da maior sympathia essa festa feita pelos operarios a um camarada e conterraneo illustre.

Adelino Veiga, modesto operario guarda-solteiro, foi realmente no seu tempo e no seu meio uma figura de destaque, e pena foi que a doença não permitisse que elle continuasse a sua obra.

Morreu novo, em 1887, tendo nascido em 1848.

Brutalmente a tuberculose veio cortar a vida d'esse homem cujo valor se mostrava em todas as suas aptidões, que as tinha e muitas.

Como poeta elle deixou, além de muita collaboração dispersa em jornaes, dois livros de versos, *Lyra do trabalho* e *Guitarra de Almaviva*. Nesses livros se encontram poesias de alto valor, principalmente entre aquellas em que se manifesta a sua alma de revoltado, porque Adelino Veiga foi acima de tudo um revoltado.

E' sob esse aspecto que elle nos apparece collaborando no jornal *A Officina*, pugnano sempre pelos bons principios e pela emancipação da classe operaria.

E assim, foi um entusiasta do movimento associativo, trabalhando sobretudo na organização das associações de classe. Era tambem um actor distincto. Tendo começado como amador chegou a ser um profissional da arte dramatica, fazendo parte d'uma companhia da actriz Emilia Adelaide.

E tambem nesse campo foi notavel esse homem dotado pela natureza com altas qualidades que elle, nascido na pobreza e vivendo sempre na pobreza e até na miseria, soube deseavolver, educando-se a si proprio, lendo, instruindo-se, até chegar a ser considerado e admirado entre os intellectuaes do seu tempo.

E tão admirado era que o seu enterro foi uma das maiores e mais sentidas manifestações que nesta cidade se teem feito.

Milhares de pessoas, não só da classe operaria mas de todas as classes sociaes, se incorporaram no cortejo.

E ainda bem que a sua figura não foi esquecida.

Agora, vinte annos depois da sua morte, elle é ainda lembrado com saudade e com admiração pelo povo de Coimbra que numa festa civica vai consagrar a sua memoria e lembrar aos novos, aos que já o não conheceram, esse illustre filho d'esta cidade, para que assim a moderna geração conheça o homem e a sua obra de artista e de defensor dos opprimidos, d'essa classe tão numerosa e a que elle tambem pertenceu.

A Camara Municipal deu tambem o seu concurso para esta festa, dando o nome de Adelino Veiga á rua onde elle nasceu, a rua das Sollas.

Assim o resolveu em harmonia com o brilhante parecer do vereador Dr. Silvio Pellico, sobre o pedido feito nesse sentido pela commissão promotora da homenagem.

A redacção da *Revolta* applaude sinceramente tão sympathica festa e tem o prazer de a ella se associar honrando as suas columnas com a publicação de uma poesia de Adelino Veiga, uma d'aquellas em que mais eloquentemente o poeta se insurge contra os privilegios e desigualdades sociaes.

CELEBRES... DE BORLA



Um documento historico

Proponho que os membros da Conferencia se comprometam aqui formal e expressamente a impedir a entrada para o Magisterio de Medicina do estudante Antonio José d'Almeida quaesquer que sejam as classificações que hajam de lhe ser conferidas quer agora, quer no quinto anno ou depois.

30-VII-94

Lopes Vieira

(Dum autographo publicado no livro do Dr. Antonio José d'Almeida *A Desaffronia*.)

O SABIO E O PRETO

(Para cantar com a musica da cançoneta

No mi parió mi madre
Para casada
Porque yo no puedo ser-lo
(Con esta cara)!

Era uma vez um preto
Que estava doente!
E desmaiou de susto
Mal viu um lente!

Julga o lente que o preto
Já não vivia!
E levam-no p'rá mesa
D'Anatomia!

Logo o lente começa
Com furia brava
A cortar no pretinho
Que p'r'alli estava!

Mas o preto era bruto
Sem consciencia!
E estava-se nas tintas
Para a sciencia!

Não poudo aguentar-se
Com tanta gloria!
E deu o maior espirro
De que ha memoria!

Vejam o desacato
Deste indecente,
Que queria saber mais
«Que o senhor lente!»

«Tu não teimes commigo»
Diz o doutor.
— «Tu estás morto e bem morto,
Grande estupor!»

Depois sem hesitar,
E logo alli,
Corta o pescoço ao preto
C'o bisturi!

E foi muito bem feito
P'ra se saber!
— Não se desmente um lente
Como um qualquer!

E acabou assim
A discussão!
Tinba afinal o lente
Toda a razão.

Dr. Watson.

A UNIVERSIDADE

CARTAS A UM AMIGO

Meu caro:

Na sua ultima carta V. compromete-me, inoculando-me n'alma o capcioso veneno da lisonja — como se dirá, em estylo patafascado, segundo eu calculo. E reproduzo os periodos venenosos; para o comprometer, por meu lado:

«Porque não faz você, serenamente, á boa-paz, com moderação para se livrar de possíveis represálias, o seu depoimento d'estudante, sobre os processos e os homens da Universidade e especialmente de essa tão decantada Faculdade de Direito que você frequenta?»

Segue aqui uma lisonja muito redondinha e bem cuidada que eu não reproduzo, «como o outro que diz», por modestia, e depois acrescenta você: «Procure ser justo e claro e tem meio caminho andado. Não lhe fica mal, quando tiver de dizer bem um pouco de prodigalidade e, quando tenha de dizer mal, lembre-se da doutrina «da benevolencia» d'esse filósofo inglez, Hutcheson, tão sympathico á sua intelligencia e ao seu coração.»

Ora V. julgando-me capaz de fazer esse depoimento, sequer ao menos com clareza e com justiça, suppõe muito de mim. Nada mais difficil do que ser «claro». E' talvez, mais facil ser brilhante, paradoxal, vistoso, malabaresco — do que «claro». A clareza presume a nudez simples das opiniões e das ideias. Ora alem de que é preciso, ou ter muitas ideias pequenas, «de trazer por casa», ou duas ideias grandes «de sair a passico», para encher um linguado de papel, quem ha ahí que se julgue incapaz de torcer um bocadinho á ideia, á opinião, ao pensamento, só pelo prurido de fazer uma phrasinha mais interessante ou dar ao periodo um recorte mais original? Estou certo que poucos terão essa coragem em Portugal — e eu «não sou d'esses».

O «aticismo», é uma virtude archaica, que morreu com a civilização classica e estaria deslocada n'esta nebulosa e confusa civilização contemporânea — tão complexa como uma orquestração de Wagner. Alem d'isso eu sou meridional e «um rapazola» como você benevolmente me chama. E a «justiça», então?! Já não fallo d'aquella justiça com J grande, que anda nos livros dos philosophos metaphysicos, nos poemas, nos jornaes e na bocca dos rethoricos. Fallo da outra, da justiçainha modesta, que cada um pode fazer dentro do pequeno tribunal que é a sua consciencia — Repare você n'esta phrase tão bonitinha e tão ôca como uma cabaça de cheiro! — Por isso eu, a principio, fiz como o facundo Ulysses — resisti, «ao canto da sereia» que era a sua carta, mas faltava-me a tempera dos heroes d'Homero e acabo por ceder, como você está vendo, escrevendo-lhe esta, — a primeira duma serie, que V., por mal dos seus peccados, terá que ler, porque eu, em represália, tratarei em conversa consigo, de ver-se as leu ou não!

Ah! meu caro, você encontrou o terreno optimamente preparado, para que a sua sugestão fructifisasse — não vá presumir agora d'Onofro! Quanta vez no decurso d'essa malfadada questão academica eu pensei em «depôr na tribuna da Imprensa», ou — o que seria um excesso injustificavel! — arrojarme a mais alto commetimento e perpetrar essa coisa criminosa e anti-social que era um livro escripto por mim e n'aquelle momento, em que, ferido d'asa pelos fulgurantes raios de Minerva, eu via seriamente ameaçada por um lado, a eloquencia forense que, á certa, perderia o esplendor futuro do meu verbo, e por outro justificado jubilosos a agricultura e o commercio de modas, que me esperavam no exercicio dum d'estes dois misteres, por igual, uteis e salutaes: — cavar batatas ou vender, empondado e dengoso, surahs ás nossas elegantes — unica coisa p'ra que serve no nosso paiz, um aborto de bacharel. Depois, o tempo passou, eu voltei, besuntado de graça régia e limpo de meus infandos crimes de lesa-cathedra, ao seio acolhedor e amavel de Minerva a quem passára a colera. . . tinha mais que fazer, e por isso mesmo não fazia coisa nenhuma. . . O caso é que o depoimento não appareceu mas a ideia, essa, cá estava latente, embryonaria, prompta a traduzir-se em factos, no primeiro momento. . . O sol da sua boa e honrosa amizade fez com que a semente desabrochasse.

E, posto isto, vamos assentar no plano que seguirei n'estas cartas, — por que estas cartas tem plano, o que julga! — e, como se diz por cá, «no espirito que as informa».

O plano é simples. Primeiro expor-lhe-hei, em face dos factos que me estão diariamente sobre os olhos e das conclusões — certas ou erradas — que delles tiro, o que eu chamarei «a deficiencia geral», «o mal b silar» da nossa organização do ensino superior, mais de notar na Universidade do que em qualquer outra escola — e dentro da Universidade na Faculdade de Direito — se bem que seja descaçoavel injustiça atirar p'ra cima da «pobre velha do Mondego» todas as diatribes e julgar os outros estabelecimentos d'ensino do paiz livres das mesmas maculas e dos mesmos vicios de que ella enferma. Tem-se batidona Universidade muito, e na Faculdade de Direito ainda mais, e sabe você o motivo porque tudo isso não tem dado resultados alguns?

E' porque havendo carradas de razão, para ataca-la — esse ataque não tem sido feito com justiça e com conhecimento de causa. Esta é a verdade. Tem-se dito isto: «o ensino da Faculdade de Direito é mau, é pessimo, difficilmente será peor. . . » E' absolutamente exacto, quanto a mim. Mas ao mesmo tempo, diz-se «os professores de Direito não trabalham, não procuram acertar, são d'uma ignorancia enorme, estão ainda na literatura juridica do seculo xviii. . . » E isto é redondamente falso, como eu lhe provarei, porque estou convencido e desde já lhe affirmo que, em regra o lente de Direito — fallo dos que estão aqui amarrados á nora universitaria e não se servem da cathedra como degrau para a politica — é de todos os professores da Universidade, o que mais afincadamente e tambem mais inutilmente trabalha. A seu tempo eu falarei d'isso e bastará citar-lhe os nomes de Marnóco e Sousa, Dias da Silva, Alves Moreira e Alberto dos Reis, para ter demonstrado a minha these.

Depois de conversar consigo e com o publico sobre as deficiencias goraes do ensino e as suas causas deixo-me assim dizer — «objectivos» reportando-me em especial á Faculdade que frequento — eu passarei a tratar do ensino tal como aqui se ministra, entrando em linha de conta com o coeficiente de qualidades ou de defeitos, que cada um dos professores, pela sua cultura ou incultura, pela abundancia ou ausencia de qualidades pedagogicas que possua, pelo seu methodo, traga á regencia das suas cadeiras.

Esse trabalho será feito, para maior garantia da minha imparcialidade, sempre que fôr possível, com transcrições das sebetas, em face da reproducção fiel do que se passa nas aulas.

E, no que diz respeito, ao «espirito que as informa» estas cartas deixo-me fazer-lhe esta confissão: eu — não pame! — sou um amigo da Universidade!

Não cuidará, decerto, que esta minha declaração seja p'ra me recomendar á misericordia dos mestres que me leem — como já allí está a pensar, com ares de finorio, aquelle vacão lanzudo e manteigueiro, que veiu da terra a abarrotar d'empenhos e, se calhar, já recommendado para lente. (Isto succede por cá!)

De resto meu amigo, não corro esse risco, porque na balança da justiça cathedratica, orgulho me eu e muito, de que pesem mais os negrões de minhas feias culpas do que as qualidades universitarias que — felizmente — em absoluto me escasseiam.

Mas voltando ao caso: eu sou um amigo da Universidade! A's vezes, quando em Lisboa, sento á mesa dum café, oiço fallar os meus companheiros, alumnos da Polytechnica, da Medica, do Curso Superior de Letras, nas suas aulas, nos seus professores, nos assuntos que estudam, — ah! meu caro amigo! — como me custa, como eu fico triste!

Eu acompanho quasi sempre com alumnos da Escola Medica — alguns dos quaes os meus melhores e mais intimos amigos, todos — louvado Deus! — inconclastas e honestos, como eu me preso de ser, e é o meu unico orgulho já que outrós não me é licito, por deficiencia da madrastra natureza — possuir. E elles falam com entusiasmo, com admiração, com encanto, d'alguns dos seus mestres — Betencourt Raposo, Ricardo Jorge, Miguel Bombarda — das suas prelecções, da sua intelligencia, dos horisontes novos que elles lhes abrem na sciencia!

—E tu? Tu! — Dize lá! perguntam-me, pedem-me.

Eu. . . sim eu. . . Tenho dito coisas para não ficar mal, que — Deus me perdoe! — são muito exageradas e eu. . . não as penso, pela simples razão de que não posso pensá-las.

Depois do descredito, o ridiculo, que cae sobre mim a toda a hora. E eu amo a profissão d'homem de leis, eu interesso-me, na medida das minhas forças, pelos assumptos que se professam no meu curso. . . Mis. . . Ainda me ha-de lembrar a tortura que passei quando, nas ferias de Natal do meu primeiro anno, tive de mostrar ao nosso amigo P. V., as licções do Cordeiro, por onde eu estudava Sociologia! Ah! isto nem tudo são rosas, meu bom amigo. . . Esta vae longa. No proximo numero começarei a tarefa. Que Minerva e Themis, as deusas da intelligencia e da Justiça me ajudem no emprehendimento e que V. me perdoe a massada de que tem immediata culpa.

Com toda a consideração,

Ramada Curto

Factos e Commentarios

Uma garofice

Um jornal que para ahí appareceu no domingo passado e que se diz republicano, insere sob a forma de annuncio uma piada chula dirigida a uma familia d'esta cidade, que é digna de todo o respeito.

Achamos pôco o facto e contra elle protestamos, principalmente por a garofice partir de um correligionario ou de algum que se inculca como tal.

Outros processos, que esses são de Padre Mattos.

Erratas

Isto cá por casa é um horror a respeito de gralhas. A revisão teima em nos dar amargos de bocca. Assim por exemplo na secção Celebros de Boria saiu, no numero anterior esta coisa, mas a chorar, num rio por mas a chorar, nunca rio que deveria ter saído. No artigo Um anniversario na primeira columna da segunda pagina saiu as septemissimas controversias romanistas por controversias romanistas que já quer dizer alguma coisa.

E, ainda de suite.

Boato

Corre o boato de que nas conferencias havidas entre o rei e os srs. Vilhena e Alpoim estes foram ameaçados de serem chamados a governar com as actuaes camaras, porque o sr. D. Manuel não saíria por ora da legalidade, dissolvendo-as.

Depois do paiz se cansar de vêr a impossibilidade ou a instabilidade de tais gabinetes, seria, segundo o boato, chamado novamente o sr. Campos Henriques, o Perdido. As côrtes sam mandadas passar e depois: o que a Deus aprouver!

E o paiz não se cansará entretanto da instabilidade da monarchia?

De passagem

— Envio incluso os dez mil réis. Não poude registrar a carta a tempo. Ficarem roubados?

— Onde em resposta e por partida: — Fomos infelizes. Não recebi nem a sua carta de hoje, nem o dinheiro, que agradeço.

Fallecimento

Falleceu ha dias o estudante do Lyceu Antonio Oliva Mendes da Fonseca que tinha ingerido tres grammas de sublimado corrosivo.

Desconhecem-se os motivos que o levaram a essa resolução que o fez soffrer horrosamente durante oito dias.

Foi muito sentido a sua morte porque era muito estimado por todos os que o conheciam.

Aos nossos amigos José Oliva e Achilles Gonçalves, irmão e cunhado do fallecido enviamos os nossos sentimentos.

Paris em Coimbra

Aos nossos leitores recommendamos a leitura do annuncio que inserimos na secção respectiva referente a esta importante casa. Confirmando os créditos de que vem gosando, o seu proprietario e nosso amigo J. M. de Vasconcelos contractou habeis contramestres para todo o genero d'obras tanto de cavalheiro como de senhora.

O CREDO

Quando passarem tempos, sim, passarem annos,
Que o povo não se curve aos vis palacianos,
Quando o trabalhador ao qual o suor orvalha
Souber que só é rei o homem que trabalha,
Quando elle comprehender que a grande Mãe, a Terra,
Faz podre esterquilino dos mandões da guerra,
Quando elle bem entender que um Deus immaculado
Não pode ser a capa ignobil do peccado,
O Deus do jesuita, o Deus do beaterio
Que esconde um crime vil cõ as maguas d'um psalterio,
Ah! . . . quando elle despertar do sonho em que inda dorme,
Quando se erguer possante, audaz, com força enorme,
Um crente, que beijando a Biblia da egualdade,
Já saiba soletrar um lemma: a liberdade,
Então, só nesse dia, tão festivo e novo
Eu poderei dizer: « tu acordaste, povo! »

Adelino Veiga.

IMPRESSOES

Em geral as Theses na Universidade de Coimbra são raras. A propria Faculdade de Direito dá-nos quando muito por anno duas a tres. Mas, é sabido, chegadas ellas, saboream-se os leriaditos, ouvem-se com um certo ar de importancia, e commentam-se com a autoridade de entendidos.

Pois, senhores, as ultimas, do candidato Pinto Coelho, deram que fallar.

Formaram-se partidos, houve sciões e blócos, uns reaccionarios, outros liberaes, discussões e criticas acerbas, coisas da bréca sobre o caso que mereceu durante tempo as honras do cavaco ás mesas dos cafés.

Alguns se abalançaram até a rabiscar sobre o assumpto, a favor, em contrario, e já agora, se a vossa bondade o permite, não ficarei tambem sem a nossa fazenda. Um episodio mais.

Não seremos nós d'aquelles que vão negar o talento invejavel do candidato. Admiramol-o sómente, em qualquer campo que elle se evidencie, porque é notorio.

Não nos traz aqui ainda qualquer menos respeito pela pessoa em questão, nem tão pouco motivos politicos para tal ou tal. Longe d'ahi.

Mas, vejamos. A um amigo ouvimos nós o fraco contentamento pelas theses. E, verdade seja, o amigo tinha côro.

Conhecia as theses, tinha-as lido e matutado bem, assistia depois á sua defeza, durante dois dias sempre rente, e a sua impressão era detestavel. Uma vergonha, uma vergonha!

E a proposito, e indignado, referia que « a guerra é o principal factor do progresso », como se propunha defender o candidato, era uma questão retrograda, revoltante.

Adduzia que « o poder publico é um poder de facto » já se não affirmava no nosso tempo n'um acto magno, sem querer imitar na ratice o amigo Banana, que com sessenta, se consegue viver mais dez annos, só morria depois dos setenta.

Espantava diante d'esta outra descoberta — « O modernismo é a negação da religião e da Igreja »!

Bravejava porque outra these dizia que « a crise duriense não admite soluções regionaes, e só se resolve pela restrição da produção ». Em summa, isto era xôco, balofo de mais. Já o Zé Rombo lá na terra, e era um cavador calejado, tinha pensado o mesmo — « sim, porque, . . . a crise diz que ha muito vinho; ah! senhor, e tude a ber-rar; cortem nas cepas, cortem nas cepas ». Já assim clamava o cavador, e era o Zé Rombo!

Muitas mais citava ainda, agora já com furia, porque tudo menos admittir que o candidato propozesse que « o direito Canonico foi o principal factor do desenvolvimento municipal ». Era uma afronta ás reivindicções mais legitimas, á liberdade. Esta these, concluia cançadamente, era a cupula do beaterio e do reaccionarismo do candidato. Inadmissivel! Um rapaz novo, um futuro lente!

E o côro resoava no meio de assentimentos de cabeça. Uma pequena pausa.

Mas o amigo tinha mais em seu abono. Fez-nos ainda notar que o proprio dictador no acto extranhára « que o sr. Pinto Coelho não alistasse ántes nesse grupo de rapazes novos de ideias generosas e liberaes », e, depois, forçando a voz e chalaceando o gesto, terminou por nos ler este arranco de desespero do Dr. Villela, que elle copiára com cuidado para prova mais ao vivo — « Sr. Pinto

Coelho, direito velho, selvagem, é tudo quanto evoca a sua these; e o snr. não me parece um homem do seculo XX, mas um espetro dos decemvros! »

Positivamente, somos francos, deante de tanto argumento, calámos, ficámos frios.

Mas, e agora a nossa fazenda, volvidas horas, quizemo-nos convencer de que o candidato nem sempre conservaria essas ideias. Sim, oiça-nos amigo, elle está a entrar na vida seria, o tempo é bom conselheiro, e o progresso. . . manda mudar, conhecer. . .

Nós contamos. Houve, seguramente ha 35 annos, um celebre rapaz, intelligente, vivo, escrevinhador por vezes de versos bem feitos, com nome na rapaziada, e cheio de ideias liberaes e revolucionarias.

Renegava da igreja, engraçava pouco com padres e freiras, e nunca soubera o que fôra confessar-se.

Certo dia necessitou d'um attestado de confissão. Uma dos demonios! Valleu-lhe porem um padre amigo e intimo que elle poupára. Mas, sem exemplo.

O padre amigo tentou começa-lo a converter. Qual historia, tudo baldado. Outro dia chegou porem, que novo attestado era indispensavel. O padre amigo foi ainda abordado, mas agora a confissão era inevitavel. Mudou o padre.

Num ultimo recurso o rapazote consentiu e ajoelhou-se-lhe aos pés.

— Diga-me os mandamentos da lei de Deus.

—! . . . Os mandamentos. . . não sei bem, mas. . . no primeiro pecco, no segundo não pecco, . . . pôde ficar uma coisa pela outra; no terceiro pecco, no quarto não pecco, . . . tambem fica uma cousa pela outra; no quinto pecco, . . . E assim chegou o rapazote até ao decimo.

— Pois bem, respondeu-lhe o padre amigo, o anno passado absolvi-o, este anno não o absolvo, e fica uma cousa pela outra.

Não calcula, amigo, e que se passou então. Em plena igreja, e confessionario, o rapazote levanta-se, e abanando fortemente as orelhas do pobre padre gritou-lhe que — se o anno passado lhe não puxara as orelhas, . . . agora puxava-lh'as, e ficava tambem uma coisa pela outra.

A tarefa foi tremenda, o escândalo enormissimo, durante muito tempo, e o rapaz excomungado. O diabo!

Correram porem os annos e tudo mudou.

Hoje, veja bem, hoje, já rico titular esse rapazote liberal dos seus tempos é um reaccionario consagrado, ingerindo varias missas e padres nossos, bentinhos a dentro da camisa, homem de muitas medidas e cruzes. Procure-o bem e verá que é nosso contreraneo.

Quem nos diz a nós que o candidato tão fallado, começando ás avessas, não chegará a endireitar-se?

Esperança, caro amigo, e fé na Santa Religião.

N.

« A REVOLTA »

ASSIGNATURAS

Table with 2 columns: Name and Amount. Continente, ilhas e ultramar, trimestre... 300. Estrangeiro... 600.

Pagamento adiantado

Numero avulso, 20 réis

ANNUNCIOS — cada linha... 30 réis

Repetições... 20

CARTEIRA D'UM REBELDE

Ha já dias que na imprensa de mais circulação corre o boato da formação d'um novo bloco politico em que dissidentes — o mais radical partido monarchico, tão radical que não vai longe o tempo em que elles, com os republicanos se ligaram para nas ruas da capital derrirem o pleito ha tanto existente entre nação e regimen — e regeneradores — o mais conservador partido da monarchia se unificam para entre si partilharem as supremas e embriagantes delicias do mando.

Para aquelles, que ainda acreditasse na possibilidade d'uma monarchia liberal e em que se podessem accomodar as mais impreteriveis exigencias do espirito moderno e para quem a tragica memoria da ultima experiencia de João Franco não tenha sido prova concludente da irreალიზაო d'esse milagre absolutamente inédito, esta ultima experiencia, a verificar-se como tudo leva a crer, deve ser com certeza o golpe mais cruel vibrado na ingenuidade das suas esperanças.

Não nos anima contra o Sr. Alpoim, cujo talento admiramos, nem contra os seus amigos politicos, na sinceridade de muitos dos quaes — diga-se de passagem — numa acreditamos, a menor sombra de má vontade que, por momentos sequer, escureça a imparcialidade da nossa apreciação.

O certo é, porem, que os factos parecem apostados em nos destruir uma a uma, todas as duvidas que porventura ainda no nosso espirito existissem, como o vento desliza os flocos tenuissimos da espuma.

E não sabemos os que estranho accaso que constantemente estimula a nossa descrença, agora nos sugeriu a lembrança dos primeiros tempos d'oposição do dictador maldito que tão miseravelmente falliu, num tarde tragica de Fevereiro...

Parece-nos ainda estar ouvindo o suggestionante calor com elle defendera as liberdades publicas postergadas, e nos nossos ouvidos ecoam ainda os sentidos lamentos que elle carpiria sobre o seu passado odioso para sempre sepulto — jurava-o elle pela sua honra — no eterno esquecimento dos sonhos maus, das hallucinações momentaneas.

E o que elle foi, não nos parece necessario recorda-lo.

Isso está, com certeza bem impresso na memoria de todos, como eternamente fica chumbado no tornozello dos criminosos a cadeia infamante dos forçados.

Sabemos bem que nos poderão objectar que entre o Sr. Alpoim e o fatidico espectro que foi João Franco não existe paridade que justifique o vaticínio de que o chefe dos dissidentes venha a desempenhar na vida politica da nação o mesmo papel que desempenhou o chefe dos regeneradores liberaes. E nós firmemente acreditamos tambem que as indomáveis energias do povo portuguez ainda não desapareceram por completo depois de terem escripto na historia com o seu proprio sangue as imperdáveis paginas do seu glorioso passado.

Mas o parallelo que facilmente se pôde agora estabelecer entre dois vultos da politica portugueza não são certamente de molde a atrair sobre o Sr. Alpoim o vento favoravel das sympathias populares.

Quando João Franco foi elevado ao fastigioso do poder, o seu primeiro acto foi ligar-se com os progressistas, sobre cujas cabeças tão duras responsabilidades tinha feito accumular, — formando assim o bloco liberal sem o qual elle não poderia governar.

Agora o Sr. Alpoim que nos mais variados estilos tem cantado o hymno triumphal da liberdade, elle que abandonou os arraiaes do Sr. José Luciano, á sombra de cuja bandeira a sua indomável aspiração ao progresso e o seu intranhado amor á democracia se não podiam acoirar, elle que, com a sua voz inspirada de tribuno tem azoragado impiedosamente os responsaveis da nossa precaria situação, foi ligar-se para a escalada do poder, precisamente como o fizera João Franco, com aquelles a quem mais duramente retalhou as faces lividas de criminosos celebres o latego justiceiro da sua critica impiedosa.

Depois da colligação eleitoral do Porto, para dar batalha aos republicanos, esta ultima alliança é sobretudo suggestiva.

Ella representa, sem contestação possível, o repudio completo do seu passado, a negação formal do seu programma proposto ao republicano aos quatro ventos pelos quattros cantos do paiz.

Ella deixa-nos augurar que, se, porventura, as circunstancias fossem as mes-

mas, o Sr. Alpoim não hesitaria em ser uma nova edição correcta e augmentada de João Franco.

Ella não é afinal mais do que, a sua filiação negavel nas fileiras d'esse rotativismo abandalhado que a seu odio fulmina.

Creou o Sr. Alpoim em volta do seu nome uma atmospherá de sympathya, precisamente, porque fez rasgadas afirmações liberaes e principalmente porque acrememente verberou aquelles aos quaes a sua insatisfeita vaidade e a sua insaciavel vontade de governar, o fez alliar agora.

Precisamente como João Franco e até para maior similhança nem o seu passado abona. Se algum houve que de boa fé acreditasse na sinceridade das suas palavras, bem cruelmente deve estar desiludido; e se algum ha que ainda acredite na possibilidade duma monarchia liberal onde se possam acomodar as mais impreteriveis exigencias do espirito moderno, que veja e que medite bem na facilidade com que os seus mais strenuos defensores acceitam e convivem com aquelles cujo programma é, a todo o custo e por todas as maneiras, conservar o passado com todos os seus erros e com todos os seus crimes.

Sherlock-Holmes.

TRIBUNA DOCTRINARIA

A metaphisica

A metaphisica tem sido a temerosa calamidade que no seu ingente e avassalador turbilhão tem empolgado a natureza humana e desorientado loucamente a razão que vacila e vacilará por muito tempo em busca do norte da verdade.

A palavra, sublime synthese propulsora do progresso humano, exactamente porque é uma synthese da experiencia, tem servido para firmar bem profundamente em a nossa natureza o resultado da experiencia insufficiente e erronea. Daqui decorre, evidentemente, que ella pode ser, e é muitas vezes, o mais colossal travão do progresso, contrapondo a synthese que representa da experiencia imperfeita do passado á experiencia mais clara e perfeita do presente, verificada e exacta.

Os homens foram formulando pelos simbolos da linguagem a idéa que das coisas vieram adquirindo. Passado algum tempo, esqueceram de que a experiencia originára a idéa e de que esta fóra iraduzida pela palavra, individualizaram esta, divinizará-na até, e partiram della para a idéa e daqui para o facto!

Desde esse momento estava creada a metaphisica, e a razão, constringida a ver-se apertada no anel de ferro duma pseudologica, perdida num labirinto interminavel de preconceitos, elevados á categoria de juizes indecíveis, começou a divagar de palavra para palavra, gerando conceitos a que não correspondiam já realidade alguma nem modalidades objectivas.

Este processo foi-se gravando na intima natureza humana, foi substanciando-se no que nós chamamos espirito de homem, informou a educação das gerações, transmittiu-se hereditariamente: constituiu uma segunda natureza. As creações metaphisicas converteram-se em moldes onde os homens se tem visto forçados a lançar todos os seus conhecimentos.

Pelas conclusões metaphisicas o homem teve de al-rir toda a propria experiencia actual, em vez de conferir aquellas por esta.

Assim nós, hoje, difficilmente evitamos o processo da avariada logica de raciocinar, não pelo que observamos, mas caindo insensivelmente em considerar os phenomenos não pelo que elles exprimem e significam, senão pelo que perante elles os nossos longiquos e ignorantes antepassados julgáram ser a realidade.

Ao alvorecer da humanidade, o homem, isolado e inexperiente, viu-se envolvido por um meio hostil e tenebroso. Por toda a parte surgiam perigos, em todos os phenomenos se lhe deparavam misterios insondaveis.

Em volta do homem os animaes e os outros homens executavam acções movendo-se: em tudo o que se movia elle começou a figurar uma vontade intima em ordem á operação: daqui a divinização de muitos seres, animaes e cousas, como a historia das religiões nos patenteia.

Certos seres, animaes e vegetaes especialmente, surgiam á sua vista maravilhada sem que elle podesse conhecer o

modo como se dava esse apparecimento: daqui a idéa da criação.

O homem, o animal, a planta morriam e, confiados á terra, desapareciam; e a água, que os invernos tinham estagnado no reconcoivo dos rochedos, secava no estio; inventado o fogo, nelle se consumia a lenha ou as victimas dos sacrificios de tal modo que cousa alguma do que fóra restava em seguida á operação: o homem concluiu destes phenomenos que aquellas cousas se tinham aniquilado, e deste modo no seu cerebro se fixou a idéa do aniquilamento e do nada.

Por toda a parte, nesta experimentação incompleta e simplista, sem meios de correcção, nem facultades de verificar, sem a suspeição, sequer, do contrario, a humanidade presenciava que aexecendo certas acções se seguiam determinados movimentos, e no seu ponto de vista restricto e imperfeito, attribuia a si ou a qualquer outro agente, considerado como um todo indivisivel, como continuo no existir e modo de ser, toda a produção do phenomeno; julgava que operando fazia com que uma cousa que não existia passasse á existencia!

Nesta concepção o homem sentiu-se creador, e convenceu-se de que havia causas ou acções iniludivelmente ligadas consigo simples e absolutamente: elaborou a idéa de causalidade.

Por sua vés as religiões, falando em nome da causa suprema, causa primaria de todas as cousas, synthetizaram todas as conclusões a que a humanidade na sua observação incompleta e erronea havia chegado, apresentou-os á humanidade docil como verdades emanadas dos deuses, verdades immutaveis e irrefutaveis, portanto.

Desde então todos esses erros constituiram o triste patrimonio da humanidade desvaída.

A educação no erro elevado a dogma, veio, sem duvida, a robustecer-se e crear raizes fundas na mente humana através de edades.

Foi o que succedeu.

Hoje o Catholicismo define-se nos o mais completo manancial de preconceitos elevados a dogma uns, rotulados sob a marca de principios philosophicos outros, e todos conducentes a esmagar a verdade sob a empastada exalação cada-verica do colosso do passado que, mesmo cadaver, ainda conserva um poderio consideravel sobre a mentalidade humana.

Veremos como:

Lucifer.

O Brazil moderno

VII

Clovis Bevilacqua

Formado em direito, em 1882, na Faculdade de Direito do Recife (Pernambuco) foi Clovis Bevilacqua, incontestavelmente, um dos mais distinctos discipulos do notavel juriconsulto Tobias Barreto, individualidade que mereceu o estudo attento e profundo do nosso grande escriptor Sampaio Bruno.

Enfileirando ao lado de Sylvio Romero, Cyro Azevedo, João Vieira e Viveiros de Castro, como elles, em breves annos, conquistou uma justa nomeada, producto da sua desvotada applicação e facultades privilegiadas.

Antes de se deixar influenciar pelos publicistas francezes, sobretudo Gabriel Tarde, foi elle um dos mais fervorosos sectarios da Escola Anthropologica, cujas idéas, principalmente as de Lombroso, vulgarizou no seu paiz por meio de escriptos, que a critica severa e imparcial respeitou e enalteceu.

Foi em 1885, que a proposito do bimetalismo, publicou o seu primeiro trabalho intitulado *Uma lei natural no dominio da economia politica* seguindo-se-lhe então outros que, pela ordem chronologica, em seguida apontamos: *Estudos de Direito e de Economia politica*; *A hospitalidade no passado* (tradução de um dos opusculos de Ihering); *Resumo das lições de legislação comparada sobre o direito privado*; *Criminologia e Direito*; e *Os juristas philosophos*.

Este ultimo trabalho, publicado em 1897, foi seguido de um intervallo de cinco annos, durante os quaes, nenhuma obra appareceu a que ligasse o seu nome, fazendo assim prevér que a fadiga tivesse entorpecido a sua energia cerebral, tantas vezes posta á prova em produções de tão elevado folego.

Mas assim não aconteceu, e o que é mais, é que passado esse breve periodo, a sua vasta mentalidade ia-se então affirmar, por um convite honroso e acertada

escolha, no monumental « *Projecto do Código Civil Brasileiro* », cuja execução, só por si, seria mais do que sufficiente para firmar de vez a sua reputação.

Esse monumento juridico, que só encontra similares na Alemanha e na Suissa, e está á altura do estado actual da sciencia, é, segundo os criticos mais competentes, uma obra clara, nitida, transparente, por muitos titulos superior aos projectos anteriormente elaborados pelos abalizados juriconsultos Teixeira de Freitas, Cons.^o Nabuco, Felicio dos Santos, Antonio Coelho Rodrigues, não fallando do projecto offerecido ao imperador D. Pedro II, pelo nosso Visconde de Seabra, que não tratava senão de um titulo preliminar e de uma primeira parte, e cujo autor, seja dito de passagem, para obviar ás objecções do amor proprio nacional, não teve duvida em se declarar natural do Rio de Janeiro e cadete honorario do antigo regimento de cavallaria de linha de Minas Geraes.

Vasado nos moldes modernos e subordinado a uma orientação verdadeiramente criteriosa e profundamente scientifica, o *Projecto Bevilacqua*, corresponde ás necessidades e condições de um povo livre, chegado á epoca de maior expansão das forças nacionaes e em que necessita affirmar a sua soberania.

Essa ardua e patriótica tarefa levada a cabo, elevando o Brazil á categoria de um paiz verdadeiramente culto e francamente liberal, immortalizou tambem o nome de Clovis Bevilacqua, emulo dos mais illustres apóstolos do Direito.

A. S.

ENSAIOS DE CRITICA

O Virtuozismo

... esse animal pernicioso, posado dos compositores, que se chama virtuose.

R. Wagner

O mal nefasto do virtuozismo no canto que devia, durante mais de seculo e meio, matar o drama lyrico italiano nasceu na Italia, em meados do seculo XVII com o apparecimento dos castrados soprano e contraltos que, sacrificados ao despotismo do prazer não tardaram a mudar o canto numa arte sem arte com prejuizo da expressão.

Desde o seculo XVI até ao fim do seculo XVIII os italianos tinham brilhado maravilhosamente; como se explica que estes musicos deixassem cair a opera seria tão baixo que não era senão uma serie insipida de arias, um especie de arte ficticia, sem calor, sem paixão e sem esthetica? Bons musicos mas *diletanti* sensueas antes de tudo os italianos deixaram-se encantar pela voz humana, a tal ponto que chegaram a esquecer a propria musica.

Espectaculo magnifico e sumptuoso, a opera reniu ao principio a poesia e a musica vocal e instrumental; tudo devia concorrer para a expressão musical dos sentimentos humanos; mas quando os *diletanti* deixaram passar o cantor para o primeiro plano, todo esse esplendor cahiu. A orchestra teve de se calar e os corpos de desaparecer; a harmonia foi simplificada até que se tornou quasi nulla: a melodia, vasada em moldes immutaveis, deu ao executante um modelo sempre igual e feito de antemão: excludiam-se as vozes graves, primeiro os baixos, depois os barytonos e por fim quasi todos os tenores.

E assim, sobre as minas da opera, arte magnifica construida com tanto trabalho, se ergueu triumphante e absorvente o virtuose, este ser perigoso para a arte e insipido para quem não for um *diletanti*.

A escola destes tende a desaparecer, o canto, não: a musica que tanto soffreu com o virtuozismo transforma-se e na sua conclusão ha-de transformar a arte do canto, matando o virtuose. O bel canto perdeu já parte do seu brilho, mas em proveito da musica rica, expressiva e harmoniosa; esta despreza os virtuoses, quer grandes cantores e artistas consumados.

Entre nós leve e tem ainda o virtuozismo tanta influencia habituando o publico portuguez a apreciar exclusivamente a voz sem cuidar da musica, que ha-de custar a radicar a ideia verdadeira de que a musica é tudo e a voz um simples instrumento. Este estado do publico portuguez, derivado da audição de companhias quasi sempre italianas onde o virtuozismo predomina mostrar-se facilmente, sendo vulgar ouvir dizer que « já não ha gargantas », « já se não canta como ha vinte annos » etc. Mais significativo é ainda o que aconteceu com o celebre tenor Viñas interprete de Cohengrin.

Tendo viajado pela Alemanha e assistido a representações desta obra de Wagner, com o rigor musical com que são feitas naquelle paiz, Viñas dispôs a cantar Sobenguiu como deve ser, em Lisboa. O publico ficou frio.

Em vista disto, na noite seguinte, Viñas italianizou e Lohengrin, cantou mal portanto, reapareceu o virtuoso, e foi por isso delirantemente applaudido.

Que grande surpresa deve ter o publico que assistir á representação da tetralogia pela companhia allemã!

Triplis.

Cooperativa de pão A CONIMBRICENSE

A reunião da 2.ª assembleia geral ordinaria d'esta sociedade, será pela 1 hora da tarde, no dia 7 do corrente, no edificio da Cooperativa.

Se não comparecer o numero de socios exigido pelos nossos estatutos, fica desde já convocada para o dia 14.

ORDEM DO DIA: Eleições gerais.

Coimbra, 3 de março de 1909.

O Secretario,

Floro Henriques.

Conta de receita e despesa do Sarau Academico em beneficio das victimas sobreviventes do Sul da Italia em 23-1-909

RESUMO

Recetta

Importancia de bilhetes vendidos 650.480
Offertas..... 23.000
673.480

Despesa

Importancia de pagamentos conforme contas n.º 1 a 15 67390
Saldo a favor Reis... 606.090

A conta geral acha se patente na casa dos Sr. Gaitto & Cannas, Merceria Lusitana.

O saldo foi já entregue pelo quintanista de direito Elyas Gordilho, membro da commissão executiva do Sarau, ao ex.º sr, conde do Ameal, encarregado obsequiosamente de o mandar a seu destino.

Agradecimento

A commissão executiva do Sarau Academico em beneficio das victimas sobreviventes do Sul de Italia, agradece penhorada á Empresa do Theatro Principe Real a cedencia d'aquella casa de spectaculo e seus empregados, ao digno presidente da Camara Municipal, ao digno Commissario da Policia Civil e a todas as auctoridades do districto em geral, ao digno commandante dos Bombeiros Municipaes, ao Ex.º Sr. Albino Caetano da Silva pela valiosa offerta e gentileza de todo o material e trabalho typographico, ao Orpheon Academico, á Tuna Academico e Grupo Dramatico da mesma; á orchestra do Sr. A. Alves, a todas as senhoras e cavalheiros que tão obsequiosa e galhardamente cooperaram na realisação do Sarau, ás casas Commercias que generosamente promoveram a venda dos bilhetes e nomeadamente a casa Gaitto & Cannas, pelo revelante auxilio particularmente prestado á Commissão, á imprensa e a todos, aproveitando esta occasião para lhes tornar patente o seu profundo reconhecimento.

A Commissão executiva. — Alberto da Rocha Saraiva, Francisco Cruz, Antonio Madeira Pinto, Elyas Rosado Gordilho, Adelino Furtado, Orlando de Mello Rego, Antonio Quaresma de Vasconcelos Alberto de Sousa Costa.

A «REVOLTA»

Encontra-se á venda em Lisboa na «TABACARIA MONACO», Rocio.

Em oimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

PARIS EM COIMBRA

High-lif tailor

J. M. de Vasconcellos

Esta casa resolveu por motivo de grandes compras que o seu proprietario fez no estrangeiro, fazer durante 15 dias uma reduçãõ de 50 p. c. em todas as fazendas actualmente em deposito, só vendo se acredita.

Esta casa é a unica que vende em boas condições e que importa directamente do estrangeiro todos os artigos do seu commercio.

Cachorros da Serra da Estrella

LEGITIMOS

A' venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a um tres mezes, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Pastelaria e confeitaria Telles

150—RUA FERREIRA BORGES—156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente, montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.
Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.
Fabricam-se grandes peças de fantasia, próprias para brindes.
Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de jolhado.

Galantines diversos Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.
Saneisses Pud ngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
Pão de ló, pelo systema de Margaride.
Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.
Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria
Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossa fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de verem a veracidade do que afirmamos.



Somos os unicos a quem ninguém pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanellas d'algodão, metro	65
Ditas, cor lisa, muito largas, metro	120
Córtes de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para criança, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armaes d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2.500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

É um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanheiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.
Brindes! — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciar artigos que não possuimos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZEES DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobilia usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portugueza, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

SAPATARIA

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14 Coimbra

Esta casa conhecida em todo o país, tem sempre calçado feito da melhor pelo laria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornecce impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas,

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56 COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasões e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de cor e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos órgãos genito urinarios do homem e da mulher e e

— José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

— Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicção electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA